

C/2025/1573

13.3.2025

RELATO INTEGRAL DOS DEBATES DE 27 DE FEVEREIRO DE 2024

(C/2025/1573)

PARLAMENTO EUROPEU

SESSÃO 2023-2024

Sessões de 26 a 29 de fevereiro de 2024

ESTRASBURGO

Índice	Página
1. Abertura da sessão	4
2. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 - Criação do Mecanismo para a Ucrânia – Criação da Plataforma de Tecnologias Estratégicas para a Europa («STEP») (debate conjunto – Revisão do QFP)	4
3. Cartas de condução (debate)	28
4. Reinício da sessão	39
5. Composição do Parlamento	39
6. Composição das comissões e das delegações	39
7. Período de votação	40
7.1. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 (A9-0051/2024 - Jan Olbrycht, Margarida Marques) (votação)	40
7.2. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 (Resolução) (A9-0053/2024 - Jan Olbrycht, Margarida Marques) (votação)	40
7.3. Criação do Mecanismo para a Ucrânia (A9-0286/2023 - Michael Gahler, Eider Gardiazabal Rubial) (votação)	40

Índice	Página
7.4. Criação da Plataforma de Tecnologias Estratégicas para a Europa («STEP») (A9-0290/2023 - José Manuel Fernandes, Christian Ehler) (votação)	40
7.5. Proteção de jornalistas e defensores dos direitos humanos envolvidos em processos judiciais manifestamente infundados ou abusivos (A9-0223/2023 - Tiemo Wölken) (votação)	40
7.6. Alterações ao Protocolo n.º 3 relativo ao Estatuto do Tribunal de Justiça (A9-0278/2023 - Ilana Cicurel) (votação)	41
7.7. Transferências de resíduos (A9-0290/2022 - Pernille Weiss) (votação)	41
7.8. Determinados aspetos do requisito mínimo de fundos próprios e passivos elegíveis (A9-0344/2023 - Jonás Fernández) (votação)	42
7.9. Restauração da natureza (A9-0220/2023 - César Luena) (votação)	42
7.10. Transparência e direcionamento da propaganda política (A9-0009/2023 - Sandro Gozi) (votação)	42
7.11. Detergentes e tensioativos (A9-0039/2024 - Manuela Ripa) (votação)	42
7.12. Alteração da Decisão (UE) 2017/1324 no que respeita à continuação da participação da União na Parceria para a Investigação e a Inovação na Região Mediterrânica (PRIMA) ao abrigo do Horizonte Europa (A9-0378/2023 - Paolo Borchia) (votação)	42
7.13. Proteção do ambiente através do direito penal (A9-0087/2023 - Antonius Manders) (votação)	42
7.14. Banco Central Europeu – relatório anual de 2023 (A9-0412/2023 - Johan Van Overtveldt) (votação)	42
8. Reinício da sessão	43
9. Certificado complementar de proteção unitário para os produtos fitofarmacêuticos – Certificado complementar de proteção unitário para os medicamentos – Certificado complementar de proteção para os produtos fitofarmacêuticos (reformulação) - Certificado complementar de proteção para os medicamentos (reformulação) - Patentes essenciais a normas (debate conjunto – Patentes)	43
10. Indicações geográficas da União Europeia para o vinho, as bebidas espirituosas e os produtos agrícolas (debate)	58
11. Aprovação da acta da sessão anterior	72
12. A guerra na Faixa de Gaza e a necessidade de um cessar-fogo, nomeadamente os recentes acontecimentos na região (debate)	72
13. Retificação (artigo 241.º do Regimento) (seguimento dado)	96
14. Os direitos humanos e a democracia no mundo e a política da União Europeia nesta matéria – relatório anual de 2023 (debate)	96
15. Composição do Parlamento	107

Índice	Página
16. Laços mais estreitos entre a UE e a Arménia e a necessidade de um acordo de paz entre o Azerbaijão e a Arménia (debate)	108
17. Recomendação ao Conselho, à Comissão e ao SEAE sobre a situação na Síria (debate)	118
18. Situação crítica em Cuba (debate)	124
19. A situação atual no Leste da República Democrática do Congo (debate)	131
20. Aumento das desigualdades no mundo (debate)	138
21. Recentes revelações de espionagem de deputados ao Parlamento Europeu e falta de seguimento dado às recomendações da Comissão PEGA (debate)	145
22. Declarações de voto	149
22.1. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 (A9-0051/2024 - Jan Olbrycht, Margarida Marques)	149
22.2. Criação do Mecanismo para a Ucrânia (A9-0286/2023 - Michael Gahler, Eider Gardiazabal Rubial)	150
22.3. Criação da Plataforma de Tecnologias Estratégicas para a Europa («STEP») (A9-0290/2023 - José Manuel Fernandes, Christian Ehler)	150
22.4. Transparência e direcionamento da propaganda política (A9-0009/2023 - Sandro Gozi)	150
23. Ordem do dia da próxima sessão	150
24. Aprovação da ata da presente sessão	151
25. Encerramento da sessão	151

RELATO INTEGRAL DOS DEBATES DE 27 DE FEVEREIRO DE 2024

IN THE CHAIR: MARC ANGEL

Vice-President

1. Abertura da sessão

(The sitting opened at 9.00)

2. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 - Criação do Mecanismo para a Ucrânia – Criação da Plataforma de Tecnologias Estratégicas para a Europa («STEP») (debate conjunto – Revisão do QFP)

President. – The next item is the joint debate on:

— the recommendation by Jan Olbrycht and Margarida Marques, on behalf of the Committee on Budgets, on the draft Council regulation amending Regulation (EU, Euratom) 2020/2093 laying down the multiannual financial framework for the years 2021 to 2027 (COM(2023)033705818/2024 - C9-0030/2024 - 2023/0201(APP)) (A9-0051/2024);

— the report by Michael Gahler and Eider Gardiazabal Rubial, on behalf of the Committee on Foreign Affairs and the Committee on Budgets, on the proposal for a regulation of the European Parliament and of the Council on establishing the Ukraine Facility (COM(2023)0338 - C9-0210/2023 - 2023/0200(COD)) (A9-0286/2023);

— the report by José Manuel Fernandes and Christian Ehler, on behalf of the Committee on Industry, Research and Energy, on the proposal for a regulation of the European Parliament and of the Council establishing the Strategic Technologies for Europe Platform ('STEP') and amending Directive 2003/87/EC, Regulations (EU) 2021/1058, (EU) 2021/1056, (EU) 2021/1057, (EU) No 1303/2013, (EU) No 223/2014, (EU) 2021/1060, (EU) 2021/523, (EU) 2021/695, (EU) 2021/697 and (EU) 2021/241 (COM(2023)0335 - C9-0209/2023 - 2023/0199(COD)) (A9-0290/2023).

Jan Olbrycht, sprawozdawca. – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Panie Ministrze! Dzisiejsza decyzja Parlamentu Europejskiego ma wiele ważnych znaczeń dla funkcjonowania tej instytucji i w ogóle funkcjonowania Unii Europejskiej. Po pierwsze, ta decyzja dzisiejsza Parlamentu udzielenia zgody na rewizję budżetu zamyka pewną procedurę związaną z przygotowaniem pomocy dla Ukrainy. Słynne 50 miliardów, które były przedmiotem obrad szefów państw i rządów, było decyzją wstępną i dzisiaj decyzja Parlamentu zamyka tę procedurę. Czyli inaczej mówiąc, Parlament otwiera możliwość przekazania tych pieniędzy Ukrainie. To ma ogromne znaczenie i dlatego też Parlament bierze na siebie również odpowiedzialność za tego typu działanie.

Po drugie, ta decyzja dzisiejsza również potwierdza niezbędne działania związane z budżetem wieloletnim okresu aktualnego 2021–2027, niezbędne zmiany, które są związane z pokryciem kosztów związanych z migracjami. To są zmiany dotyczące kwestii gospodarczych, ale również sprawy dotyczące bezpieczeństwa związanego z katastrofami naturalnymi. To także zmiany, które pozwalają w sposób lepszy przygotować się do spłaty kredytu, który został zaciągnięty na rynkach finansowych.

Ten element zmiany budżetu jest ważny dla dzisiejszego funkcjonowania instytucji europejskich, ale ma również znaczenie dla przyszłych perspektyw finansowych, ponieważ udało się, dzięki działaniu Komisji Europejskiej, współpracy również z prezydentą belgijską, zmienić pewne zasady funkcjonowania budżetu europejskiego. A więc znaczenie ma nie tylko rewizja aktualnych działań, ale także przygotowanie tego, żeby następny budżet był bardziej elastyczny, żeby pozwalał na większe możliwości zmian, żeby nie wprowadzał dodatkowych ograniczeń, żeby nie stwarzał różnych barier, które potem będą przeszkadzały w płatnościach.

To także zmiany, które wskazują na to, że Parlament po raz kolejny, ale tym razem z sukcesem, walczy o to, żeby pieniądze, które zostały raz przez państwa członkowskie przekazane do budżetu, w tym budżecie pozostawały. W związku z czym to są zmiany, które dotyczą aktualnego okresu, ale dla Parlamentu Europejskiego to jest kwestia również przygotowania następnej perspektywy finansowej.

Parlament Europejski od samego początku mówił o tym, że rewizja w tym okresie wieloletnim będzie potrzebna, i rzeczywiście rewizja była potrzebna, i zostaje w tej chwili doprowadzona do końca. Czyli wieloletnia perspektywa finansowa 2021–2027 zostaje zrewidowana, kończymy przygotowanie pewnego procesu o charakterze politycznym – wsparcia dla Ukrainy, ale równolegle zmieniamy funkcjonowanie budżetu i uważam, że jest to wspólny sukces instytucji europejskich, że udało się nam do tego doprowadzić.

Margarida Marques, relatora. – Senhor Presidente, Comissão, Conselho, começo por expressar a minha satisfação por se ter feito esta revisão do Quadro Financeiro Plurianual 2021-2027. A primeira vez em que há uma verdadeira revisão do orçamento plurianual. O Parlamento pediu-a em dezembro de 2022, a Comissão apresentou-a em junho de 2023. Foi possível chegar a um entendimento que permite ao Parlamento Europeu dar o seu consentimento.

O que há de positivo neste acordo?

A criação do Mecanismo Ucrânia. E criação do Mecanismo Ucrânia como um apoio estável e previsível, dentro do orçamento da União Europeia. Só assim a União Europeia está em condições de apoiar a Ucrânia e, ao mesmo tempo, são respeitadas as competências do Parlamento Europeu como autoridade orçamental. Unidade do orçamento. Transparência. Democracia.

A criação do programa STEP, apesar de não ser ainda o Fundo de Soberania prometido e que ambicionávamos. Mas esperamos seja um passo nesse sentido.

A criação de condições para o pagamento dos encargos com a dívida do Fundo de Recuperação. Um instrumento especial, sem limite máximo, a ser mobilizado quando necessário, para cobrir os montantes que excedem os montantes inicialmente previstos.

Mas também, e porque a história recente nos tem mostrado que os imprevistos podem ser mais do que muitos: é de sublinhar o reforço da flexibilidade, trazendo uma maior capacidade de resposta também do lado orçamental.

O reforço do Instrumento de Vizinhança, Desenvolvimento e Cooperação Internacional – Europa Global e do Fundo de Solidariedade. E da Reserva para as Ajudas de Emergência, que trará um maior apoio aos Estados-Membros que enfrentem consequências de catástrofes naturais.

E, ainda, o reforço do financiamento à implementação do Novo Pacto sobre a Migração e o Asilo.

Os limites deste acordo ou o que não gostamos:

Este acordo evidencia uma ambição limitada na autonomia estratégica da União Europeia.

Procedeu a cortes inexplicáveis:

No programa Horizonte Europa, embora o Parlamento Europeu tenha conseguido reduzir este corte. De facto, o programa de investigação e inovação da União Europeia é um programa decisivo para o futuro da União Europeia. Apresenta resultados excelentes e tem uma total capacidade de execução.

Na CAP e na Coesão. Ainda que tenha respeitado integralmente os envelopes nacionais, vemos reduzida a parte do financiamento gerido diretamente pela Comissão Europeia, o que leva a uma redução da capacidade de assistência técnica.

No EU4Health, o programa de saúde, apesar do Parlamento Europeu ter conseguido repartir a redução de forma mais uniforme até ao final do período do QFP. Este programa visa preparar a União Europeia para melhor apoiar cidadãos e Estados-Membros. Carece de financiamento apropriado. E não podemos falhar aos cidadãos.

Por tudo isto, não nos limitamos a dar o nosso consentimento. Os cidadãos não o entenderiam!

O voto de consentimento é acompanhado politicamente de uma proposta de resolução. Resolução, essa sim, que evidencia a posição do Parlamento Europeu sobre esta revisão do quadro orçamental 2021-2027.

Michael Gahler, *rapporteur*. – Mr President, dear colleagues, the European Union delivers on its promises on Ukraine. The EUR 50 billion Ukraine Facility is a clear marker for that.

And when I was in Kyiv over the weekend, like many colleagues and other dignitaries from Europe and the world, amongst the tense discussions that we had on deliveries of arms, this was a positive highlight when you mention, yes, we are delivering, although with the two months delay because of the Hungarian veto in December. Now we have enabled the Commission also to pay out the first EUR 4.5 billion, probably at the beginning of March, and thank you for that.

The objective thereof is, of course, during the war, to give the larger part for budget support for Ukraine in order to keep the state running and the functions going. But it is one process. It is budget support, but it is not only preparation, but also about reconstruction ongoing. It's about future investments and to deliver the expertise that we need for the process that will automatically be part also of the pre-accession process because we cannot separate it artificially.

And for that we have, as a Parliament particularly, insisted that in this process, where a European Ukraine is created for the time after the war, that the Verkhovna Rada – our colleagues – will have a bigger say in the process, how the means are used, that other levels of administration on the region and the local level, that they would have a say and an impact on the reconstruction of the country.

That it is a principle that we would build back better for future Ukraine and that that all happens in a transparent process because we are aware that the bad guys that in the past were corrupt and, fortunately, because of the transparency that is already there, corruption cases come out in Ukraine, also during the war, which is a positive development.

And insofar, I am confident that with the measures that we as a Parliament have particularly put focus on, this whole process, the Ukraine plan that will be implemented by the Ukrainian government, will contribute to this better Ukraine for the time thereafter.

Liebe Kolleginnen und Kollegen! Wir können uns die Diskussion über die 50 Milliarden Euro aber sparen, wenn wir nicht endlich auch erkennen, dass wir die Bremse lösen müssen und die Ukraine mit dem an Waffen beliefern, was sie jetzt am dringlichsten braucht. Und das geschieht nicht. In Kyjiw war von einem 'slow yes' die Rede bei den Lieferungen, die sie über die Jahre bekommen haben. Die Prioritäten, das ist Munition, das ist Luftabwehr, und das sind die weitreichenden Raketen, um die Versorgungswege des Aggressors zu unterbrechen.

In diesem Zusammenhang ist jede Debatte, die in die richtige Richtung führt, richtig und wichtig. Wir müssen endlich dafür sorgen, dass in der Europäischen Union produzierte Waffen nicht an Drittstaaten geliefert werden, sondern umgeleitet werden in die Ukraine. Wir müssen dafür sorgen, dass die 5 Milliarden Euro, die für dieses Jahr für die Friedensfazilität vorgesehen sind – wo Herr Borrell sich darum bemüht –, dass diese 5 Milliarden Euro auch für Ankäufe auf dem globalen Markt genutzt werden, damit schnell geliefert werden kann. Der tschechische Präsident hatte sich in dieser Richtung auch in München schon geäußert.

Das sind alles Voraussetzungen dafür, dass die anderen Dinge geschehen können. Wenn sich dann der deutsche Bundeskanzler hinstellt und behauptet, er würde deutsche Soldaten nicht in die Ukraine schicken, weil Taurus installiert werden müsste durch Soldaten, dann ist das objektiv falsch und eine Schande, wenn man sich das anschaut, denn kein Taurus ist bisher von deutschen Soldaten im Ausland installiert worden. Da kommt die Firma aus Schrobenhausen mit ihren zivilen Mitarbeitern und tut das. Deswegen sollten falsche deutsche Debatten nicht auf der europäischen Ebene für Irritationen sorgen. Slawa Ukrajini!

Eider Gardiazabal Rubial, *ponente*. – Señor presidente, señor comisario, han pasado dos años ya desde el inicio de la agresión rusa contra Ucrania y en estos dos años el apoyo de la Unión a Ucrania ha sido inequívoco e inquebrantable.

Desde un punto de vista humanitario, no solo hemos enviado ayuda humanitaria, sino que Europa ha acogido a millones de refugiados ucranianos que huían de la guerra.

Desde un punto de vista militar, tanto la Unión como la mayoría de sus Estados miembros han enviado equipos y suministros militares, además de haber participado en la formación de personal ucraniano.

Desde un punto de vista político, hemos adoptado trece paquetes de sanciones y también se ha acordado iniciar las negociaciones de adhesión.

Y desde un punto de vista económico, aprobamos en 2022 y en 2023 paquetes de ayuda macrofinanciera por valor de 25 200 millones de euros, a los que ahora sumamos los 50 000 millones de euros del Mecanismo para Ucrania. Nos hubiera gustado poder aprobarlo antes, pero el veto de Hungría en diciembre bloqueó cualquier avance y cualquier negociación con el Parlamento Europeo.

En febrero, por fin, sí conseguimos ese acuerdo para revisar el marco financiero plurianual que quiero poner en valor, empezando porque es la primera vez que de verdad revisamos el marco financiero plurianual añadiendo recursos para nuevas necesidades y nuevos desafíos. Con esta revisión, hemos reforzado programas de migración y vecindad, aumentamos la Reserva de Solidaridad y para Ayudas de Emergencia y, además, creamos la Plataforma de Tecnologías Estratégicas para Europa, más conocida como STEP, y también hemos conseguido algo más de flexibilidad y un nuevo mecanismo para el pago de intereses de la deuda de Next Generation.

Pero, como siempre, muchas buenas propuestas se han quedado por el camino. Deberíamos haber sido más ambiciosos o incluso más coherentes con nuestra propia posición financiando un verdadero programa de autonomía estratégica, deberíamos haber buscado una manera de compensar la pérdida de impacto real de los programas europeos por las altas tasas de inflación y también deberíamos haber avanzado más en un nuevo sistema de recursos propios que permita reembolsar el Next Generation EU sin tener que recurrir a mayores transferencias presupuestarias de los Estados miembros.

Pero lo que sí conseguimos fueron los 50 000 millones de euros para seguir apoyando a Ucrania, para que se pueda defender, para que pueda ganar y para que pueda empezar a trabajar en su futuro.

Con este programa vamos a dar un apoyo financiero determinante al Gobierno ucraniano para que pueda mantener sus funciones y seguir prestando servicios públicos básicos. Les vamos a ayudar a la recuperación, a la reconstrucción y a la modernización de su país. Y también les vamos a proporcionar apoyo técnico para establecer un plan de reformas que les permita, en un futuro, adherirse a la Unión Europea.

Nuestras negociaciones con el Consejo fueron relativamente simples, puesto que compartíamos la necesidad de dar luz verde al programa lo antes posible y también compartíamos el contenido del mismo. Aun así, en estas negociaciones hemos reforzado las condiciones de acceso al fondo en lo referente al Estado de Derecho, a la lucha contra la corrupción, a la lucha contra el blanqueo de capitales, la elusión, la evasión y el fraude fiscal y el crimen organizado. También hemos reforzado el papel de la Rada Suprema, de las organizaciones civiles y, además, hemos destinado un 20 % de las inversiones del pilar I a las autoridades locales.

Por otro lado, hemos reforzado la dimensión social, la lucha contra la desigualdad y contra la violencia de género, la atención a la salud mental en un contexto de guerra, la especial atención a niños y niñas y a las personas con discapacidad. La lucha contra el cambio climático también es un pilar base de este programa y destinaremos al menos un 20 % del pilar II y de las inversiones del pilar I a este respecto.

Y, por último, quiero reiterar que Rusia debe rendir cuentas y pagar por los enormes daños causados. Y nos comprometemos a seguir trabajando para conseguir que los activos rusos confiscados puedan ser utilizados para la reconstrucción de Ucrania. Ucrania ha tenido nuestro apoyo desde el primer día de la invasión y lo tendrá hasta que consigamos acabar con esta barbarie. *Slava Ukraini!*

José Manuel Fernandes, relator. – Senhor Presidente, Senhor Comissário, Conselho, Caras e Caros colegas, a União Europeia só vencerá os desafios que enfrenta se atuar com firmeza, com coragem, ambição e de forma unida, de forma solidária.

Com esta revisão do Quadro Financeiro Plurianual, finalmente que a temos depois de algumas tentativas de bloqueio e chantagem, conseguimos mostrar que somos capazes quando estamos juntos, de deliberar, de decidir e ter meios, nomeadamente para ajudar a Ucrânia. É uma obrigação nossa. Quando defendemos a Ucrânia, estamos a fazer um investimento na nossa segurança e este é um desafio que nós temos hoje bem claro, o desafio da defesa.

Eu espero, e é um desafio para a Comissão, que os montantes que foram congelados, os ativos congelados russos, sejam utilizados, nomeadamente para a nossa defesa e para o apoio à Ucrânia. A nível global, são 300 mil milhões de euros. Na União Europeia, são 150 mil milhões de euros, que podem ser usados, nomeadamente como colateral para este objetivo.

Há este ponto positivo da revisão do Quadro Financeiro Plurianual, mas há pontos negativos. Nós queremos uma União Europeia competitiva, onde a investigação esteja presente, mas cortarmos, o Conselho cortou, 2100 milhões de euros no programa de investigação. Está claro que precisamos da União da Saúde, como a pandemia mostrou, mas o Conselho cortou 1000 milhões de euros no programa de saúde europeu. A Política Agrícola Comum é uma prioridade, mas o Conselho cortou 700 milhões de euros na Política Agrícola Comum. A coesão é uma obrigação na União Europeia, mas o Conselho cortou 400 milhões de euros na coesão.

Um Conselho que defende uma Europa geopolítica nas proclamações, mas depois na ação, para o programa STEP, a Comissão tinha proposto 10 mil milhões de euros, nós 12 mil milhões de euros e vocês cortaram e apenas reforçaram o Fundo Europeu da Defesa com 1500 milhões de euros. E o Programa STEP é essencial, nós precisamos de tecnologias emergentes, de apostar em tecnologias limpas, na cibersegurança, na biotecnologia, no digital. Precisamos de uma União Europeia competitiva. E isto é um investimento, mais uma vez.

O Conselho é muito bom nas proclamações, mas depois na ação é mau. Mesmo assim, temos um regulamento positivo, onde reforçamos a governança, onde queremos um equilíbrio geográfico, na medida do possível, e também várias tecnologias que podem ser financiadas pelos fundos existentes, onde nós queremos que haja sinergias e complementaridades.

Para além disso, e esta é uma mensagem também para os Estados-Membros, nós não podemos destruir a política de coesão e, por isso, o FEDER está limitado a 20 % para apoiar esta autonomia estratégica da União Europeia. E podemos usar a política de coesão com cofinanciamento que pode ir até aos 100 %. Isto é positivo, mas exige responsabilidade, porque estes 100 % têm de ser bem utilizados em projetos de qualidade que efetivamente contribuam, em simultâneo, para a nossa competitividade, para a nossa coesão e para a união geopolítica que almejamos.

Cristian-Silviu Buşoi, rapporteur. – Mr President, dear Commissioner, dear colleagues, this week we will finalise and adopt the revision of the MFF package, out of which STEP is a part, and we follow the very tight timetable – I would say a record one for an ordinary legislative file.

This was a very challenging journey, and it required a lot of cooperation and hard work. As the Chair of Industry, Research and Energy Committee, I would like to give thanks to all colleagues that contributed to this, and especially to the rapporteur of the ITRE Committee, whom I replace now, Mr Christian Ehler.

It was paramount to simultaneously negotiate and conclude the MFF package STEP with the Net Zero Industry Act. With linking STEP and NZIA, we demonstrate to our industries and financial markets that they receive full political support and a legislative framework to invest and become more competitive while transforming the European Union.

STEP aims to reinforce, leverage and steer all EU funds, existing and new, towards – we hope – investments in digital and deep innovation technologies, clean and resource-efficient technologies and biotechnologies within the EU, and in the individuals capable of integrating these technologies into the economy.

The EU will be now able to fund, more specifically, the construction of a factory of certain technologies in Europe to increase strategic independence and competitiveness for European industry.

The final agreement adds additional funds to the budget of the European Defence Fund, but largely relies on providing additional flexibility to existing funds and cumulative funding.

Additional flexibility should be mobilised for STEP projects under the regional and cohesion funds ERDF, ESF+; through the NGO funds, mainly RRF, InvestEU and Just Transition Fund; cumulative funding under EU instruments for individual projects, including for strategic projects under Net Zero Industry Act and Critical Raw Materials Act.

STEP touches upon a variety of existing programmes and funds. It provides for synergies and complementarities between the Innovation Fund, Horizon, RRF, InvestEU and Cohesion Fund.

Dear colleagues, the Parliament was very successful in obtaining a complete alignment between Net Zero Industry Act and STEP. All technologies are covered, all supply chains covered. Strategic projects get prioritised access to the individual funds under STEP, including the Innovation Fund.

We have clarified some provisions of the European Innovation Council under Horizon, and we made the whole process clearer with a better governance structure. The governance of the STEP was improved by adding a new article on the implementation of the Platform, as insisted the Parliament.

Parliament's call for additional visibility for cohesion projects was accepted by displaying examples of cohesion projects dedicated to STEP's objectives on the Sovereignty Portal.

A two-stage reporting system was created, including an interim and final report. The role of the interim report was strengthened, and its main purpose will be to evaluate the contribution of the Platform to its objectives in time to feed into the decision making of MFF post-2027.

So, we managed to deliver for Ukraine, to give a strong and not only political signal but concrete support for Ukraine. But also we managed to give the right signal to our industries, to our economies, to our financial markets, to invest smart in the future, to support the new technologies, the clean technologies, to invest in digitalisation and biotechnologies, and make Europe more resilient and more competitive worldwide.

Eva Maria Poptcheva, *ponente de opinión de la Comisión de Asuntos Económicos y Monetarios*. – Señor presidente, la Plataforma de Tecnologías Estratégicas para Europa sobre la que debatimos hoy es una muy buena idea.

STEP busca facilitar la inversión en industrias que van a ser claves para nuestro futuro, como la inteligencia artificial y las tecnologías verdes. También busca reaccionar ante la evidente pérdida de competitividad de nuestras empresas y poner fin a las peligrosas dependencias que han quedado en evidencia desde la pandemia y la guerra en Ucrania.

Pero, como tantas otras buenas ideas, STEP se ha quedado en nada. Le falta lo más importante: dinero. Mientras Estados Unidos, con su Ley de reducción de la inflación, inyecta unos 400 000 millones EUR para apoyar a su industria, en la Unión Europea contestamos con unos pírricos 1 500 millones EUR para financiar proyectos estratégicos.

Estamos haciendo el ridículo. La solución no es menos Europa, no es un «sálvese quien pueda» en el que los países que se lo puedan permitir riegan sus industrias con subsidios nacionales, sino todo lo contrario. Tenemos que reforzar nuestro mercado interior. Tenemos que buscar soluciones conjuntas a problemas que nos afectan a todos. No se puede ser estratégico a nivel nacional.

Ya es hora de tener un presupuesto de la Unión Europea en condiciones, que nos permita resolver los problemas comunes y financiar nuestras prioridades.

Marie-Pierre Vedrenne, *rapporteuse pour avis de la commission de l'emploi et des affaires sociales*. – Monsieur le Président, face à l'escalade militaire sur notre continent et à l'atrocité croissante de l'agresseur russe, l'inaction n'est pas une option. Face à des rivaux qui délaissent la coopération internationale, nous devons prendre les devants dans un monde secoué par les crises. Face à des alliés qui injectent des capitaux dans les industries vertes et l'éducation, nous Européens ne pouvons pas être dans la demi-mesure.

Monsieur le Commissaire, vos omissions concernant un fonds de souveraineté conséquent nous empêchent de rentrer de plain-pied dans une ère nouvelle pour l'Europe, elle qui est une nécessité et dont nous avons tant besoin. Nous allons certes soutenir l'accord sur la plateforme STEP, mais elle ne reflète pas nos aspirations, faute de mécanismes financiers suffisants.

Des fondations sont certes jetées, mais il est temps de faire face à la réalité. Sans une formation de qualité, nos industries européennes n'ont pas d'avenir. Sans investissements stratégiques, pas de compétitivité européenne. Sans une impulsion constante en faveur de l'innovation, la souveraineté européenne restera un rêve lointain. Alors un seul cap: renouons avec l'audace, avec l'ambition, et ceci en européens!

Tiemo Wölken, *Verfasser der Stellungnahme des mitberatenden Ausschusses für Umweltfragen, öffentliche Gesundheit und Lebensmittelsicherheit*. – Herr Präsident, liebe Kolleginnen und Kollegen! Die Versprechen, die mit dem STEP-Programm verbunden waren – sie waren riesig. Die Kommission wollte damit eine starke Antwort geben auf den *Inflation Reduction Act* der Amerikanerinnen und Amerikaner. 10 Milliarden Euro sollten zusätzlich investiert werden, 5 Milliarden Euro sollten davon in den Innovationsfonds gehen, um mit diesem Geld überall in Europa, in den Regionen klimafreundliche Investitionen anzureizen und zu unterstützen, in die Zukunft zu investieren.

Geblieben ist von dieser Ankündigung so gut wie nichts: eine vergebene Chance und ein weiteres leeres Versprechen der Kommissionspräsidentin von der Leyen, die die Mitgliedstaaten nicht überzeugen konnte, in diesem wichtigen Bereich zu investieren. Dabei ist dieses Gesetz eigentlich sehr wichtig. Was geblieben ist – und dafür brauchen wir es weiterhin –, ist die Vereinfachung von Regeln für die bestehenden Finanzierungsprogramme. Es bündelt an dieser Stelle unsere Anstrengungen. Aber STEP hätte so viel mehr sein können, ja so viel mehr sein müssen. Und deswegen bleibt es ein einfacher erster Schritt hin zu einem eigenständigen EU-Souveränitätsfonds, den wir weiter in Angriff nehmen müssen.

Rovana Plumb, *rapporteur for the opinion of the Committee on Regional Development*. – Mr President, Commissioner, Council, colleagues, as REGI rapporteur for an opinion with shared competence on the STEP file, I am very happy we achieved all our important issues in the negotiations with the Commission and the Council, obtaining the cap of 20 % of the allocation for financing step objectives from the ERDF and the Cohesion Fund.

We obtained the addition on preserving the focus on small and medium enterprises. The REGI amendment on apprenticeships, jobs and education for new skills will be considered in the selection process. A derogation for the outermost regions, allowing for a 15 % flexibility between priorities, with additional special allocation in the ERDF priorities for the period 2014-2020. The option of amending the acting partnership agreement. 100 % EU financing rate for the last year of the 2014-2020 period.

And I would like to take the opportunity to thank all my colleagues and staff involved in the negotiations from the European Parliament, Commission and Council. Thank you.

Mathieu Michel, *président en exercice du Conseil*. – Monsieur le Président, honorables parlementaires, chers membres de la Commission, c'est un plaisir d'être parmi vous aujourd'hui, ce débat marquant la fin du processus de révision du cadre financier pluriannuel.

Le chemin parcouru depuis juin, quand la Commission a présenté sa proposition législative, a été long. Au niveau du Conseil, rappelons-nous qu'en juillet 2020, lors de l'adoption du cadre financier pluriannuel, dans un contexte économique et géopolitique différent, les conclusions du Conseil européen considéraient que le CFP ne ferait pas l'objet d'un réexamen à mi-parcours. Cependant, depuis l'adoption du CFP en 2020, l'Union européenne a été confrontée à une série de défis sans précédent et inattendus.

À peine sortis de la pandémie de la Covid-19 et de ses sévères effets économiques à l'échelle mondiale, l'invasion brutale de l'Ukraine par la Russie a eu des conséquences graves au niveau humanitaire, économique et budgétaire. Ceci est vrai au niveau de l'Union européenne, mais aussi au niveau des États membres et de leurs budgets nationaux, qui ont subi d'importantes pressions. Dans ce contexte, le simple fait que le Conseil européen ait pu parvenir à une décision unanime sur le paquet de révision du CFP est sans précédent et constitue en soi une réussite importante.

Cet accord unanime sur le paquet de révision du CFP, y compris notre soutien financier de 50 milliards d'euros à l'Ukraine, souligne notre unité et constitue un message important vers nos amis en Ukraine, vers nos partenaires aux États-Unis et, au-delà, vers la Russie. Certes, avoir recours au redéploiement n'est peut-être pas la méthode la plus optimale, mais le contexte budgétaire ne nous laissait pas d'autre choix.

En ce qui concerne les deux autres dossiers faisant partie de cette révision, les échanges entre le Conseil et le Parlement ont confirmé que les positions du Parlement et du Conseil étaient assez proches. L'Ukraine était la priorité avant une série de mesures qui répondaient à d'autres besoins budgétaires, comme des ressources supplémentaires pour relever les défis liés à la migration et soutenir les partenaires des Balkans occidentaux, du voisinage méridional et au-delà.

Grâce à cette révision, le budget de l'Union européenne sera également mieux équipé pour aider les États membres touchés par des catastrophes naturelles et les pays confrontés à des crises humanitaires. Plus précisément, pour la facilité pour l'Ukraine, il a été convenu de maintenir les éléments clés de la proposition de la Commission. Le montant total de l'aide sera de 50 milliards d'euros, comme dans la proposition de la Commission. Il a été convenu également de maintenir les montants maximaux d'aide non-remboursable à 17 milliards d'euros et le montant correspondant à l'aide remboursable à 33 milliards d'euros.

Je crois bien que chacune des institutions a pu atteindre ses objectifs principaux, notamment le renforcement de la gouvernance, l'implication des institutions démocratiques et le suivi de la mise en œuvre, tout en maintenant un certain niveau de flexibilité nécessaire pour la mise en œuvre de la facilité.

Cependant, concernant STEP, nos points de départ étaient moins proches, surtout en ce qui concerne le financement et l'ampleur de la plateforme. In fine, nous avons gardé, de manière équilibrée et satisfaisante, les principes qui constituaient la base de la proposition de la Commission, en assurant la mobilisation des fonds pour renforcer la résilience des entreprises européennes dans des secteurs critiques et garantir l'autonomie stratégique des pays tiers dans ces secteurs.

Johannes Hahn, *Member of the Commission*. – Mr President, Minister, honourable Members, when you vote on the revision of our long-term budget in a few moments, it will be an important occasion. You will decide on Europe's power to act for the years to come, and I am grateful for the strong convergence of views across Parliament.

Since the Commission proposed a revision eight months ago, we have been working closely together on this review, which allows us to amend the Multiannual Financial Framework (MFF), strengthening our Union by strengthening key policies. I would like to thank you, Members of the European Parliament, for your commitment, and in particular, thank you for the strong engagement of the co-rapporteurs, Jan Olbrycht and Margarida Marques.

The revision of the MFF ceilings confirms the priorities that the Commission presented back in July, and that were strongly supported by this House. It provides around 80% of the original proposal with a balanced combination of new funds and redeployments. It is a very good result, despite, of course, some difficult choices. It shows Europe's ambition and resolve to find common solutions to our shared priorities. Your vote for today's package is about giving our Union the ability to act at various levels.

Let me highlight the five key elements of the revision. First, the Ukraine Facility is a clear signal of our steadfast commitment to Ukraine and the Ukrainian people. It provides predictable and stable financial support to cater for Ukraine's immediate needs, recovery and modernisation on its path towards the European Union, totalling EUR 50 billion until 2027. I thank the European Parliament, and the co-rapporteurs Eider Gardiazabal Rubial and Michael Gahler in particular, for making the agreement possible. The set-up reflects the exceptional circumstances of the war, and should not constitute a blueprint for future programmes. In this context, the Commission has a formal statement on its interinstitutional prerogatives. We have sent it for inclusion in the verbatim record of this debate. It is now crucial that the facility can enter into force as quickly as possible, so that we can make the first disbursement under the exceptional bridge financing still in March. To address Ukraine's urgent financing needs, we are working with Ukraine to ensure that everything is in place.

Second, this is a shared priority, it is about managing migration and relations with our external partners. The review packed this up with an additional EUR 2 billion to support the new pact on migration and asylum. In addition, EUR 7.6 billion will help our partners in the Western Balkans, Southern Neighbourhood and beyond.

Third, it is about European competitiveness. The Strategic Technologies for Europe Platform, better known as STEP, will support European leadership in critical technologies in the fields of digital and deep tech, clean tech and biotech. And I agree with some of you who have criticised the fact that not the full proposal was finally accepted, but this was the outcome of the discussions we had and this is what was achievable. But bottom line, I think a lot also in that context could be achieved. And, as it was rightly mentioned and highlighted by some of you, STEP will pull funding from 11 different programmes – amongst them cohesion policy funds, the European Defence Fund, InvestEU, Horizon Europe, the Innovation Fund, the Recovery and Resilience Funds – to both strengthen our Union's open strategic autonomy and bolster its long-term competitiveness. For STEP to reach its full potential, Member States and managing authorities must now steer sufficient EU funds towards these cutting-edge technologies. The success of STEP will depend on our collective ambition, and I would like to extend a special thanks here to José Manuel Fernández and Cristian Ehler. For us, it's about strengthening our emergency response. We will increase our capacities for emergency response inside and outside the Union. That is why the Solidarity Emergency Aid Reserve will be reorganised and increased by EUR 1.5 billion. As the past year has proved, it is essential to be able to respond to unforeseen circumstances. We thus also increase the flexibility instrument by EUR 2 billion.

And finally fifth, providing a structural solution to the increases in interest costs, as repeatedly requested by the European Parliament, a new mechanism, over and above the MFF ceilings, will offer a structural solution to the increase in interest costs of the EU's recovery fund, NextGenerationEU. This was all achieved within the EU budget framework, preserving the unity of the budget, and the role of the budgetary authority and the prerogative of the institutions. This is a good result for the European Union as a whole and thus for cities, companies and regions.

I count on your support for the revision of the Multiannual Framework, the Ukraine Facility, and the creation of STEP. Building on your hopefully strong vote today, we will translate the political agreement into action and this as soon as possible. We will present a draft amending budget for 2024 and necessary legislative adjustments to implement the revision still this week. This will feed the agreed additional funds concretely into our running budget and actual programmes. I hope that the European Parliament and the Council can deliberate swiftly on these proposals in this sense. We look forward to further working with you on strengthening our Union. And thank you very much again for this extremely valuable decision today.

Commission statement

(in writing)

The Commission recalls that, under Article 17 TEU and Article 317 TFEU, the implementation of the budget remains its own responsibility and is part of its institutional prerogatives under the Treaties. It considers that the decisions related to payments to Ukraine under the Ukraine Facility belong to such budget implementation.

The Commission regrets that the text agreed by the co-legislator provides for Council implementing decisions under Article 291 TFEU for the adoption of these measures.

It considers that the solution agreed by the co-legislator could be exceptionally justified in light of the very specific circumstances of the Ukraine Facility – a medium-term single instrument of high geopolitical importance adapted to the uncertainty and unprecedented challenge of supporting a country at war with direct implications for the security of the Union.

This solution should not be considered as a precedent for any other Union spending programme.

Siegfried Mureșan, *on behalf of the PPE Group*. –Mr President, colleagues, today is a good day for the European Parliament and for the European Union. We will be voting with a very large majority on the revision of the Multiannual Financial Framework, which will make Europe safer, which will allow us to protect our borders, to provide for people in need to tackle migration. We will make EUR 50 billion available for Ukraine so that the European Commission can start implementing this support very fast.

Dear Commissioner, thank you for all the work you did. Thanks to the Council Presidencies and thanks to the many rapporteurs. As general rapporteur for the Parliament's 2024 budget, I stay committed, Commissioner, to inserting the results of this Multiannual Financial Framework revision into the 2024 budget as soon as possible. I am confident that before the end of this term we can vote on this.

So the agreement on the MFF revision is a positive one, but we should also work on correcting the mistakes which the Council made in the past. When we decide on the next MFF revision, the repayment of NextGenerationEU should not become a burden for the budget of the Union.

We should make sure that the budget remains robust, capable of supporting in the future. It should not become a budget for repayment of debt, and we should also make sure that there is enough money in the budget in the future for the traditional priorities, for the new priorities and reserves for unexpected developments. Unexpected developments always occur. We need a budget which is robust and no additional fund can replace a robust, comprehensive and predictable budget of the European Union.

Fabienne Keller, *au nom du groupe Renew*. – Monsieur le Président, cher Marc Angel, Monsieur le secrétaire d'État, cher Mathieu Michel, Monsieur le Commissaire, cher Johannes Hahn, chers collègues, j'aimerais commencer par me réjouir de cet accord. Il nous permet, avec la facilité pour l'Ukraine, de confirmer notre soutien sans faille à ce peuple engagé dans la guerre depuis deux ans, à ce peuple si courageux.

D'autres parties de cette révision du cadre financier pluriannuel sont par contre bien décevantes. Je déplore en particulier les coupes faites sur des programmes clés tels qu'Horizon Europe et EU4Health («L'UE pour la santé»). La pandémie nous a pourtant montré à quel point les domaines de la recherche et de la santé sont essentiels. Je m'étonne, Monsieur le secrétaire d'État, de la position du Conseil qui épuise les instruments de flexibilité pour financer les intérêts du plan de relance, alors que ce même Conseil avait tant insisté lors des négociations du budget annuel pour un budget flexible et réactif.

Le Parlement demande depuis plusieurs années une révision ambitieuse du cadre financier pluriannuel pour répondre aux attentes des citoyens. Nous n'y sommes pas. Le budget européen doit être à la hauteur des responsabilités qui nous sont confiées.

Rasmus Andresen, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Herr Präsident! Europa steht fest an der Seite der Ukraine. Wir sind solidarisch und wir organisieren ganz konkret auch mit der Ukraine-Fazilität benötigte Finanzhilfe. Es ist mir besonders wichtig, dies in den Mittelpunkt zu stellen – in einer Zeit, wo wir erleben, dass es in den USA nach wie vor keine Einigung für mehr finanzielle Hilfe für die Ukraine gibt und wo leider auch einige nationale Regierungen bei den Waffenlieferungen gerade nicht mehr so solidarisch sind, wie sie aus unserer Perspektive sein sollten.

Aber es gibt viele andere Bereiche im Mehrjährigen Finanzrahmen, wo wir deutlich kritischer sein sollten. Da möchte ich auch sehr direkt die Kommissionspräsidentin, die leider bei dieser Debatte hier heute nicht anwesend ist, Frau von der Leyen, fragen, ob Sie eigentlich die Klimaziele, die Sie selbst am Anfang der Wahlperiode aufgestellt haben, noch ernst meinen. Wollen Sie eigentlich wirklich, dass unsere Industrie wettbewerbsfähig ist und die grüne Transformation noch hinbekommt?

Ich bin mir da nicht mehr so sicher, wenn ich mir anschau, was beim EU-Haushalt, was beim Mehrjährigen Finanzrahmen eigentlich herausgekommen ist. Denn anders als bei der Ukraine-Fazilität sieht es bei den Investitionen extrem mau aus. Und das, obwohl die Experten der Kommission selbst sagen, dass wir einen Investitionsbedarf von um die 600 Milliarden Euro jährlich haben, um die Klimaziele hinzubekommen und um unsere Industrie wettbewerbsfähig zu halten. Wir haben jetzt heute auch in der Abstimmung das STEP-Programm, was dafür ein Start sein kann.

Das Ganze ist aber ohne frisches Geld ausgestattet, und deshalb ist unsere Befürchtung, dass dort nicht besonders viele neue Impulse gesetzt werden können. Ich möchte Sie bitten, sowohl im Rat wie aber auch Frau von der Leyen, dass Sie hier Ihren Kurs finden und dass Sie dafür sorgen, dass das nicht das letzte Wort ist und dass wir in den nächsten Monaten und in der neuen Wahlperiode daran weiterarbeiten und dafür sorgen, dass Investitionen fließen, denn sie werden dringend benötigt.

Jonás Fernández, *en nombre del Grupo S&D*. – Señor presidente, señor comisario, es un debate importante en un momento necesario. Un debate para aprobar, para discutir el marco financiero plurianual, el presupuesto de la Unión, pero también un debate donde reflexionar sobre la necesidad de impulsar una política industrial europea.

La Plataforma STEP es un primer paso. Ciertamente, el Parlamento Europeo ha hecho esfuerzos ímprobos. Hemos negociado con lealtad frente al Consejo, aun cuando el Consejo —digámoslo claro— ha sido manifestamente rácano en sus negociaciones con el Parlamento Europeo.

Conocíamos estos días la opinión de Mario Draghi trabajando en ese informe sobre la competitividad de la Unión Europea, exigiendo más financiación. Entendiendo que aun cuando hayamos alcanzado un acuerdo sobre las reglas fiscales que rigen los presupuestos de los Estados miembros necesitamos mucha más financiación privada, pero también pública. Mucha más financiación para abordar la transición ecológica, la transición digital, los retos sociales, los retos también en el ámbito de la defensa, y creo que deberíamos ser claros en este debate entre nosotros. Aun con todos los esfuerzos seguimos sin contar con la financiación necesaria para responder a estos retos a escala europea.

La Plataforma STEP ha sido una buena propuesta. El Parlamento Europeo ha negociado, como digo, con lealtad, aun cuando el acuerdo del Consejo reducía dramáticamente la ya poca aportación que proponía la Comisión y que el Parlamento Europeo incrementó sustancialmente.

Es un primer paso, hay un marco europeo para definir proyectos estratégicos, pero con las reglas fiscales que hemos acordado y teniendo, por cierto, financiación disponible de Next Generation EU que aún no ha sido solicitada por los Estados, deberíamos reflexionar sobre cómo responder a esa pregunta que nos hacía Mario Draghi estos días: ¿cómo mejorar la dotación presupuestaria de la Unión Europea?

Johan Van Overtveldt, *namens de ECR-Fractie*. – Voorzitter, commissaris, Raadsvoorzitterschap, deze herziening van het MFK bleek de hoogst haalbare oplossing. Voor Oekraïne komt onze steun trouwens geen dag te vroeg en er zal helaas nog veel meer steun nodig zijn om het land en onszelf te verdedigen.

Dat deze herziening ook een ernstige inkorting van steun aan het succesvolle programma Horizon Europa inhoudt, betreur ik ten zeerste. Er zijn zonder twijfel andere uitgavencategorieën binnen de EU waar besparingen meer aan de orde zouden moeten zijn. Het al dan niet doortastend investeren in de toekomst zal een bepalende factor zijn voor de Europese Unie. Het voortouw nemen inzake onderzoek, ontwikkeling en innovatie is de beste garantie voor groei en jobs naar de toekomst toe – bovendien ook de beste garantie voor een realistische duurzame transitie. In tegenstelling tot andere uitgaven kan het Europese niveau hierin wel degelijk een belangrijke bijdrage leveren.

Collega's, deze herziening was het hoogst haalbare, maar tegelijkertijd toch ook voor een stukje een gemiste kans. De omstandigheden vereisen een andere aanpak: structurele hervormingen in het budget. Zolang we dat niet doen, zullen we ons voortslepen van de ene herziening naar de andere of van een wildgroei in debudgettering.

Joachim Kuhs, *im Namen der ID-Fraktion*. – Herr Präsident, geschätzter Kommissar Hahn, werte Kollegen, Herr Staatssekretär! Auch diese mühsam ausgehandelte und abgespeckte Überarbeitung des siebenjährigen Finanzrahmens wird scheitern. Woran mache ich das fest? Nun, wenn man Herrn Orbán zum Kaffeetrinken schicken muss, damit alle Verhandlungsführer auch zustimmen, dann erkennt jeder: Da ist etwas nicht in Ordnung. Ist das ein fauler Kompromiss?

Wenn zweitens rund zwei Drittel der 50 Milliarden Euro der Ukraine-Fazilität schuldenfinanziert sind und man dann meint, das würde den EU-Haushalt nicht belasten, dann, werte Kollegen, lügt man sich in die Tasche. Glauben Sie wirklich, die Ukraine wird nach diesem fürchterlichen Krieg in der Lage sein, die Zinsen zu bedienen, geschweige denn die Schulden zurückzuzahlen?

Wenn man drittens von überallher 21 Milliarden Euro zusammenkratzt und dabei überall neue Löcher aufreißt und haushaltstechnisch dann noch über die bisher zulässigen Obergrenzen hinausgeht, dann weiß doch jede schwäbische Hausfrau: Das kann nur Unfrieden und Verdruss hervorrufen.

Aber was mich persönlich am meisten bedrückt, und das habe ich bereits im Ausschuss gesagt: Haben Sie, verehrte Kollegen, auch mal die Menschen in der Ukraine gefragt, was die wirklich wollen? Wollen die wirklich mehr Geld? Das glaube ich nicht. Diese Menschen wollen doch Frieden für ihr Land. Wenn wir auch hier im Plenum – gerade vorhin, Herr Gahler, Sie haben es gesagt – weiterhin den Krieg mit Waffenlieferungen befördern und nicht auf den Frieden hinarbeiten, dann machen wir uns doch schuldig an den Menschen in der Ukraine und auch an all den Soldaten, die täglich zu Hunderten sterben oder verkrüppelt werden. Liebe Kollegen, stoppen wir endlich diesen Krieg!

Δημήτριος Παπαδημούλης, *εξ ονόματος της ομάδας The Left*. – Κύριε Πρόεδρε, η αναθεώρηση του πολυετούς δημοσιονομικού πλαισίου είναι εντελώς ανεπαρκής, και η ευθύνη βαρύνει το Συμβούλιο που αποδεικνύεται για μια ακόμη φορά ένα μεγάλο εμπόδιο, ένα μεγάλο φρένο στην πρόοδο της Ευρωπαϊκής Ένωσης.

Δεν μπορούμε να αγνοήσουμε, κυρίες και κύριοι συνάδελφοι, ότι αυτή η αναθεώρηση προβλέπει περικοπές στα προγράμματα «Ορίζων Ευρώπη», «Η ΕΕ για την υγεία», στην Κοινή Γεωργική Πολιτική και στην πολιτική συνοχής. Όσοι επικρίνουν αυτές τις περικοπές και την ίδια ώρα ψηφίζουν αυτή την αναθεώρηση, θυμίζουν τους καθολικούς καλόγερους στον Μεσαίωνα που βάφτιζαν το κρέας ψάρι για να το φάνε σε εποχές νηστείας.

Ο αναθεωρημένος προϋπολογισμός, παρότι συνιστά μια μικρή βελτίωση σε σχέση με τον υπάρχοντα, είναι σε πραγματικούς όρους —αν αφαιρέσουμε τον πληθωρισμό— στο 1% του ευρωπαϊκού ΑΕΠ, πολύ πιο κάτω και από τον προηγούμενο. Όσον αφορά την πλατφόρμα STEP, είναι μια ακόμη χαμένη ευκαιρία. Καμία σχέση με τις αρχικές εξαγγελίες της Προέδρου von der Leyen για αυτόνομο Ευρωπαϊκό Ταμείο Κυριαρχίας: από τα 10 δισ. EUR που ζητούσε επιπλέον το Ευρωπαϊκό Κοινοβούλιο, πήγαμε στο 1,5 δισ. EUR, και από αυτά ούτε ένα ευρώ επιπλέον για το Ταμείο Καινοτομίας, το πρόγραμμα «InvestEU» και το «Ορίζων Ευρώπη». Απορώ γιατί εξωραΐζετε και υπερψηφίζετε αυτό το πακέτο.

Andor Deli (NI). – Elnök Úr! A Fidesz delegációja támogatni fogja az MFF-megállapodás jóváhagyását, ugyanis az Európai Tanács ülésén Magyarország világos garanciákat kapott arra, hogy a bennünket megillető uniós forrásokat a módosítások nem érinthetik hátrányosan, és azokat továbbra is csakis Magyarország használhatja fel.

A jelenlegi helyzetben fontos Európa geopolitikai megerősítése, aminek kulcseleme az EU nyugat-balkáni bővítése. Ezért kiemelten támogatjuk az MFF részét képező reform- és növekedési eszközt is. Mindazonáltal az MFF felülvizsgálatának sikeres lezárása nem fedheti el a tényt, hogy éppen a költségvetési ciklusban a tagállamoknak járó eszközök kifizetése a Bizottság hibájából továbbra is felháborítóan lassú, és a megnövekedett eredeti kamatköltségek további növekedésének veszélye sem múlt el.

Ezért arra kérem a Bizottságot, hogy gyorsítsa fel a kifizetéseket, nehogy egy újabb MFF-revízióra és tagállami befizetésekre legyen szükség még 2027 előtt.

Sandra Kalniete (PPE). – Godātais sēdes vadītāj! Kolēģi! Eiropas Tautas partijas grupa konsekventi ir atbalstījusi 50 miljardu lielu Ukrainas finanšu instrumenta izveidi, kurš no 2024. līdz 2027. gadam atbalstīs Ukrainu kara laikā, tās rekonstrukciju un Eiropas Savienības pievienošanās reformu īstenošanu. Trialoga vienošanās paver ceļu iesaldēto Krievijas aktīvu izmantošanai Ukrainas rekonstrukcijas vajadzībām.

Šis instruments ir domāts administratīvām un civilām vajadzībām. Tas neparedz militāro palīdzību, kas Ukrainai ir vajadzīga tūlīt. Tāpēc ASV Kongresa vilcināšanās ar 60 miljardu militāro atbalstu apdraud Ukrainas cīņas spējas. Šogad Krievija militārām vajadzībām ir paredzējusi tērēt gandrīz trešdaļu sava budžeta. Ja katra Eiropas Savienības un NATO valsts Ukrainas atbalstam veltītu 0,25 % no sava IKP, tad Krievija karu zaudētu. Ukraina cīnās arī par Eiropas nākotni.

Citējot Ukrainas prezidenta padomnieku Mihailo Podoļaku, kurš teica: “Nav saprotams, kāpēc Eiropas valstu līderi gatavojas karam ar Krieviju nākotnē, bet nepalīdz Ukrainai Krieviju sakaut tagad.”

Matthias Ecke (S&D). – Herr Präsident, Herr Staatssekretär, liebe Kolleginnen und Kollegen! Ja, wir diskutieren jetzt hier über die Strategieplattform STEP beim Haushalt, bei der Haushaltsrevision. Eigentlich ist das ein bisschen Unsinn, weil aus – ja – finanzieller Sicht ist es ja ziemlich enttäuschend, was wir bei STEP vorgelegt bekommen haben. Der Innovationsfonds, InvestEU, Horizont – all diese Programme hätten eigentlich mehr Mittel für strategische Technologien nötig gehabt, als die Mitgliedstaaten bereit waren zu leisten. Ich halte das für einen Fehler. Und deswegen ist leider die MFR-Revision aus industriepolitischer Sicht ungenügend.

Das ist schade, denn STEP hätte eigentlich eine gute Antwort sein können auf die Industrieförderung anderer Weltregionen. Wenn wir uns Mikroelektronik, Solar- und Windkraft, die Medizintechnologie anschauen: All das sind Branchen, die in Zukunft unbürokratischer und besser gefördert werden sollen. Letzten Endes werden sie das jetzt mit Mitteln aus den EU-Strukturfonds. Da können wir jetzt bis zu 100 Prozent fördern, das ist auf jeden Fall ein großer Gewinn, und es werden Mittel auch aus anderen Programmen gebündelt. Wir lichten den EU-Förderdschungel, wir machen das alles ein bisschen einfacher, sorgen da für klare Sicht. Das leistet STEP, und das ist gut.

Nur: Wir haben auch mit STEP jetzt ein Qualitätssiegel erstellt. Und damit stellen wir diese Projekte gewissermaßen auch ins Schaufenster, auch für private Investoren, damit wir mehr privates Kapital anziehen. Unsere Fraktion, die Sozialdemokratie, hat darauf gedrängt, dass wir hier hohe Sozial- und Arbeitsstandards auch einhalten müssen. Denn europäisches Geld soll nur für gute Arbeitsplätze in Europa ausgegeben werden, liebe Kolleginnen und Kollegen!

STEP kommt zur rechten Zeit, aber es reicht nicht aus. Wir brauchen eine zukunftsweisende europäische Industriestrategie, die auch finanziell angemessen umgesetzt ist. Seien Sie sich gewiss: Wir als Sozialdemokratie werden diese Forderung mit in die nächste Legislatur nehmen. Wir lassen nicht locker.

Petras Auštrevičius (Renew). – Mr President, Council Representative, Commissioner, the important decision on the Ukraine Facility confirms the EU's commitment to providing long term assistance to war-torn Ukraine. The EU is sending a strong and clear message to the Ukrainians: we are with you and our support will remain with you. The EU's commitment to a reformed and democratic Ukraine enters a new phase.

The Ukraine Facility is a unique financial and reform instrument that sets out a mutual commitment and a roadmap for change. The EU's ambition to set clear conditions – respect for democratic values, rule of law and human rights – is embraced by Ukraine's long-term policy.

Through the Ukraine Facility, we seek to preserve the stability of Ukraine statehood, its capacity to resist Russian aggression and to guide future reconstruction efforts. I congratulate us all on this decision and look forward to its responsible implementation for the benefit of Europe as a whole. Let's get started the engine of Ukraine Facility.

Henrike Hahn (Verts/ALE). – Herr Präsident! Wir können bei der Abwanderung europäischer Unternehmen mit verschränkten Armen dastehen und zuschauen – siehe EU-Solarindustrie. Wir können Industriepolitik in kleinen Steps machen wie bei STEP, der Plattform zur Förderung strategischer Technologien – in die richtige Richtung, aber in kleinen Trippelschrittchen. Das können wir alles tun. Wir können auch Webseiten kreieren, koordinieren, bevorzugte Projekte identifizieren, Finanzierungen umschichten und neu setzen.

Dass erfolgreiche Industriepolitik letztlich auch ein Teil von Kohäsionspolitik ist, das ist natürlich richtig. Aber seien wir doch ehrlich. Das reicht noch lange nicht aus, um grünes Wirtschaftswachstum in Europa mit sicheren, guten Arbeitsplätzen zu schaffen. Wir fordern einen Souveränitätsfonds, der vollwertig ist, mit neuen Eigenmitteln gegenfinanziert.

Klar ist natürlich auch: Bürokratie muss runter, Fachkräfte müssen rauf und hohe ökologische und soziale Standards müssen gesetzt werden, als Qualitätslabel für *made in Europe*. Das ist der richtige Weg. Europäische Fördermittel und Förderung müssen auch in Europa gehalten werden, damit Lokomotiv— und Kohäsionsregionen in Europa genauso profitieren wie Kleinunternehmen und Global Players. Das brauchen wir jetzt eben nicht klein, sondern ganz, ganz groß.

Bogdan Rzońca (ECR). – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Będą pieniądze dla Ukrainy, to dobra wiadomość, ale analiza wieloletnich ram finansowych nauczyła nas, że musimy lepiej umieć planować, i lepiej wydawać pieniądze, i wiedzieć na co nas, po prostu, stać. Przestrzegaliśmy jako Polacy, jako ECR przed Putinem, ale nikt nas nie słuchał. Można było też przewidzieć inflację, bo kryzysy gospodarcze po prostu zwyczajnie się zdarzają. Obecni liderzy Unii Europejskiej lekkomyślnie zadłużyli Unię Europejską i mamy z tym ogromny problem.

Dziś Unia po prostu musi znaleźć nowe pieniądze, a więc nowe pieniądze to 33 miliardy świeżego długu, który trzeba będzie zaciągnąć dla Ukrainy. To przesunięcie o 10 mld eurośrodków, które nagle się znalazły, 10 miliardów, nie wiadomo, czy czasem więcej takich pieniędzy nie ma. Czyli jest pytanie, jak wydatkujemy te pieniądze? I jeszcze potrzeba 21 mld euro jako dodatkowa składka państw Unii Europejskiej. Gasimy pożar, cieszymy się, że gasimy, a myśmy powinni po prostu zapobiegać pożarom. I to jest w tej chwili wielki problem obecnych elit Unii Europejskiej, które doprowadziły Unię Europejską do kryzysu. I jak słyszę, dalej chcą rządzić. Putin cieszy się, patrzy na to wszystko, co się dzieje w Unii Europejskiej, a my po prostu właśnie te pożary gasimy. Więc mówimy tak: więcej eurorealizmu, więcej euroekonomii i mniej różnego rodzaju ideologii typu zielona religia czy ideologia gender.

Mick Wallace (The Left). – Mr President, in October, I said the 50 million Ukraine Facility is a rushed, inadequate mechanism tailor-made for corruption and embezzlement of EU funds on a massive scale. This is still the case.

Many findings and recommendations put forward in the June 2023 European Court of Auditors opinion have been ignored. They found that persistent grand corruption and state capture posed a systemic risk for the Ukraine Facility, so they called on the Commission to develop a strategic document on how to prevent and combat grand corruption and state capture. Where is it?

We are taking billions from other parts of the EU budget, and there are no provisions to ensure that the funds don't end up with companies owned by the likes of Zelenskyy and the oligarchs close to him. The dogs in the street know that Ukraine is one of the most corrupt countries on earth, so why are basic anti-corruption standards being waived in the case of Ukraine? Wouldn't it make an awful lot more sense if we work for peace before we start pouring billions more into Ukraine? You're burning EU citizens' money. You are being irresponsible.

Ivan Vilibor Sinčić (NI). – Poštovani predsjedavajući, politika koju ovdje provode pučani, socijalisti, liberali i zeleni je samoubilačka. Prvo ste *lockdownom* uništili cijele grane ekonomije – neznanstvenim, nedemokratskim. Zatim ste rupe krpali zaduženjem od 750 milijardi eura. Zatim 13 sankcija koje uništavaju samo Europu, dok je Rusija nikad jača i bogatija.

Momentalno je u tijeku deindustrijalizacija, svako malo čitamo o zatvaranju tvornica i otpuštanju radnika, poljoprivrednici prosvjeduju diljem kontinenta, pa čak i danas, i poručuju da ne mogu krpati kraj s krajem. I isti taj dan donosi se ova odluka o slanju još 50 milijardi eura za Kijev. Ne dam, i ne dam hrvatski dio tih novaca, za režim Zelenskoga. Govori se čak da bi možda zemlje članice preuzele dugove Ukrajine ako ih ne bi mogla vraćati. Pa to je potpuno ludilo, čak su i Amerikanci odustali od financiranja.

Jučer je ovdje bila rasprava o Europskoj centralnoj banci, za 2023., koja je u gubitku osam milijardi eura, što je najveći dug od postojanja te banke. I kad se sve sabere, ne čudi da se očekuje pobjeda euroskeptičnih stranaka u čak devet od 27 članica, a drugo i treće mjesto u još devet članica. Vrijeme odgovornost i otrežnjenja za europsku politiku je došlo.

Karlo Ressler (PPE). – Poštovani predsjedavajući, kolegice i kolege. Rat na našem kontinentu, rastuće aspiracije drugih globalnih aktera, nepredvidivost i nestabilnost svijeta dovode u pitanje naš europski dugoročni, gospodarski i tehnološki globalni položaj. Dogovorom o višegodišnjem financijskom okviru pokušavamo osnažiti europsku stratešku autonomiju, osigurati strateške investicije i u području zelene tehnologije, konkurentnosti, ali isto tako i u području zaštite granice i pomoći državama zapadnog Balkana.

S druge strane, kao što smo čuli u ovom prethodnom govoru, vidimo pokušaje, široke pokušaje, pretvaranja politike u cirkus, pokušaje jeftine galame nasuprot odgovornosti, pokušaj različitih oblika prevara nasuprot zdravorazumskim politikama koje su Europi nužne, koje će inzistirati na sigurnosti, koje će inzistirati na konkurentnosti, koje će inzistirati na gospodarstvu i na svemu onome što stvara konkretne razlike. I danas i u Hrvatskoj i diljem Europske unije.

Victor Negrescu (S&D). – Domnule președinte, domnule comisar, dragi colegi, pentru a face față provocărilor actuale este nevoie de un buget adecvat acum. Nu putem avea noi generații de sacrificiu. În calitate de raportor al Parlamentului European pentru bugetul Uniunii Europene, am propus să investim masiv în dezvoltarea industriilor noastre, în agricultură sau în sectoarele inovatoare, în securitatea și reziliența societăților noastre sau în formarea adecvată a cetățenilor.

Există multe exemple pozitive de folosire a banilor europeni. De exemplu, prin eforturile guvernului de la București s-au accesat 96 % din fondurile disponibile din perioada precedentă și sunt convins că pentru bugetul multianual actual o să fim pe primele locuri, reușind deja să avem proiecte în valoare de peste 20 de miliarde de euro. Totodată, trebuie să alocăm fondurile necesare pentru ca Ucraina să nu piardă acest război. Dacă Rusia ajunge la frontierele României, situația o să fie tot mai dificilă. Dacă noi nu vom demonstra unitate, costurile actuale o să pară infime comparativ cu prețul pe care o să îl plătim dacă Putin este lăsat să învingă, încălcând legile internaționale și drepturile omului. Fără să folosesc cuvinte mari, spun clar: de bugetul european depinde viitorul nostru comun.

Moritz Körner (Renew). – Herr Präsident, liebe Kolleginnen und Kollegen! Ich finde, es ist wichtig, dass wir in diesem Haushalt stärkere Prioritäten setzen. Und deswegen müssen wir auch umschichten und zum Beispiel bei Kohäsionsmitteln umschichten – hin zu den neuen Aufgaben, die wir haben. Das haben wir mit dieser Überprüfung auch tatsächlich gemacht. Aber ich will hier – weil gerade von Kollegen Dinge angesprochen worden sind – darauf eingehen: auf die Ukraine-Unterstützung. Der Kollege Joachim Kuhs von der AfD hat gefragt, ob wir die Ukrainer mal gefragt haben, ob sie das Geld wollen. Ja, das haben wir. Da muss man sie gar nicht fragen. Das hört man laut und deutlich. Aber das hört die AfD nicht, weil sie ja immer nur nach Russland reist und nicht in die Ukraine. Das ist der Unterschied.

Herr Wallace hat gesagt, dass wir den Krieg so verlängern. Wer das sagt, meint eigentlich Folgendes: dass dieser Krieg schnell beendet werden kann, indem Russland gewinnt. Ja, so kann er schnell beendet werden, indem Russland gewinnt. So kann der Krieg schnell beendet werden. Oder Russland könnte den Krieg schnell beenden, indem Putin seine Truppen aus der Ukraine zurückzieht. Das ist nämlich die Konsequenz.

Wir als Europäer, wir wollen eine Welt, in der die Stärke des Rechts regiert und nicht das Recht des Stärkeren. Wir wollen keine Welt, in der wieder Autokraten einfach andere überfallen können. Die Europäische Union, die europäische Einigung, sie ist die Antwort gewesen auf den Zweiten Weltkrieg, auf das Überfallen anderer Länder. Deswegen ist unsere Antwort als Europäer, hier klar zu sagen: Wir stehen an der Seite der Ukraine. Wir lassen nicht zu, dass Grenzen wieder mit Gewalt und Bomben verschoben werden.

Damian Boeselager (Verts/ALE). – Mr President, to the colleague from the AfD, I would also just invite him to maybe get on a plane from Brussels to Warsaw, take the bus across Poland and then take the night train and get to Kyiv, because then he will understand how close this war is to us, and that it is at our doorstep.

Then, when you actually listen to the people there, you understand what it means to lose a brother or a father, and when you listen to Putin, really you also understand that, for him, Ukraine is just the beginning. He's talking about the lost lands of the Baltics and in Poland. So this for him is just the beginning.

Therefore, I'm very proud that we have agreed on the Ukraine Facility – EUR 50 billion – which is, I think, a huge sign of support, so that Ukraine can pay its soldiers. I'm also happy that we have an SME quota in there to ensure that the rather centralised post-Soviet war economy can be further decentralised.

But it's also clear this is just the beginning. We need to send all the weapons that we can send, including Taurus rockets. We need to ensure that our own house is cleaned up. We need to take the veto away from Orban and suspend the Hungarian Presidency. And we need to work towards common procurement and a common European Army under the control of this House.

Izabela-Helena Kloc (ECR). – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Ten budżet mnie nie cieszy. To budżet Unii Europejskiej, który w istocie służy do szantażowania suwerennych rządów, a sponsorowania rządów ślepo posłusznych unijnej centrali. Polska jest tego jaskrawym przykładem. Po dwóch latach od agresji Kremla wartość polskiej pomocy sprzętowej przekazanej Ukrainie przekroczyła 3,5 miliarda euro. Jest to zasługa poprzedniego rządu Prawa i Sprawiedliwości, rządu premiera Mateusza Morawieckiego, który Bruksela, zgodnie z receptą pani poseł Barley, postanowiła finansowo zagłodzić.

Podziwiam fakt, że po tym wszystkim, co widzimy w Polsce, macie czelność mówić o odbudowie praworządności. Jak widać, Komisji Europejskiej podobają się bezprawne metody walki politycznej rządu Donalda Tuska. Trwają wzajemne wizyty przyjaźni, poparcia przypominające wręcz czasy odwiedzin sekretarzy z Moskwy. Dziś Bruksela osiąga rekordowy poziom cynicznego zakłamania. Straciliście jakąkolwiek wiarygodność nie tylko wśród rolników. Wkrótce stracie również władzę.

Cornelia Ernst (The Left). – Herr Präsident! Im Dezember 2022 sprach die Kommissionspräsidentin von einer gemeinsamen europäischen Industriepolitik mit einer gemeinsamen europäischen Finanzierung durch einen Souveränitätsfonds im Rahmen der Überprüfung des MFR, unseren europäischen IRA. Gar nicht schlecht, denkt man da. Doch im Sommer 2023 war das schon vorbei. Und an die Stelle davon trat nun STEP. Die Idee: Umwidmung bestehender Fonds, zehn plus zehn Milliarden Euro frischer Gelder – viel zu wenig –, die auf diese bestehenden Fonds verteilt werden, aber bitte. Wenige Monate später blieb nun aber auch davon nichts übrig. Aus den 10 Milliarden Euro wurden anderthalb, und die fließen nun ausgerechnet in den Verteidigungsfonds.

Also ganz ehrlich, liebe Leute: Statt solcher Rohrkrepiere wie STEP brauchen wir endlich wirklich eine europäische Industriepolitik und -strategie, die massive öffentliche Investitionen mobilisiert, Unternehmen hier in Europa hält und Kontrolle über die Transformation erlangt. Alles andere ist in meinen Augen Pillepalle.

Mislav Kolakušić (NI). – Poštovani predsjedavajući, pridržavanje najviših demokratskih standarda je uvijek bio temeljni razlog za davanje i uskratu sredstava iz europskog proračuna. Maltretirali smo Poljsku i Mađarsku, ne želeći im dati novac koji im pripada, jer navodno su kršili neke demokratske standarde. Sada, 50 milijardi, mi želimo dati Zelenskom koji odbija provesti demokratske izbore u svojoj zemlji. Svaki izgovor je sulud, bezobrazan i lažan.

Republika Hrvatska je 1992. godine, u tijeku najžešćeg rata, kada je bilo okupirano 30 % teritorija Republike Hrvatske, održala demokratske izbore. Zašto je obvezno sada održati te izbore u Ukrajini? Da ukrajinski narod kaže želi li nastaviti rat ili ići miru, i ako želi rat, tko će ga voditi u taj rat. Moramo ograničiti sredstva ukoliko se ti izbori ne održe u Ukrajini.

Niclas Herbst (PPE). – Herr Präsident, Herr Kommissar! Ich möchte mich bedanken bei allen, die zu einer Lösung beigetragen haben, denn sie war dringend notwendig. Wir wollen schon im März die ersten Gelder in Richtung Ukraine überweisen. Das ist dringend notwendig. Aber machen wir uns nichts vor: Das sind Mittel, die zur Erhaltung der Staatlichkeit beitragen. Es wird noch sehr viel mehr notwendig sein, gerade seitens der Mitgliedstaaten. Und da muss auch mehr geliefert werden als nur warme Worte wie jetzt gerade in Paris, und – geliefert im wahrsten Sinne des Wortes – gerade an militärischen Gütern.

Ich denke, wenn wir zurückverfolgen, was wir vor wenigen Monaten hier als Parlament vorgeschlagen haben, dann müssen wir uns fragen: Ist das Glas halb voll oder halb leer? Fakt ist: Gerade im Bereich der Krisenvorsorge, im Bereich Forschung, Entwicklung und nicht zuletzt im Bereich Sicherheit und Verteidigung sind wir nicht so ambitioniert, wie das Parlament es wollte, auch nicht so ambitioniert wie die Kommission. Ich glaube, wir werden schon sehr bald merken, dass wir wieder an unsere Grenzen stoßen werden. Und es wäre gut gewesen, wenn die Mitgliedstaaten ambitionierter gewesen wären.

Aber wir sollten auch als Parlament ein bisschen stolz darauf sein, dass wir gemeinsam auch parteiübergreifend einen Konditionalitätsmechanismus durchgesetzt haben, von dem ich überzeugt bin, dass er dazu beigetragen hat, dass es diese Lösung überhaupt gibt. Das Erpressungspotenzial des Putin-Freundes im Rat wurde gemindert. Darauf können wir gemeinsam stolz sein. Das ist ein gutes Beispiel für den Einfluss des Parlaments.

Viola von Cramon-Taubadel (Verts/ALE). – Herr Präsident, Herr Kommissar, Vertreter des Rates, liebe Kolleginnen und Kollegen! Zunächst einmal möchte ich mich bei allen bedanken, die diese Fazilität und das Ergebnis möglich gemacht haben. Für die Ukraine ist es überlebenswichtig. Es ist ein Rettungsring. Wir dürfen wirklich nicht vergessen, dass die Menschen in der Ukraine, die Menschen, die an der Grenze, an der Front kämpfen, dass die auf uns setzen. Die Menschen in der Ukraine wissen sehr genau: Wenn die Hilfe aus Europa und möglicherweise aus den USA versagen sollte, dann haben sie keine Chance mehr. Deswegen ist es so wichtig, dass wir dieses Zeichen Richtung Ukraine, aber auch Richtung Russland, in Richtung Putin setzen: Wir stehen an ihrer Seite.

Aber was auch richtig ist – und das ist wichtig: Wir haben in dieser Fazilität sehr viel verankert, sehr viel verankert in Richtung Demokratie, in Richtung Kontrolle, in Richtung Überprüfung, Monitoring. Wir wollen natürlich auch unseren Bürgerinnen und Bürgern in der EU zeigen, dass es uns nicht egal ist, wem wir das Geld geben, dass wir sehr wohl ein Interesse haben, dass wir jeden Cent am Ende überprüfen können, dass wir mit unseren Partnern und Partnerinnen in der Ukraine vertrauensvoll zusammenarbeiten, dass wir die Zivilgesellschaft miteinbeziehen und alle, die ein Interesse an der demokratischen Entwicklung der Ukraine haben. In diesem Sinne: Vertrauen Sie uns. Glauben Sie, dass die Ukraine das Geld in die richtigen Projekte steckt.

Alexandr Vondra (ECR). – Mr President, ladies and gentlemen, this European Ukraine Facility is a very important instrument and we should support it, because it helps Ukraine economically to survive.

We should take also in our minds one fact: that it's not enough. We need to support more in the other area which is vitally important, not just for the security and defence of Ukraine, but for the security and defence of all of us, and that's our support in delivering what we have promised, but where we are lagging behind – and that's supporting arms deliveries, in the guns.

Yes, yesterday there was an important meeting in Paris, and I would love to thank those who invited the European leaders, like President Macron, and those who actively participated and brought the new initiative into the game, like my own Czech Government. But it's not about the declaration, it's about the deeds – and we should do more in the area of our military support.

Ana Collado Jiménez (PPE). – Señor presidente, hoy evaluamos nuestro pasado reciente, pero para hablar de futuro. Y esta evaluación del marco financiero plurianual implica reconocer que ha carecido de la flexibilidad necesaria y de la autonomía suficiente respecto de los Estados miembros.

También implica poner sobre la mesa tres elementos que son clave ya hoy, pero que lo seguirán siendo mañana. Tres cuestiones de futuro: la competitividad industrial, la soberanía energética y la lucha contra el cambio climático.

Esta revisión sirve para afrontar estos retos desde el sentido común y desde la responsabilidad presupuestaria y sirve también para reforzar nuestro papel geoestratégico avanzando hacia una defensa común y apoyando a Ucrania en su reconstrucción.

Señorías, ha habido varias revisiones, pero esta no es una más. Entre otras cosas, porque se asume que los niveles de absorción y ejecución por parte de los Estados miembros del marco financiero plurianual —incluyendo el Mecanismo de Recuperación y Resiliencia— influyen directamente en la reasignación de recursos; es decir, pensando en positivo, aquellos Estados que alcancen los hitos comprometidos y ejecuten puntualmente los fondos disponibles no correrán el riesgo de perder parte de su dotación financiera. Será más fácil que los ciudadanos sepamos con qué eficacia se gastan nuestros impuestos.

Lina Gálvez Muñoz (S&D). – Señor presidente, un aspecto importante de la revisión del marco financiero plurianual es la Plataforma de Tecnologías Estratégicas para Europa, conocida como STEP, un instrumento para apoyar el desarrollo y la fabricación de tecnologías emergentes que son esenciales para las transiciones ecológica y digital en la Unión y, también, para nuestra autonomía estratégica.

Las y los socialistas apoyamos esta propuesta como un banco de pruebas para un próximo fondo soberano que deberá funcionar como un incentivo muy necesario para acelerar nuestras transformaciones y mejorar nuestra competitividad.

Ahora bien, la disponibilidad de este incentivo de fondos europeos debe estar supeditada a la condicionalidad social y a la creación de empleos de calidad, aspectos en los que hemos hecho hincapié los socialistas, sobre todo desde la perspectiva de empleo. Los nuevos proyectos a los que se adjudiquen fondos deben tener en cuenta dos variables fundamentales: primero, la cohesión territorial y, segundo, esa condicionalidad social, incluida la igualdad de género. Solo así estaremos construyendo más y mejor Europa.

Rosa D'Amato (Verts/ALE). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, STEP: un regolamento che avrebbe dovuto dare una visione della politica industriale europea e finanziarla con risorse fresche per investire in tecnologie strategiche.

STEP: *passo* in italiano. Ma più che *passo* in avanti a me sembra un salto all'indietro: investimenti alla rinfusa, dal fossile allo stoccaggio della CO₂, dagli OGM ai prodotti farmaceutici. Il tutto usando le risorse della politica di coesione, quelle stesse risorse che vanno usate per rimettere in piedi sanità, istruzione, trasporti pubblici sostenibili e sostenere le risorse investite per le micro- e le piccole imprese nelle regioni meno sviluppate.

E invece, ancora una volta si dirottano fondi dai più vulnerabili alle grandi industrie, le stesse che fanno profitti a scapito dei cittadini. Non avete risparmiato nemmeno il Fondo per una transizione giusta. Non si fa la politica industriale europea sottraendo soldi ai territori per le multinazionali. Non basta il poco e male perché è sempre meglio di niente.

Vi avevamo proposto una vera riforma della governance economica e l'abbandono dell'*austerità* e invece avete preferito giochi contabili a danno dei cittadini.

Krzysztof Brejza (PPE). – Panie Przewodniczący! Już za chwilę głosować będziemy nad tym bardzo ważnym sprawozdaniem. Na wyniki tego głosowania czekają nie tylko miliony Ukraińców, ale także miliony europejskich obywateli, naszych obywateli. Bo obywatele Unii Europejskiej wiedzą, że napaść Putina na Ukrainę jest tak naprawdę napaścią na europejskie wartości. Ukraina przelewa dziś krew, opierając się postsowieckiemu imperializmowi. Ukraina broni się przed kremłowskim samodzierżawiem, które od stuleci dusiło Europę Środkową i Wschodnią. Dlatego tak ważna jest pomoc dla Ukrainy i zapewnienie realnego wsparcia dla Kijowa na lata 2024–2027, co przewiduje głosowane dziś sprawozdanie.

Mówimy o 50 miliardach euro, funduszach na odbudowę Ukrainy, na wsparcie regionów, miast, społeczności lokalnej, na odbudowę małych i średnich przedsiębiorstw. Umowa ta otwiera możliwość wykorzystania zablokowanych rosyjskich aktywów, uwzględniając potencjalne dodatkowe dochody w przyszłości, szczególnie określając, że Rosja będzie musiała ponieść pełną odpowiedzialność i pokryć ogromne szkody wynikające z jej agresywnej wojny przeciw Ukrainie. Wykorzystanie zamrożonych środków rosyjskich do odbudowy Ukrainy jest ważnym aktem zadośćuczynienia Ukrainie. Jest moralnym nakazem dla nas wszystkich. Jest to nie tylko wyraz solidarności Unii Europejskiej z Ukrainą, ale również strategiczny krok w kierunku stabilności rozwoju naszego kontynentu. Dlatego mam nadzieję, że to sprawozdanie zostanie przyjęte przez naszą Izbę. Jest to moralnie niezbędne dla nas wszystkich, dla Unii Europejskiej, również dla Ukrainy.

Marcos Ros Sempere (S&D). – Señor presidente, hoy vivimos un día clave, un paso más hacia una verdadera revisión del marco financiero plurianual, un requisito indispensable para la creación del Mecanismo para Ucrania, cincuenta mil millones de apoyo financiero de aquí a 2027, un fondo destinado a las necesidades de reconstrucción y modernización tras la guerra. Necesitamos que la reconstrucción de Ucrania sea sostenible e inclusiva y este fondo va a permitir que Ucrania avance en política regional y en coordinación de instrumentos estructurales.

Además, con la luz verde al establecimiento de la Plataforma de Tecnologías Estratégicas para Europa (STEP) daremos un gran primer paso hacia la autonomía estratégica que tanto demandamos para la Unión Europea: un fondo soberano para la Unión Europea que favorecerá las sinergias entre los programas europeos de fondos existentes y promoverá la complementariedad entre la política de cohesión y otras fuentes de financiación de la Unión Europea.

Necesitamos una política de cohesión del futuro fuerte y adaptada a las consecuencias de crisis futuras.

Dan Nica (S&D). – Domnule președinte, o veste extraordinară pentru industria europeană, greu încercată de criza energetică, de situația pe care am traversat-o ca urmare a agresiunii Rusiei în Ucraina, și pentru industriile care au avut cel mai mult de suferit, cum este industria oțelului din România. Avem acum prevederi care permit ca în România să poată să fie adoptate măsuri de sprijinire a investițiilor, de sprijinire a funcționării acestor entități, care sunt vitale pentru economia României și pentru ceea ce înseamnă partea de reconstrucție pe care cu toții o așteptăm să înceapă cât mai curând în Ucraina.

Astăzi am adoptat aceste prevederi care permit un sprijin, pe lângă industriile care contribuie la decarbonizarea economiei și a industriei europene, și avem această posibilitate de a sprijini decarbonizarea industriilor care sunt mari consumatoare de energie, oțel, aluminiu, să mergem și către zona de ciment și către celelalte zone care permit o reducere a emisiilor de dioxid de carbon și o creștere a producției și care aduc prosperitate, aduc creștere economică și aduc acea plusvaloare pe care toți cetățenii europeni o așteaptă din partea Uniunii Europene. Pentru România, pentru țara mea este o veste extraordinară. Pentru Galați, orașul meu, este o veste extraordinară și acest lucru trebuie să fie cunoscut de către toată lumea.

VORSITZ: KATARINA BARLEY

Vizepräsidentin

Spontane Wortmeldungen

Antonius Manders (PPE). – Voorzitter, ik heb felle sprekers aangehoord. Ze hebben het allemaal over de herziening van het meerjarig financieel kader. Terecht. Goed dat we hierover gaan stemmen, maar ik heb niemand gehoord die ook heren der besparingen wil doorvoeren in de begroting.

Ik ben blij dat de Commissie daar zit en dat de Raad er is. Ik heb een resolutie opgesteld over preventieve gezondheid. We geven per jaar in Europa 300 miljard uit aan hart- en vaatziekten en volgens de WHO is 70 % daarvan levensstijl-gebonden, dus te wijten aan een verkeerde levensstijl. Ik roep de collega's op om tijdens de volgende sessie de resolutie mee te ondertekenen om in een volgend werkprogramma van de Commissie van preventieve gezondheidszorg een speerpunt te maken, opdat we honderden miljarden kunnen besparen voor andere doelen.

Maria Grapini (S&D). – Doamnă președintă, domnule comisar, stimați colegi, sigur că este un pas și este primul pe care îl facem pentru revizuirea cadrului financiar, dar eu sunt sceptică pentru că, domnule comisar, ați spus cumva, la sfârșitul prezentării dumneavoastră, „necesitatea de creștere a competitivității”? Eu vorbesc din perspectiva pieței interne, sunt vicepreședinta pieței interne. Nu e normal să revizuim și să tăiem exact fondurile care ar putea să ducă la coeziune socială, care ar putea să ducă la competitivitate, care ar putea să ducă la reindustrializare, pentru că aici suntem în urma celorlalte state și, sigur, să ducă la această coeziune și acest echilibru geografic.

De aceea, cred că ceea ce Comisia ne trimite și Parlamentul muncește să corecteze, Consiliul demolează – și nu e prima dată când demolează, fragmentează piața, ia decizii care nu au legătură decât politic, nu cu ceea ce avem noi nevoie și ce au nevoie cetățenii până la urmă. Dacă nu vom avea industrie, nu avem locuri de muncă, dacă nu avem industrie competitivă, nu putem avea salarii mari și oamenii sărăcesc pe zi ce trece.

Georgios Kyrtos (Renew). – Madam President, I believe we are doing a lot to support Ukraine in economic, budgetary and military terms. Nevertheless, the needs of Ukraine are not defined by us, but by Russia, which is conducting an aggressive war against Ukraine.

During the months that we have been discussing the Ukraine Facility, Russia intensified the destruction of the Ukrainian economy and basic infrastructure. Russian occupying forces advanced further in Ukraine. The USA stopped supporting Ukraine due to the political confrontation between the Republicans and Democrats. Finally, according to President Zelenskyy, the EU is falling behind in fulfilling some of its obligations towards Ukraine.

Now is the time to strengthen our resolve and support Ukraine promptly and in an even larger scale than we are discussing.

João Pimenta Lopes (The Left). – Senhora Presidente, esta revisão comporta mais de 64 mil milhões de euros, determinados não pela justa resposta aos problemas com que os trabalhadores e os povos se confrontam, mas por outros e contraditórios interesses.

No essencial, mais dinheiro para o militarismo, para o prolongamento da guerra, com todas as suas dramáticas e graves consequências para os povos, enquanto se cortam áreas que, ao invés, importaria repor e reforçar, como a coesão e fundos estruturais, agravando problemas e dificuldades existentes, acentuando a divergência entre países.

Fossem os trabalhadores e os povos a prioridade e o orçamento teria outras opções, partindo das diferentes realidades nacionais, contribuindo para a melhoria das condições de vida e o combate às desigualdades e injustiças sociais.

O incremento do investimento produtivo, priorizando os países com défices produtivos persistentes, a melhoria e modernização dos serviços públicos, a defesa da natureza, o combate às alterações climáticas e o uso sustentável dos recursos naturais, a diminuição das assimetrias territoriais, a promoção da paz e da cooperação. É isto que faz falta, é a isto que continuam a não responder.

Seán Kelly (PPE). – *A Uachtarán*, it's one thing to have a plan, it is another thing to implement it, and if things change you have to adjust it. That's what we are talking about today.

Things have changed, obviously, with the war in Ukraine and I agree completely with the Ukraine Facility. We should pass it unanimously if possible. Because it is not just the finance, it is also the moral support. When you're being attacked, moral support is hugely important, and especially now that the USA, unfortunately, is dithering.

Secondly, we have climate change and the Green Deal. The Green Deal has to be implemented. It needs a lot of resources so that nobody is left behind and we have a just transition.

Thirdly, competitiveness. We have lost competitiveness in Europe. If you're not competitive, you're not at the races. We need to get back into the race and not just into the race: we need to be at the head of the field. That is hugely important. If we can do that, everything else will flow from it.

Łukasz Kohut (S&D). – Pani Przewodnicząca! Jeżeli natychmiast nie wyślemy broni do Kijowa, to nie będzie niestety żadnego instrumentu na rzecz odbudowy Ukrainy, bo jej już nie będzie, będzie Rosja u naszych granic. Jeśli Kijów upadnie, to przyjdzie czas na Berlin, Bratysławę czy Wiedeń. Zło się nie zatrzyma. Nie miejcie złudzeń. Zrobią Wam i nam to, co robili 80 lat temu. Nie będzie odbudowy, będzie destrukcja, mordy, gwałty i deportacje. Oni się nie zmienili. Rosja Putina to jest imperium zła, a Ukraina przelewa krew za nasze bezpieczeństwo.

Ukraina przegrywa, bo pomoc Zachodu dociera zbyt późno i jest jej zbyt mało. Europo, bierz przykład z prezydenta Pavla, który znalazł pociski dla Ukrainy. Bierz przykład z ministra Sikorskiego, który walczy o wsparcie w Stanach Zjednoczonych. Broń i wsparcie dla Ukrainy albo Wasze dzieci zostaną żołnierzami.

Marc Botenga (The Left). – Madame la Présidente, l'Europe, avec la complicité du gouvernement belge, nous répète sans discontinuer qu'il n'y a plus d'argent, ni pour les pensions, ni pour l'enseignement, ni pour la santé. Au contraire, on nous dit que la Belgique devra encore, dans les années à venir, économiser 30 milliards d'euros. C'est énorme, tandis que les gens n'arrivent déjà plus à boucler les fins de mois!

Qu'est-ce qu'on a là? Évidemment, le manque de volonté de taxer les millionnaires, le manque de volonté de taxer les surprofits des multinationales. Mais ici, aujourd'hui, on vient me raconter qu'on peut envoyer 50 milliards d'euros à l'Ukraine. Donc de l'argent, il y en a, et il y en a jusqu'en 2027. Mais comment se fait-il que pour la guerre, pour l'Ukraine, on trouve toujours de l'argent, mais que pour les travailleurs, c'est toujours un souci, c'est toujours trop compliqué? Et vous, ici, des Verts socialistes jusqu'à la droite, vous applaudissez. Taxez plutôt les surprofits, taxez les millionnaires et investissez dans la paix.

(Ende der spontanen Wortmeldungen)

Johannes Hahn, Member of the Commission. – Madam President, thank you for this debate, and once again, thank you for this strong support concerning Ukraine.

I think we all together can be proud about what will be voted very soon. Why? Because when the Commission proposed eight months ago, in June last year, this Ukraine support package of EUR 50 billion, there was immediately a very positive reaction by Member States and the majority of this House.

There was no debate that Ukraine needs the money. Why? Because Ukraine is fighting also for us and it's about defending our rule-based world order. It's about their territorial sovereignty. And if we don't stop, so to say, this thinking that one can invade and can use his power to violate the territorial integrity of a country, then Ukraine is now and others might be the next ones. And this is why it is so important to support them.

And by the way, there was never an issue that Ukraine does not need the money, quite the opposite: urgently. There is an urgent need to get the money, because what we are contributing monthly is around one third of the monthly cost of the state to keep the state up and running and to provide the necessary financial means.

And I think we can also be proud because there will be an overwhelming majority in this House. You are not forced to desperately search for each vote like it is the case in the House of Representatives in the US. Twenty-six Member States have immediately reacted positively and the last one followed. So we can be satisfied, in a way, that at the end of the day, there was a unanimous decision in the Council and there will be an overwhelming decision here in the House.

And this is an expression of how Europe stands at the side of Ukraine. And it's also important as a signal to other partners, allies, in the world – not only to the US but also to Japan, UK and others, you name it – that we are ready to provide the necessary financial means in a multiannual perspective. And this is what we have achieved and what we have done.

Number two, a lot of debate has taken place today, also on STEP. I think here we also should not underestimate the achievements we have achieved during the discussions and negotiations in terms of the regulatory side. Of course, I also would have liked to get more money, fresh money, but it is always a kind of compromise. But what we have achieved – and this will pay off in the future and I am pretty sure significantly – is the, so to say, the streamlining of different programmes which are now applicable for STEP. And this will be certainly an indication how the future could look like of the next MFF: less programmes, better accessibility for final beneficiaries and at the end of the day, a faster use and absorption of available support by the European Union. And this will further contribute to more competitiveness on the European side.

But of course a lot has to be done by Member States but also by the private sector. Here, more and better cooperation is needed. But I think STEP can really serve as a first step in the right direction.

So once again, thank you for the debates in the past, for preparing everything for today. And I think you are ready to vote and once again, thank you in advance for the strong support here in the House to, in particular, the Ukraine facility.

Mathieu Michel, *président en exercice du Conseil*. – Madame la Présidente, honorables parlementaires, chers membres de la Commission, je tiens à vous remercier pour ce débat, pour votre engagement et pour votre travail sur ces dossiers, dans des délais qui étaient extrêmement courts, et souligner qu'il s'agit d'une réussite importante dont nous pouvons être fiers.

J'ai entendu que certains déplorent une partie des redéploiements et des choix effectués. J'aimerais donc clarifier certains points. Au sein de ce CFP révisé, la recherche reste clairement une priorité, non seulement pour le Parlement européen, mais aussi pour les États membres. Sur cette ligne, je voudrais rappeler que dans le CFP actuel, le programme Horizon a été renforcé de 5,4 milliards d'euros de NextGenerationEU.

L'Accord obtenu sur la révision du CFP est un accord équilibré où tous les secteurs ont été appelés à contribuer au financement des nouvelles priorités, y compris la recherche. Je suis profondément convaincu que le résultat est très positif, compte tenu des difficultés auxquelles nous avons été confrontés dans ces négociations. En ce qui concerne le programme STEP, comme nous l'avons souligné à plusieurs reprises, la compétitivité des entreprises européennes est une très haute priorité pour le Conseil et la présidence belge. Cependant, nous faisons face à plusieurs nouveaux défis et la disponibilité des ressources financières est limitée. Les évaluations prévues dans le règlement STEP nous donneront la possibilité de mesurer les effets de nos choix et de les repenser si nécessaire. Grâce à notre accord sur la révision du CFP, nous allons aussi assurer un soutien stable à long terme pour l'Ukraine. En outre, nous disposerons d'un certain niveau de flexibilité pour adapter les paiements en fonction des besoins et concentrer les paiements en début de période ou fournir une aide extraordinaire à un stade ultérieur si nécessaire. Cet accord nous permet aussi de dégager des moyens pour d'autres priorités, comme la migration, les défis extérieurs, le Fonds européen de la défense ainsi que la réserve de solidarité et d'aide d'urgence.

Ensemble, nous envoyons un message d'unité face aux nouveaux défis et de solidarité avec nos amis en Ukraine et ailleurs.

Jan Olbrycht, *rapporteur*. – Madam President, Commissioner, Minister, this debate has always showed very clearly what is going on in the European Parliament. Because of the changes in the budget, we have the very clear presentation of anti-Europeans and pro-Europeans, even the pacifists who are now becoming pro-Russians. So, I think this is quite a typical situation. But the big majority is on a very clear mainstream and very, very pro-democratic.

Of course, what showed this debate and of course the whole work is that this kind of timing, because of the *chantage*, blackmailing, is absolutely unacceptable, because the Parliament is pushed to the wall and cannot any space of manoeuvre. So, this was absolutely unacceptable and we know very well what are the critical and negative elements of the result.

But when you compare the positive and negative, I mean there are much more positive elements which now happened with the MFF. I would like to say that we know very well that the budget is not big enough, is not prepared to face the new challenges. This is very clear, it's not flexible.

But still, thanks to the work of the European Commission, and I would like to also thank the Belgian Presidency for a very constructive way that, pushed to the wall, we managed to finalise and to find a compromise. I would like to also to thank my co-rapporteur, Margarida Marques, and also our staff, very competent professionals who helped us in the whole process.

Margarida Marques, relatora. – Senhora Presidente, Senhor Secretário de Estado, Senhor Comissário, efetivamente, o que foi acordado não é ótimo para termos os resultados que os cidadãos esperam de nós. Sabemos que a confiança da União Europeia faz-se com resultados e, temos repetido várias vezes nesta Casa, o financiamento da União Europeia, das políticas, das prioridades europeias, tem de ser coerente com a ambição política para o que queremos hoje e para o futuro.

Não podemos querer reforçar a autonomia estratégica da União Europeia, ou fazer as transições verde ou digital, ou combater as enormes desigualdades que vivemos na União Europeia, sejam sociais, sejam geográficas, ou valorizar as pessoas ou reforçar a capacidade de defesa da União Europeia, particularmente no atual contexto mundial, sem os recursos financeiros que estes desafios exigem.

Fica por fazer, e é uma urgência começar a trabalhar na criação de uma capacidade de investimento ao nível europeu após 2026, pós-NextGenerationEU. Fica por fazer, e é uma urgência começar a trabalhar numa nova arquitetura do orçamento da União Europeia apropriada que permita à União Europeia receber novos Estados-Membros.

Finalmente, nada disto se fará sem o respeito dos compromissos do Acordo Interinstitucional no financiamento destes novos desafios, a aprovação atempada de novos recursos próprios. Temos um calendário bem definido, basta respeitá-lo. A entrada de novos recursos próprios no orçamento da União Europeia é urgente.

Finalmente, quero agradecer ao correlator, Jan Olbrycht, a todas as equipas que nos apoiaram durante este longo trabalho e também agradecer à Presidência e à Comissão a possibilidade que tivemos de fazer, pela primeira vez, a revisão do orçamento plurianual da União Europeia e chegar a um acordo que permite responder no imediato aos novos desafios.

Michael Gahler, Berichterstatter. – Frau Präsidentin, liebe Kolleginnen und Kollegen! Ich möchte noch einmal daran erinnern, warum wir die 50 Milliarden Euro für die Ukraine auch ausgeben: weil die Ukraine Teil Europas ist, weil die Ukraine sich und uns verteidigt, weil der Ukraine-Spirit auch die EU stärken wird. Er macht bewusst, welche Werte wir verteidigen. Er stärkt unsere Resilienz, befördert nicht nur die ukrainische, sondern auch die europäische Kreativität und Dynamik, eröffnet Zugang zu neuen Ressourcen und schafft insgesamt neue Möglichkeiten für europäische Gemeinsamkeit.

Aber vergessen wir nicht: Die Ukraine zahlt auch den höchsten Preis – tote, verletzte und traumatisierte Soldaten und Zivilisten, Zerstörung von Infrastruktur und Privatvermögen und der Umwelt. Wir müssen helfen – nicht „for as long as it takes“, sondern „whatever it takes“. Mit der Fazilität – und das ist vielen ein besonderes Anliegen – wollen wir die kommunale Selbstverwaltung und den Mittelstand mit spezifischen Finanzierungsanteilen stärken.

Unsere europäische Erfahrung zeigt: Sie gedeihen besonders gut in Freiheit. Freiheit wird durch Demokratie und Rechtsstaat gesichert. Eine Demokratie braucht Repräsentanten, Volksvertreter auf allen Ebenen und unbeschränkte freie Medien. Parlamentarier müssen reisen dürfen, sich austauschen, uns informieren, ukrainische Anliegen unter das westeuropäische Volk bringen. Ich kritisiere daher die undemokratischen Reisesperren für Mitglieder der Rada. Das erinnert mich schon an vergangene Zeiten.

Aber wir stärken mit der Fazilität nicht nur Mittelstand und kommunale Selbstverwaltung, sondern auch die Zivilgesellschaft und die Mechanismen der Überprüfung der Mittelverwendung. Das erwarten auch die Bürgerinnen und Bürger der EU von uns und die Ukrainer von der eigenen Regierung. Daher bin ich überzeugt: Unsere finanziellen Hilfen sind gut angelegt. Sie werden die Ukraine stärken und wir werden in der EU auch davon profitieren. Ich hoffe, wir finden Mittel und Wege, die eingefrorenen russischen Gelder am Ende zu konfiszieren. Russland muss für seine Verbrechen bezahlen. Okkupanty, domo! Slawa Ukrajini!

Eider Gardiazabal Rubial, ponente. – Señora presidenta, acabamos aquí el debate que hemos tenido de tres expedientes fundamentales. Uno de ellos es la revisión del marco financiero plurianual; como decíamos, es la primera vez en la historia que de verdad se revisa el marco financiero plurianual con más financiación para los programas. Otro de ellos es el Mecanismo para Ucrania; se trata por fin de un plan estructurado para ayudar a los ucranianos a resistir y a vencer. Y, por último, la Plataforma STEP, que es la primera piedra de ese camino hacia la autonomía estratégica.

Han sido seis ponentes, hemos sido seis ponentes, tres comisiones, muchos ponentes alternativos de otros grupos políticos, han sido grandes equipos de trabajo. Yo creo que hemos trabajado coordinados, hemos trabajado para mejorar las propuestas y sinceramente creo que lo hemos conseguido.

Así que estoy convencida de que estas negociaciones, estos acuerdos, van a tener un gran apoyo, que van a ser refrendados ampliamente y de que por fin, en el caso de Ucrania, el dinero va a llegar en los próximos días.

Pero esto no es el punto final de ninguna discusión, porque en cuanto aprobemos esto tenemos que empezar a trabajar ya en las próximas propuestas. Tenemos que empezar ya a pensar, a diseñar, cómo tiene que ser el próximo marco financiero plurianual, cómo tiene que ser la nueva capacidad fiscal. Y no hace falta esperar al informe Draghi —que leeremos todos con mucho interés— para saber que hacen falta cientos de miles de millones de euros si queremos ponernos al día en competitividad, si queremos ponernos a la altura de China o a la altura de Estados Unidos.

De lo que estamos hablando es casi de un plan de recuperación anual, en términos de volúmenes, y, por lo tanto, tenemos que empezar a diseñar esos planes a ver cómo los incorporamos en el marco financiero plurianual de 2028, pero no podemos esperar a 2028 para poner en marcha estas nuevas capacidades.

Tenemos que ver, sobre todo, cómo lo vamos a financiar, porque todavía están pendientes los recursos propios para poder financiar el plan de recuperación y tendremos que seguir buscando recursos allí donde más hay: en los ricos, en las empresas, en los superpatrimonios, para poder financiar toda esta gran inversión pública y privada, porque si no nos vamos a quedar atrás y eso no lo podemos permitir.

José Manuel Fernandes, relator. – Senhora Presidente, o STEP permite financiar tecnologias emergentes, projetos estratégicos, é uma oportunidade que não podemos perder, que não podemos desperdiçar.

Todas as empresas são elegíveis, mas as pequenas e médias empresas têm um enfoque especial. As competências, também elas terão de ser utilizadas e também elas terão de ser melhoradas e o STEP assim o permite. Podemos e temos a obrigação de melhorar salários e atrair talentos para a União Europeia.

Os Estados-Membros ganham flexibilidade e não é só a política de coesão que pode ser usada a 100 %. Através dos planos de recuperação e resiliência, pode-se colocar até 6 % do montante nacional no compartimento nacional do InvestEU, o que possibilitará criar instrumentos financeiros e específicos para este objetivo.

Para além disso, nós temos ainda uma obrigação, que é de não permitirmos que os fundos europeus sejam utilizados para empresas que estejam em países terceiros e, por exemplo, para empresas chinesas. E há que proteger, Senhor Comissário, o orçamento do Parlamento Europeu e chegaríamos, se assim não fosse, ao cúmulo de o financiamento poder ser usado para empresas que diminuam a nossa autonomia estratégica em vez de a reforçar.

E, por fim, para o Conselho, eu tenho dito sempre isto, vocês têm 40 mil milhões de euros em cima da mesa para decidir, 40 mil milhões de euros de receitas novas que não penalizam os cidadãos. Porque é que não iniciam o processo? O Orçamento da União Europeia é tão pequeno! Para além disso, podem adicionar-lhe, por exemplo, uma taxa sobre as transações financeiras.

O egoísmo nacional não resolve, querer meter o dinheiro e as receitas nos orçamentos nacionais, quando o orçamento europeu é uma mais-valia, não é uma boa solução o que vocês estão a fazer. Decidam a favor dos europeus, nós precisamos de um orçamento reforçado que dê competitividade, autonomia estratégica, coesão e sustentabilidade à União Europeia.

Cristian-Silviu Bușoi, rapporteur. – Madam President, dear colleagues, it was a very interesting and constructive debate. Competition for global technological dominance is raging, especially for control over the fundamental technologies of the 21st century, such as artificial intelligence, 5G, semiconductors, green technologies and biotechnologies.

Many of the major economies have put specific schemes in place to support their net-zero and digital industries, and we are very much incentivised and inspired by the Inflation Reduction Act, the instrument of our strategic ally, the United States of America. So this was an example that we should act as soon as possible. Therefore, our European industrial policy requires common European funding – and STEP and the Net Zero Industry Act is the right step in this direction.

Of course, due to the necessary cuts in the MFF revision, some of the discussion turned into a discussion around structural funds. We need to find solutions also for the EU4Health programme and others. But do not forget that STEP is a platform that combines existing and new financial instruments to channel funding towards the development or manufacturing of strategic technologies.

Parliament once again was very successful in getting the complete alignment between NZIA and STEP, covering all technologies and all supply chains, prioritising those strategic projects that will strengthen the competitiveness. And competitiveness and new industrial deal will be extremely important and topical for the near future and for the coming years.

The keywords for STEP are innovative and cutting-edge technologies to power innovative technology solutions and give European Union companies the support they really need to unleash their potential while transforming the Union.

Die Präsidentin. – Die gemeinsame Aussprache ist geschlossen.

Die Abstimmung findet heute, 27. Februar 2024, statt.

3. Cartas de condução (debate)

Die Präsidentin. – Als nächster Punkt der Tagesordnung folgt die Aussprache über den Bericht von Karima Delli im Namen des Ausschusses für Verkehr und Tourismus über den Vorschlag für eine Richtlinie des Europäischen Parlaments und des Rates über den Führerschein, zur Änderung der Richtlinie (EU) 2022/2561 des Europäischen Parlaments und des Rates, der Verordnung (EU) 2018/1724 des Europäischen Parlaments und des Rates und zur Aufhebung der Richtlinie 2006/126/EG des Europäischen Parlaments und des Rates und der Verordnung (EU) Nr. 383/2012 der Kommission (COM(2023)0127 – C9-0035/2023 – 2023/0053(COD)) (A9-0445/2023).

Karima Delli, rapporteure. – Madame la Présidente, mes chers collègues, un mort sur la route, c'est toujours un mort de trop. Un blessé sur les routes, c'est toujours un drame qui aurait pu être évité. Vous l'aurez compris, je ne crois à aucune fatalité en matière d'accident de la route, et l'Europe non plus. Rappelez-vous, dans cette maison qu'on appelle le Parlement européen, nous avons collectivement adopté une feuille de route qui fixe un objectif qui a la force d'être simple et clair: zéro mort sur nos routes en 2050, zéro blessé grave sur les routes en 2050. Aujourd'hui, les chiffres sont terribles et vous les connaissez: 20 000 morts par an sur les routes de l'Union européenne et plus de 160 000 blessés.

Mais le nombre de blessés ne s'arrête pas là. Dans un accident de la route, il y a toujours au moins deux victimes, l'accidenté et le conducteur responsable. Maintenant, faites le calcul: combien de vies brisées? Combien de familles détruites? Cette directive sur le permis de conduire européen, ce n'est ni plus ni moins qu'un outil au service de la sécurité routière. C'est cette philosophie qui a animé nos débats, et c'est donc par ce prisme qu'il faut prendre les choses. C'est par la formation, par la prévention, par des règles simples et de bon sens que nous renforcerons la sécurité sur toutes nos routes.

La finalité de cette directive est de sauver des vies, c'est notre seule volonté. Oui, l'Europe doit avancer ensemble sur la question du permis. Mais ce chemin, nous le connaissons. Nombre d'entre vous l'ont déjà parcouru puisque vous êtes quatorze États membres déjà, c'est-à-dire une majorité, à avoir adopté cette fameuse visite médicale obligatoire: le Portugal, l'Espagne, l'Italie, la République tchèque, la Grèce, les Pays-Bas, le Danemark, la Finlande, la Belgique, la Hongrie, et la Lituanie. Oui, je le dis très fort et bien haut dans cet hémicycle, une majorité d'États membres l'ont mis en place, et c'est important.

On peut regarder ailleurs, mais même ailleurs, on le fait en Argentine, en Suisse et tant d'autres pays dans le monde. Nous vous proposons aujourd'hui cette visite qui aura lieu tout au long de la vie, parce que notre condition physique évolue et que l'âge n'est pas le seul facteur qui peut altérer la conduite. Voyez les choses comme cela: c'est un geste de bon sens, véritablement un geste simple, comme une deuxième ceinture de sécurité. Notre Parlement peut envoyer un message historique face à des drames qu'on ne peut qualifier.

Je dois vous avouer que, dans ma carrière de député européenne, jamais je n'ai reçu autant de témoignages, jamais je n'ai ressenti autant de souffrance, jamais je n'avais réalisé que n'importe qui d'entre nous, du jour au lendemain, peut avoir un accident grave, et en une fraction de seconde basculer dans le camp des victimes.

Je veux rendre ici quelques témoignages que j'ai reçus. Pauline, ici dans le public, devenue athlète paralympique après avoir été fauchée par un automobiliste de 90 ans, transformant son combat en véritable volonté de faire de cette législation une grande législation. Floraine, 27 ans, également présente ici dans notre hémicycle, et je vous remercie. Floraine a perdu sa maman, Jacqueline, il y a trois mois, renversée par un automobiliste certainement inapte à conduire. Il y a aussi Anne-Laure, infirmière, qui voit des patients qui marchent en déambulateur, mais qui continuent de conduire. Virginie, gestionnaire en assurances, qui voit trop d'accidents qui auraient pu être évités grâce à une loi. Yannick, chauffeur de poids lourd, qui est contrôlé en France tous les cinq ans, qui ne voit pas pourquoi cette mesure ne devrait pas être élargie à l'ensemble des conducteurs. Et Camille, qui a dû elle-même retirer les clés de voiture à sa grand-mère il y a dix ans, car elle avait peur pour elle.

J'arrête là, mes chers collègues, car ils sont très nombreux, mais eux, ils osent lever les tabous, ils osent lever la tête parce que cela demande un engagement réel, politique. Je vous le dis, je compte sur vous. On a besoin de légiférer parce que si nous ne légiférons pas, vous serez condamnés demain pour non-assistance à personne potentiellement en danger. Mes chers collègues, demain aura lieu le vote, je compte sur vous. Nous avons cette capacité à pouvoir dire haut et fort: «Le Parlement européen peut sauver des vies».

Dubravka Šuica, Vice-President of the Commission. – Madam President, honourable Members, on behalf of my colleague, Commissioner Vălean, who cannot participate in this debate due to other institutional commitments, I would like to thank the TRAN Chair, Karima Delli, the shadow rapporteurs and the rest of the Committee for their quick and constructive work on our proposal to update the Driving Licence Directive.

This is a historic piece of legislation, if adopted. This will be the fourth such directive since the original one adopted in 1980. Today, we are so used to the fact that we can drive across the European Union with one driving licence that it seems difficult to imagine when driving licences were not automatically recognised between Member States.

Since 1980, we have gathered countless best practices, closed loopholes, implemented important reforms and adapted to a changing world. The revision again improves what we already have. It does not seek to reinvent the wheel, and I would ask you not to support amendments that could hamper the elements which would work well and are the basis of a well-established system.

Amendments to the definitions and minimum-age requirements currently in force fall into this category. These are especially important for categories B and B1. I would also like to remind you that introducing the concept of demerit points to the directive is problematic, as this would likely prove to be technically challenging to implement considering there is no harmonisation of road traffic offences and penalties at the European level. Moreover, demerit points schemes, where these are used, vary significantly from one Member State to another.

I would ask you to instead focus on issues on which we put attention when drafting the proposal. One concerns the accompanying driver scheme in the European Union. We are proposing that it should be open to 17-year-olds for licence categories B and C, as we wish to build on the positive results seen in the Member States that already have such a system. We now want to make the scheme mandatory. Anything less will cancel out the positive impact on road safety, and it will also diminish its contribution to tackling the current shortage of professional drivers. I want to remind you once again that the road freight sector had around 400 000 unfilled positions at the last count.

I would also ask for your support for our proposal to raise the minimum standards used to ensure fitness to drive. This applies to all drivers, regardless of age. Today, Member States have no mechanism in place to ensure that category A and B licence holders are medically fit when they renew their licence 15, 30 or 45 years, or even longer, after it was issued. We want to make clear that all drivers who are fit to drive should be allowed to do so.

However, holding a driving licence is not only about entitlements, it is also about responsibilities. Between 5% and 15% of all traffic accidents can be attributed to the driver's medical fitness. I want to make reminder that the Commission chose to include in its proposal the possibility to do a self-assessment, which we still believe to be viable and proportionate on our way forward. I would urge you to support amendments that uphold our level of ambition, so that we can help citizens understand when it is safe to drive.

Finally, I would like to thank you for your support on the probationary period for novice drivers, the European Union digital driving licence, the new system for the exchange of third-country driving licences and the easing of language requirements for driving licence applicants living in Member States other than their own. Each of these measures is key to ensuring that the fourth Driving Licence Directive achieves its goal: greater road safety and facilitation of free movement within the European Union.

I look forward to this interesting debate and to the adoption of your report, which I am certain will help improve safety on our roads and will offer more opportunities for our citizens wanting to exercise the right to free movement.

Elżbieta Katarzyna Łukacijewska, w imieniu grupy PPE. – Pani Przewodnicząca! Pani Komisarz! Szanowni Państwo! Dyrektywa Driving Licence z Komisji Transportu została przyjęta zaledwie jednym głosem. Dwudziestu dwóch eurodeputowanych głosowało za, dwadziestu jeden przeciw. To pokazuje, ile ona wzbudza kontrowersji. Uważam, że my jako reprezentanci mieszkańców Europy w Parlamencie Europejskim powinniśmy tworzyć takie rozwiązania, które ułatwiają, upraszczają i ograniczają obciążenia biurokratyczne, które są reakcją na potrzeby, wyzwania i możliwości, które likwidują istniejące bariery i zwiększają bezpieczeństwo. I tym właśnie kierowałam się pracując w imieniu grupy PPE nad tą dyrektywą.

Cieszę się, że podczas prac w Komisji Transportu udało się odrzucić wiele kontrowersyjnych poprawek czy przepisów, a przyjąć te, które są oczekiwane w Europie, jak chociażby wprowadzenie cyfrowego prawa jazdy czy koncepcji tymczasowego prawa jazdy, które umożliwi obywatelom Unii Europejskiej uzyskanie zaświadczenia, które będzie ważne na terenie całej Europy, które potwierdza prawo do prowadzenia pojazdu w przypadku utraty lub kradzieży prawa jazdy.

Niestety, jako grupa PPE nie możemy zgodzić się z obowiązkowymi badaniami medycznymi, zwłaszcza jeżeli opierają się one wyłącznie na kryterium wieku, a nie na obiektywnych warunkach zdrowotnych jako jedynej formie weryfikacji zdolności do prowadzenia pojazdu. Zdecydowanie popieramy uznawanie istniejących różnorodnych systemów krajowych, często bardziej ekonomicznych i skutecznych. Nie możemy się także zgodzić na wprowadzenie unijnego systemu punktów karnych. Jest to sprzeczne z traktatami, z zasadą subsydiarności. Jako PPE popieramy propozycje, które ułatwiają młodym ludziom wejście na rynek pracy jako kierowcy, przy spełnieniu oczywiście ściśle określonych warunków.

Szanowni Państwo! Wierzę, że w głosowaniach odrzucimy nieakceptowalne społecznie poprawki, a przyjmimy te, których celem jest poprawa bezpieczeństwa, ucyfrowienie, zwiększenie liczby kierowców i ułatwienia zwłaszcza dla młodych kierowców. Na zakończenie chciałabym podziękować wszystkim za współpracę i liczę na dobre głosowanie, bo na to też czekają mieszkańcy Europy, a nie chciałabym, żeby poprzez nasze decyzje wielu naszych wyborców zostało zniechęconych do Unii Europejskiej, bo tym samym otwieramy drzwi dla tych, którzy są przeciwni Wspólnocie Europejskiej.

Achille Variati, a nome del gruppo S&D. – Signora Presidente, onorevoli colleghi, la relazione sulla revisione della direttiva sulle patenti di guida mira ad armonizzare maggiormente a livello UE i requisiti per la patente di guida, con alcune novità, come le misure per i neopatentati o la nuova patente digitale.

Sappiamo bene che il punto di maggiore discussione è quello dei controlli medici obbligatori: lo ritengo uno dei punti fondamentali per garantire un alto livello di sicurezza stradale. In questo modo, infatti, l'integrità fisica di un conducente è valutata in maniera oggettiva da un professionista qualificato. So che in alcuni Stati membri questo non avviene e la visita medica è sostituita con un'autocertificazione. Penso però che, come legislatori, dobbiamo sempre tener fermo il principio di precauzione e garantire i più alti livelli di sicurezza. Penso ad esempio al controllo della vista, che è un elemento imprescindibile per un conducente, la cui perdita di diottrie è difficilmente riscontrabile con una valutazione personale.

Per questa ragione mi auguro che domani la plenaria confermi la posizione della commissione Trasporti e dia un segnale chiaro, vorrei dire storico, in favore di una maggiore sicurezza stradale.

Dominique Riquet, *au nom du groupe Renew*. – Madame la Présidente, mes chers collègues, le Parlement européen va se prononcer demain sur un texte majeur pour le renforcement de la sécurité routière en Europe, à savoir la révision de la directive sur le permis de conduire. Ce texte contient une mesure controversée mais nécessaire sur laquelle je m'étendrai, c'est l'instauration d'un examen médical obligatoire tous les quinze ans lors du renouvellement administratif de ce permis, afin de juger des aptitudes physiques et mentales des conducteurs.

Cette systématisation de l'examen médical, déjà mise en place dans un certain nombre d'États membres, n'est pas destinée à pénaliser les conducteurs, mais à protéger l'ensemble des usagers de l'espace public. Et elle n'est pas à ce titre une attaque contre le permis de conduire. Comment justifier d'ailleurs que nos véhicules puissent faire l'objet de contrôles techniques réguliers, obligatoires et rythmés alors que les conducteurs ne sont jamais vérifiés? Il s'agit, non pas de s'en prendre à la mobilité, mais d'assurer une mobilité sécurisée, comme c'était le cas avec la ceinture de sécurité, qui a fait l'objet des mêmes débats que l'examen médical il y a de cela 40 ans, et que plus personne ne songerait maintenant à remettre en cause.

À ceux qui fustigent que l'Europe intervienne au sujet d'un permis de conduire qui concerne tout un espace européen de liberté de circuler, je réponds qu'il y a au contraire une nécessité urgente à harmoniser. Pour terminer, je dirai que, comme législateurs, nous avons la possibilité d'améliorer la sécurité de tous les usagers de la voie publique. Nous serons donc comptables par notre vote de toutes les vies qui seront gagnées ou gâchées ou perdues.

Anna Deparnay-Grunenberg, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Frau Präsidentin, meine Damen und Herren, liebe Karima! Europa wächst zusammen, und wir machen den europäischen Führerschein zukunftstauglich. Unsere Vision dabei ist natürlich null Verkehrstote in Europa bis 2050. Um die Sicherheit auf unseren Straßen zu erhöhen, haben wir uns die besten Erfahrungen der Mitgliedstaaten angeschaut und machen sie nun teilweise europaweit eben zur Regel.

In Deutschland zum Beispiel trägt das begleitete Fahren, was ich zurzeit auch mit meinen Kindern üben durfte, hochgradig dazu bei, dass wir bei Fahranfängern ein besseres Fahren sehen. Auch die aus Spanien bekannten und gerade angesprochenen Gesundheitschecks bei der administrativen Verlängerung des Führerscheins tragen zur erhöhten Sicherheit bei. Wir sind dafür, dass diese Fahrtauglichkeit nun alle 15 Jahre geprüft werden soll. Wir freuen uns auf diesen EU-weiten digitalen Führerschein. Klar ist: Nach wie vor werden viele Details noch den Ländern überlassen, aber wir sind gespannt auf die Verhandlungen im Trilog. Wir müssen unser Ziel im Zusammenhang mit der „Vision Null“ für 2050 im Kopf behalten. Es geht um die Sicherheit auf der Straße und weniger Tote in der Zukunft.

Peter Lundgren, *för ECR-gruppen*. – Fru talman! Som tidigare lastbilschaufför och ledamot av Europaparlamentet är jag oerhört stolt över att kunna dela med mig av mina erfarenheter och förbättra EU:s transportsektor. 2018 ledde jag det förra direktivet om körkort, med innovationer inom utbildning och praktiska åtgärder som att öka B-körkortet till 4 250 kilo för elektriska fordon, undervisning i montering av snökedjor och inrättandet av ett EU-register för att upptäcka falska körkort. Dessa insatser har lett till en betydande minskning av trafikdöden i EU. Det är en prestation som vi kan vara stolta över.

I början hade jag allvarliga farhågor om denna revidering av direktivet, ledd av de gröna, när förslagen enbart syftade till att frontalattacker SUV:ar och unga förare. Ett specifikt SUV-körkort och en maximal hastighet på 90 kilometer i timmen för nya förare föreslogs. Lyckligtvis lyckades vi behålla fokus på trafiksäkerhet under förhandlingarna. Detta är ett underbart resultat som också visar hur värdefull praktisk erfarenhet är i den politiska beslutsprocessen.

Marco Campomenosi, *a nome del gruppo ID*. – Signora Presidente, Signora Commissaria, onorevoli colleghi, probabilmente siamo arrivati a un periodo della legislatura che non è il più adatto per discutere di questi temi, perché ci sono strumentalizzazioni, i gruppi sono divisi, il mio gruppo è diviso e probabilmente la mia posizione non è quella di tanti colleghi. Ma il tema della sicurezza è importante, la relatrice l'ha detto: chi di noi parla con l'associazione dei familiari delle vittime della strada conosce bene questa emergenza.

La direttiva, certo, è controversa però un aggiornamento di queste norme era necessario e il livello di armonizzazione che è stato raggiunto alla fine di lavori parlamentari intensi, secondo me, è quello giusto, perché abbiamo ancora la possibilità di migliorare questo testo sulla formazione, che ha un ruolo importante. Ci sono degli emendamenti su questo e sul primo soccorso.

Abbiamo già inserito una ulteriore facilitazione per avere l'accesso alla patente per la guida dei veicoli pesanti, che è un tema importante e urgente. E poi sull'idoneità fisica dei conducenti, dobbiamo superare questa idea che la capacità di guida possa essere autocertificata, perché purtroppo la realtà è molto differente, specialmente quando questo tema è legato alla salute e alle problematiche legate all'età.

Sulla guida accompagnata abbiamo preso l'esperienza di alcuni Stati membri che avevano dei punti avanzati molto positivi e sulla guida notturna non sono stati inseriti dei limiti che avrebbero colpito il mondo della ruralità. I comportamenti di guida pericolosi, quindi anche con l'assunzione di sostanze, vengono confermati con tolleranza zero.

Ecco, io credo che, al di là di quello che si è discusso magari anche sui giornali in queste settimane, se si va a vedere il testo è un testo buono e positivo e che deve vederci tutti impegnati sul tema della sicurezza.

Έλενα Κουντουρά, *Εξ ονόματος της ομάδας The Left*. – Κυρία Πρόεδρε, κυρία Επίτροπε, κάθε εβδομάδα σκοτώνονται 400 περίπου συμπολίτες μας. Σχεδόν κάθε σπίτι, κάθε οικογένεια βιώνει μία τραγωδία εξαιτίας ενός δυστυχήματος στην άσφαλτο. Σε αυτή την αναθεώρηση της οδηγίας θα είναι καταστροφικό δεκαεπτάχρονα παιδιά να οδηγούν τεράστια φορτηγά, ακόμα και 40 τόνων, δεκαενιάχρονα παιδιά να οδηγούν λεωφορεία γεμάτα κόσμο, γυναίκες, μωρά, ηλικιωμένους.

Στοιχεία από χώρες όπου το ελάχιστο όριο ηλικίας ορίστηκε στα 18 έτη δείχνουν ξεκάθαρα ότι οι νεαρής ηλικίας οδηγοί φορτηγών είναι πολύ πιθανότερο να προκαλέσουν τροχαία ατυχήματα και δυστυχήματα. Έχουμε ευθύνη να νομοθετήσουμε ώστε να μειώσουμε τους θανάτους και τους πολύ σοβαρούς τραυματισμούς που συμβαίνουν καθημερινά στους δρόμους της Ευρωπαϊκής Ένωσης.

Πώς μπορούμε, λοιπόν, να επιτρέψουμε να δίνονται άδειες οδήγησης χωρίς καμία ιατρική γνωμάτευση, ούτε καν εξέταση όρασης; Να μην γίνονται συχνότερα επανέλεγχοι για την επιβεβαίωση της ικανότητας οδήγησης από μία συγκεκριμένη ηλικία και μετά, και ειδικά όταν υπάρχουν σοβαρά υποκείμενα νοσήματα; Πώς μπορούμε να επιτρέψουμε να δίνονται άδειες οδήγησης για μηχανάκια χωρίς καμία πρακτική εκπαίδευση σε αυτά;

Φοβάμαι ότι έτσι δεν μπορούμε να υπηρετήσουμε το όραμα της Ευρωπαϊκής Ένωσης, το Vision Zero, για μηδενικούς θανάτους από τροχαία μέχρι το 2050. Αγαπητοί συνάδελφοι, για ακόμα μία φορά σας καλώ να υπερψηφίσετε τις τροπολογίες μου, να απορρίψουμε αυτές τις προτάσεις που εξυπηρετούν συμφέροντα και κάνουν τους δρόμους μας πιο επικίνδυνους. Σας καλώ να ψηφίσετε για να σωθούν ανθρώπινες ζωές.

Mario Furore (NI). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, l'armonizzazione a livello europeo delle patenti di guida è un impegno condivisibile, che ci aiuterà a raggiungere l'obiettivo «zero vittime stradali» in tutta l'UE entro il 2050.

Nel 2022 oltre 20 000 cittadini hanno infatti perso la vita in un incidente stradale in Europa. Si tratta di numeri inaccettabili, che dobbiamo ridurre con regole più severe e maggiore prevenzione. Per questa ragione sosteniamo la proposta di rafforzare l'educazione alla sicurezza, insegnando ai neopatentati anche le tecniche di rianimazione, che possono essere utili nei casi di incidenti più gravi.

Inoltre, una politica di zero tolleranza per i conducenti inesperti, per la guida in stato di ebbrezza o sotto l'effetto di stupefacenti ci aiuterà a ridurre gli incidenti tra i giovani. L'alcol alla guida è, in Italia e in Europa, la prima causa di morte dei giovani di età compresa tra 16 e i 25 anni.

La sicurezza delle nostre strade deve essere quindi la nostra priorità.

Jens Gieseke (PPE). – Frau Präsidentin, liebe Kolleginnen und Kollegen! Der Führerschein gehört für viele junge Menschen, insbesondere im ländlichen Raum, zum Erwachsenwerden dazu. Ein Führerschein bedeutet Freiheit, Freunde treffen, eine Urlaubsreise machen oder einfach zur Arbeit fahren. Dank der EU ist der Führerschein auch außerhalb Deutschlands gültig. Die EU-Führerscheinrichtlinie ist also bislang eine Erfolgsgeschichte mit echtem Mehrwert für jeden von uns.

Grüne, Linke und Sozialdemokraten wollen das anscheinend ändern. Anders kann ich mir die Änderungsvorschläge, liebe Kolleginnen und Kollegen, nicht erklären. Verpflichtende medizinische Tests für jeden, keine europaweite Anerkennung des begleiteten Fahrens ab 17, Sonderregeln für Fahranfänger. Der Verkehrssicherheit dienen diese Vorschläge jedenfalls nicht. Ganz im Gegenteil: Bei jungen Autofahrern ist die Schadenshäufigkeit 25 Prozent geringer, wenn sie bereits mit 17 den Führerschein gemacht haben. Ich habe das bei meiner Tochter erlebt, die hat den auch mit 17 gemacht, das ist erfolgreich. Das System „begleitetes Fahren“ wirkt also, ist eine Erfolgsgeschichte.

Also: Schluss mit der Bevormundung, mehr Pragmatismus, den Menschen was zutrauen – mit europaweiter Anerkennung des begleiteten Fahrens, Anerkennung von Treckerführerscheinen und konkreten Vereinfachungen für alle Verkehrsteilnehmer.

Isabel García Muñoz (S&D). – Señora presidenta, señora vicepresidenta Šuica, la seguridad vial se encarga de eliminar o disminuir factores de riesgo para poder prevenir y minimizar accidentes de tráfico y sus fatales consecuencias. En la Unión Europea, queremos alcanzar el objetivo de cero muertes en carretera para 2050, pero la realidad es que cada año mueren más de veinte mil personas en nuestras carreteras.

Esta revisión de la Directiva sobre el permiso de conducción es fundamental para avanzar en nuestro objetivo y, por ello, debemos plantear medidas que ayuden a mejorar la seguridad vial. Ese es el objetivo. Rebajar las edades de conducción no va en favor de la seguridad vial. Obviar que a lo largo de la vida nuestras aptitudes y nuestras capacidades van cambiando y se pueden ver afectadas por problemas de salud tampoco favorece la seguridad vial. En cambio, los sistemas de carnet por puntos, la formación reglada de los conductores, la educación vial, las revisiones médicas periódicas o la tolerancia cero al volante sí tienen un efecto positivo. Gracias a medidas como esta, España es uno de los países con menores tasas de siniestralidad vial.

Seamos responsables y valientes y no pongamos en riesgo ni una sola vida más.

Jan-Christoph Oetjen (Renew). – Frau Präsidentin, verehrte Kollegen! Selten hat ein Berichtsvorschlag aus dem Europäischen Parlament für so viel Aufregung gesorgt, sehr verehrte Kollegin Delli von den Grünen. Nachtfahrverbote für Fahranfänger, Abschaffung des begleiteten Fahrens – das alles ist nicht mehr in der Position des Ausschusses für Verkehr und Tourismus drin. Das ist gut so!

Der streitigste Punkt sind die verpflichtenden Gesundheitstests für jedermann. Ich persönlich glaube, für uns Freie Demokraten ist das eine Scheinsicherheit, die hier eingeführt werden soll. Wenn Sie mit 18 einen Führerschein machen, dann haben Sie danach einen Test mit 33, mit 48, mit 63 und mit 78 und dann wieder mit 93. Verehrte Kolleginnen und Kollegen, glauben wir wirklich, dass wir damit die Sicherheit verbessern? Nein, das tun wir nicht, sondern wir sorgen dafür, dass Millionen zusätzliche Arzttermine stattfinden und dass zusätzliche Bürokratie auf den Weg gebracht wird. Wir halten die derzeitigen Systeme, die in den Mitgliedstaaten da sind, für genau das Richtige. Das ist vor Ort entschieden, das funktioniert in den Mitgliedstaaten, und ich glaube, es gibt keinen Grund, eine Pflicht für jedermann einzuführen, insbesondere, weil es die bei bestimmten Krankheiten schon heute gibt.

Kosma Złotowski (ECR). – Pani Przewodnicząca! Panie Komisarzu! Wszystkim nam zależy na tym, aby podróżowanie po Europie samochodem osobowym czy ciężarowym było komfortowe i bezpieczne. Chcemy też skutecznie zachęcić młode osoby do wybierania zawodu kierowcy w transporcie drogowym towarów. Zmiana tej dyrektywy to dobra okazja, aby oba te cele osiągnąć.

Nie oznacza to jednak, że powinniśmy się zgodzić na nakładanie na kierowców nowych obciążeń administracyjnych, które mogą mieć charakter dyskryminacji np. ze względu na wiek. Państwa członkowskie powinny w zgodzie z zasadą subsydiarności mieć prawo doboru takich narzędzi, jakie uznają za stosowne, aby badać zdolność do kierowania pojazdami. Zbyt daleko idąca harmonizacja będzie kosztowna i nieskuteczna.

Dla wielu osób samochód to czasem jedyny środek transportu, który jest gwarancją samodzielności i niezależności. Kierowcy już i tak ponoszą ogromne koszty polityki klimatycznej narzucanej przez Unię Europejską. Nie dokładajmy im kolejnych obciążeń.

Roman Haider (ID). – Frau Präsidentin! Glücklicherweise ist der jetzt zur Abstimmung vorgelegte Entwurf zur neuen Führerscheinrichtlinie deutlich entschärft gegenüber dem ursprünglichen Vorschlag der Berichterstatterin Delli von den Grünen. Es lohnt sich aber trotzdem, einen Blick auf die ursprünglichen Vorschläge der Grünen zu werfen. Denn diese Vorschläge sind symptomatisch für die Grünen – ja, für die Linken insgesamt.

Als Allererstes wollten die Grünen gleich einmal das Erfolgsmodell des sogenannten L17-Führerscheins ersatzlos streichen. Es ist ein tolles Modell, das jungen Menschen die Möglichkeit bietet, mit ausreichend Fahrpraxis schon im Alter von 17 Jahren den Führerschein zu machen. Die Grünen wollten das streichen.

Was wollten die Grünen noch? In ihrem ideologischen Feldzug gegen die SUV wollten sie einen extra Führerschein für schwere PKW. Zu blöd nur, dass das neben SUV vor allem auch Elektrofahrzeuge betroffen hätte, die ja wegen der Batterie schwerer sind. Es ist schon skurril, wenn das von den Grünen kommt.

Ganz besonders haben es die Grünen aber auf die Führerscheinneulinge abgesehen. Für die wollten sie ein Nachtfahrverbot und eine Geschwindigkeitsbegrenzung von 90 Kilometern pro Stunde. Völlig absurd. Neben den Führerscheinneulingen haben es den Grünen vor allem ältere Menschen angetan. Die würden sie am liebsten so richtig quälen. Bis auf fünf Jahre befristete Führerscheine, ab 70 medizinische Tests, psychologische Tests, alles natürlich selbst zu bezahlen.

Das ist die typische Politik der grünen Verbotsfetischisten. Egal ob EU-weit oder in den Nationalstaaten: Verbote, Verbote, Verbote. Vom mündigen Bürger zum entmündigten Untertanen, das ist die Vision der Grünen. Gut, dass alle diese Schwachsinnigkeiten von den Schattenberichterstattern vernünftigerweise rausgestrichen worden sind.

Andor Deli (NI). – Elnök Asszony! Amikor a Ház elkezdte vitatni a Bizottság vezetői engedélyekről szóló módosítási javaslatát, olyan célkitűzések kerültek meghatározásra, mint a közlekedés biztonságának növelése, és a járművezetés, mint szakma vonzóbbá tétele a fiatalabb nemzedékek számára, és nem mellékesen az egyre aggasztóbb méreteket öltő sofőrhíány orvoslása.

Azonban ahogy ez sűrűn megesik az Európai Parlamentben, a dolgok félresiklottak. Kezdődött a B+ jogosítvány ötletével, ami akkora felháborodást váltott ki a polgárok köréből, hogy azonnal le is került a napirendről. Most pedig itt van a 8 féle T típusú traktorjogosítvány javaslata, aminek semmi köze sincs a közlekedés biztonságának javításához, viszont jelentős bürokratikus és pénzügyi többletet jelent a gazdák számára, ami a jelenlegi helyzetben csak további olaj lenne a tűzre.

Az ilyen valóságtól elrugaszkodott javaslatok csak megerősítik a polgároknál azt az érzést, hogy valami nincs rendben, és változásra van szükség az Európai Parlamentben is. A lehetőség adott lesz az európai parlamenti választásokon.

Ljudmila Novak (PPE). – Gospa predsednica, spoštovana gospa komisarka, kolegice in kolegi! S prostim gibanjem ljudi v Evropski uniji se je povečala potreba po uvedbi enotnega vozniškega dovoljenja. Pozdravljam poenostavitve pri upravnih postopkih, kar bo olajšalo življenje našim državljanom. Podpiram tudi zvišanje teže vozil, ki jih lahko vozimo z B kategorijo vozniškega dovoljenja.

Vozniško dovoljenje je izredno pomembno za ohranitev kvalitete življenja in mobilnosti v starejših letih življenja in tudi v primeru preselitve v drugo državo ali v primeru invalidnosti. Seveda pa pri tem ne smemo zanemariti vidika varnosti tako za voznike kot tudi za ostale udeležence v prometu.

Zaradi številnih sprememb v načinu življenja in hitrega razvoja prevoznih sredstev potrebujemo nova znanja in spretnosti, zato je usposabljanje mladih voznikov in tudi preverjanje zdravstvene sposobnosti v primeru specifičnih zdravstvenih stanj ali določenih bolezni zelo pomembno.

Bogusław Liberadzki (S&D). – Pani Przewodnicząca! Pani Komisarz! Jestem za polityką „zero śmierci na drodze”, nie miejmy wątpliwości. Jestem również za jednolitym prawem jazdy w Unii Europejskiej. Jest tylko pytanie, jak to osiągnąć? Otóż mamy dowody statystyczne, iż kierowcy w przedziale wiekowym 18-24 lata powodują 3-4 razy więcej wypadków niż kierowcy w przedziale 60 lat i więcej. A zatem oni wcześniej otrzymali prawo jazdy. Pytanie: jak byli szkoleni, przechodzili badania, jak to wyglądało?

Spółeczeństwa starzeję się i to jest reguła nie tylko w Polsce, ale w całej Unii Europejskiej. Czy kierując miliony osób na obowiązkowe badania, jesteśmy pewni, że służba zdrowia temu sprostą? Mam obawy, że nie. Drugi obszar, który szczególnie jest ważny, to wielkie obszary i miliony ludzi wykluczonych komunikacyjnie. Wróćmy do oferty komunikacji zbiorowej dla osób starszych. Śmiem twierdzić, że idea, zgodnie z którą każdy obowiązkowo musi przechodzić badania, jest po prostu niewykonalna.

Caroline Nagtegaal (Renew). – Voorzitter, je rijbewijs halen, dat is toch echt een mijlpaal. Maar achter dat roze kaartje zit behoorlijk wat regelgeving, en de herziening van deze rijbewijsrichtlijn moet die regeldruk verminderen.

Daarom is het goed dat rijden in een auto of vrachtwagen vanaf zeventien jaar mogelijk wordt, al dan niet met een begeleider. Dit kan onze tekorten aan chauffeurs aanzienlijk verminderen. Ook moet het zo meteen kunnen dat je een elektrisch bestelbusje tot 4 250 kilogram kan besturen zonder dat je hoeft te investeren in een heel duur C-rijbewijs.

Maar laten we in deze richtlijn ongelooflijk kritisch kijken naar de verplichte medische keuring. Laten we dat niet doen bij iedere verlenging van een aanvraag, want dit gaat zo'n druk opleveren op onze zorg. Laat het aan de lidstaten zelf over. Kijk specifiek naar de medische omstandigheden van iedere bestuurder. Dat is nodig en wat mij betreft gaan we op die manier met dat roze kaartje veilig, duurzaam en toekomstbestendig de weg op.

Jean-Paul Garraud (ID). – Madame la Présidente, les automobilistes sont à nouveau dans le collimateur de la Commission européenne et des écologistes. Ce texte, soumis au vote, aura une incidence directe, dramatique et contraignante sur la vie quotidienne de millions de conducteurs à travers l'Union européenne.

La limitation de la validité des permis de conduire à quinze années jusqu'à l'âge de 70 ans, puis tous les cinq ans au-delà, l'obligation de fournir un bilan de santé, les restrictions supplémentaires pour les personnes atteintes de certaines pathologies, la mise en place du permis numérique pour accroître la surveillance sont autant de mesures qui sont infondées, discriminatoires, liberticides et très coûteuses pour nos concitoyens déjà pressurisés par les multiples taxes et prélèvements en tous genres.

Après les contrôles techniques sur les véhicules, vous voulez donc imposer un contrôle technique sur les personnes. Pour nous, au Rassemblement national, il n'en est pas question. Et vous voulez imposer rien moins que huit nouveaux permis pour les tracteurs, alors que la légitime colère de nos paysans gronde partout en Europe. Mais quelle provocation et quelle déconnexion du réel! Cette politique, les Européens et les Français n'en veulent plus. Surtout, rejetez ce texte!

Tomas Tobé (PPE). – Fru talman! Det är viktigt med hög trafiksäkerhet, och det är bra att körkort harmoniseras i EU. Men vi moderater kommer inte att acceptera att EU försvårar för så kallade A-traktorer, också kända som EPA-traktorer.

Jag beklagar att inte fler svenska kollegor är här i kammaren i dag när vi nu debatterar detta. Men jag vill uppmana er att rösta för det som vi moderater nu har samlat vår partigrupp EPP bakom. Det vill säga att åldersgränsen för EPA-traktorer inte ska ändras. Se nu till, när vi röstar, att stå upp för svenska ungdomars möjlighet att köra EPA, och inte onödig detaljreglering från EU-byråkrater.

José Ramón Bauzá Díaz (Renew). – Señora presidenta, los europeos nos beneficiamos de un mercado interno y de un espacio Schengen que permite la libre circulación de personas. Sin duda, un hito sin precedentes en nuestro continente.

Aun así, los europeos a día de hoy no contamos con una normativa de licencias de conducción homogénea y estándar en toda la Unión Europea. Por eso mismo, la propuesta que presentamos hoy aquí desde la Comisión de Transportes y Turismo avanza hacia una mayor integración, avanza hacia un carnet de conducir transfronterizo que podrá ser digital y válido en cualquier región de Europa, avanza hacia normas comunes para reducir la siniestralidad en las carreteras europeas —reforzando las sanciones, los chequeos médicos o la información transfronteriza— y avanza también hacia un nuevo régimen europeo para conductores noveles que permita obtener el carnet de conducir a partir de los diecisiete años.

Por eso, carece de sentido que un europeo pueda trabajar, estudiar o vivir en un Estado miembro distinto al de origen, pero no disponga de normas comunes y homogéneas en algo tan básico como las licencias de conducir.

Por eso mismo, señorías, votemos a favor de esta iniciativa y sobre todo avancemos para acabar con esta anomalía europea.

Gheorghe Falcă (PPE). – Doamnă președintă, dragi colegi, misiunea parlamentară este cea de a găsi soluții nu complicate, ci simple pentru problemele cu care se confruntă societatea. O mare problemă a Uniunii Europene este lipsa șoferilor profesioniști de camioane și autobuze, cu un deficit estimat la jumătate de milion de angajați. Doar în țara mea, România, deficitul este de peste 30 000 de oameni, asta și pentru că mulți dintre șoferii profesioniști lucrează în țările din vestul Europei.

Deficitul de șoferi este o problemă despre care putem spune că afectează nu doar un domeniu, ci sectoare economice întregi, lanțuri logistice esențiale, într-o perioadă în care vedem la nivel strategic și de securitate cât de importantă este mobilitatea. În contextul actual, în care șomajul în rândul tinerilor crește, avem nevoie să eliminăm anumite bariere de intrare în această profesie fără a compromite siguranța în trafic și să atragem oameni noi, cărora să le arătăm încredere și care să se poată forma sub supravegherea profesioniștilor.

Elsi Katainen (Renew). – Arvoisa puhemies, liikenneturvallisuuden jatkuva parantaminen EU-alueella on välttämätöntä ja siinä ajokorttidirektiivin uudelleentarkastelu on ihan keskiössä. Lainsäädäntö koskettaa suurta osaa EU-kansalaisista ja siksi onkin tärkeää, että parlamentin kanta on tasapainoinen ja rationaalinen. Sääntöjä voidaan harmonisoida niiltä osin, kuin se on järkevää, kuten esimerkiksi liittyy digitaaliseen ajokorttiin, mutta jäsenvaltioilla on oltava myös liikkumistilaa ja harkintaa koskien esimerkiksi pakollisia lääkärintarkastuksia tai T-kategorian traktorikortin sääntöjä.

Haluan nostaa esiin myös nuorten liikkumisen harvaan asutuilla alueilla. Syrjäisemmillä alueilla ei ole julkista liikennettä tarjolla ja kevytautot ovat keskeinen liikkumismuoto, joka mahdollistaa turvallisen liikkumisen esimerkiksi kouluun ja harrastuksiin. Olenkin tyytyväinen, että kevytautot ovat mukana tekstissä, sillä nuorten mahdollisuuksia ja liikkumista maaseudulla tulee edelleen parantaa.

Pascal Arimont (PPE). – Frau Präsidentin, sehr geehrte Frau Kommissarin! Es geht bei diesem Vorschlag darum, wie wir den Führerschein behalten oder wie wir ihn erlangen. Ich werde Ihnen diesen Vorschlag vielleicht aus der Sicht einer Person erklären, die auf dem Land oder in einem ländlichen Gebiet wohnt.

Da gab es zwei Dinge, die für mich wichtig sind oder die störend sind in dem, was vorgeschlagen worden ist: zum einen die Begrenzung des Führerscheins für ältere Leute ab 70 auf fünf Jahre – ein No-Go. In einem Dorf fährt man mit seinem Auto zum Bäcker, zur Freundin oder zum Arzt und nicht mit der Tram, mit der Bahn oder mit etwas anderem. Dort ist man auf den Führerschein angewiesen. Deswegen ist es auch wichtig, dass man das nicht künstlich begrenzt. Gleiches denke ich übrigens auch über die verpflichtenden Medizinchecks. Das werden wir versuchen, in den Abänderungen rauszustimmen.

Der zweite Punkt ist etwas, was mir als Grenzbewohner sehr aufgefallen ist: Wenn man dort einen Traktor hat und mit dem Traktor und seinem Traktorführerschein über die Grenze fährt, hält ein Polizist einen im Nachbarland auf und sagt: Du darfst diesen Traktor hier nicht weiterführen, weil dein Führerschein hier nicht anerkannt ist. Die Idee ist daher, dass man einen europaweiten Traktorführerschein macht, um diese Probleme zu verringern oder zu vermeiden. Wenn das nicht geht, sollte man zumindest eine gegenseitige Anerkennung aller Traktorführerscheine ins Auge fassen, damit der Bauer, der über die Grenze fährt, nicht durch einen Polizisten angehalten wird und wieder in sein Land zurückgeschickt wird, weil Europa es nicht hinkriegt, einen solchen Traktorführerschein gegenseitig anzuerkennen.

Maria Grapini (S&D). – Doamnă președintă, doamnă comisar, stimați colegi, discutăm un lucru extrem de important dacă plecăm de la statistică și știm bine că avem foarte multe accidente rutiere. Era normal să venim cu o propunere și să îmbunătățim condițiile de trafic. Este straniu să aud colegi aici care spun că ar costa să facem la 15 ani o vizită medicală. Eu susțin cu toată tăria, pentru că nu putem să expunem cetățenii la accidente doar pentru că nu am vrea să facem această vizită la 15 ani. Bine că facem revizia la mașină anual sau la doi ani.

De asemenea, sunt de acord că avem o criză a șoferilor în Uniunea Europeană, de aceea susțin scăderea vârstei la 17 ani la conducerea camioanelor, dar bineînțeles, cu însoțitor. Până la urmă, ținta noastră este de zero accidente și nu putem să avem diferențe. Avem o piață internă. Dacă într-un stat membru există deja vizită medicală obligatorie la 15 ani, acel om poate să fie expus la un accident într-o țară în care nu se mai face niciodată nicio vizită medicală și să spui că discriminezi când știm bine că, fiziologic, la 70 de ani nu mai ai aceleași aptitudini este absolut straniu. Eu susțin totuși protecția cetățenilor și securitatea pe piața internă.

Barry Andrews (Renew). – Madam President, already in 2024, Irish road deaths have almost exceeded the total number of deaths on the roads in 2019. The main causes are phone usage, speeding and not wearing seatbelts. The police also say that all of the success in the campaign against driving while under the influence of alcohol has been wiped out by a huge increase in driving under the influence of drugs.

I have read many analyses of this sudden and tragic increase in road deaths. Nowhere have I seen it suggested that a good way to tackle this would be by increasing the number of medical tests for older drivers. That is why I strongly welcome the renewed focus on updating the directive and was strongly opposed to the measure on medical tests and the validity of licences for older people.

Let's look at penalties for speeding and mobile phone usage. Let's look at increased police presence at speed limits and mandatory drug testing. Targeting older drivers is looking in the wrong place for the right answers.

Juozas Olekas (S&D). – Gerbiama pirmininke, gerbiama Komisijos nare. Aš sutinku su daugelio čia kalbėjusių kolegų pasakymu, kad mūsų tikslas – sustiprinti saugumą keliuose, ypatingai skiriant daugiau dėmesio mokymui ir parengimui jaunų vairuotojų, kurie pradeda vairavimą. Bet taip pat noriu paagituoti tuos, kurie abejoja dėl sveikatos patikrinimų. Kaip gydytojas ir kaip atstovas iš tos šalies, kurioje jau yra privalomi sveikatos patikrinimai, galiu pasakyti, kad tai yra dviguba nauda. Viena – tai, kad mes galime padėti vairuotojams išvengti savo sveikatos problemų dėl to, kad jie papildomai pasitikrina, ir tikrai nebus perkrauti medicinos įstaigos gydytojai, jeigu jie vieną kartą pasižiūrės kad ir neturinčių nusiskundimų vairuotojų. Ir, antra, vairuotojas, kuris pasitikrins sveikatą, ypatingai vyresnis, regos ir kitus dalykus, tikrai padės geriau vairuoti keliuose ir būti saugesniems. Taip pat labai sveikinu skaitmeninio vairuotojo pažymėjimo įdiegimą visoje Europos Sąjungoje.

Valter Flego (Renew). – Poštovana predsjedavajuća. Dakle, mi, ovdje u Europskom parlamentu, često pronalazimo kompromise oko ove ili one teme, ali kada govorimo, dakle, o sigurnosti na cesti, mislim da kompromisa ne smije nikako biti. Mi, ovdje u ovoj direktivi, imamo jasan prioritet i zadaću, a to je veća sigurnost u prometu i sačuvanje mladih života.

Poštovane kolegice i kolege, ja vas molim, prilikom glasovanja, da o tome razmišljate. I da, ne smije biti kompromisa ako pričamo o tome mogu ili ne mogu mladi vozači sa 17 godina voziti grdosije od kamiona ili aute od 300 konja. Naravno da ne mogu. Ne smije biti kompromisa da li mogu imati 0 ili 0.1 ili 0.2 alkohola u krvi. Naravno da mora biti 0.0. Bijeg s mjesta nesreće – pa naravno da za to treba trajno oduzeti vozačku dozvolu. Stariji čovjek ne znači automatski da je i bolestan. To zna samo njegov doktor.

Dakle, na taj način mislim da možemo sačuvati puno života. I ono što je jako važno: molim vas, nemojte raditi kompromise da biste se svidjeli različitim lobijima, nego razmišljajte o ljudskim životima.

(Ende der spontanen Wortmeldungen)

Dubravka Šuica, Vice-President of the Commission. – Madam President, honourable Members, I want to thank you for this interesting debate. I took note of all your comments and also questions, and please be reassured that I will convey all of them to Commissioner Vălean.

The debate shows that the views on the medical checks and the self-assessment are divergent. That is why in our Commission proposal we left the final decision to the Member States. Our aim was to ensure road safety, but also allow Members to find the right balance to have this measure effective and proportionate.

Following this exchange today, I am pleased to note that even though there are diverging opinions on certain issues, we all share two main goals of the Commission's proposal: to strengthen road safety and to facilitate free movement.

I look forward to the vote, where I hope Parliament will support our proposal. While the file will unfortunately not be concluding during this current mandate, I am sure that the Plenary vote will send out a strong and unequivocal message to citizens that our Union is ready to work together to ensure that everyone can feel safe on our European roads.

Karima Delli, *rapporteure*. – Mes chers collègues, beaucoup n'ont pas relu le texte! Dans le texte, désormais, il n'est plus question d'un permis, notamment SUV ou autres. Par contre, Monsieur Deli, vous avez évoqué la question d'un permis tracteur. Ce n'est pas moi qui l'ai mis en place, c'est le PPE. Et je vous garantis qu'il y aura un amendement de suppression, surtout à l'époque où nous sommes. Je tiens à vous dire, à chacun d'entre vous dans cet hémicycle, qu'il suffit d'une seconde pour que votre vie bascule ou celle d'un de vos proches. Des vies entières sont brisées! Je pense à Pauline Déroulède, à Floraine Jullian, qui est là aujourd'hui...

Monsieur Garraud, comment osez-vous? Comment osez-vous critiquer ce texte, vous qui n'avez même pas été capable d'être là durant le vote? Vous êtes un peu de ces députés fictifs qui prennent la misère du monde pour la mettre justement sur la place publique. Dites cela aux victimes, dites cela aux familles de victimes! Alors mettez-vous à la place notamment des conducteurs qui commettent des drames. Ces conducteurs-là ne s'en remettent jamais. Et les familles? Allez voir des familles de victimes, vous verrez également ce qu'elles vous diront.

La visite obligatoire tous les quinze ans, c'est un geste de bon sens. Quatorze pays l'ont déjà mise en œuvre. Dans nos rangs, nous enverrons demain un message historique: sauvez des vies! Dans 20 ans, on regardera cette mesure et, dans ce Parlement, on sera comme il y a 30 ans. Cette ceinture obligatoire qui, à l'époque, posait des problèmes, et plus maintenant, et le taux d'alcoolémie qui a été baissé, mesure qui, aujourd'hui, ne pose plus de problème. Mais dans 20 ans, nous regarderons avec fierté cette mesure d'une visite médicale qui sera adoptée comme une seconde ceinture de sécurité, parce que ce Parlement a un objectif: sauver des vies.

Die Präsidentin. – Die Aussprache ist geschlossen.

Die Abstimmung findet am Mittwoch, 28. Februar 2024, statt.

Schriftliche Erklärungen (Artikel 171)

Robert Hajšel (S&D), *písomne*. – Bezpečnosť na cestách musí byť priorita, preto súhlasím s tým, aby sa pravidlá vydávania vodičských preukazov zjednotili a niektoré podmienky alebo tresty sprísnil. Vitám zavedenie digitálneho vodičského preukazu, ktorý nebude náhradou, ale doplnkom k fyzickému preukazu. Je ale nonsens, aby sme obmedzovali nočnú jazdu mladých vodičov alebo zavádzali neprimerane časté zdravotné kontroly pre ľudí len na základe veku, a nie na základe zdravotného stavu, ako hovoril pôvodný návrh.

(Die Sitzung wird um 11.57 Uhr unterbrochen.)

VORSITZ: JAN-CHRISTOPH OETJEN*Vizepräsident***4. Reinício da sessão***(Die Sitzung wird um 12.02 Uhr wieder aufgenommen.)***5. Composição do Parlamento**

Der Präsident. – Die zuständigen Behörden Schwedens haben die Präsidentin von der Wahl von Linus Glanzelius zum Mitglied des Europäischen Parlaments unterrichtet. Linus Glanzelius tritt mit Wirkung vom 27. Februar 2024 an die Stelle von Erik Bergkvist.

Ich heiße unseren neuen Kollegen herzlich willkommen und erinnere daran, dass er nunmehr – vorbehaltlich der Prüfung seines Mandats – mit vollen Rechten an den Sitzungen des Parlaments und seiner Organe teilnimmt.

Herzlich willkommen in unserer Mitte, Herr Kollege!

6. Composição das comissões e das delegações

Der Präsident. – Die S&D-Fraktion hat der Präsidentin Beschlüsse über Änderungen von Ernennungen in Ausschüsse und Delegationen übermittelt. Diese Beschlüsse werden in das Protokoll der heutigen Sitzung aufgenommen und treten am Tag der Ankündigung in Kraft.

Susanna Ceccardi (ID). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, in questi giorni in Italia il dibattito è monopolizzato dagli scontri avvenuti a Pisa e Firenze tra studenti e forze di polizia durante le manifestazioni pro-Hamas non autorizzate dalle autorità.

Tra i manifestanti c'erano ragazzi delle scuole superiori ma anche infiltrati dei centri sociali violenti. Negli scontri sono rimasti feriti tre agenti e undici manifestanti: faccio i miei auguri di pronta guarigione a tutti, senza distinzione.

I poliziotti, che sono lavoratori feriti sul lavoro, non hanno scelto di essere lì quella mattina e sicuramente avrebbero preferito stare altrove a difenderci dal crimine, come avrebbero sicuramente preferito essere altrove gli anni passati durante il COVID, piuttosto che stare a reprimere manifestazioni contro il Green Pass e le direttive di governi democratici ed europeisti.

Ma in quel caso i manganelli erano democratici. Chiedo al Presidente e quest'Aula «...»

(Il Presidente toglie la parola all'oratrice)

Fulvio Martusciello (PPE). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, nella serata di ieri una nostra collega, Alessandra, è stata assalita e picchiata brutalmente qui a Strasburgo.

Mi chiedo: che Europa è un'Europa in cui non si è liberi di camminare per le strade in una città come questa, che ospita tutti i parlamentari? Penso che lei, Presidente, debba chiedere al sindaco di Strasburgo e alla polizia, di poter garantire l'incolumità e la sicurezza dei membri del Parlamento, che sono qui una volta al mese, perché quello che è accaduto ieri ad Alessandra può accadere a qualsiasi altro collega.

È davvero incredibile che ci sia una «caccia al deputato europeo» per le strade di Strasburgo, senza che ci sia un'adeguata tutela della presenza. Se non ci vogliono, voteremo in un'unica sede e ce ne andremo dalla Francia, non è un problema questo.

Elisabetta Gualmini (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, francamente rispondo sconcertata all'onorevole Ceccardi: è dovuto intervenire il Presidente della Repubblica, Sergio Mattarella, dicendo che l'autorevolezza delle forze dell'ordine non si misura con i manganelli su minorenni: 13 minorenni feriti, che avevano tutto il diritto di manifestare. Noi siamo a favore delle forze dell'ordine ma ragazzi inermi di 15 anni non si manganellano, né qui, né mai.

7. Período de votação

Der Präsident. – Als nächster Punkt der Tagesordnung folgt die Abstimmung.

(Abstimmungsergebnisse und sonstige Einzelheiten der Abstimmung: siehe Protokoll.)

7.1. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 (A9-0051/2024 - Jan Olbrycht, Margarida Marques) (votação)

7.2. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 (Resolução) (A9-0053/2024 - Jan Olbrycht, Margarida Marques) (votação)

7.3. Criação do Mecanismo para a Ucrânia (A9-0286/2023 - Michael Gahler, Eider Gardiazabal Rubial) (votação)

7.4. Criação da Plataforma de Tecnologias Estratégicas para a Europa («STEP») (A9-0290/2023 - José Manuel Fernandes, Christian Ehler) (votação)

7.5. Proteção de jornalistas e defensores dos direitos humanos envolvidos em processos judiciais manifestamente infundados ou abusivos (A9-0223/2023 - Tiemo Wölken) (votação)

– Vor der Abstimmung:

Virginijus Sinkevičius, Member of the Commission. – Mr President, Members of the Parliament, the Commission takes note of the rules on international jurisdiction and applicable law the European Parliament proposed in its mandate for the negotiations on the proposal for a directive on protecting persons who engage in public participation from manifestly unfounded or abusive court proceedings.

The Commission agrees on the importance of rules on jurisdiction and applicable law in the context of a comprehensive protection against abusive litigation in SLAPP cases. For this reason, in its recent legal studies on the Brussels Ia and Rome II Regulations, the Commission has specifically addressed these SLAPP-related matters.

However, such changes should be made in the horizontal Regulations covering international jurisdiction and applicable law to avoid a fragmentation of these rules across various instruments, and they should be proposed with a careful assessment of the impact of such changes.

Consequently, the Commission will continue the already-ongoing review process concerning the Brussels Ia and Rome II Regulations. It's the firm intention of the Commission to issue application reports on both these instruments with a particular focus on SLAPP in the near future in order to facilitate the political decisions on their revision.

Tiemo Wölken, rapporteur. – Mr President, dear colleagues, SLAPPs are strategic lawsuits against public participation. They are a form of legal harassment and abuse of the justice system. They are used against journalists, NGOs and human rights defenders by powerful individuals and organisations who try to avoid public scrutiny. This is why we need this Directive so badly, and with today's adoption, we will, for the first time ever, have a definition of SLAPP cases to help our courts to tackle them.

We will have an early-dismissal mechanism to cut lengthy proceedings, save costs, and shorten the victim's suffering. We will give victims the possibility to get reimbursements of all costs, including the legal representation. We will be able to shield victims against third-party SLAPPs. And finally, we will have a definition of cross-border cases – and this is a crucial point, because the broad definition impacts how many cases will fall under the scope of this instrument, and therefore how many victims will profit from the SLAPP Directive. We made sure that as many victims as possible will benefit from the new rules.

Dear colleagues, just last year we saw a record-breaking number of SLAPP cases – 160 cases – where journalists may have been deprived of their fundamental rights. At the same time, these 160 cases are a threat to our democracy, to the rule of law, and seriously undermine the fundamental rights to freedom of expression, information, and association. So SLAPPs run counter to our European values, and we stop them today.

This is a major win, and I want to thank again everyone who worked so hard on this file to achieve this outcome.

7.6. Alterações ao Protocolo n.º 3 relativo ao Estatuto do Tribunal de Justiça (A9-0278/2023 - Ilana Cicurel) (votação)

– *Vor der Abstimmung:*

Ilana Cicurel, *rapporteure*. – Monsieur le Président, chers collègues, on ne réforme pas tous les jours le statut de la Cour de justice de l'Union européenne. Cette réforme porte sur l'une de ses missions essentielles, celle d'interpréter les textes que nous votons dans cet hémicycle, quand elle est saisie par les juges dans les États membres, ce que l'on appelle le renvoi préjudiciel. Le temps pris par la Cour pour se prononcer sur ces questions s'allonge d'année en année et nous sommes aujourd'hui à quinze mois en moyenne, ce qui suspend d'autant les procédures judiciaires nationales.

Rendre la justice plus rapide est une nécessité et une urgence dans chacun de nos pays. Vous comprenez donc qu'il y avait là un sujet auquel nos concitoyens, qui sont aussi des justiciables, sont particulièrement sensibles. En transférant cette compétence d'interprétation de la Cour au tribunal de l'Union dans certains domaines réputés techniques, l'objectif est double: raccourcir significativement le délai de réponse aux questions préjudicielles et permettre à la Cour de se concentrer sur ce qui nécessite un travail plus approfondi. Mais la célérité ne doit pas nous faire renoncer à la qualité des décisions. Ce d'autant plus qu'est en jeu l'unité de l'interprétation de notre droit européen.

Nous avons donc obtenu que toutes les questions qui soulèvent des enjeux systémiques pour l'Union restent de la compétence de la Cour, ainsi que trois avancées majeures: la consécration de la possibilité pour notre Parlement d'intervenir dans toute affaire préjudicielle, la publication par la Cour, sur son site, de l'ensemble des mémoires déposés dans le cadre d'une affaire préjudicielle. C'est une avancée significative en termes de transparence et de compréhension du droit européen. Enfin, l'instauration d'un dialogue annuel entre notre Parlement et la Cour qui débutera prochainement à Luxembourg.

Cette innovation symbolise la relation institutionnelle d'un nouveau type qui est née du travail exigeant que j'ai conduit avec les rapporteurs fictifs de vos groupes, dont je veux saluer l'implication dans ce rapport. Elle s'inscrit désormais, cette nouvelle relation, dans le temps long. Je vous remercie pour votre soutien.

7.7. Transferências de resíduos (A9-0290/2022 - Pernille Weiss) (votação)

– *Vor der Abstimmung:*

Pernille Weiss, rapporteur. – Mr President, I am very satisfied and I am very, very grateful, and so we actually all can be, with the result of this revision of the waste shipments regulation, because it reflects a good balance between environmental protection and supporting our recycling industry for a circular economy.

The new waste shipment regulation will help Member States to combat waste crime, support digitalisation, simplify bureaucracy and protect third countries from our waste, especially plastic waste.

I hope for your support in this very last vote, so that the law can begin to deliver on the interests of our environment and the next generations. Also, I ask all to vote in favour because working on this law for two years – even more than that – also showed us that we can work together in this House, all of our groups, on what is complicated and highly technical, without fighting more than it takes to understand evidence, each other's viewpoints and facts better.

This sense of responsibility and cooperation made the EU strong when the Commission and the Council needed a little bit more arguments and more time to consider our suggestions to compromise towards a strong tool for a greener and cleaner future. The Council unanimously supported the trilogue outcome. And with a last and very big thank you to all my colleagues, shadows, other key players and especially all our advisors, I ask you from the depth of my heart, everybody to support with this very last vote, the waste shipments regulation. Thank you so much.

7.8. Determinados aspetos do requisito mínimo de fundos próprios e passivos elegíveis (A9-0344/2023 - Jonás Fernández) (votação)

7.9. Restauração da natureza (A9-0220/2023 - César Luena) (votação)

7.10. Transparência e direcionamento da propaganda política (A9-0009/2023 - Sandro Gozi) (votação)

7.11. Detergentes e tensioativos (A9-0039/2024 - Manuela Ripa) (votação)

7.12. Alteração da Decisão (UE) 2017/1324 no que respeita à continuação da participação da União na Parceria para a Investigação e a Inovação na Região Mediterrânica (PRIMA) ao abrigo do Horizonte Europa (A9-0378/2023 - Paolo Borchia) (votação)

7.13. Proteção do ambiente através do direito penal (A9-0087/2023 - Antonius Manders) (votação)

7.14. Banco Central Europeu – relatório anual de 2023 (A9-0412/2023 - Johan Van Oortveldt) (votação)

Der Präsident. – Damit ist die Abstimmungsstunde geschlossen.

(Die Sitzung wird um 12.35 Uhr unterbrochen.)

8. Reinício da sessão

(Die Sitzung wird um 12.38 Uhr wieder aufgenommen.)

9. Certificado complementar de proteção unitário para os produtos fitofarmacêuticos – Certificado complementar de proteção unitário para os medicamentos – Certificado complementar de proteção para os produtos fitofarmacêuticos (reformulação) – Certificado complementar de proteção para os medicamentos (reformulação) – Patentes essenciais a normas (debate conjunto – Patentes)

Der Präsident. – Als nächster Punkt der Tagesordnung folgt die gemeinsame Aussprache über

— den Bericht von Tiemo Wölken im Namen des Rechtsausschusses über den Vorschlag für eine Verordnung des Europäischen Parlaments und des Rates über das einheitliche ergänzende Schutzzertifikat für Pflanzenschutzmittel (COM(2023)0221 – C9-0152/2023 – 2023/0126(COD)) (A9-0020/2024) und

— den Bericht von Tiemo Wölken im Namen des Rechtsausschusses über den Vorschlag für eine Verordnung des Europäischen Parlaments und des Rates über das einheitliche ergänzende Zertifikat für Arzneimittel und zur Änderung der Verordnung (EU) 2017/1001, der Verordnung (EG) Nr. 1901/2006 und der Verordnung (EU) Nr. 608/2013 (COM(2023)0222 – C9-0148/2023 – 2023/0127(COD)) (A9-0019/2024) und

— den Bericht von Tiemo Wölken im Namen des Rechtsausschusses über den Vorschlag für eine Verordnung des Europäischen Parlaments und des Rates über das ergänzende Schutzzertifikat für Pflanzenschutzmittel (Neufassung) (COM(2023)0223 – C9-0149/2023 – 2023/0128(COD)) (A9-0023/2024) und

— den Bericht von Tiemo Wölken im Namen des Rechtsausschusses über den Vorschlag für eine Verordnung des Europäischen Parlaments und des Rates über das ergänzende Schutzzertifikat für Arzneimittel (Neufassung) (COM(2023)0231 – C9-0146/2023 – 2023/0130(COD)) (A9-0022/2024) und

— den Bericht von Marion Walsmann im Namen des Rechtsausschusses über den Vorschlag für eine Verordnung des Europäischen Parlaments und des Rates über standardessenzielle Patente und zur Änderung der Verordnung (EU) 2017/1001 (COM(2023)0232 – C9-0147/2023 – 2023/0133(COD)) (A9-0016/2024).

Tiemo Wölken, Berichterstatter. – Sehr geehrter Herr Präsident, liebe Kolleginnen und Kollegen! Ich hätte nicht so viel Interesse für diese vier Themen erwartet, aber das ist doch schön. Ich möchte anfangen mit dem Thema der ergänzenden Schutzzertifikate und werde dann auch noch was zu den standardessenziellen Patenten sagen, wo ich Schattenberichterstatter war.

Zunächst zu den ergänzenden Schutzzertifikaten oder auch SPCs: Ein SPC verlängert die Laufzeit eines Patents für eine Arznei oder ein Pflanzenschutzmittel um bis zu fünf Jahre und zielt darauf ab, den zeitlichen Verlust des Antragstellers hinsichtlich des Patentschutzes, der mit der gründlichen behördlichen Prüfung einhergeht, auszugleichen. Derzeit gibt es SPCs auf nationaler Ebene und der Schutz ist sehr fragmentiert und wir wollen jetzt ein einheitliches europäisches Schutzkonstrukt einführen. Das ist gut für die Industrie, da Kosten und Aufwand reduziert werden. Und es ist auch gut für die Generikahersteller, denn es sorgt für eine bessere Planbarkeit. Deswegen haben wir im Rechtsausschuss allen vier Berichten einstimmig zugestimmt. Dafür noch einmal herzlichen Dank. Ich hoffe, dass das morgen auch im Plenum passiert.

Damit würde ich dann zum zweiten Thema kommen: den standardessenziellen Patenten. Wenn ein Unternehmen viel Geld investiert, um einen neuen Technologiestandard wie 5G oder Wi-Fi 6 zu entwickeln, dann sollte dieses Unternehmen dafür auch fair entlohnt werden. Darüber sind wir uns alle einig. Und genau deshalb gibt es auch ein weltweites System, in dem die Patentehalter ihre essenziellen Patente zwar allen zur Verfügung stellen müssen, dafür aber im Gegenzug eine faire und nichtdiskriminierende Lizenzgebühr bekommen. Das klingt erst mal gut, oder?

Das Problem ist, dass die Praxis ganz anders aussieht. Denn Unternehmen, die Wi-Fi- oder 5G-Produkte auf den Markt bringen wollen, müssten aus einer schlechten Position heraus mit den Patentinhabern verhandeln. Sie wissen meist schlicht nicht, was ein fairer Preis für eine Lizenz wäre, und können Lizenzraten von Wettbewerbern nicht vergleichen. Und wer das Angebot vom Patentinhaber nicht direkt annimmt, der riskiert schnell eine Unterlassungsklage, die gerade in Deutschland auch gern mal zu Produktvernichtungen und zu einem massiven wirtschaftlichen Schaden führen kann. Faire Bedingungen sehen also anders aus.

Vom bisherigen System profitieren einige wenige Unternehmen ganz enorm. Sie verdienen Milliarden mit ihren Lizenzen, insbesondere Unternehmen aus den USA wie Qualcomm oder auch aus China wie Huawei. Und sie sind es auch, die mit fadenscheinigen Argumenten gegen diese Neuregelung lobbyieren, während gerade europäische kleine und mittelständische Unternehmen das Nachsehen haben und als Patentinhaber den Bedingungen der Patentgeber ausgeliefert sind. Wenn ein Vorschlag, der vor allen Dingen für mehr Transparenz sorgen soll, so ein tiefer Eingriff in das derzeitige Lizenzsystem sein soll, wie Huawei und andere behaupten, und so aggressive Gegenreaktionen hervorruft, dann müssen wir uns doch die Frage stellen: Was passiert da im Verborgenen tatsächlich?

Und ein aktuelles Beispiel, warum das aktuelle System für die meisten EU-Unternehmen absolut gefährlich ist: Das deutsche Unternehmen AVM, das die bekannten Fritz!-Router herstellt, wird gerade von Huawei wegen der Nutzung von Wi-Fi 6 verklagt, also von einem chinesischen Großunternehmen. Und auch im 5G-Bereich liegen wie gesagt die meisten Patente in den USA oder in China und nicht in Europa. Und daher ist die SEP-Verordnung gerade auch extrem wichtig, um EU-Interessen zu schützen. Europäische Industrieunternehmen werden durch mehr Rechtssicherheit in großem Maße von dieser Verordnung profitieren. Gerade für KMUs ist diese größere Klarheit ein Gewinn. Sie könnten sich dadurch einerseits sicherer fühlen, und tatsächlich werden sie auch mehr Produkte auf den Markt bringen können.

Liebe Kolleginnen und Kollegen, deswegen ist der Vorschlag nicht unausgereift. Er ist nicht KMU-feindlich. Er richtet sich nicht gegen europäische Innovationen, sondern er schafft mehr Transparenz und Klarheit in einem Markt, der das bitter nötig hat. Ich möchte mich schon jetzt bei der Kollegin Walsmann bedanken für die gute Zusammenarbeit und viel Erfolg bei der Abstimmung wünschen.

Marion Walsmann, Berichterstatterin. – Herr Präsident, sehr geehrter Herr Kommissar Breton, lieber Thierry, liebe Kolleginnen und Kollegen! Es war einmal ein kleines Unternehmen, das mit der Herstellung von intelligenten Messgeräten begonnen hat. Nach einiger Zeit schreibt das Unternehmen schwarze Zahlen und plötzlich erhält es ein Schreiben von einem anderen Unternehmen aus einem Drittstaat, welches einen beachtlichen Betrag für die Nutzung seines SEPs verlangt. Nun weiß das KMU bestenfalls, dass es sich bei SEPs um die Abkürzung von standardessenziellen Patenten handelt und dass es sich bei 5G, welches ein intelligentes Messgerät zum Funktionieren benötigt, um einen Standard handelt.

Die SEP-Landschaft, meine Damen und Herren, ist aber sehr schwer überschaubar, und die Lizenznehmer tapen bei den Lizenzverhandlungen oftmals komplett im Dunkeln. Kein Wunder, wenn doch beispielsweise bei 5G die Zahl der deklarierten Patente bei um die 50 000 liegt und es an die 300 verschiedene Patentinhaber gibt. Die Lizenznehmer, die zu etwa 85 Prozent aus KMU bestehen, können nur schwer beurteilen, ob die zur Lizenzierung angebotenen Patente für den betreffenden Standard tatsächlich essenziell sind und ob ihr Produkt diesen Standard verletzt und ob die Lizenzgebühr angemessen ist. Diese Intransparenz klingt wie ein schlechtes Märchen, ist allerdings bittere Realität.

Was den Unternehmen droht, sind Unterlassungsverfügungen, die einen Produktionsstopp zur Folge hätten. Nicht nur kleine, sondern auch große Unternehmen werden mit der Drohung eines Produktionsstopps genötigt, auf alle Forderungen einzugehen. Das bislang geltende System ist missbrauchsanfällig und führt sehr häufig zu Konflikten, die eben auch gerichtlich ausgetragen werden, was eine lange Zeit in Anspruch nimmt. Deshalb sollten wir – ja, müssen wir – handeln, einerseits die Machenschaften der schwarzen Schafe, die ihre Monopolstellung missbrauchen, verhindern und andererseits den SEP-Inhabern, die unter korrekten Bedingungen lizenzieren, einen schnelleren Erhalt ihrer gerechtfertigten Einnahmen ermöglichen. Schwarze Schafe gibt es auf jeder Seite – eben auch, wenn die Lizenznehmer nicht zahlen wollen, obwohl ihnen eine Lizenzierung unter FRAND-Bedingungen angeboten wird. Dabei haben SEP-Inhaber selbstverständlich ein Recht darauf, Lizenzgebühren für ihre Erfindung, in die sie Zeit und Geld investiert haben, zu erhalten.

Der Status Quo ist weder für SEP-Inhaber noch für SEP-Anwender gut, denn er bremst die europäischen Unternehmen in ihrer Innovationsfähigkeit und in der Geschwindigkeit, Produkte auf den Markt zu bringen. Sie greifen zum Teil auf veraltete Standards zurück, nur um möglicherweise unfairen Lizenzverhandlungen aus dem Weg zu gehen. Es ist also allerhöchste Zeit für faire Verhandlungen. Das vorgesehene zentrale Register wird es den SEP-Anwendern ermöglichen, einen Überblick zu erhalten, welche Lizenzen sie genau für die Nutzung eines gewissen Standards benötigen. Im Fall von 5G sind schätzungsweise nur 15 Prozent der als essenziell erklärten SEPs auch tatsächlich standardessenziell.

Das Verfahren zur Überprüfung der Essenzialität wird dabei helfen, der momentanen Übereintragung von Patenten einen Riegel vorzuschieben, und damit die qualitativ hochwertigen europäischen SEPs aufwerten. Das unverbindliche Ermittlungsverfahren der Gesamtlizenzgebühr ermöglicht eine ungefähre Vorstellung über die Gesamtkosten, die für den Erwerb der Lizenzen anfallen. Und mit dem Kompromiss, den wir im Rechtsausschuss verabschiedet haben, stärken wir die SEP auf europäischer Ebene und damit den Innovationsstandort Europa. Und ein letztes Wort dazu: Lassen Sie uns die bestehenden Unklarheiten, den unlauteren Wettbewerb und die Intransparenz ersetzen durch Vorhersehbarkeit, Chancengleichheit und Transparenz für unsere europäischen Unternehmen, für unsere europäischen KMUs und für unseren Wirtschafts- und Innovationsstandort Europa!

Thierry Breton, *membre de la Commission*. – Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs les membres du Parlement, tout d'abord, permettez-moi de remercier en particulier madame Walsmann et monsieur Wölken, en tant que rapporteurs, pour avoir progressé aussi rapidement sur deux dossiers très importants du paquet brevet proposé par la Commission en avril 2023.

Tout d'abord, j'aborderai les brevets essentiels à la norme qu'on appelle BEN en français ou SEP en anglais, et ensuite les certificats complémentaires de protection, CCP en français ou SPC en anglais.

Alors commençons tout d'abord par les brevets essentiels aux normes. Nous le savons tous, ce domaine est caractérisé par un manque de transparence, des contentieux beaucoup trop fréquents qui créent évidemment une grande insécurité juridique pour les entreprises, et qui donc affaiblissent notre compétitivité. Nous observons une surdéclaration de brevets prétendument essentiels à une norme. En conséquence, les entreprises de l'Union acquittent souvent des redevances de licences pour des technologies brevetées qu'elles n'utilisent pas. En sens inverse, des entreprises détentrices de BEN perdent des revenus potentiels face à leurs concurrentes qui surdéclarent.

Avec le déploiement de l'internet des objets, ces problèmes prennent une importance accrue et obèrent la compétitivité et l'innovation. Il est temps donc de légiférer pour plus de sécurité juridique, plus de transparence, et pour rétablir des conditions de concurrence saine et équilibrée. La Commission a donc proposé un cadre juridique qui bénéficiera à toutes les parties, tant les détenteurs de brevets que les utilisateurs des normes, et ce, grâce à quatre éléments.

Tout d'abord, un registre reprenant tous les brevets essentiels à une norme en vigueur dans l'Union, avec un système d'évaluation indépendant pour vérifier leur caractère essentiel. C'est la pierre angulaire, si je peux m'exprimer ainsi, de la proposition. Deuxièmement, un mécanisme d'opinions non contraignantes d'experts concernant le taux payé agréé de redevances de licence, qu'on appelle en anglais *Aggregate Royalty Right*. Troisièmement, une procédure pour faciliter la conclusion de licences aux conditions équitables, raisonnables et non discriminatoires. C'est le principe FRAND. Et puis enfin, des services d'assistance à l'appui des PME. C'est très important, c'est essentiel.

J'accueille avec intérêt et ouverture les amendements constructifs proposés par la commission JURI. Néanmoins, certains amendements individuels, ceux-là, qui pourraient être présentés en session plénière, me paraissent de nature à remettre en cause ces principes, que je viens d'évoquer, de transparence, d'efficacité et d'équilibre de concurrence.

D'abord, la possible limitation du texte aux seules normes nouvelles repousserait le plein bénéfice du règlement de 5 à 10 ans. C'est évidemment intenable dans un marché de l'internet des objets en totale explosion.

Deuxièmement, la suppression de la vérification de l'essentialité des brevets essentiels à une norme pour la fixation des licences laisserait la surdéclaration perdurer, et ce serait évidemment une victoire de l'opacité contre la transparence et, disons-le clairement, des grands contre les petits.

Troisièmement, la suppression de la détermination d'une redevance agrégée n'est pas non plus convaincante. Elle priverait en particulier les entreprises développant un nouveau produit, souvent des PME du reste, d'une prévisibilité technologique et financière.

Pour toutes ces raisons, je pense que le texte tel qu'issu du travail de madame la rapporteure est un très bon point d'équilibre qui réussit à concilier les intérêts des détenteurs de brevets essentiels à une norme et leurs utilisateurs en faveur de la compétitivité et de l'innovation.

Enfin, si vous le permettez, je dirai quelques mots sur la réforme des certificats complémentaires de protection, les fameux CCP, qui représentent également un progrès significatif, en particulier la création d'un CCP unitaire, et qui complètent de façon efficace le brevet unitaire qui est entré en vigueur, je vous le rappelle, l'année dernière. Aujourd'hui, il est nécessaire de déposer plusieurs demandes nationales séparées. Cette fragmentation conduit bien évidemment à des lourdeurs administratives et à des coûts élevés pour les détenteurs de CCP. C'est pourquoi nous avons proposé la création d'une procédure centralisée d'examen qui pourra conduire à la fois à la délivrance d'un CCP unitaire, en particulier pour les 17 États membres participant au système du brevet unitaire et à la délivrance de CCP nationaux dans d'autres États membres. Grâce à cette nouvelle procédure centralisée, la protection par CCP sera plus commode, moins coûteuse, alors que sa transparence et sa sécurité juridique seront améliorées.

Mesdames et Messieurs les députés, grâce au travail assidu de vos rapporteurs, que je salue à nouveau, le Parlement est prêt, je crois, à commencer les discussions interinstitutionnelles sur ces deux textes d'une importance majeure pour la compétitivité et l'innovation en Europe, pour la transparence et la sécurité juridique des entreprises européennes. Je reste donc confiant que nous arriverons à aboutir à un résultat satisfaisant au travers des échanges constructifs qui s'annoncent entre les colégislateurs.

Dita Charanzová, *rapporteur for the opinion of the Committee on the Internal Market and Consumer Protection*. – Mr President, Commissioner, testimonials from many stakeholders, from industry titans, to SMEs, to public utilities that are just trying to navigate the complexities of smart grid implementation, underscore the urgent need for reform of the SEPs landscape. The current system just generates long legal battles and restricts innovation. Our industries suffer from prolonged conflicts over patent values, which hinder progress and investment.

The proposed measures offer tangible solutions to these dilemmas. Initiatives such as creating an SEP registry or essentiality checks promise to improve transparency and speed up licensing procedures. The jury report supporting in our IMCO opinion therefore embodies a balanced solution. It champions legal clarity, transparency and fair licensing practices. Europe and a European law must move forward to foster the economic growth we need.

Javier Zarzalejos, *en nombre del Grupo PPE*. – Señor presidente, señor comisario, desde el Grupo del Partido Popular Europeo hemos apoyado, sin fisuras, el paquete de reformas propuesto por la Comisión para la regulación de los certificados complementarios de protección.

Las nuevas medidas, esencialmente procesales, están enfocadas a reducir los tiempos de los procedimientos, a reducir los costes y, por tanto, son beneficiosos para el sector y, en última instancia, promueven e incentivan la innovación.

Quedan todavía dos aspectos, sin embargo, que son muy relevantes para el Partido Popular Europeo y para cumplir precisamente el objetivo que la Comisión persigue con esta reforma: reducir los costes y la carga administrativa, así como mejorar la seguridad jurídica. Se trata de dos cuestiones propuestas por el Partido Popular Europeo que hasta el momento no han tenido el apoyo suficiente, pero esperamos que puedan conseguirlo en la votación de mañana.

Por un lado, consideramos innecesario el nuevo procedimiento de oposición propuesto por la Comisión, ya que existen garantías suficientes para que los terceros interesados puedan intervenir en las distintas fases del procedimiento. Y, por otra parte, la propuesta, ya conocida, de que las acciones de nulidad se interpongan directamente ante el Tribunal Unificado de Patentes a fin de evitar los retrasos y costes innecesarios que supone una revisión de la decisión por la misma Oficina de Propiedad Intelectual de la Unión Europea.

Con estas dos medidas, que vamos a proponer vía enmienda, queremos ayudar a agilizar estos procesos, a evitar las duplicidades y las cargas innecesarias sin perjudicar, en ningún caso, los intereses de terceros que se encuentran plenamente garantizados al disponer de diversos instrumentos de participación en estos procedimientos.

Nuestra posición es globalmente muy favorable y esperamos que puedan mejorar mañana la votación del Pleno.

Ibán García Del Blanco, *en nombre del Grupo S&D*. – Señor presidente, estamos ante un paquete que es completamente necesario. Es una de las piedras angulares para impulsar la innovación en Europa, para establecer condiciones más justas y para tener un mercado también más abierto.

Quiero agradecer ante todo la disposición y el trabajo de los ponentes, de varios ponentes que han estado buscando un punto de equilibrio tan necesario en una norma como esta que, al final, toca cuestiones tan esenciales.

Quiero seguir con unas reflexiones muy breves acerca del expediente sobre patentes esenciales estándar. Para empezar, es una propuesta que aclara el ámbito de aplicación para evitar la fragmentación de las normas regulatorias; se garantiza el acceso a la justicia; se propone un mecanismo justo, razonable y no discriminatorio más eficaz para determinar las tarifas de licencia sin depender de procedimientos legales; se fomenta que las tarifas de licencias sean predecibles y sean también justas; se facilita y refuerza el acceso a tecnologías esenciales que ha de permitir a nuestras empresas competir globalmente en igualdad de condiciones y se crea también una protección contra tarifas de licencia excesivas; se fomenta la innovación y se apoya la transición ecológica en Europa. Todos ellos son elementos muy positivos. Intentamos brindar apoyo a la innovación en Europa y eso significa garantizar condiciones y licencias justas en un entorno transparente y competitivo para todas las empresas y en ello consiste la propuesta que votaremos mañana.

Así que, desde mi Grupo, pido el voto a favor de esta propuesta.

Adrián Vázquez Lázara, *on behalf of the Renew Group*. – Mr President, Commissioner Breton, dear colleagues, today indeed we address a pivotal issue for the future of the European essential patents, which highlights the ever-relevant concept of European strategic autonomy. We need indeed to update our tools and systems to both safeguard and empower the European innovators.

However, there is a palpable concern that this report, despite its noble aims, falls short on addressing many of our existing problems. This regulation has cruised through the Parliament surprisingly fast, overlooking certain key aspects that we want to amend.

On one front, we have tried to raise awareness on the geopolitical risk. Promoting the entrance of third countries into the core of the patent systems will affect our innovation.

Also, I believe that we should not overload our European Agencies with new tasks without giving them the resources and knowledge needed. It just doesn't make sense and could actually kill the overall purpose of the file. Adding up bureaucratic layers will not help our companies.

Ultimately, our stance is just as cautious as the approach observed among numerous Member States within the Council, as several Member States have raised more than 200 questions casting doubts on this regulation. Let us then transform these uncertainties into proven, effective solutions.

Tilly Metz, *au nom du groupe Verts/ALE*. – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, Mesdames et Messieurs, en Europe, les patients et les systèmes de santé ont de plus en plus de difficultés à accéder aux médicaments. C'est pourquoi il est difficile de soutenir la législation «Étendons les brevets sur les médicaments».

De fait, nous travaillons actuellement sur la plus grande révision de la législation pharmaceutique de l'Union depuis 20 ans pour améliorer l'accès des patients à des médicaments abordables. Les pratiques abusives liées aux prolongations injustifiées de brevets sont courantes sur le marché pharmaceutique. Les brevets et les droits de propriété intellectuelle ont été conçus pour orienter l'innovation dans les domaines des besoins médicaux non satisfaits.

Cependant, aujourd'hui, nous constatons clairement qu'ils n'ont pas tenu leurs promesses. On nous dit que la principale raison de maintenir le système actuel de brevets et de certificats de protection supplémentaire est de permettre la récupération des investissements en recherche et développement par l'industrie. En réalité, nous ne savons presque rien des montants que l'industrie consacre au développement de nouveaux médicaments. Nous prolongeons aveuglément les monopoles et payons plus cher les médicaments, sans aucune transparence de base sur les coûts de R&D et le soutien des pouvoirs publics. Il est prouvé que dans 80 à 90 % des cas, les ventes de médicaments dépassent les coûts de R&D en moyenne quatre ans après l'autorisation.

En résumé, plus l'industrie maintient des monopoles sur les médicaments vitaux, plus longtemps nous continuerons à payer des prix exorbitants pour les médicaments, tout cela à cause du manque de concurrence des médicaments génériques. Ces milliards d'euros pourraient être investis dans une infrastructure publique de recherche et développement qui répondrait aux besoins des patients.

Kosma Złotowski, *w imieniu grupy ECR*. – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Europejskie innowacje nie wezmą się z powietrza. Potrzebne jest przyjazne środowisko prawne i regulacyjne, które ułatwi małym i średnim firmom tworzenie nowoczesnych produktów, między innymi na przykład z obszaru internetu rzeczy. Łatwy dostęp do patentów niezbędnych do spełnienia normy jest jednym z warunków równego udziału w korzyściach, jakie dla europejskiej gospodarki przynosi rewolucja cyfrowa. To bardzo ważne dla przedsiębiorstw z Polski.

Obecne zasady dostępu do SEP nie są do końca transparentne, a ich właściciele często wykorzystują swoją pozycję i tworzą przeszkody, które wymagają rozstrzygnięć na drodze sądowej. Wiele małych i średnich przedsiębiorstw nie ma ani czasu, ani środków, aby walczyć w takie sądowe spory. Dzięki temu rozporządzeniu wiele barier i niejasności uda się usunąć.

Oczywiście nie może to też oznaczać podważenia systemu ochrony własności intelektualnej. Potrzebujemy rozsądnej równowagi między interesami wszystkich podmiotów na rynku. W opinii grupy ECR sprawozdanie pani poseł Walsmann to wart poparcia kompromis, który te warunki spełnia.

Gilles Lebreton, *au nom du groupe ID*. – Monsieur le Président, chers collègues, les brevets essentiels à une norme, appelés BEN, sont des droits de propriété intellectuelle qui protègent une technologie, comme par exemple le wifi, le Bluetooth, la 4G ou la 5G, considérée comme indispensable pour fabriquer ou exploiter un produit conforme à une norme. Leurs titulaires sont donc en position de force pour concéder des licences d'exploitation aux utilisateurs de la norme aux conditions financières qu'ils imposent.

Des abus ont été constatés, notamment de la part de l'entreprise chinoise Huawei, qui possède de nombreux BEN. L'arrêt de référence rendu en la matière par la Cour de justice de l'Union le 16 juillet 2015 concerne d'ailleurs Huawei. Il était donc nécessaire d'intervenir pour protéger les entreprises utilisatrices des BEN, parmi lesquelles beaucoup de PME, mais aussi des entreprises françaises renommées, comme Renault, Valeo ou Thalès. C'est ce que fait la proposition de règlement de la Commission, considérablement améliorée par le rapport de madame Valsmann.

Le cœur de la réforme consiste à faire intervenir l'Office européen de protection de la propriété intellectuelle, dont l'efficacité n'est plus à démontrer. Cet office tiendra un registre des BEN et vérifiera leur caractère véritablement essentiel pour combattre le phénomène des faux BEN. Il créera une base de données pour renseigner les utilisateurs sur les divers aspects des BEN dans un souci de transparence. Parmi ses utilisateurs, les PME bénéficieront de services de conseils gratuits. L'Office pilotera enfin un mécanisme de règlement amiable des litiges grâce au recrutement d'experts auxquels les titulaires des BEN et les utilisateurs pourront recourir lors de la négociation des licences d'exploitation.

En conclusion, j'ai la conviction que, grâce à cet effort de moralisation du marché, l'exploitation des BEN se fera dorénavant à des conditions financières plus équitables que par le passé.

Emmanuel Maurel, *au nom du groupe The Left*. – Monsieur le Président, chers collègues, ce débat sur les brevets essentiels liés à une norme est quand même l'un des nombreux révélateurs du décrochage européen. Je rappelle qu'en 2000, l'Europe paradait à Lisbonne pour annoncer dans les dix ans à venir «l'économie de la connaissance la plus compétitive et la plus dynamique du monde». Près de 25 ans après cette tonitruante promesse, le constat est cruel: nos ambitions se sont brisées sur le mur de notre impuissance collective. Et l'on pourrait dire aussi que le laisser-faire libéral a eu raison de toute volonté d'orienter l'économie ou d'impulser une vraie politique industrielle digne de ce nom.

Je rappelle qu'au départ, l'Europe était à la pointe dans le domaine des télécommunications avec les normes 2G et 3G, et qu'elle s'est progressivement laissée concurrencer et distancer par les Américains et les Chinois. Nous avons raté le tournant de la 5G et de la 6G, mais aussi des nouveaux standards pour le wifi, le Bluetooth et les ports USB. Aujourd'hui, et c'est le chiffre important que je retiens, les entreprises européennes ne détiennent plus que 15 % des brevets essentiels liés à une norme, soit une chute de sept points en sept ans. Dans le même temps, la part des entreprises chinoises a doublé pour atteindre plus de 30 % en 2022. Ce décrochage n'est pas seulement technologique, il est évidemment aussi économique. Et je pense que tout cela est dû à des politiques à courte vue, qui ont sacrifié l'effort de recherche, et notamment la recherche fondamentale sans laquelle aucune application technologique n'est possible. Et ce sacrifice a été fait sur l'autel de l'austérité budgétaire et des réformes structurelles. C'est la raison pour laquelle je suis inquiet quand j'entends à nouveau les mêmes dirigeants qui proposent la même politique.

Nous n'avons donc à présent plus d'autre choix que de légiférer pour atténuer les effets de ces abandons successifs. D'abord, il y a le phénomène de ce que j'appellerai les «boîtes à brevets», ces entreprises qui rachètent tous les brevets possibles pour imposer des royalties exorbitantes à leurs utilisateurs, ce dont souffrent énormément nos PME. Renforcer l'accès aux brevets à des conditions équitables, raisonnables et non discriminatoires, c'est rétablir un peu d'équilibre. Et ça, je trouve que c'est pas mal.

L'autre aspect intéressant du texte, c'est la tenue d'un registre permettant de contrôler le caractère essentiel ou non d'un brevet, car on observe de plus en plus des détenteurs qui ont la fâcheuse tendance à considérer comme essentiel n'importe quel brevet, toujours dans le même but: celui de maximiser les profits. Enfin, je note que les procédures de conciliation pour arriver au juste prix ont été améliorées. Évidemment, j'aurais préféré que l'avis rendu par les commissions soit contraignant. Merci en tout cas. J'avais d'autres choses à dire, mais c'est un sujet qui en vaut la peine.

Danuta Maria Hübner, *rapporteur for the opinion of the Committee on International Trade*. – Mr President, Commissioner, dear colleagues, I speak on SEPs as rapporteur of the opinion for the International Trade Committee.

We have thoroughly examined the proposed regulation, focusing on global competition and the Union's geopolitical, economic, trade and security-related interests. In INTA's view, the regulation is not well balanced with respect to the role of patent owners and implementers. It also risks violating EU obligations under the WTO and affecting our strategic partnerships. The new measures may reduce innovation incentives and European companies' revenues, opening up the space for state-sponsored Chinese firms to thrive, especially in military equipment.

We need to take more time to find a better balance for the text. We should maintain the positive elements such as the FRAND determination, the transparency register and the competence centre, but they should be accompanied by rebalancing measures that are not in the proposed text, such as, for example, removal of the aggregate royalty provisions, the introduction of a dedicated stakeholder group and of a more credible timeline for implementation.

I believe that the SEP Regulation deserves further scrutiny and a proper impact assessment, consulting European patent authorities and striving for a better balance of measures to safeguard Europe's global innovation and standard-setting role.

Mislav Kolakušić (NI). – Poštovani predsjedavajući, patenti i zaštita autorskih prava doveli su do razvoja čovječanstva kakvog danas poznajemo. Međutim, patenti iz područja proizvodnje hrane, patenti iz područja proizvodnje lijekova i medicinske opreme moraju se ograničiti u maksimalnom trajanju od pet godina.

Pet godina je i više nego dovoljno da bi korporacije zaradile sve ono što su uložile u te projekte. Pet godina je dovoljno. Vrijeme je da kvalitetna hrana, kvalitetni lijekovi, budu dostupni svima, a da bi to bilo moguće, moramo patente u području proizvodnje lijekova i hrane ograničiti na maksimalno trajanje od pet godina, nakon čega postaju javno dobro. Dobro cijelog čovječanstva.

Seán Kelly (PPE). – *A Uachtarán*, Commissioner, licensing practices and standardised technologies have a significant impact on European industries and businesses. From Wi-Fi and other wireless communications, these technologies are integral to our modern economic fabric. In principle, I support enhancing transparency and negotiation pathways in standard essential patent processes and the Walsmann report.

Recognising the importance of rationalising regulatory processes, fostering transparency and balancing the intellectual property ecosystem is an opportunity to facilitate innovation, growth and investment.

However, as we embrace these opportunities, it is paramount to ensure that the European Union retains its competitiveness on the global stage. This is of particular importance to Ireland as an all location for innovation and enterprise.

Smaller companies, crucial for driving innovation, often find themselves at a disadvantage due to a lack of knowledge and legal representation when it comes to essential patents. I believe this SEP Regulation will help level the playing field, providing more predictability, transparency and legal certainty, particularly for SMEs.

The existing system can bring European businesses into litigations using the threat of market exclusion to enforce unfair licence terms. This ultimately causes consumers to bear higher product prices. When it comes down to it, EU competitiveness is a vital importance and should be a key factor when striking the balance between patent holders and users.

Maria-Manuel Leitão-Marques (S&D). – Senhor Presidente, Senhor Comissário, os ativos incorpóreos, como as marcas, os desenhos, os modelos, as patentes e os dados, são cada vez mais importantes na economia do conhecimento dos dias de hoje. As indústrias com utilização intensiva de propriedade intelectual representam quase metade do PIB total e mais de 90 % de todas as exportações da União Europeia.

Um dos tipos de patentes mais importantes são as chamadas patentes essenciais, isto é, patentes que protegem tecnologias que foram declaradas essenciais para a aplicação de uma norma técnica, por exemplo, as normas que suportam tecnologias como o 5G, o Wi-Fi e o Bluetooth.

No entanto, o mercado atual destas patentes é caracterizado por uma falta de previsibilidade e longas disputas e litígios, o que faz com que seja difícil desenvolver novos produtos inovadores baseados neste tipo de patentes. Infelizmente, a autorregulação não tem sido suficiente para debelar e eliminar estes problemas.

Por isso mesmo, o Parlamento defende, neste regulamento, que o Instituto de Propriedade Intelectual da União Europeia deve criar um registo de titulares de patentes essenciais, verificar quais as patentes que são realmente essenciais para uma determinada norma, qual o pagamento justo pela utilização dessa patente e prestar assistência nas negociações entre empresas.

Pretendemos assegurar que os utilizadores finais, incluindo as pequenas e médias empresas e os consumidores, beneficiam de produtos baseados nas mais recentes tecnologias normalizadas a preços justos e razoáveis. Esperamos, deste modo, e temos a certeza que a Comissão também, acelerar a inovação e não travá-la, garantindo que tanto os proprietários como os utilizadores de patentes essenciais são mais competitivos nos mercados mundiais.

Vlad-Marius Botoș (Renew). – Domnule președinte, domnule comisar Breton, stimuli colegi, tehnologiile moderne sunt parte a vieții noastre de zi cu zi prin multiplele aplicații pe care le folosim în mod regulat. La baza acestor tehnologii stau, firește, patentele esențiale și este normal ca acestea să fie plătite, iar cei care inventează și pun la dispoziție aceste tehnologii să beneficieze de munca lor. Este însă la fel de firesc ca atunci când plătești dreptul de a folosi o astfel de tehnologie să plătești doar pentru acea parte care este cu adevărat esențială și nu pentru aplicații adiționale de care te poți lipsi.

Este așadar nevoie să stabilim reguli clare și mai ales transparență în declararea patentelor, fără a îngrădi cu nimic dreptul la proprietate intelectuală. Nu putem să nu remarcăm disproporția dintre deținătorii de patente, care la ora actuală nu au obligații de transparență clare și pot introduce în prețul licenței ceea ce consideră ei de cuviință, și majoritatea utilizatorilor, fie că sunt întreprinderi mici și mijlocii, fie că sunt mari producători de mașini și unelte. Ca în orice domeniu economic, consider că avem nevoie să respectăm drepturile creatorului, dar trebuie să asigurăm transparența și etichetarea pentru cumpărători.

Reinhard Bütikofer (Verts/ALE). – Mr President, Commissioner, colleagues, indeed, it is important to create a new regulation in order to overcome the lack of transparency and to stop the long legal battles that we've seen in the past.

However, the two co-rapporteurs have presented their proposals as if they were just simple, clear, evident and balanced. I'm not convinced, and INTA has not been convinced. Within industry, within Commission, within the political groups in this House, there has been a broad debate about the right balance, and we should not try to hide that, and we should not, Ms Walsmann and Mr Wölken, attack the opposing arguments as just being threadbare.

I agree with a lot that has been said by colleague Hübner. She's been speaking not just for her own person or for her own group in INTA, but for INTA. In particular, the aggregate royalty provisions are not convincing to us, and the question whether the new regulation should just apply to future patents is also not satisfactorily solved. We have concerns that the global competitive situation of our industries will be weakened to the advantage of third-country competitors, and I think we should reconsider.

Raffaele Stancanelli (ECR). – Signor Presidente, signor Commissario, onorevoli colleghi, l'interazione fra brevetti e norme è fondamentale per l'innovazione e la crescita, poiché i brevetti stimolano la ricerca e lo sviluppo e consentono alle imprese innovative di ottenere utili adeguati sul capitale investito.

Circa l'84 % degli utilizzatori dei brevetti essenziali è costituito da piccole e medie imprese. Per tali motivi, la semplice minaccia di un provvedimento che porti a sospendere la fabbricazione di prodotti con la probabilità di un procedimento giudiziario ha effetti negativi. D'altronde, anche i titolari di brevetti SEP devono sostenere lunghi e costosi procedimenti giudiziari per il riconoscimento dei loro diritti.

Per questo motivo dobbiamo approvare norme che siano in grado di creare condizioni migliori ai fini della prevenzione, della risoluzione e della composizione dei conflitti. Sono convinto che l'istituzione di un registro dei brevetti SEP, di una banca dati centrale elettronica, la valutazione del carattere essenziale dei brevetti SEP, l'istituzione di un meccanismo di risoluzione extragiudiziale delle controversie limitata nel tempo, vadano nella giusta direzione.

Virginie Joron (ID). – Monsieur le Président, chers collègues, Monsieur le Commissaire, certains d'entre vous ont rencontré des lobbys, ici à Strasbourg, le mois dernier avec Moderna et BioNtech et cette semaine, vous allez probablement en voir d'autres. FleishmannHillard travaille pour Pfizer et a 63 lobbyistes avec un badge d'accès au Parlement. Medtech Europe, un nouveau lobby du marché du numérique de la santé, a déjà rencontré 40 fois la Commission.

Cette commission von der Leyen se finit donc comme elle a commencé: sous le signe de «Big Pharma». Après les milliards de contrats arrangés secrètement avec Pfizer-BioNtech Moderna, CureVac, Gilead, après les doses poubelles gaspillées, voici qu'ils veulent carrément changer la réglementation pharmaceutique en leur faveur. Aujourd'hui, nous parlons des brevets, des certificats complémentaires de protection. Bien sûr, nous sommes pour la recherche en Europe, mais il faut oser dire la vérité: c'est un pansement sur une jambe de bois. Depuis 20 ans, quel industriel a investi dans des chercheurs européens? Le résultat, c'est la production partie en Inde et en Chine, avec le dogme du générique, et des pénuries ici de médicaments essentiels.

Alors, le cartel pharmaceutique a trouvé la parade. Pour faire des petits profits, c'est plus facile de créer des pénuries, de faire de l'évasion fiscale, de faire une fausse publication pour tuer un ancien médicament, plus facile de faire des études cliniques de deux mois au lieu de deux ans pour ne pas trouver d'effets secondaires, plus facile de convaincre quelques bureaucrates par un lobbying pernicieux.

L'urgence, c'est de reprendre le contrôle de ce secteur. Le bingo de la Covid-19 a court-circuité toutes les procédures habituelles et a engendré de mauvaises habitudes, naïves ou complices, chez certaines autorités. Notre santé ne doit pas devenir une fête foraine où l'illusionniste vous fait les poches et disparaît.

Maxette Pirbakas (NI). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, ce nouveau paquet législatif sur les brevets essentiels est d'autant plus important que le secteur technologique est essentiel pour la croissance de l'économie européenne, et que la sécurité juridique en est une donnée primordiale. Je ne reviendrai pas sur la polémique concernant les doutes liés à l'inexpérience de l'EUIPO en matière de gestion de brevets, je dis juste que le Parlement européen devrait être impliqué dans le suivi des travaux de l'Office.

Sur le fond, je ne peux que saluer l'œuvre législative de la Commission en matière de propriété intellectuelle. La volonté est manifeste de créer un cadre juridique clair et harmonisé, à la fois protecteur des intérêts économiques des entreprises innovantes et des standards internationaux. J'espère en revanche que la Commission se montrera aussi active pour faire respecter la propriété intellectuelle liée aux brevets européens par des États tiers. Il ne faudrait pas que l'effort de renforcement de la propriété intellectuelle, mené par l'Europe et qui profitera aussi aux opérateurs économiques non européens, ne soit assorti d'aucune garantie de réciprocité.

Comme souvent avec l'Europe, le problème n'est pas notre habileté à créer de la norme, mais notre capacité à faire en sorte qu'elle ne soit pas contournée ou retournée contre nos intérêts. Bien sûr, demain, je voterai pour ce texte.

Henna Virkkunen (PPE). – Mr President, Commissioner, dear colleagues, for Europe to stay competitive we need to do more to encourage innovation. This requires continued investment in research, development and innovation. When talking about innovation, the importance of patents needs to be recognised.

Therefore, it is important to maintain a balance between the interests of patent holders and the users of standards. Reducing patent protection will increase risks as it will discourage European companies from participating in the development of global standards by undermining patent protection.

I have to say that this proposed regulation can have a negative impact on Europe's competitiveness, especially in the development of 5G and 6G technologies, where standard essential patents play a crucial role.

We know that 5G and 6G technologies are extremely important to the EU in developing its strategic autonomy and its global competitive edge in digital technologies. If Europe wants to keep its innovative edge we need to have stable and meaningful intellectual property rights such as patent rights.

I have to say that this proposed compromise does not take into account patent protection and creates too much regulatory burden, especially to the standard essential patent holders.

Beatrice Covassi (S&D). – Signor Presidente, signor Commissario, onorevoli colleghi, certificati protettivi complementari e brevetti essenziali sono gli strumenti giuridici da cui passano innovazione e sviluppo. Vengo dalla regione di Leonardo da Vinci e so bene che ogni giorno nuove invenzioni ci offrono soluzioni inedite. Per questo è fondamentale avere un sistema di brevettazione efficace, trasparente e snello. Se innovare significa fare ricerca, i brevetti hanno il ruolo di incoraggiarla, riconoscendo il genio e assicurando che gli sforzi e gli investimenti effettuati siano ricompensati.

Eppure, ancora oggi in Europa il quadro normativo sulla proprietà intellettuale è opaco e frammentato. Sui certificati complementari, la tutela nazionale risulta inefficace e onerosa. Dopo i brevetti europei è allora urgente avere anche certificati complementari europei. Avanti quindi per un sistema armonizzato, più efficace e trasparente, che nel settore farmaceutico porterà anche vantaggi ai pazienti, in termini di disponibilità di farmaci e prezzi.

Riguardo alle tecnologie di punta, la novità passa dai brevetti essenziali: in settori come il 5G o il Wi-Fi, dove esistono standard riconosciuti, questi brevetti devono anche garantire agli utilizzatori condizioni eque, ragionevoli e non discriminatorie. L'obiettivo è migliorare la circolazione delle innovazioni, dando più strumenti anche alle PMI, che sulla spinta del boom degli oggetti connessi, sono circa l'84 % degli utilizzatori dei brevetti. Il registro europeo e la banca dati centrale rafforzeranno trasparenza e certezza del diritto per tutti.

Cari colleghi, facciamo quindi un passo in avanti per l'innovazione, la nostra qualità della vita e il nostro benessere.

Bart Groothuis (Renew). – Voorzitter, commissaris, het is altijd flink oppassen geblazen wanneer de overheid roept dat er ergens geen eerlijke prijs voor wordt betaald. Het middel is dan vaak erger dan de kwaal. Kijk bijvoorbeeld eens naar hoe minister Hugo de Jonge in Nederland de woningmarkt op slot heeft gezet. Zeker, hij dwong lagere huurprijzen af, maar investeerders bouwen nu minder woningen en de markt gaat op slot.

Iets soortgelijks is nu aan de hand in Europa op het gebied van patenten. Je zal maar patenthouder zijn. Je zal maar al je kennis en intellectueel eigendom vast hebben gelegd in die patenten en daar je geld mee verdienen, bijvoorbeeld om 5G- en 6G-netwerken aan te leggen in Europa. Zij plukken de vruchten van hun arbeid, het zijn bedrijven zoals Nokia, Ericsson maar ook Philips. Ik zeg: laat Nokia, Ericsson, Philips niet overkomen wat de Nederlandse investeerders in de woningmarkt is overkomen. Voorstellen die bureaucratische lagen aanbrengen, die businessmodellen aantasten van bedrijven en van onze Europese kampioenen, die Chinese verdienmodellen mogelijk in de kaart spelen.

Collega's, zoals we in Holland al eeuwen zeggen: let op uw zaak. Steun morgen onze amendementen om dit voorstel te rationaliseren en steun ons in het verzet tegen dit wetsvoorstel.

François Thiollet (Verts/ALE). – Monsieur le Président, l'harmonisation des certificats est, après le brevet unitaire, un progrès vers la cohérence des politiques de santé en Europe, et nous en avons besoin. On l'a vu lors de la pandémie de Covid-19, l'accès aux vaccins – d'ailleurs Madame von der Leyen, si vous pouvez nous transmettre vos SMS, on les attend toujours – une union européenne de la santé est indispensable. Nous avons besoin d'une alliance du médicament qui permette à chacune et chacun, quel que soit son pays, quelle que soit sa situation, d'avoir un accès libre et le plus gratuit possible aux médicaments dont il a besoin.

Aujourd'hui, c'est plus de 15 millions de personnes qui doivent faire face à un besoin médical non satisfait en raison du prix ou du manque de disponibilité. Mais pourtant, plutôt que de défendre les plus fragiles, certains groupes de cette assemblée défendent au contraire les intérêts des plus puissants, des groupes pharmaceutiques, en proposant de rallonger la durée du brevet de neuf jusqu'à treize ans, alors qu'il faudrait plutôt la réduire pour permettre à tous de pouvoir accéder facilement aux médicaments.

Selon que vous serez l'ami des puissants, ou plutôt que vous serez moins l'ami des misérables, vos jugements seront plus ou moins influencés par les lobbies que vous fréquentez. Nous avons besoin d'un système qui soit plus juste, plus transparent, où la priorité est la santé de tous plutôt que le profit de quelques-uns.

Miapetra Kumpula-Natri (S&D). – Mr President, Commissioner, dear colleagues, I think this is a crucial file. It is not technical, even if it seems like that. I am not very happy with what has been the outcome of this file because I think it really endangers the future of the Europe's position as a telecom pioneer. I didn't hear a word mentioned here on the strategic autonomy. I didn't hear a word mentioning the critical infrastructure. On these days, we cannot forget critical infrastructure as telecom sector is very vital for us to see forward. So I think this is not a balanced version when we talk about the holders and licence providers. So I think hurrying here can do damage for European Union innovative R&D.

Also, I think, for example, the explanation on the retroactivity, how can you say that, 'please invest in Europe, but we are doing the retroactive legislation and we are overlooking that this would even change the existing patent agreements'? So, for me, it was very good that the chair of the JURI Committee has amended this one to find it more balanced.

And I really thought that it is not a party political question, that we will find a balanced outcome and look at these previously mentioned big vital questions for Europe. I think Europe, who was the champion in 2G, 3G, 4G, is doing it in 5G. We cannot forget that and find something more balanced for 6G and Europe to be champion.

Ondřej Kovařík (Renew). – Pane předsedající, pane komisaři, v posledních letech dostává evropský průmysl celkem zabrat. Evropským firmám Evropská unie navyšovala byrokracii, moc jim nepomohla ani s vysokými cenami energií a v boji proti nekalé konkurenci ze třetích zemí. Tak se to pokusme alespoň trochu napravit podporou inovací.

Dnes diskutujeme návrh, který má zlepšit podmínky využívání licencí a patentů, které jsou zásadní pro technologický rozvoj, inovace a budoucí růst firem. Průmysl v této oblasti trápí časté právní spory a vysoké licenční poplatky. Technické normy jsou přitom stále častěji využívány v širokém spektru průmyslových odvětví od automobilového průmyslu přes platební terminály až po inteligentní zařízení. Standardy mají být dostupné co nejširšímu okruhu subjektů, včetně malých a středních podniků, a to i prostřednictvím jasně definovaných licenčních podmínek. Musíme tedy zavést spravedlivé a nediskriminační podmínky pro takové licence. To pomůže společnosti lépe konkurovat na globální úrovni, zejména vůči asijským rivalům. Tato opatření umožní evropským firmám získat licence na technologie bez zbytečných překážek a soutěžit na globálních trzích za rovných podmínek.

PŘEDSEDÁ: MARTIN HOJSÍK

podpředseda

Billy Kelleher (Renew). – Mr President, this proposed regulation on standard essential patents has become fairly controversial and divisive over the last few weeks. Let's strip it back to what the objectives of such a proposal should be: one, establishing a framework that will ultimately benefit the consumer, either by lowering the cost of these technologies, increasing the availability of technologies, or simply improving the technologies; and two, fostering innovation.

And we have to ask ourselves in the area of fostering innovation with regard to the EU, there are severe regulatory obstacles and EU bureaucracy, and we cannot allow this to become the international or public perception of the European Union. We need to be known as a place where innovation can thrive and deliver on these commitments. Is it against this backdrop that we need to assess the set proposal? Does it strike the right balance between consumer interests and industrial interests? Will it foster innovation? Will it ease the process of establishing a patent or licensing a patent?

I would encourage my colleagues not to get entrenched in the position of one company or another, but to take a step back and assess the proposal on the basis of what is in the best interests of the EU market.

Michael Kauch (Renew). – Herr Präsident, meine Damen und Herren! Wir reden heute über standardessenzielle Patente auf Produkte, ohne die man bestimmte Innovationen gerade im Bereich 5G nicht produzieren kann. Als Liberale stehen wir für den Schutz des geistigen Eigentums. Zugleich gilt es aber auch, unangemessene Marktmacht bei Schlüsseltechnologien zu begrenzen, die zentral sind für die Innovation in der gesamten Wirtschaft. Deshalb braucht es einen fairen und diskriminierungsfreien Ausgleich zwischen den Interessen der verschiedenen Branchen – „Ja“ zum Schutz der Patentinhaber und „Ja“ zu mehr Markttransparenz bei essenziellen Patenten.

Daher begrüßen wir ausdrücklich den Vorschlag der Kommission, welcher auf expliziten Wunsch dieses Hauses erarbeitet worden ist. Nun kommt es darauf an, im Trilog diesen Vorschlag noch rechtssicherer zu machen. Es braucht eine gewisse Flexibilität bei den Registereinträgen für die Rechteinhaber und die Klarstellung, dass einem lizenzwilligen Nutzer ein Anspruch auf Erteilung einer Lizenz zusteht. Am Ende brauchen wir eben praxistaugliche Lösungen mit möglichst wenig Bürokratie.

Klemen Grošelj (Renew). – Gospod predsednik! Če resno mislimo s tehnološko razvojnim prebojem v okviru zelenega dogovora in če želimo biti med prvaki v zelenih tehnologijah, potem potrebujemo enotni in popolnoma harmonizirani evropski sistem pravil in norm intelektualne lastnine, katerega hrbtenica mora biti enotni patentni sistem.

Vsi globalni konkurenti strateško gradijo patentne družine, ki so podlaga za ključne patentne standarde, o katerih glasujemo tudi danes. Kljub nekaterim pozitivnim trendom pa Evropa kot regija zaostaja tako za Azijo kot tudi Severno Ameriko. Čeprav je bil evropski patent z unitarnim učinkom pomemben korak naprej, in to se že kaže v statistikah Evropske patentne organizacije in urada, pa je s krepitvijo globalne konkurence in tudi zaradi zaostrenih političnih razmer postalo jasno, da EU potrebuje enotni patentni sistem, ki bo globalno konkurenčen tako glede kakovosti patentov kot tudi cenovne dostopnosti, predvsem za mala in srednja podjetja.

Sam sem prepričan, da je to naslednji veliki izziv, ki je pred Evropsko unijo in brez katerega si ne predstavljam konkurenčne in tehnološko napredne Evropske unije in evropskega gospodarstva.

Izaskun Bilbao Barandica (Renew). – Señor presidente, señor comisario, la protección de la propiedad intelectual es un factor clave para incentivar la innovación y animar la inversión que la cataliza. Pero, en el caso de las patentes esenciales para normas, hay que extremar las precauciones para garantizar una posición equilibrada tanto para los titulares como para los ejecutores de las mismas. Nos va en ello la competitividad, no solo de los titulares de estas patentes, sino de sectores como la automoción o el futuro del internet de las cosas. Por eso compartimos plenamente todas las medidas que se proponen para añadir transparencia a este mercado y evaluaciones neutrales y objetivas, tanto sobre el carácter esencial de las patentes como sobre qué son y en qué consisten las condiciones razonables, justas y no discriminatorias en que se conceden.

Compartimos, en consecuencia, el registro digital de estas patentes y el mantenimiento de una base de datos que facilite la elección de una determinada licencia a los usuarios. También las medidas propuestas para que las verificaciones de esencialidad sean objetivas y neutrales, condiciones básicas para que los procedimientos que determinen el coste de los cánones sean transparentes.

Finalmente, apoyamos los procedimientos de arbitraje entre titulares de las patentes e interesados en su uso basados en la experiencia de la Oficina Europea de Patentes. Es el mejor camino para evitar procedimientos judiciales largos, complejos y costosos que afectan, básicamente, a las pymes.

Vystúpenia podľa postupu prihlásenia o slovo zdvihnutím ruky

Maria Grapini (S&D). – Domnule președinte, domnule comisar, stimați colegi, sigur că regulamentul are sens. Trebuie să vedem cum putem să protejăm proprietatea intelectuală. Problema mea, din punctul de vedere al întreprinderilor mici și mijlocii, din punctul de vedere al pieței interne (sunt vicepreședinta pieței interne): cred că regulamentul va avea efecte nefaste asupra celor mici, asupra întreprinderilor mici și mijlocii. Se introduc costuri suplimentare administrative, nu există suficientă transparență.

Domnule comisar, cred că acest punct de vedere pe care îl spun acum v-a fost transmis prin cele peste 200 de întrebări de către statele membre. Au spus-o și experți neutri. Eu cred că trebuia să ne gândim când facem acest regulament și la impactul utilizatorului final și la impactul asupra cercetării și a inovării dacă vrem ca Uniunea Europeană să fie lider în inovare, în cercetare, în tehnologie comparativ cu piața globală și de aceea cred că cel mai înțelept ar fi să retrageți această propunere, pentru că efectele viitoare vor fi greu de contracarat dacă va ieși așa, în forma actuală, acest regulament.

Mauri Pekkarinen (Renew). – Arvoisa puhemies, SEP-patentit eivät ole mitä tahansa patentteja. Ne suojaavat standardien kannalta tärkeää tekniikkaa. Euroopassa ei ole monia yrityksiä, jotka pystyvät tähän. Ylipäänsä Euroopassa yrityksiä, jotka pärjäävät patenttikisassa muun maailman kanssa, on tavattoman vähän.

Meillä on niitä muutamia. Niiden viidenkymmenen parhaan joukossa on muutama eurooppalainen: Nokia, Ericsson ja muutama muu. Meillä on niitä muutamia. Mikäli tämä komission esitys menee läpi, se kuitenkin merkitsee sitä, että näiden eurooppalaisten, vielä suurten, jotka ovat sekä 5G- että 6G-teknologiassa maailman johtavia, niiden asemaa täällä heikennetään. Niille aloille, joilla Eurooppa vielä jotenkin pärjää amerikkalaisten ja ennen kaikkea kiinalaisten kanssa, niille aloille tämä on isku, jota perustellaan sillä, että autoteollisuus ja eräät muut yritykset saivat tätä kautta hivenen halvemmalla oikeuksia, joista tässä on kysymys. Pidän tätä esitystä huonona.

Marc Tarabella (NI). – Monsieur le Président, l'accès aux médicaments est une question de santé publique qui met en jeu les principes d'égalité et de justice sociale. Deux obstacles majeurs s'opposent à la distribution équitable des médicaments essentiels: la disponibilité des médicaments et leur accessibilité.

En effet, les médicaments sont souvent le résultat de recherches longues et coûteuses, et l'on évalue à une moyenne de douze années le temps nécessaire à l'obtention d'une autorisation de mise sur le marché pour un médicament breveté. Qui plus est, chaque État fait à sa manière, avec le risque d'incohérences et une plus faible efficacité, ce qui n'est plus acceptable. Notre proposition au niveau européen permettra une plus grande disponibilité de médicaments innovants et devrait les rendre également plus abordables, ce qui aura un impact positif sur la santé des Européens.

Je me réjouis donc de ces avancées législatives qui permettront aux Européens d'accéder plus facilement et à moindre coût aux médicaments.

(Ukončenie vystúpení podľa postupu prihlásenia o slovo zdvihnutím ruky)

Thierry Breton, *membre de la Commission*. – Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs les députés, votre engagement sur les dossiers «Brevets essentiels à une norme» et «Certificats complémentaires de protection» est crucial pour promouvoir l'innovation et la compétitivité au sein de l'Union, je l'ai déjà dit dans cet hémicycle.

En ce qui concerne la réforme des certificats complémentaires de protection, je me réjouis de l'alignement des amendements du Parlement avec les principaux éléments des propositions de la Commission, sous réserve, bien entendu, des quelques divergences possibles dont nous discuterons en trilogue. J'y vois un pas crucial vers un système plus transparent, moins coûteux, offrant aussi une meilleure sécurité juridique.

En ce qui concerne les brevets essentiels à une norme, la commission JURI a donné un signal fort en direction d'un système équilibré et transparent, favorisant l'innovation autant en amont qu'en aval. L'innovation ne provient pas seulement des détenteurs de ces brevets, bien sûr, mais aussi de leurs très nombreux utilisateurs. L'incertitude juridique et économique, on le sait, nuit gravement à l'innovation et à notre compétitivité à l'échelle européenne, mais également à l'échelle mondiale.

Permettez-moi de répondre plus en détail à quelques points que certains d'entre vous ont soulevés. Tout d'abord, je tiens à souligner que la proposition de la Commission est basée sur de nombreuses consultations et une évaluation d'impact très solide. Elle est entièrement conforme à nos engagements internationaux, notamment dans le cadre de l'accord TRIPS. Certains d'entre vous ont remis en question l'impact sur notre compétitivité, notre souveraineté technologique et notre rôle de *global standard-setter*. Cette proposition, au contraire, stimulera la capacité de nos entreprises à innover, à développer de nouveaux produits en Europe sans empêcher la rémunération juste de l'innovation au travers des licences. Le nouveau cadre crée des avantages clairs pour les entreprises opérant en Europe, car il leur offre plus de prédictibilité, par exemple au moment d'évaluer les coûts liés à l'acquisition des licences, et leur permettra également d'avoir accès d'une façon plus équitable aux technologies dont elles ont besoin pour innover.

Je voudrais également souligner, en ce qui concerne les détenteurs de brevets essentiels à une norme, que la proposition ne fait aucune différence entre les entreprises de l'Union européenne et celles des pays tiers. Quiconque cherche à licencier ce type de brevet dans l'Union doit se conformer aux règlements de l'Union. Elle ne va pas désavantager donc les titulaires de brevet de l'Union européenne.

Ensuite, concernant le rôle prévu pour l'agence EUIPO, je tiens à dire que cette agence est aujourd'hui très expérimentée dans la gestion des procédures similaires, par exemple pour les droits des marques. Elle dispose d'une expertise de pointe, en étroite collaboration avec les offices nationaux de brevets. En outre, je vous rappelle que les recommandations des experts et les contrôles du caractère essentiel seront effectués par des experts externes. Cette agence peut gérer sans problème ces procédures conduites par des experts.

À propos de la question de la 5G et de la 6G, que certains ont évoquée, et sur les standards, nous soutenons les entreprises européennes pour continuer à être des «standard-setters». On l'a fait dans le paquet standard pour éviter que les standards ne soient mis en place par des entreprises non européennes. Nous investissons de l'argent européen au travers d'une JV pour les standards 6G. Il n'y a rien, je dis bien, rien, dans cette proposition qui pourrait mettre en danger la position de nos entreprises européennes dans ces standards. Comment peut-on être contre la transparence? La politique industrielle ne peut évidemment se faire dans les cours de justice.

Pour conclure, je voudrais vous remercier pour le débat que nous avons eu aujourd'hui qui prépare bien, je dois le dire, nos discussions en trilogue concernant ces deux dossiers, ainsi que pour le dossier «Licences obligatoires», le troisième pilier de notre paquet brevets, en espérant que celui-ci fasse l'objet d'un accord lors de la session plénière de mars.

Tiemo Wölken, Berichterstatter. – Herr Präsident, sehr geehrter Herr Kommissar! Vielen Dank für Ihre Erläuterungen. So wie gerade will ich erst kurz was zu den SPCs sagen und dann zu den SEPs. Zu den SPCs: Bereits heute ist es ja möglich, dass Pharmaunternehmen diese Schutzzertifikate bekommen können. Wir regeln jetzt allerdings europaweit ein einheitliches SPC, um die Fragmentierung des Marktes zu beenden, und das hilft auch den Herstellern von generischen Arzneimitteln, weil es die Planbarkeit erhöht und verbessert.

Schon jetzt ist es so, dass der Patentschutz ja unabhängig von der Herkunft des Unternehmens ist, also sowohl innovative Unternehmen innerhalb Europas als auch außerhalb Europas können profitieren. Deswegen glaube ich, dass wir im Rechtsausschuss hier einen sehr ausgewogenen Bericht verfasst haben, und freue mich über die Unterstützung morgen.

Ich möchte aber als Schattenberichterstatter auch noch mal was zu den SEPs sagen, weil das, was ich hier zum Teil gehört habe, doch haarsträubend ist. Ich glaube, dass wir im JURI-Ausschuss einen sehr ausbalancierten Vorschlag gewählt haben: auf der einen Seite der IMCO-Bericht und auf der anderen Seite der INTA-Bericht, die unterschiedlicher hätten nicht sein können, und wir haben die Fäden, glaube ich, sehr gut zusammengeführt im JURI-Ausschuss.

Der JURI-Text ist außerdem kompatibel mit den WTO-Vorgaben und den TRIPS-Vorgaben. Explizit sind Regelungen erlaubt, wenn es ein Marktversagen gibt, und wir haben hier ein Marktversagen. Herr Kommissar Breton hat das ja gerade noch einmal sehr deutlich ausgeführt. Die mangelnde Transparenz ist ein Problem. Der Änderungsantrag aus dem INTA-Ausschuss hingegen öffnet Tür und Tor, dass wir uns dem Diktat der Unternehmen aus anderen Jurisdiktionen unterwerfen müssten, insbesondere aus China. Ich muss dann doch tatsächlich mal die Frage stellen: Wo ist denn die strategische Autonomie, wenn wir uns von Huawei und Qualcomm die Bedingungen diktieren lassen, unter denen wir diese Technologien lizenzieren müssen? Da ist keine strategische Unabhängigkeit, das ist die reinste Abhängigkeit.

Noch ein Letztes: In bestehende Lizenzverträge greifen wir nicht ein. Alles andere sind wirklich falsche Behauptungen, und deswegen unterstütze ich sehr den Berichtsentwurf von Frau Walsmann und bedanke mich noch einmal für die gute Zusammenarbeit und hoffe, dass wir dafür morgen eine breite Unterstützung hinbekommen.

Marion Walsmann, Berichterstatterin. – Herr Präsident, liebe Kolleginnen und Kollegen! Zuallererst, bevor ich es vergesse, was mir auf dem Herzen liegt: Dank an die Schattenberichterstatter für die hervorragende Zusammenarbeit bei diesem doch sehr technischen, aber auch schwierigen Dossier. Es ist uns ein guter Kompromiss gelungen, mit dem wir die SEP-Lizenzierung in der EU effizienter gestalten werden. Der Vorschlag ist in der Anhörung auch von GD TRADE nicht kritisiert worden. Das TRIPS-Abkommen ist vereinbar, auch das wurde in der Anhörung gesagt. In bestehende Verträge wird nicht eingegriffen. Sie werden auch nicht verändert. Das ist schlicht eine falsche Behauptung.

Meine Damen und Herren, heutzutage profitieren die Drittländer bereits von der Tatsache, dass wir keine Regelung auf EU-Ebene haben. Es wird weidlich der Gerichtsstandort in Europa gerne genutzt, weil die Gerichtsverfahren sehr lange dauern. Das hat nichts mit Effizienz zu tun. Innovationen passieren hauptsächlich auf Ebene der Nutzer der SEPs, die Produkte aus dem Technologiestandort machen. Wenn sie keine Produkte herstellen, wird auch kein Treiber da sein, den nächsten Standort zu entwickeln und ein Patent dafür zu erwerben. Deshalb wird der Patentschutz nicht abgeschwächt, er wird gestärkt.

Meine Damen und Herren, Nokia und Ericsson haben selbst für eine Regelung plädiert, als sie noch Handys produziert haben. Leider sind auch diejenigen europäischen Firmen, die wir haben, nicht mehr so führend, und deshalb müssen wir Gas geben. Wir müssen mehr tun, Produkte schnell umzusetzen, auf den Markt zu bringen, damit wir auch Treiber haben für die nächsten Entwicklungen, meine Damen und Herren.

Wir werden mit diesem Vorschlag Ineffizienzen und Transaktionskosten bei der Lizenzierung reduzieren, Lizenzverhandlungen erleichtern, Abschlüsse von Lizenzverhandlungen beschleunigen und kostspielige und zeitaufwändige Rechtsstreitigkeiten reduzieren. Ein Stichwort zur Behörde: Mir ist es völlig egal, welche Behörde die neuen Aufgaben zugewiesen bekommt, solange sie der EU-Kommission rechenschaftspflichtig ist und den Umsetzungsprozess nicht unnötig in die Länge zieht, um auch dazu ein Wort zu sagen.

Meine Damen und Herren, bitte lassen Sie nicht die Huawei und Qualcomms dieser Welt bestimmen, was mit unseren europäischen SEPs geschehen soll. Lassen Sie uns das selbst bestimmen und für einen gesünderen und wettbewerbsfähigen Markt sorgen. Dieser wird den SEP-Inhabern in Form von nachhaltigen Einnahmen und Wachstum und den SEP-Anwendern in Form von rechtlicher und finanzieller Vorhersehbarkeit in ihren Geschäften zugutekommen. Deshalb werbe ich für ein transparenteres und faireres System.

Ein letztes Wort: Bei uns heißt es so schön: „In Gefahr und großer Not bringt der Mittelweg den Tod“. Seien wir einfach mal mutig und warten nicht länger ab.

Predsedajúci. – Rozprava sa skončila.

Hlasovanie sa uskutoční v stredu 28. 2. 2024.

10. Indicações geográficas da União Europeia para o vinho, as bebidas espirituosas e os produtos agrícolas (debate)

Predsedajúci. – Ďalším bodom programu je správa, ktorú predkladá Paolo De Castro, o návrhu nariadenia Európskeho parlamentu a Rady o zemepisných označeniach Európskej únie pre víno, liehoviny a poľnohospodárske výrobky a o systémoch kvality pre poľnohospodárske výrobky a o zmene nariadenia (EÚ) č. 1308/2013, (EÚ) 2017/1001 a (EÚ) 2019/787 a zrušení nariadenia (EÚ) č. 1151/2012 (COM(2022)0134 – C9- 0130/2022 – 2022/0089(COD)) (A9- 0173/2023).

Paolo De Castro, Rapporteur. – Signor Presidente, signora Commissaria, onorevoli colleghi, nonostante la legislatura in corso abbia a tratti dato l'impressione di un'Unione europea distaccata dalla realtà agricola, il nuovo regolamento sulle indicazioni geografiche restituisce un esempio concreto di come l'Europa – spinta dalla necessaria volontà politica – sia in grado di accompagnare i nostri agricoltori e produttori agroalimentari verso sistemi produttivi sempre più resilienti.

Trent'anni di investimenti e riforme delle nostre politiche agricole hanno infatti portato alla creazione di una vera e propria «politica di qualità», decisiva nel rendere la nostra filiera agroalimentare ineguagliabile al mondo in termini di qualità del cibo e sostenibilità dei processi di produzione, anche grazie a un modello unico di tutela, gestione e promozione di tanti prodotti sinonimo di eccellenza, unicità e legame con il territorio.

I negoziati degli ultimi mesi, grazie al forte mandato negoziale del Parlamento europeo, hanno portato a introdurre nel nuovo regolamento novità fondamentali, che faranno evolvere un sistema capace di generare valore senza bisogno di investire alcun fondo pubblico. Partendo dalla proposta della Commissione, abbiamo creato per la prima volta un vero e proprio testo unico europeo sulle produzioni di qualità, che garantirà un maggiore allineamento tra tutti i settori, salvaguardando le specificità dei vari comparti.

Tuttavia, alcune modifiche si sono rese necessarie già dagli obiettivi di questa riforma, che ora includono la necessità di garantire un reddito adeguato ai produttori di qualità, contribuendo al raggiungimento di un maggior sviluppo delle nostre aree rurali. I pilastri su cui, come Parlamento, abbiamo voluto incardinare il nostro lavoro sono diventati i quattro punti caratterizzanti l'intera riforma.

Innanzitutto, a partire dal rafforzamento dei consorzi, veri motori per lo sviluppo del sistema delle indicazioni geografiche, con maggiori e migliori responsabilità, tra cui la lotta alle pratiche svalorizzanti e la promozione del «turismo ad indicazione geografica».

Secondo, una maggiore protezione, soprattutto a livello internazionale, online e nel sistema dei domini Internet, oltre a quando le indicazioni geografiche sono utilizzate come ingredienti. Abbiamo poi posto fine, una volta per tutte, a quelle falle del sistema che consentono di sfruttare indebitamente, tramite norme nazionali, o addirittura strumenti unionali, come le menzioni tradizionali, la reputazione delle nostre indicazioni geografiche.

Ancora, la semplificazione delle procedure amministrative, stabilendo tempi certi di meno di un anno per l'esame da parte della Commissione delle richieste sia di registrazione che di modifica dei disciplinari delle indicazioni geografiche.

Infine, la sostenibilità e la trasparenza nei confronti dei consumatori, con l'indicazione obbligatoria sull'etichetta di qualsiasi prodotto DOP o IGP del nome del produttore e la redazione di un rapporto che spieghi l'importanza di questi prodotti in termini di sostenibilità ambientale, sociale, economica e di rispetto del benessere animale.

Colleghi, la riforma che ci apprestiamo ad approvare rappresenta l'unico atto legislativo di questa legislatura a supporto di un settore agroalimentare più competitivo e sostenibile.

È per questo che voglio ringraziare i colleghi relatori, i relatori ombra, la Presidenza spagnola del Consiglio, la Presidenza svedese, la Commissione – in particolare la Direzione generale dell'Agricoltura – e, non da ultimo, le nostre segreterie, per l'impegno senza il quale non sarebbe stato possibile raggiungere un risultato tanto importante non solo per i contenuti, ma anche per aver saputo contemperare le differenti posizioni di tutti gli attori coinvolti, dai produttori ai consumatori di questi prodotti che sono invidiati in tutto il mondo.

Adrián Vázquez Lázara, *ponente de opinión de la Comisión de Asuntos Jurídicos*. – Señor presidente, señora comisaria McGuinness, señorías, el sistema de indicaciones geográficas es un modelo de éxito de la Unión Europea. Son claves para nuestros productores y nuestras exportaciones porque confieren un valor añadido, un sello de calidad a nuestros productos. El texto que debatimos es positivo por varias razones. En ese sentido, le doy la enhorabuena al ponente De Castro por su excelente trabajo.

Se aumentan los poderes de los productores de indicaciones geográficas, mejora la protección a la Unión Europea, y a nivel internacional, y agiliza el sistema de registro eliminando burocracia. Además, la Oficina de Propiedad Intelectual de la Unión Europea establecerá un sistema de alerta de nombres de dominio y desempeñará un papel crucial en la lucha contra la falsificación de indicaciones geográficas.

Sin embargo, echo de menos algunas propuestas que salieron de la Comisión JURI. Desde 2019, cuando la EUIPO y la DG AGRI firmaron el acuerdo de protocolo, la EUIPO ha participado en el preexamen y el registro de indicaciones de manera eficaz y eficiente.

Aún así, creo que el texto que votamos es un gran paso adelante, pero también espero que en la próxima revisión del Reglamento la Comisión vuelva a poder transferir las competencias a la EUIPO.

Mairead McGuinness, *Member of the Commission*. – Mr President, good afternoon, colleagues, and can I just pay a tribute to Paolo De Castro – whose eye I cannot catch, but there you are – for his work on this file and indeed all of those who contributed to it. Given that we do have farmers' protests across Europe, I think this is a very good news story and sends a very strong signal, because our system of geographical indications helps to promote and protect the unique qualities of the food and drink that our farmers produce here in the European Union, and those are qualities of authenticity, of taste, heritage and diversity.

It's also worth reflecting on why the Commission came forward with this proposal. We had three main goals in mind. Number one, to protect intellectual property rights in the European Union, so that our farmers and producers are fairly rewarded for their efforts. Number two, to increase the uptake of GIs across the EU – because there are large differences today between Member States and if we address this imbalance, we can help rural and regional economies across the EU. And third, we want to harmonise and simplify the legal framework, a process started by the CMO reform.

So, at the end of October, we welcomed the political agreement on this new legislation. I believe the agreement reached is a balanced compromise which takes into account the sensitivities of all involved. The new legislation will create a simpler GI framework by introducing a single registration procedure for agricultural products, wines and spirit drinks. This will help to make the process more attractive for producers and more straightforward for administrations, both inside and outside the EU. Producer groups are empowered and we introduce the concept of recognised producer groups on a voluntary basis. I welcome these additions, which will help farmers to reinforce their position in the value chain and again, this is important, as we see our farmers raising concerns not just in Brussels but in all our Member States.

Equally, we are giving producers stronger tools to defend their interests, with rules on the use of a GI as an ingredient in a processed product and by strengthening the protection of GIs in the online environment. This is very welcome.

So I want to thank the Parliament for its support throughout the process. This work allowed us to find common ground and to meet the objectives we set. I look forward to your vote tomorrow and hope that you can endorse the final text, and that will allow us to put the law into practice in as little time as a month, and it will let our producers benefit from the new provisions as soon as possible. We will better protect the quality and diversity of our European agricultural sector for years to come because of your work.

Danilo Oscar Lancini, *relatore per parere della commissione per il commercio internazionale*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, vengo dalla Franciacorta, terra bresciana che ha fatto di eccellenza, sostenibilità e qualità molto più che uno slogan. Per noi è un modo di vita, non una questione di mercato.

Questo regolamento rafforza gli standard e la qualità alimentare dell'UE e garantisce che il nostro patrimonio culturale, gastronomico e locale sia preservato e certificato come autentico all'interno dell'UE e nel mondo. Questo vuol dire più tutela per le nostre specificità, per le produzioni locali e per quell'insieme di sapori e conoscenze che rendono così unici i nostri territori, come la nostra e la mia Franciacorta.

A Bruxelles gli agricoltori protestano e mi chiedo: che senso ha difendere le nostre indicazioni geografiche se a colpi di maggioranza danneggiate la nostra agricoltura assimilandola all'industria? Che senso ha difendere le nostre eccellenze se ci imponete cibi sintetici e farine di grillo? Che senso ha vietare gli alcolici a tutti per colpa di pochi ubriaconi? È come vietare le caramelle ai bambini perché lo zucchero fa male ai denti.

Ecco, mi piacerebbe vedere anche in altri dossier meno ideologia e più pragmatismo. Se vogliamo tutelare agricoltura, vini e spiriti, non c'è più tempo da perdere.

Anne Sander, *au nom du groupe PPE*. – Monsieur le Président, Madame la Commissaire, chers collègues, enfin une bonne nouvelle pour le monde agricole, c'est vraiment ce que représente cette réforme des indications géographiques! Parce que, oui, les indications géographiques sont une réussite, un succès de l'Union européenne qui montre qu'en promouvant l'indication de l'origine comme signe de qualité, l'Europe peut renforcer les productions locales essentielles au développement des territoires.

Et depuis leur création, elles n'ont cessé de se développer sur le continent et à la conquête de consommateurs européens et internationaux. Les Européens sont fiers de pouvoir consommer des produits authentiques des régions européennes. On dénombre plus de 700 appellations en France, plus de 3 500 en Europe, qui génèrent 65 milliards de valeur pour nos territoires et pour nos emplois.

Ce sont des productions qui s'exportent, qui sont valorisées, appréciées dans le monde entier, et que beaucoup aimeraient reproduire à l'envi. Mais justement, les indications géographiques sont le fruit d'une terre et d'un savoir-faire souvent ancien et qui ne sont pas reproductibles à l'envi, comme une simple marque. Et c'est bien pour cela que nous nous sommes battus, ici au Parlement européen, pour que l'Agence européenne de la propriété intellectuelle ne revoie pas elle-même et ne soit pas responsable du cahier des charges, car les IG ne sont pas des marques. Elles sont bien différentes. Et c'est pour cela que la Commission européenne doit rester compétente en la matière.

Sur la question viticole, nous sommes parvenus à garder une cohérence entre la politique viticole présente dans la politique agricole commune et les règles relatives aux indications géographiques. C'est fondamental pour assurer la cohérence. Pour terminer, j'ajouterai qu'avec ce texte, nos indications seront mieux protégées, parce que là aussi, il y a un véritable enjeu si l'on veut garder cette création de valeur dans nos territoires. C'est un texte qui permet de consolider, de clarifier, de simplifier et de valoriser davantage nos spécificités.

Clara Aguilera, *en nombre del Grupo S&D*. – Señor presidente, señora comisaria McGuinness, en primer lugar, quiero felicitar a mi colega Paolo De Castro, y a todos los ponentes alternativos, por el buen trabajo que se ha realizado. Como bien ha dicho él, es una de las satisfacciones que podemos dar al sector agrario por todo el trabajo que se ha realizado, y yo lo creo también.

Este Reglamento viene a modernizar el Reglamento relativo a las indicaciones geográficas, cuya última modificación fue hace dos años, y con esto conseguimos una mayor modernización del marco legal. Hablamos de las denominaciones de origen, indicaciones geográficas protegidas o especialidades tradicionales garantizadas que están permitiendo al sector agroalimentario —no solo al productor, también al sector industrial, a la cadena alimentaria—, producir y comercializar productos con una calidad reconocida dentro y fuera de la Unión Europea, que es el gran valor que se ha conseguido después de convertirlo en un elemento esencial de todos y cada uno de los acuerdos comerciales que se negocian por parte de la Unión Europea con terceros países. Por tanto, una calidad excepcional reconocida dentro y fuera de la Unión Europea.

El valor económico estimado de estas especialidades de calidad es de 80 000 millones de euros, y estoy muy orgullosa de que mi país represente el 10 % de ese alto valor. Estamos hablando de una importante política económica, social y territorial. No solo económica, sino social y territorial, de ahí su peso.

También me parece muy satisfactorio que la EUIPO no tenga el peso que querían algunos. Yo creo que debe estar en la DG AGRI y voy a seguir defendiendo que esto se produzca. Finalmente, por eso, me ha parecido un magnífico resultado y pienso que debe seguir siendo gestionado políticamente a través de la Dirección General de Agricultura.

Así pues, enhorabuena a todos. Es un gran éxito para el sector de la cadena alimentaria.

Marie-Pierre Vedrenne, *au nom du groupe Renew*. – Monsieur le Président, alors que les chocs se succèdent (crise financière, Brexit, ...), alors que les aléas climatiques et les intempéries sont devenus la norme, alors que nos agriculteurs sont victimes de Poutine et de ses tentatives de déstabilisation de l'agriculture européenne, des femmes et des hommes engagés perpétuent nos traditions et produisent des aliments de qualité. Ces savoir-faire, comme le comté, le cidre, l'oignon de Roscoff, sont protégés à travers l'appellation des indications géographiques.

Ces produits, c'est une chance pour l'agriculture européenne que nous défendons. Ces produits, c'est une force immense pour l'Union européenne qui fut pionnière avec ce système de protection que nous exportons. Ces produits, c'est un avantage pour notre rayonnement international.

L'Union européenne bâtit chaque jour davantage la réciprocité en garantissant que nos indications géographiques soient aussi préservées dans les autres pays. Les indications géographiques incarnent l'essence même du terroir, de l'identité culturelle et de l'identité économique des communautés qui le produisent. Il nous faut continuer à préserver cet héritage et ce sceau d'authenticité avec force et vigueur.

Claude Gruffat, *au nom du groupe Verts/ALE*. – Monsieur le Président, bonjour Madame la Commissaire, chers collègues, hier, 900 tracteurs et autant d'agriculteurs et agricultrices manifestaient dans les quartiers européens à Bruxelles. Comme vous le savez, la dénonciation des politiques néolibérales imposées par l'Organisation mondiale du commerce aux agriculteurs est au cœur de cette manifestation. Cet ultralibéralisme condamne notre agriculture, nos territoires, nos terroirs et est à rebours de la nécessaire souveraineté alimentaire.

Face à cette concurrence exacerbée à laquelle nos agriculteurs font face, le système des IG est un rempart qui permet de lutter contre les produits contrefaits qui menacent la réputation des produits issus des territoires locaux et régionaux, ainsi que les moyens de subsistance de leurs producteurs et productrices. Ces productions protégées par une IG sont au nombre de 3500 dans l'Union européenne et nous pouvons en être fiers car elles favorisent la chaîne d'approvisionnement alimentaire plus courte et à forte valeur.

Autant d'ambitions que le groupe des Verts défend, que nous avons essayé de porter dans ce dossier. Ce dossier avait trois lignes importantes, trois lignes majeures pour nous. La première concernait le cadre octroyé au vin. Suite au trilogue, les dispositions relatives au contrôle et à l'étiquetage des vins ont été maintenues dans l'OCM et nous en avons été globalement satisfaits.

La deuxième préoccupation concernait le rôle octroyé à l'EIPO et nous avons défendu tout au long des négociations que les tâches les plus sensibles impliquant l'examen, l'approbation et l'opposition des demandes d'IG devaient rester dans les mains de la Commission. Et là encore, nous avons été globalement satisfaits.

Malheureusement, notre dernière ligne rouge concernait les pratiques de durabilité que la Commission souhaitait instaurer dans le cahier des charges des IG. Ces pratiques ont été la monnaie d'échange pour négociation sur d'autres points dans le dossier, rien d'ambitieux et aucun système de contrôle de mise en place n'est sorti des négociations. Ces pratiques de durabilité ont été réduites à peu de chagrin et ne sont plus que des effets d'annonce, voire de *greenwashing*.

Domage que ce texte ne bénéficie pas de cette innovation à cette étape. Étant donné que ce point était une nouveauté dans le dossier et était central pour nous les Verts, nous nous abstiendrons sur le vote final. Je souhaite remercier Paolo Di Castro, le rapporteur et tous les autres shadow rapporteurs pour le bon travail tout au long des négociations.

Mazaly Aguilar, *en nombre del Grupo ECR*. – Señor presidente, mañana en este Parlamento se va a votar un acuerdo alcanzado con el Consejo de la Unión Europea sobre una nueva legislación que fortalecerá la protección de las indicaciones geográficas. Regulará también la utilización de productos con denominación de origen que sean ingredientes de otros productos elaborados. Estos cambios son un paso significativo para garantizar la autenticidad y la calidad de los productos agrícolas europeos, proteger los intereses de los productores y preservar la reputación de las denominaciones de origen en el mercado.

Como ponente alternativa de este informe no puedo sino estar satisfecha con los acuerdos y avances alcanzados porque la aprobación final de este acuerdo reflejará, por una vez, el compromiso de la Unión Europea con la protección de su patrimonio agrícola y la promoción de productos de calidad reconocidos a nivel internacional.

Expreso mi más sincera enhorabuena al ponente, Paolo De Castro, al resto de ponentes alternativos y a todas aquellas personas que en el equipo han ayudado a obtener esta magnífica y estupenda noticia, por fin, para el sector primario.

Elena Lizzi, *a nome del gruppo ID*. – Signor Presidente, signora Commissaria, onorevoli colleghi, approviamo finalmente in via definitiva il regolamento sulla revisione delle indicazioni geografiche, uno dei pochi risultati degni di nota di questa legislatura, anche perché è frutto di un vero lavoro di condivisione, come dovrebbe essere sempre.

Siamo dovuti però intervenire con correzioni rispetto al testo base, perché la Commissione non aveva ben strutturato norme per un comparto che vale 90 miliardi. La Commissione voleva trasformare le indicazioni geografiche in marchi commerciali e con le sue politiche incomprensibili voleva sgretolare le disposizioni sul vino. Grazie agli emendamenti della Lega-Salvini Premier, in futuro non ci saranno più casi come il «Prosek». Ricordo al Commissario, che non si è ancora espresso a questo riguardo, che procrastinare non risolve il problema. Però forse in questo caso ormai è meglio aspettare la pubblicazione del regolamento. Per fortuna ci abbiamo pensato noi a riempire alcuni silenzi all'interno del testo. Ma in futuro?

Purtroppo, gli agricoltori, anzi direi finalmente, si stanno accorgendo di quello che è successo in questi cinque anni e anche ieri sono tornati in piazza a protestare contro questa Commissione. Ora la Commissione emana in fretta e furia azioni a favore degli agricoltori, cercando di rimediare agli errori del passato: troppo tardi! Non è mai, forse troppo tardi, ma in questo caso è troppo tardi. C'è bisogno di cambiare rotta e solo noi della Lega, da sempre contrari alle «eco-follie», siamo e saremo dalla parte degli agricoltori.

Eugenia Rodríguez Palop, *en nombre del Grupo The Left*. – Señor presidente, con el sistema de indicaciones geográficas, nuestros agricultores pueden apostar por productos de calidad y obtener un precio más justo por ellos, mejorando su posición en la cadena de valor. No es que esto solucione todas las demandas del campo, pero, frente a la idea de la agricultura como una simple industria extractiva, favorece a la agricultura familiar y social y le ofrece herramientas para resistir al expolio de los fondos de inversión.

La reforma que hoy aprobamos refuerza, además, el papel de las agrupaciones de productores, mejora los mecanismos de protección y garantiza que la del vino siga siendo una política agraria en el marco de la PAC. En España, gracias a las denominaciones de origen, hay bodegas pequeñas arraigadas en el territorio que generan empleo, se adaptan al entorno y lo conservan.

Las indicaciones geográficas no son esos derechos de propiedad intelectual con los que cada uno se apropia de lo que produce: porque no solo valoran el producto, sino la forma de producirlo, que por su carácter muchas veces tradicional y situado, entronca con el saber colectivo de las zonas rurales. La supervivencia del campo depende también de la sabiduría de quienes lo viven y lo trabajan.

Es verdad que, en esta reforma, las medidas de sostenibilidad no son las que marcaba la Estrategia «De la Granja a la Mesa», porque algunos siguen empeñados en confrontar al campo con la conservación del suelo, el agua, los nutrientes y la biodiversidad. Pero, a pesar de eso, hemos dado un paso adelante en favor de los agricultores. Confiamos en que otros puedan hacer mañana lo que hoy no hemos podido lograr.

Maxette Pirbakas (NI). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, chers collègues, les plus de 2 000 produits relevant de systèmes de qualité sanctionnés par une AOP ou une IGP sont la pierre angulaire de notre système agricole, le moteur de l'exception agricole européenne. Cela va bien au-delà de la simple propriété intellectuelle dans laquelle un jurisme étroit veut les enfermer. Il s'agit de notre identité charnelle, mais aussi de l'attractivité financière de notre agriculture, puisqu'un produit labellisé se vend en moyenne entre 1,5 et 3 fois le prix d'un produit non labellisé.

Ce modèle fragile est systématiquement menacé dans le cadre des accords de libre-échange, nos partenaires extérieurs voulant faire passer notre vision des choses pour des mesures protectionnistes dissimulées. S'agissant des vins et spiritueux, parmi lesquels les rhums IGP des départements français qui sont les meilleurs au monde, le secteur est plus stratégique. Les vins représentent 50 % de la valeur totale de vente de toutes les IGP et les spiritueux représentent 15 %.

La proposition de règlement que vous proposez est un nouveau pas dans la protection de nos systèmes de qualité. Je le voterai évidemment, Monsieur le Commissaire, mais je voudrais retrouver ce même engagement en faveur des IGP dans la négociation des accords de libre-échange, ce qui n'est hélas pas toujours le cas.

Daniel Buda (PPE). – Domnule președinte, doamnă comisar, doamnelor și domnilor colegi, în primul rând, felicit toți actorii implicați în acest proces, care reprezintă un pas important pentru consolidarea regulamentului privind indicațiile geografice. Stimați colegi, un lucru este cert: indicațiile geografice nu sunt doar simple etichete. Ele reprezintă o promisiune de calitate și originalitate. În spatele fiecărei indicații geografice se ascund povești de patrimoniu și tradiții transmise de-a lungul generațiilor. Acest regulament vine la timpul și momentul oportun, dacă tot discutăm de protestele fermierilor, într-un sector în care există nevoie de predictibilitate și soluții viabile.

Indicațiile geografice sunt elemente esențiale pentru diferențierea produselor noastre pe o piață globală competitivă și pentru susținerea dezvoltării rurale și valorificarea resurselor locale. Fermierii sau grupurile de producători își vor putea consolida poziția în lanțurile de aprovizionare, având la îndemână instrumentele necesare prin care să ofere consumatorilor produse de înaltă valoare adăugată și mai ales din regiuni bine definite. Vreau însă să atrag atenția că protecția indicațiilor geografice este esențială și pentru prevenirea falsificării și a imitării produselor autentice, care pot afecta nu doar economia, ci, mai grav, reputația și încrederea consumatorilor.

Negocierile din trialog au subliniat angajamentul nostru colectiv de a proteja aceste valori. Munca noastră nu se oprește însă aici. Trebuie să intensificăm acțiunile de promovare pentru a crește gradul de conștientizare a calității acestor produse în rândul consumatorilor, iar etichetarea trebuie să fie făcută de o manieră care să nu creeze confuzii. Indiferent că vorbim de pălincă, de vinurile de Jidvei sau de prosciutto di Parma, consumatorul trebuie să aibă garanția calității produselor cumpărate.

Ibán García Del Blanco (S&D). – Señor presidente, el sistema de indicaciones geográficas protegidas está valorado por sí mismo en 80 000 millones de euros a día de hoy y tiene todavía margen potencial para poder evolucionar, para poder aportar todavía mayor valor añadido para nuestros productores y productoras y para que pueda haber una evolución.

En ese sentido, hay que poner en valor, una vez más, el valor de la propiedad intelectual y la importancia que tiene en nuestro mercado, en nuestra capacidad de crecer y en el sostenimiento de nuestra productividad para el futuro.

De ahí que, como apunta este informe, sea tan importante que la protección geográfica no solo se refuerce, sino que también se extienda a las operaciones en línea, y que esto se haga mediante bloqueo geográfico de conformidad con el Reglamento de Servicios Digitales.

Quiero felicitar por este nuevo informe, por esta nueva propuesta, a los ponentes, así como a las presidencias sueca y española, ambas implicadas. Y quiero felicitar también por la participación de la Oficina Europea de Propiedad Intelectual que creo que tiene el saber hacer suficiente para poder aportar también valor añadido.

En ese sentido, creo que es una buena norma, que tiene muchos elementos de equilibrio y positivos y, por ello, pido el voto a favor para el día de mañana.

Valter Flego (Renew). – Poštovani predsjedavajući, već sam par puta iz ovoga mjesta upozoravao na krivotvoritelje meda i maslinovog ulja koji na police trgovina stavljaju patvorene proizvode. I onda imamo ekstra djevičansko maslinovo ulje, jednu litru na polici u trgovini po tri ili četiri eura, a dijete u osnovnoj školi zna da je nemoguće ga proizvesti po toj cijeni, a isto je s medom.

Ali danas želim reći da se to, nažalost, dešava i s vinom. Možemo pričati o istarskoj malvaziji, o graševini, o plavcu malom... Zato, poštovani povjereniče, ja vas molim da shvatite da geografska oznaka zemljopisnog podrijetla, je dobra, ali nije dovoljna u zaštiti kvalitete naših poljoprivrednih proizvoda i zato inzistiramo na *premium* oznaci, kako bi naši kvalitetni poljoprivredni proizvođači mogli živjeti od svog rada, a ne da moraju diljem Europe prosvjedovati. I tako bi se mogla napraviti jasna razlika između poljoprivrednih proizvoda na policama.

I da, tražim da osvijestite ministarstva poljoprivrede u državama članicama da prestanu prebacivati odgovornost i da uvedu red na tržištu kako, bi se sankcioniralo podvaljivače, a ne proizvođače.

Manuela Ripa (Verts/ALE). – Herr Präsident, sehr geehrte Kollegen, liebe Kommission! Die Europäische Union ist wie kein anderes Land Vorreiter in Qualitätserzeugnissen. Keiner kann uns hier etwas vormachen, was den Reichtum und die Vielfalt unserer regionalen Lebensmittel ausmacht. Daher ist es richtig und wichtig, die Qualitätsprodukte, die unser europäisches, regionales, kulturelles Erbe ausmachen, zu schützen und ihre mit ihrem geografischen Ursprung sowie traditionellem Know-how verbundenen einzigartigen Eigenschaften herauszustellen. Gerade jetzt, in Zeiten, wo europäische Landwirte dem Druck und Konkurrenzkampf mit Billigprodukten aus Drittländern ausgesetzt sind, müssen ihre traditionellen Qualitätserzeugnisse geschützt werden.

Begrüßenswert in dem Kommissionsvorschlag war, dass ein Fokus auf nachhaltige Herstellung gelegt werden sollte, also auf einen besseren Schutz der natürlichen Ressourcen unserer Ökosysteme und mehr Tierschutz. Das muss dann auch gleichermaßen für Produkte aus Drittstaaten gelten. Leider gibt es jedoch keine einheitlichen Standards für die Nachhaltigkeit. Es gibt keine Kontrollen und keine Verpflichtungen einzuhalten. Vielmehr können die Kriterien für Nachhaltigkeit von Erzeugergemeinschaften selber festgelegt werden, was zu einem reinen Greenwashing verkommen und Verbraucher damit in die Irre führen kann. Ohne klare Vorgaben findet das auch keine Nachahmung bei unseren Handelspartnern. Das ist eine verpasste Chance, den Nachhaltigkeitsaspekt der Produkte zu stärken und damit die Qualität unserer europäischen Produkte gerade gegenüber Produkten aus Drittstaaten hervorzuheben und zu verfestigen.

Krzysztof Jurgiel (ECR). – Panie Przewodniczący! Popieram projekt porozumienia w sprawie oznaczeń geograficznych. Znacząca liczba produktów objętych systemem znakowania geograficznego dowodzi, że żywność produkowana w Europie cechuje się wyjątkową jakością i prezentuje imponujące dziedzictwo kulinarne, które mamy obowiązek chronić przed nieuczciwą konkurencją i tandetnymi podróbkami. Wśród różnych elementów nowej regulacji szczególnie dobrze oceniam uproszczoną i skuteczniejszą procedurę rejestracji nowych produktów. Dobrze, że nowe rozporządzenie rozszerza zakres ochrony oznaczeń geograficznych w Internecie.

Doceniam również zostawienie państwom członkowskim niezbędnej elastyczności przy wyznaczaniu tzw. uznanych grup producentów o zwiększonych uprawnieniach i obowiązkach. Produkty chronione graficznie to często unikatowe produkty lokalne, którym trudno jest konkurować z produkcją masową. Dlatego konieczne jest stałe wzmacnianie pozycji rolników, zwłaszcza drobnych producentów, w łańcuchach dostaw żywności. W związku z tym wnioskuję o intensywną pracę nad kolejną nowelizacją dyrektywy o nieuczciwych praktykach handlowych, ponieważ analizy rynkowe jasno dowodzą, że pomimo nowelizacji w roku 2019 wielu sprzedawców hurtowych nadal nadużywa swojej dominującej pozycji na rynku kosztem dostawców rolnych.

Gilles Lebreton (ID). – Monsieur le Président, chers collègues, le système européen des indications géographiques est un grand succès. Il permet de protéger 3 500 dénominations de vins, spiritueux et produits agricoles. La présente réforme a pour ambition de l'améliorer encore davantage, notamment en clarifiant les règles d'enregistrement des indications géographiques et en assurant leur protection sur internet.

Deux craintes qui entouraient cette réforme ont été levées. D'une part, les dispositions relatives aux vins sont maintenues dans le règlement sur l'organisation commune des marchés, comme le souhaitent les professionnels du secteur. D'autre part, la réforme clarifie le rôle de l'Office de l'Union européenne pour la propriété intellectuelle. Conformément aux attentes du monde agricole, la réforme ne lui confie que des tâches administratives de gestion des enregistrements, le pouvoir de décision sur le contenu des indications géographiques étant laissé à la Commission. L'objectif d'améliorer la protection des indications géographiques est donc atteint. Il faut se féliciter que l'Union européenne ait réussi, en la circonstance, à soutenir l'excellence de nos produits agricoles et viticoles.

Emmanuel Maurel (The Left). – Monsieur le Président, la colère des agriculteurs européens ne faiblit pas. C'est une colère évidemment légitime, mais ce qui se joue dans ce mouvement va au-delà du simple aspect économique, car c'est aussi, d'une certaine façon, de notre mode de vie dont il est question. Et c'est là que je fais le lien avec notre sujet. Sans souveraineté alimentaire, il n'y a pas de patrimoine gastronomique et culinaire. Il faut faire tenir ensemble les deux. Et c'est la raison pour laquelle nous avons besoin de tous les paysans d'Europe.

C'est vrai que le monde paysan est traversé par des contradictions, le productivisme l'emportant parfois sur la qualité. Mais c'est un monde qui a aussi son unité, où les traditions les plus ancrées et les savoir-faire les plus exigeants sont transmis de génération en génération, et notamment pour tout ce qui concerne les indications géographiques et les appellations d'origine contrôlée. Nous avons la chance d'avoir la meilleure agriculture du monde, celle qui respecte le plus les normes et des standards élevés exigeants. Je ne sais pas si on pourra garder un tel niveau, y compris pour nos IGP et nos AOP, sans protéger davantage notre agriculture face à une concurrence déloyale qui ne respecte pas les normes. Donc, en renforçant notre législation sur les IGP, en les dotant d'un régime spécifique dans les accords de libre-échange, nous prouvons que c'est possible, et j'espère de tout cœur que nous progresserons encore dans ce domaine.

José Manuel Fernandes (PPE). – Senhor Presidente, as indicações geográficas valorizam as nossas raízes e tradições, promovem o nosso património cultural e gastronómico, defendem a autenticidade, defendem o mundo rural, são sinal de qualidade, são mais-valia, são uma herança e um legado que temos de acarinhar.

Temos de proteger os produtos, ainda que alguns sejam impossíveis de replicar, como é o caso do vinho verde. Há que simplificar e simplificar para nós possibilitarmos o aumento desta mais-valia, que são as indicações geográficas.

Para além da simplificação é ainda necessário apoiar, sobretudo os pequenos produtores, porque indicações geográficas são sobretudo para a defesa do mundo rural, e este objetivo de defender os pequenos produtores implica que haja aconselhamento, que haja estruturas regionais e locais para ajudarem os agricultores, os pequenos produtores, a poderem certificar os seus produtos, podendo ter indicações geográficas protegidas.

Aproveito para elogiar o trabalho da Comissão e do nosso relator. As indicações geográficas são uma mais-valia e permitem reforçar o mundo rural, os pequenos produtores, a agricultura.

Cristina Maestre Martín De Almagro (S&D). – Señor presidente, la Unión Europea es el primer exportador mundial de productos agroalimentarios con 230 mil millones, de los cuales 80 mil millones provienen de productos con indicaciones geográficas.

Estos productos agroalimentarios poseen unas características que son genuinas y de calidad, y que los hacen únicos en el mundo. Por eso poseen etiquetas de indicaciones geográficas y nos centramos en protegerlos y compartirlos más allá de nuestras fronteras. Para eso también está la Unión Europea.

La semana pasada, la Comisión Europea aprobó la inscripción en el registro de denominaciones de origen de la denominación de origen Campo de Calatrava. ¿Por qué? Pues porque no hay lugar en el mundo donde se cultive un vino con los mismos extraordinarios matices y nutrientes gracias a su producción en una zona pedregosa y volcánica que lo hace único en el mundo. Para eso están estas consideraciones.

Por tanto, este Reglamento que aprobamos hoy garantiza que cualquier persona en el mundo pueda degustar un excelente vino con denominación de origen o un excelente queso manchego sin que le den gato por liebre. Este Reglamento, además, garantiza el futuro y la supervivencia del sector agrario, y también la economía de la zona como potencial turístico de comercio, que también es un valor añadido para muchos territorios que lo necesitan. Por lo tanto, enhorabuena, querido Paolo de Castro, por el excelente trabajo que ha realizado.

Ladislav Ilčić (ECR). – Poštovani predsjedavajući, poštovani kolege, hrvatsko vino prošek, pod tim imenom, postoji od šesnaestog stoljeća. Tada nije postojalo jedinstveno tržište, pa tako ni želja da se okoristi sličnošću imena nekog drugog proizvoda. Ne postoji ni danas, zato što se prošek, kao jedno tamno, slatko desertno vino, značajno razlikuje od drugih proizvoda sličnih imena.

Podržavam ovo izvješće jer donosi dosta poboljšanja, a iznad svega zato što donosi odredbu po kojoj će se odluka o zaštiti nekog proizvoda – a tako će biti i za prošek – donijeti prema proceduri koja je bila aktualna kad je postupak počeo. Dakle, prošek ne bi smio biti žrtva prekompleksne europske regulative, kao niti nekakvih zakulisnih političkih igara. Drago mi je da Europska unija služi zaštiti autohtonih i kvalitetnih domaćih proizvoda kao što su prošek i prosecco i nadam se da će prošek uskoro dobiti zasluženu zaštitu.

Rosanna Conte (ID). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, 890 indicazioni geografiche tra cibi, vini e bevande spiritose: con questi dati l'Italia è il primo Paese europeo per prodotti certificati DOP e IGP, che hanno un valore di più di 20 miliardi di euro totali.

Grazie a questo regolamento proteggeremo di più i nostri produttori, soprattutto dalla contraffazione, e finalmente garantiremo che il nostro patrimonio culturale, gastronomico e locale venga certificato come autentico nell'Unione europea e in tutto il mondo. Si tratta di un risultato importante, che magari tratterà la strada anche per dirimere dispute come quella del «Prošek» e il nostro amato Prosecco. Sicuramente in futuro non si presenteranno più problemi simili, perché il nuovo regolamento è chiaro: le menzioni tradizionali come il «Prošek» non potranno essere registrate in caso di indicazioni geografiche come il Prosecco.

Per arrivare a questo risultato, noi della Lega abbiamo lavorato in prima linea, dimostrando di essere sempre a fianco dei produttori e dei territori per la salvaguardia delle nostre eccellenze agroalimentari.

Salvatore De Meo (PPE). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, innanzitutto voglio ringraziare il relatore Paolo De Castro per il lavoro che ha saputo fare rispetto ad un regolamento sulle indicazioni geografiche che, proprio in questo momento di grande tensione tra le istituzioni e il mondo agricolo, conferma invece come le politiche europee possono concretamente beneficiare il settore, valorizzando il lavoro dei produttori e favorendo nuove opportunità di crescita. Infatti, questo regolamento, a differenza di altri, rafforza la percezione positiva della nostra Unione europea.

Le indicazioni geografiche non sono solo un marchio ma una garanzia di qualità e di legame con un territorio: proteggono i nostri metodi di produzione, tutelano la tradizione e le caratteristiche uniche dei nostri prodotti, che sono conosciuti in tutto il mondo. Con le nuove norme, i gruppi di produttori avranno maggiori diritti e avranno un ruolo più attivo nella gestione delle indicazioni geografiche. Ciò significa una maggiore autonomia e soprattutto capacità di proteggersi da pratiche commerciali sleali, che sempre più minacciano l'integrità e il valore dei nostri prodotti. Allo stesso tempo, saranno i consumatori a beneficiare di questa iniziativa perché avranno la certezza di poter acquistare prodotti sani e legati al territorio.

In un contesto globale sempre più competitivo, l'Europa deve essere baluardo della qualità e della tradizione. Le nuove indicazioni geografiche, con questa revisione, sono uno strumento per rafforzare la competitività dei nostri prodotti sui mercati globali, promuovere la diversità e la sostenibilità del nostro sistema agricolo e creare nuove opportunità di lavoro e di sviluppo per le zone rurali.

Questa risoluzione, con un voto favorevole diventa un investimento nel futuro del nostro sistema agroalimentare e nel benessere dei nostri concittadini.

Achille Variati (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, oggi con il nuovo regolamento sulle indicazioni geografiche, il Parlamento mette in campo una serie di novità decisive per rafforzare la competitività e la sostenibilità delle nostre filiere di qualità, contribuendo allo sviluppo delle comunità rurali europee.

Per questo voglio ringraziare il relatore, onorevole De Castro, in particolare per aver rafforzato la protezione di DOP e IGP non solo a livello internazionale e online, ma anche all'interno del mercato unico, dove ancora oggi permanevano falle che consentivano, per esempio, l'utilizzo di strumenti quali le menzioni tradizionali per evocare denominazioni protette distintive invece di interi territori europei e invidiate in tutto il mondo, come ad esempio il Prosecco.

Il testo che ci apprestiamo a votare farà evolvere ulteriormente la politica di qualità che negli ultimi decenni ha fortemente supportato la grande forza propulsiva delle filiere dei prodotti di indicazione geografica, da sempre espressione di un patrimonio economico per la sua natura non delocalizzabile, frutto del lavoro coeso di un sistema complesso e organizzato che in Italia coinvolge 200.000 operatori e 300 e più consorzi di tutela.

Sergio Berlato (ECR). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, tra le giuste lamentele che vengono evidenziate in questi giorni durante le proteste dei nostri imprenditori agricoli, si evidenzia la mancanza di un reddito adeguato; si denuncia l'enorme divario tra i prezzi che vengono riconosciuti ai produttori e i prezzi pagati dai consumatori.

Questo succede anche per effetto di una domanda fortemente organizzata, soprattutto nella grande distribuzione organizzata, e un'offerta che non è ancora adeguatamente organizzata. Questo crea le condizioni perché i nostri imprenditori agricoli, o alcuni di essi, possano sopravvivere, ma non certo vivere in modo dignitoso.

Per garantire competitività alle nostre produzioni, bisogna togliere il più possibile il prodotto dall'anonimato e il rafforzamento delle indicazioni geografiche, come le denominazioni di origine, va in questa direzione. Bisogna garantire ai nostri consumatori, anche attraverso un'adeguata etichettatura, di poter conoscere la qualità, la tipicità e la salubrità dei nostri prodotti.

Io mi voglio complimentare con Paolo De Castro per il suo instancabile lavoro di mediazione e di tessitura che ha portato a un risultato che è frutto di un equilibrio importante che gli sarà riconosciuto dai nostri imprenditori agricoli in tutta Europa.

Christine Schneider (PPE). – Herr Präsident, meine sehr geehrten Damen und Herren! Geografische Angaben – sie sind eine Erfolgsgeschichte. Sie schützen unsere traditionellen Spezialitäten in Europa bereits seit über 30 Jahren – und das ist gut so! Aber leider drohten die Kommission und einige regelwütige Parlamentarier mit dem Bericht massiv zu übertreiben. Sie wollten verpflichtende Herkunftsangaben für Zutaten einführen, die nicht aus dem Produktionsgebiet stammen.

Damit hätten wir ein bürokratisches Monster geschaffen. Dann bräuchten wir vermutlich in Zukunft einen Beipackzettel, zum Beispiel für unseren Nürnberger Lebkuchen. Denn Mandeln, das ist eine Hauptzutat von Lebkuchen, die wachsen nun mal nicht in Nürnberg. Am Ende konnten wir aber den Beipackzettel verhindern und stattdessen Kompromisse finden, die praxistauglich sind. Aber es zeigt, welche katastrophalen Auswirkungen vermeintlich gutgemeinte Gesetze haben können. Wir müssen endlich aufhören, uns im Kleinklein zu verlieren. Nur so schützen wir unsere einzigartigen Produkte und ihre Produzenten in unseren Heimatregionen auch in der Zukunft.

Maria Grapini (S&D). – Domnule președinte, doamnă comisar, stimați colegi, astăzi sunt bucuroasă că ajungem să discutăm despre acest regulament, pentru care m-am luptat și când eram în mișcarea patronală. Cred că indicațiile geografice pentru vin, produse spirtoase, dar și pentru produsele agricole aduc efecte inclusiv în economia circulară, păstrează tradițiile culturale, iar micii producători în rural pot să dezvolte turismul. Ei știu cel mai bine și se transmite această tradiție din generație în generație.

Eticheta pusă pe produs le asigură consumatorilor siguranța că este un produs autentic din acea zonă și combate cumva contrafacerea. De aceea susțin acest regulament și sper cât mai repede și mă bucur că și din țara mea avem plăcinta dobrogeană, brânza de Ibănești și multe alte produse cu indicație geografică și sper că și la celelalte produse de artizanat să ajungem să aplicăm indicația geografică. Asta ne identifică în lume și, doamnă comisar, sigur, spun și eu că ar trebui și în acordurile comerciale să punem și să protejăm și instrumente de sprijin al micilor producători.

Rafał Romanowski (ECR). – Panie Przewodniczący! Pani Komisarz! Jeden bardzo ważny komunikat, który powinien wybrzmieć z dzisiejszej debaty, jest taki, że europejska żywność to żywność najwyższej jakości, że jest wytwarzana w systemie bezpieczeństwa żywności, który jest nieosiągalny dla innych kontynentów, a produkty oznaczone geograficznie to przede wszystkim gwarantowana, tradycyjna specjalność.

Dlatego choćby nasi producenci, producenci polscy, często lokalni, działający w ramach skromnego rodzinnego agrobiznesu, zasługują na lepszą ochronę prawną swoich unikatowych produktów, a jednocześnie na to, aby przepisy dotyczące rejestracji nowych produktów były im bardziej przyjazne.

Dlatego bardzo ważne jest, aby nowe przepisy były aktywnie stosowane w umowach Unii Europejskiej z państwami trzecimi o wolnym handlu. Domagam się, aby warunek uznania i skutecznej ochrony wszystkich oznaczeń geograficznych Unii Europejskiej z państwami trzecimi był traktowany priorytetowo przy zawarciu takich umów. Nie możemy otwierać naszych rynków bez gwarancji, że nasze wyjątkowe dziedzictwo kulturowe i gastronomiczne jest w pełni szanowane i chronione.

I kolejna rzecz: rozporządzenie powinno teraz zostać uzupełnione o kompleksową strategię promocji tych specjalnych produktów na wspólnym rynku oraz na rynkach zewnętrznych. W naszych społeczeństwach wzrasta świadomość konsumencka i jest to niezbędne.

Franc Bogovič (PPE). – Gospod predsednik! Spoštovani kolega Paolo de Castro, hvala za tvoje poročilo. Vrsto let se že boriš za geografska porekla, ki so zelo pomembna za kmetijstvo. Veseli me, da je danes z nami Mairead McGuinness, ki je tudi kot članica Odbora za kmetijstvo veliko govorila o tem in dobro pozna, o čem govorimo.

Govorimo o tem, da z geografskimi označbami dvigujemo vrednost pridelkov, postavljamo boljši položaj teh pridelkov na tržišču, po drugi strani omogočamo lokalno povezanost turizma, podeželja in ustvarjanja novih delovnih mest na podeželju. Zato mislim, da je nujno, da poenostavljamo te postopke, tudi v Sloveniji ima 27 zaščitnih kmetijskih pridelkov zelo velik pomen.

Ko pa spremljam te proteste po evropskih ulicah, mi misel pride tudi na to, da bi morali še več narediti na ostalih označbah, ki so povezane z lokalno pridelavo. In te označbe na neki način inkorporirati v prehransko verigo in na ta način dvigniti celotno vrednost kmetijskega proizvoda. Vsekakor pa pozdravljam, da se to najprej zgodi za proizvode z geografskimi označbami.

Tonino Picula (S&D). – Poštovani predsjedavajući, kolegice i kolege, prije svega čestitke izjavitelju – svaka reforma koja pojednostavljuje pravila, skraćuje procedure i pomaže proizvođačima je dobrodošla. Nova uredba je dobra vijest za proizvođače preko tri i pol tisuće već zaštićenih proizvoda. Među njima je i 71 iz Hrvatske.

Kvaliteta europske poljoprivrede je njezin glavni adut na svjetskom tržištu. Ta kvaliteta ne proizlazi iz puke geografije, već iz duboko ukorijenjene tradicije u lokalnim zajednicama. Govorimo o generacijskom znanju koje baštinimo na malom, ali raznolikom kontinentu. Stoga posebno pozdravljam članak 13., o homonimima, koji omogućuje zaštitu proizvoda sličnih imena pod uvjetom da postoje jasne razlike u uvjetima upotrebe te da se kupce ne dovodi u zabunu.

To je dobra vijest za hrvatsko desertno vino prošek stoljetne tradicije u Dalmaciji, na čijoj zaštiti radim od 2013. godine, vino koje s *proseccom*, talijanskim aperitivom, doista dijeli tek sličnost u imenu. Doista, nema razloga zašto svaki dobar obrok ne bi mogao započeti čašom dobrog *prosecca* i završiti čašicom dobrog prošeka.

Gabriel Mato (PPE). – Señor presidente, señora comisaria, en unos momentos en el que el campo agoniza y se rebela frente a una política suicida, resulta extraño que vayamos a aprobar una norma que beneficia a los agricultores, aún más después de la votación de esta mañana del Reglamento sobre la restauración de la naturaleza, que va a tener consecuencias muy negativas para los agricultores.

En Europa contamos con más de 3 500 indicaciones geográficas protegidas, como el plátano de Canarias, que aportan aproximadamente 80 000 millones de euros en exportaciones. Además del claro valor económico, también nos permite proteger productos de calidad y respetuosos con el medio ambiente, potenciando el empleo rural, preservando tradiciones en toda Europa y aportando un importantísimo valor añadido a nuestra agricultura.

El nuevo régimen simplifica los requisitos para los agricultores a la vez que protege nuestros productos tradicionales frente a terceros países. Celebremos esta nueva normativa y aprovechemos para seguir trabajando en favor de nuestros agricultores. Hoy más que nunca nos necesitan.

César Luena (S&D). – Señor presidente, tengo que decirle algo al señor Mato, que se acaba de ir de aquí. Que no, que la Ley de Restauración de la Naturaleza solo traerá beneficios al sector primario y al campo. Abandonen el negacionismo extremista. Ya lo verán.

Gracias, Paolo de Castro, compañero, por haber traído aquí este informe y por haber hecho el trabajo tan bien porque estamos hablando de un patrimonio no solamente económico, sino también social, político y cultural de esa Europa de las regiones.

Creo que la creación de nuevas garantías y su introducción en un único texto es muy importante. Quiero destacar tres cosas: en primer lugar, simplificar el sistema de registro para los productores será muy importante. En segundo lugar, reforzar la protección en el mercado internacional y en el comercio digital. Y, por último, la Ley reconoce a los Consejos reguladores como el motor para el desarrollo de las indicaciones geográficas, y creo que eso es un gran paso adelante.

En definitiva, considero que haber unificado este Reglamento para preservar las indicaciones geográficas protegidas es una política muy valiosa que habla muy bien del Parlamento Europeo.

Angelika Winzig (PPE). – Herr Präsident, sehr geehrte Frau Kommissarin, geschätzte Kolleginnen und Kollegen! Der Schutz geografischer Angaben für landwirtschaftliche Erzeugnisse ist eine Erfolgsgeschichte der EU. Von den 3 761 Produkten kommen 57 aus Österreich, wobei die ersten geschützten Erzeugnisse schon vor unserem EU-Beitritt registriert wurden.

Die neue Verordnung führt die bisherigen Regelungen in ein gemeinsames Schutzsystem zusammen, und darüber hinaus wird auch der Online-Schutz von geografischen Angaben verbessert. Vereinfachte Registrierungsverfahren, die nicht länger als sechs Monate dauern, zeigen, dass Landwirtschaft auch ohne Überregulierung funktionieren kann. Ja, es gibt eine Menge regionale Spezialitäten, die nicht nur den Europäern zugutekommen, sondern sie sind auch wichtige Exportprodukte weit in der ganzen Welt.

Vystúpenia podľa postupu prihlásenia o slovo zdvihnutím ruky

Tomislav Sokol (PPE). – Poštovani predsjedavajući, oznaka zemljopisnog podrijetla, garancija je kvalitete i izvornosti poljoprivrednih proizvoda po kojima je Europa poznata, a jedno od njih je i hrvatski prošek. To je tradicionalno slatko desertno vino, koje se bojom, mirisom, cijenom i načinom konzumacije u potpunosti razlikuje od talijanskog *prosecca*. Međutim, pojedine skupine pokušale su iskoristiti izmjenu ove Uredbe da bi Hrvatskoj oduzele legitimno pravo na zaštitu tradicionalnog naziva prošek, no to, unatoč snažnom lobiranju, nisu uspjele.

Suprotno izvješću Europskog parlamenta koje je sadržavalo štetne odredbe kojima se zabranjuje zaštita prošeka na europskoj razini i protiv kojeg sam glasovao, konačnim tekstom Uredbe omogućujemo zaštitu prošeka. Ovo vino ima neprocjenjivo značenje u višestoljetnoj, povijesnoj i enološkoj tradiciji Hrvatske, koja ga ima svako pravo zaštititi kao svoj tradicionalni proizvod.

Podsjećam, Europska komisija prethodno je zauzela stajalište da homonimija, odnosno sličnost u nazivu, sama po sebi nije dovoljan čimbenik za odbijanje zahtjeva za zaštitu te da dva slična naziva mogu koegzistirati, a drago mi je da je to sada i ovdje usvojeno. Stoga pozivam Europsku komisiju da što prije dodijeli zaštitu tradicionalnog izraza za hrvatsko desertno vino prošek. I podržavam donošenje ove Uredbe.

Billy Kelleher (Renew). – Mr President, I welcome this report and I think that geographical indications are a critically important component in recognising the diverse quality of food production across Europe in terms of its culture, its heritage and its general traditions – and it is of a high quality.

And I do welcome the recommendations around the consolidation of rules, ensuring the integrity of assessing and awarding, and making sure that PDOs and PGIs have a standard that is benchmarked internationally as well and sets the highest standards from the point of view of protection. So, I very much welcome this.

From an Irish perspective, clearly, food production in the agri-food sector is critically important and I do urge that we increase the number and the uptake of GIs in Ireland itself from the point of view of the quality of food and drink we produce. And I would encourage everybody involved in the sector to look at making applications to protect and vindicate our traditional food production systems in Ireland, and to ensure that they have access to the European market – and also globally as well – and that they can be vindicated in the event of there being breaches or flagrant abuse of GIs or plagiarism.

Silvia Sardone (ID). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, in un contesto in cui criminalizzate gli agricoltori e penalizzate i nostri produttori, per fortuna questo testo valorizza le specificità dei prodotti agroalimentari, aumentando l'adozione delle indicazioni geografiche.

Purtroppo, come è noto, i prodotti di qualità italiani sono spesso soggetti a pratiche di contraffazione. Per colpa dell'*Italian sounding*, nel mondo oltre due prodotti agroalimentari italiani su tre sono falsi – due su tre – senza ovviamente avere nessun legame produttivo e occupazionale con il nostro Paese.

Pensate che, ponendo un freno al dilagare dell'agropirateria a tavola, si potrebbero creare ben 300.000 posti di lavoro solo in Italia! Un fenomeno negativo che rischia di essere ulteriormente spinto da accordi di libero scambio con i Paesi extraeuropei, come ad esempio il Mercosur, con il pericolo di vedere convivere prodotti di qualità europea con le brutte copie sui mercati locali.

Per questo è necessario che l'Europa torni a difendere le nostre produzioni.

Fabio Massimo Castaldo (Renew). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, come sappiamo fin troppo bene nel mio Paese, in Italia, il subdolo fenomeno della contraffazione del cosiddetto *Italian sounding* colpisce indiscriminatamente un patrimonio di circa 19 miliardi di euro: migliaia di imprese che da generazioni portano avanti con orgoglio le nostre tradizioni. Solo nella nostra Italia sono attualmente riconosciuti 578 prodotti DOP e 257 prodotti IGP, un numero che ci porta ad avere il primato nell'UE.

Il nostro compito è quello di preservare queste eccellenze tanto nel mercato interno quanto in quelli esteri. E oggi, con questa riforma, lo stiamo facendo. Abbiamo ottenuto una maggiore semplicità nella registrazione delle indicazioni geografiche, armonizzando le norme per i settori alimentare, del vino e degli alcolici.

Anche una maggiore tutela delle indicazioni nel mercato digitale, garantendo quindi maggiore trasparenza ai consumatori. E infine rafforziamo il cruciale ruolo dei consorzi. Ma soprattutto mettiamo fine a fenomeni di sfruttamento delle somiglianze linguistiche, come nel caso del Prošek o del Parmizan.

Che questa riforma ci sia di insegnamento. Oggi parliamo di vittoria perché abbiamo dato certezze e trasparenza ma soprattutto abbiamo ascoltato fino in fondo le esigenze delle nostre realtà territoriali produttive. Ascoltiamole sempre e non perderemo mai.

Aurélia Beigneux (ID). – Monsieur le Président, alors que nos agriculteurs sont à bout de souffle face à la production étrangère, les exploitants nous alertent sur l'importance des indications géographiques protégées. Sans les IGP, l'Europe ne pourra pas se battre contre la concurrence de plus en plus agressive et totalement déloyale du reste du monde.

De ce règlement dépend la survie de nos vins, de nos boissons spiritueuses et d'une grande partie de notre agriculture de manière générale. Les IGP sont la preuve que le protectionnisme fonctionne. Elles jouent un rôle crucial dans la préservation de la diversité culturelle, de la tradition et de l'authenticité des produits. C'est grâce à cette production protégée légale que les consommateurs du monde entier peuvent faire la différence entre des produits bas de gamme élaborés de manière totalement industrielle, sans aucune norme environnementale d'ailleurs, et nos produits qui font la fierté des Européens.

Mais ce matin, en votant pour le règlement sur la restauration de la nature, vous avez une nouvelle fois trahi la confiance des agriculteurs. Soutenez nos producteurs, soutenez notre riche patrimoine et nos savoir-faire, le savoir-faire français, évidemment. Et bien-sûr, soutenez nos agriculteurs face aux groupes industriels!

(Ukončenie vystúpení podľa postupu prihlásenia sa o slovo zdvihnutím ruky)

Mairead McGuinness, Member of the Commission. – Mr Vice-President, colleagues, I would like to thank you as I think this debate has been really positive, and the fact that so many colleagues spoke in the debate speaks to the importance of food and agriculture for Europe.

Now, in these tumultuous times, with our farmers taking to the streets, delivering on geographical indications may seem marginal. Yet geographical indications have long played and will continue to play a key role in maintaining farmers income. And I repeat that we are ready in the Commission to begin implementing the new rules over the next few weeks when Parliament votes tomorrow.

I want to end by saying, dear Mr De Castro, dear Paolo, you rightly have the last word in this debate as rapporteur and, again, I thank you for your work on GIs. Your attention to farming and quality food is well known, including our work together over many years on the Agriculture Committee here in the European Parliament. So it's nice to have a moment to acknowledge that.

Paolo De Castro, Rapporteur. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, ringrazio la Commissaria McGuinness per le parole e tutti i colleghi per lo straordinario supporto a questo lavoro di due anni, in cui ci siamo davvero messi in ascolto delle istanze di tutti gli attori coinvolti e abbiamo sviluppato uno strumento innovativo che spero davvero possa dare un ulteriore forte impulso alle filiere di qualità. Lasciatemi dire: dopo le crisi dovute alla pandemia, all'invasione russa dell'Ucraina e all'impennata dei costi di produzione, finalmente davvero una buona notizia per i nostri agricoltori europei!

Ma voglio dire che questa riforma non può rappresentare un punto d'arrivo. Deve invece diventare una piattaforma da cui partire per dare slancio ad una nuova fase di sviluppo delle filiere ad indicazione geografica, ormai passate dall'essere una questione di pochi Stati membri particolarmente affezionati alla propria cultura culinaria, a rappresentare un vero patrimonio economico e politico, oltre che culturale e sociale a livello europeo.

Esistono infatti potenzialità di crescita enormi per le produzioni di qualità e per cogliere questa opportunità ora il testimone passa nelle mani dei produttori e delle filiere, che dovranno dimostrare di essere all'altezza della sfida e sfruttare al meglio quanto tracciato con questo regolamento.

Nel frattempo, però, l'Unione non può rimanere a guardare. Per questo, cara Commissaria, chiediamo fin da oggi la creazione di un piano d'azione ad hoc, sulla scorta di quanto già facciamo per il settore biologico, che possa ulteriormente supportare e consolidare un patrimonio, come detto, non delocalizzabile e che coinvolge milioni di operatori a livello europeo.

Cari amici, cari colleghi, questa è l'Europa che vogliamo, capace di accompagnare gli agricoltori verso sistemi produttivi sempre più competitivi e sostenibili, riallacciando quel legame con le nostre aree rurali, che pare essersi un po' smarrito negli ultimi anni.

Predseda júci. – Rozprava sa skončila.

Hlasovanie sa uskutoční v stredu 28. 2. 2024.

Písomné vyhlásenia (článok 171)

Isabel Carvalhais (S&D), *por escrito*. – A revisão do Regulamento relativo às Indicações Geográficas é uma oportunidade para reforçar a defesa deste instrumento valioso para a promoção de uma produção agrícola diversificada, mais harmoniosa com o meio natural e de maior valorização económica para os agricultores.

As indicações geográficas dos produtos agrícolas proporcionam aos consumidores a garantia de um produto de qualidade certificada, com ligações profundas aos territórios, essencialmente às zonas rurais e às suas tradições. Também por isso, as indicações geográficas são um motor para a atividade económica das zonas rurais – muitas delas regiões com desafios de desenvolvimento –, para criar oportunidades de emprego e contribuir para o desenvolvimento de outros setores, e para o reconhecimento da importância das zonas rurais para a sociedade.

O novo Regulamento relativo às Indicações Geográficas traz novos elementos que são importantes para a defesa deste instrumento e para responder a novos desafios, como sejam a prevenção da utilização ilegal das indicações geográficas, também *online*, a proteção, enquanto ingredientes, de outros produtos, e mais direitos para as organizações de produtores. Este regulamento é um contributo importante no caminho para um setor agrícola europeu mais forte e na valorização do rendimento dos agricultores.

PRESIDÊNCIA: PEDRO SILVA PEREIRA

Vice-Presidente

11. Aprovação da acta da sessão anterior

Presidente. – A ata da sessão de ontem e os textos aprovados já foram distribuídos.

Há alguma observação? Não havendo, a ata é considerada como aprovada.

12. A guerra na Faixa de Gaza e a necessidade de um cessar-fogo, nomeadamente os recentes acontecimentos na região (debate)

Presidente. – Segue-se o debate sobre a declaração do Vice-Presidente da Comissão/Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança sobre a guerra na Faixa de Gaza e a necessidade de um cessar-fogo, nomeadamente os recentes acontecimentos na região (2024/2572(RSP)).

Dou a palavra ao Comissário Janez Lenarčič, em representação do Vice-Presidente da Comissão/Alto Representante, ausente por motivo de doença.

Janez Lenarčič, *Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy*. – Mr President, honourable Members of the Parliament, for more than four months, I have been calling the attention to the catastrophic humanitarian situation in Gaza, where around 30 000 people have been killed and more than 1 million are displaced in Rafah.

A recent health report from Johns Hopkins and the University of London predicts that more than 60 000 civilians will die unless there is a ceasefire and a massive surge in aid very soon. After almost five months of war and destruction, our focus must be on achieving an agreement for an immediate end to fighting to alleviate the humanitarian catastrophe, save lives and free the remaining 130 hostages still held by Hamas in Gaza.

Twenty-six of our Member States share that call. In unison with most of the international community, we have urged Israel not to advance on Rafah. It would have humanitarian consequences of incredible proportions. Over 1 million Palestinians that have been displaced there and have nowhere else to go.

Under these circumstances, the work of the United Nations, including UNRWA, remains crucial. UN Secretary-General Guterres and Commissioner General Lazzarini are taking the Israeli allegations against UNRWA's staff very seriously and have taken immediate, decisive measures.

We must recognise the high-risk environment UNRWA operates in, and cannot resort to collective punishment or contribute to the further humanitarian collapse in Gaza, considering UNRWA's literally vital role for the people in Gaza.

But UNRWA is also essential for the stability in the region – Jordan, Lebanon, Syria and in the West Bank – in line with EU values. And while we are working constructively with UNRWA on the reinforcement of their internal controls, an audit carried by EU-appointed experts and the vetting system for their staff, it remains of crucial importance to provide UNRWA with adequate funding. A funding gap would have catastrophic consequences. We have to be clear: there is simply no substitute for UNRWA, now and for the day after.

Individual accountability must be ensured, but collective punishment cannot be the answer. The situation in the West Bank and East Jerusalem is equally concerning; demolitions, settlement construction, restrictions on movement and access, as well as settler violence have all surged since 7 October.

On the adoption of sanctions on violent Israeli settlers, we have an agreement at 26. But as you know, we need unanimity to adopt EU restrictive measures similar to those imposed by the United States months ago. Some Member States have introduced national entry bans. We will continue to work towards a coordinated approach on this issue.

With Ramadan approaching in two weeks' time, there is an acute risk that the situation could get further out of hand in the West Bank and in the region if we do not act decisively. For months, we have been urging Hamas to release the hostages and for Israel to protect civilians, increase humanitarian access, seriously confront settler violence, release essential revenues with help from the Palestinian Authority and desist from actions that risk aggravating an already explosive situation.

We have also urged both Hezbollah and Israel to contain the dangerously spiralling violence across the Israeli-Lebanese border. There has been no substantial progress.

Meanwhile, the current escalation has been a political windfall for extremists across the region who thrive on polarisation and misery. All Iranian backed militias are active from Yemen to Lebanon. I am worried about possible miscalculations that would trigger a wider conflict. All diplomatic channels must be used to prevent further escalation, be it in Lebanon, Syria, Iraq or the Red Sea, where freedom of navigation is threatened by Houthi attacks on commercial vessels.

The EU is playing its role by deploying a naval operation called Aspides to escort and defend commercial vessels. It is the seventh EU operation that High Representative / Vice President has launched during his mandate and it is a new illustration of the importance for the EU to develop its military capacities.

But we must move beyond treating symptoms to treating the cause. Israelis, Palestinians and all peoples of the region deserve to live in security, dignity and a stable neighbourhood. But we all know that there is only one viable and sustainable way to achieve all these objectives: a safe and secure Palestinian State next to a safe and secure State of Israel.

Antonio López-Istúriz White, *on behalf of the PPE Group*. – Mr President, if my calculation is right, we are holding the sixth debate on Gaza, and we have had two resolutions, in four months. If anyone is taking good note, I think that we are breaking all the records in this Parliament. We did not break these records for Ukraine in four months. Neither for Bosnia. No we didn't, no we didn't. Not in four months, my friends.

Because this is not about ideology. I know that some of you are looking for votes in the next European elections, but this is about the sufferance of the Palestinian and Israeli people and how we can mediate on that.

And then I have to hear the High Representative attacking again the President of the European Commission. Why? Because we have elections in two months? Is this the role of the High Representative? Is this the role?

People of good, and there are many in this Parliament, have voted in favour of two resolutions in this Parliament. We were the first to talk about the humanitarian process, we talked about the ceasefire condition to the release of hostages and the end of Hamas. We have been first in everything. We will continue that line.

Yes, yes, you will lose the elections, my friends. The polls are showing you are not reaching the European population. Unfortunately, because of the reaction against you, they are turning to the other side. You will not be there in the next Parliament with all your rhetoric because you take this ideologically, not from the humanitarian approach that this question needs, and Europe at its centre to be the mediator between the parts. As long as you don't understand this, then we cannot be part of the solution, and that's what many of us would like to be.

Evin Incir, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, colleagues, as long as the bombs are falling down on Gaza, of course we need to continue debating it. Even if it is ten, 20, 30, 40, 50 times, the debate needs to continue – and, more than debate, actions must be put on the table. Because I am, to be honest, furious about the lack of action from the side of the European Union!

Time is running out and innocent Palestinians are losing their lives – 30 000 people! It is not just a number, but real individuals of flesh and blood. Yes, Israel has the right to protect itself against the terrorist activities of Hamas. However, taking the lives of innocent individuals is not a form of self-defence. More than 70 % of the victims are children and women. Do we in this Parliament and the EU truly believe in upholding humanitarian principles and international law? Or do we only advocate for their application when it suits our agenda, or when the victims are deemed to be the right ones?

At this moment in Gaza, newborn babies are being punished simply for being Palestinian. They don't even have the chance to open their eyes before they are tragically deprived their lives by the Israeli bombings. Our true humanity is being tested right now. If you want to examine your own humanity, especially on the conservative side of the spectrum here, consider reversing their roles and imagine how you would respond if Palestine were the aggressors and 30 000 innocent Israelis were the victims.

I consistently advocate for Israeli safety and security every day during the whole year. I also always stand up for the safety and security for the Palestinians. It is unfortunate that not all colleagues in this Parliament are capable to do the same.

Colleagues, as ordered by the International Court of Justice, we in the S&D Group urge Israel to refrain from acts under the Genocide Convention, and to prevent and punish direct and public incitement to genocide. We are also grateful for the incredible work UNWRA is doing through ensuring humanitarian aid to civilians. The EU and our Member States must continue supporting UNWRA.

Finally, we need an immediate and unconditional ceasefire right now to save lives. We cannot stand by in this Parliament and the European Union and watch. We can't be implicated in grave humanitarian violations. Silence is compliance!

(Applause)

Hilde Vautmans, *namens de Renew-Fractie*. – Voorzitter, collega's, commissaris, ik had wel mijnheer Borrell verwacht hier, maar goed. Ik ben – collega's, jullie weten dat – hier toch regelmatig wel wat kritisch over het buitenlands beleid van de Commissie. Maar de lidstaten scharen zich eindelijk, zoals het Parlement trouwens ook gedaan heeft, achter een sterke en evenwichtige positie. Oké, op Viktor Orbán na, maar dat zijn we ondertussen wel gewoon geraakt. Europa is gelukkig verenigd voor een staakt-het-vuren, voor meer humanitaire steun aan Gaza, voor het vrijlaten van alle gijzelaars door de terreurorganisatie Hamas en voor het voorkomen van meer burgerslachtoffers.

Maar wat mij vooral bezighoudt, is hoe we Netanyahu kunnen afbrengen van zijn waanzinnige plan om Rafah aan te vallen, het laatste overgebleven toevluchtsoord voor maar liefst één miljoen Palestijnen. Waar moeten zij naartoe? Europa moet nú duidelijk maken dat Israël zich moet houden aan de uitspraken van het Internationaal Gerechtshof om burgerslachtoffers te voorkomen. Die uitspraken zijn bindend.

Europa spreekt in dit conflict eindelijk de taal die hoort bij een unie als waardengemeenschap. Nu moeten we als Team Europa al onze diplomatieke middelen en invloed inzetten om onze woorden in daden om te zetten. Pas dan zijn we een echte geopolitieke unie.

Jordi Solé, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, almost 150 days of war in Gaza. Almost 30 000 people killed – mostly innocent civilians. How many more lives need to be destroyed until this bloodshed finally ends? I say it again: the atrocities committed by Hamas do not justify the massacre of civilians in Gaza, nor the collective punishment to which, as a matter of fact, its population is being subjected. And things can only get worse if Israel carries out the ground invasion operation in Rafah, where a million Palestinians are crammed with nowhere else to go.

Let us listen to the ICJ. The risk of genocide is plausible if these large-scale operations do not stop, and if access to humanitarian aid continues to be hindered. The provision of measures ordered by the court are binding. However, the reality is that in February, compared to January, humanitarian aid into Gaza has been reduced to a half. This is just shameful.

Speaking of aid, to all those governments who have decided to suspend funding to UNRWA, I asked them: what exactly is the viable alternative to immediately replace on UNRWA's operational capacity? They know the answer as well as I do: none. So what sense does this decision make? Let all the necessary controls be carried out. Let all the necessary measures be taken. But don't asphyxiate UNRWA, because this will have immediate and further tremendous consequences on the population. This tragedy must end now. We need an immediate and permanent ceasefire, and the release of all hostages. Let's hope that the negotiations underway will lead to this result; the sooner, the better.

Assita Kanko, *namens de ECR—Fractie*. – Voorzitter, de ECR—Fractie wil de onmiddellijke vrijlating van alle gijzelaars, de ontmanteling van de terroristische groep Hamas, dan pas gevolgd door een staakt-het-vuren.

Uiteraard wil iedereen toegang van Gaza tot humanitaire hulp, voor zover deze niet door Hamas wordt afgewend. Ik ben ontsteld door de verdorvenheid binnen UNRWA. Gisteren heb ik in Genève naar een moeder geluisterd. Haar zoon werd van het muziekfestival levenloos naar Gaza ontvoerd door een UNRWA-medewerker in een UNRWA-jeep. Het is allemaal op video te zien. Willen wij hiervoor betalen?

In tegenstelling tot de Hoge Vertegenwoordiger, die hier niet aanwezig is, en het Belgische Raadsvoorzitterschap, dat ook blijkbaar betere dingen te doen heeft, vind ik dat het legitiem is voor EU-lidstaten om hun financiering van UNRWA op te schorten in afwachting van het afronden van de onderzoeken. Een grondige doorlichting van UNRWA kan desgevallend op termijn leiden tot de vervanging ervan door UNHCR en andere geloofwaardige agentschappen die goed werk leveren.

Wij vragen volledige transparantie en fraudecontrole op EU-financiering voor UNRWA en de Palestijnse Autoriteit. Minimumrespect voor de belastingbetaler, dat is echt niet te veel gevraagd. En denk aan deze moeder en haar vermoorde zoon, door een UNRWA-medewerker.

Anna Bonfrisco, *a nome del gruppo ID*. – Signor Presidente, signor Commissario Lenarčič, onorevoli colleghi, il coinvolgimento di dipendenti dell'Agenzia delle Nazioni Unite per i rifugiati palestinesi nell'attacco di Hamas a Israele del 7 ottobre è un'orribile verità. Una verità che emerge sempre di più tra le macerie del conflitto, come ad esempio la base operativa installata sotto la sede dell'UNRWA a Gaza. Altro che i valori europei!

Mentre l'impegno dello Stato ebraico di Israele per lo Stato di diritto e la vita umana è indiscutibile: prova ne è che nella guerriglia urbana le forze di difesa israeliane hanno le forme più avanzate al mondo di protezione dei civili, nel pieno rispetto di tutte le convenzioni internazionali, dal diritto umanitario alla convenzione di Ginevra.

Signor Commissario, lei si preoccupa del Ramadan? Si è chiesto invece perché a Gaza non esista quella separazione strutturale tra civile e militare che le nazioni civili tutte applicano? Le do io forse la risposta; per creare morti e martiri di una causa. E se ai due Stati non si giungerà mai, non è senz'altro per l'incapacità di Israele ma per l'incapacità di Hamas e delle altre fazioni terroristiche arabo-palestinesi di usare altri strumenti al di là del terrorismo. Ma chi oggi li aiuta cade nella trappola dell'antisemitismo.

Manon Aubry, *au nom du groupe The Left*. – Monsieur le Président, chers collègues, au moment où nous parlons, 1,5 million de personnes se savent condamnées à mort à Rafah, si nous ne faisons rien. Israël s'apprête à y lancer une opération terrestre massive après avoir pilonné la ville de bombes, alors que plus de la moitié de la population de Gaza s'y est réfugiée sous injonction israélienne et s'y entasse désormais dans des conditions abominables.

Ce qui va se passer dans les prochaines heures, si la pression internationale ne ramène pas Nétanyahou à la raison, c'est un véritable carnage. M. Borrell, d'ailleurs, l'avait dit lui-même, les Gazaouis ne meurent pas tous seuls. Ils meurent parce que Benyamin Nétanyahou agit en toute impunité. Ils meurent parce qu'on livre du matériel militaire à Israël pour tuer aveuglement des dizaines de milliers de Palestiniens. Ils meurent parce que l'Union européenne préfère fermer les yeux et refuse de suspendre son accord d'association avec Israël pour quelques juteux profits. Ils meurent parce que l'Union européenne est incapable d'appliquer la décision de la Cour internationale de justice, qui enjoint des mesures conservatoires contre Israël face au risque de génocide. Ils meurent parce que des députés ici, dans cet hémicycle, pas plus tard que tout à l'heure, issus du camp de la droite, refusent de leur venir en aide. Ils meurent parce que des députés ici préfèrent cautionner un carnage humanitaire et un génocide. Ils meurent parce que certains ici préfèrent avoir du sang sur les mains.

Laura Ferrara (NI). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, la Corte internazionale di giustizia ha chiesto a Israele di rispettare la Convenzione sul genocidio e di garantire l'assistenza umanitaria alla popolazione di Gaza. Si tratta di un richiamo urgente alla nostra coscienza e alla responsabilità internazionale.

Se il governo Netanyahu dovesse voltare le spalle a questo appello, saremmo davanti a nuove vittime innocenti e a trasferimenti forzati. Un dramma che si aggiungerebbe alla mancanza di cibo, di acqua, di farmaci, di cure mediche, di latte. Ai neonati cominciano a dare i datteri avvolti nelle garze al posto del latte. L'Agenzia dell'ONU per i rifugiati palestinesi ha già preso i dovuti provvedimenti contro gli operatori accusati di aver preso parte agli attacchi del 7 ottobre. Se non riuscirà a garantire l'assistenza umanitaria che fornisce da 75 anni, la catastrofe sarà totale.

L'Unione europea deve compiere ogni sforzo, anche mettendo sul tavolo lo strumento delle sanzioni, per promuovere un cessate il fuoco permanente. È solo con il dialogo e il rispetto reciproco che può essere costruito un futuro di sicurezza e di pace per Israele e per la Palestina. L'obiettivo finale deve essere il riconoscimento di due Stati sovrani e democratici.

Lukas Mandl (PPE). – Mr President, dear colleagues, time and again during our plenary sessions, the representation of the very citizens of our very European Union, our High Representative, the Commissioner for Foreign Affairs, does not show up. Again he does not show up. Otherwise, he would know about the decisions of this very Parliament on the current Middle East crisis.

The decisions were always on behalf of the EU citizens on the side of Israel, our strong partner, the only democratic rule of law based in the region, defending itself, defending also us against terrorism and terrorist threats all over the world, confronting the Mullah regime in Tehran of Iran, which is threatening all the world.

And otherwise he would not be able to say what he actually said in a recent interview in the newspaper *El País* that our Commission President, Ursula von der Leyen, would have represented anyone but herself with her completely pro-Israeli position and visiting Israel in the most crucial days. Actually, our Commission's President represented what the people of Europe think in their majority, represented by this Parliament, which has decided it took that manner and direction. And this is what the High Representative and Foreign Affairs Commissioner should be aware about.

I disagree on a lot with our Commission's President when it comes to bureaucracy, to the inside, when it comes to the new era of prohibition, to the inside of the European Union, but to the outside, Ursula von der Leyen is strengthening Europe. Josep Borrell is, unfortunately, weakening Europe, only remembering him also his visit to Moscow before the current Russia aggression.

(The speaker agreed to take a blue-card question)

Abir Al-Sahlani (Renew), *blue-card question*. – Thank you so much for taking this blue-card, colleague Mandl. I have a question for you. You said that Israel was the only rule of law state in the MENA region, thus making it clear that Israel has to follow international regulation and international law.

Where is it, your breaking point? How many more Palestinians have to be killed? What other atrocities can Israel do? Where is your personal breaking point to see that what is going on is not any more self-defence? It is something else. What is your breaking point, Mr Mandl? How many more Palestinians have to die?

Lukas Mandl (PPE), *blue-card answer*. – Thank you for this question. My personal position and my policy is especially for demilitarisation of the Gaza Strip. After dismantling Hamas, which is taking hostage not only Israeli citizens but the people of the Gaza Strip – the Palestinians themselves – there must be demilitarisation of the Gaza Strip observed by Israel, but not only by Israel, by others.

We then need civil society. We need education there. We need to fight anti-semitism. We need an economy which will be capable to help itself, and not be dependent on all the world's aid all the time. This is what will be needed in the area, or in other words...

(The President cut off the speaker)

Is it possible to respond to a blue-card?

President. – It is possible, within the time limit.

Lukas Mandl (PPE), *blue-card answer*. – I hope we will continue our debate because the parliamentary debate is always worth it. Thanks for the question again. I could make the most important point at least.

President. – As you all know, there are allocated times. People have to respect the allocated times so that our debate can continue normally.

Brando Benifei (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, a Gaza si sta usando la fame come arma. Gli aiuti umanitari non stanno più entrando: a febbraio sono stati molti meno rispetto a gennaio, mentre il conto dei morti arriva a più di 30.000 civili, donne e bambini. L'Agenzia ONU per i rifugiati palestinesi, l'UNRWA, non può essere lasciata senza risorse.

Questa catastrofe umanitaria, quale pace e sicurezza duratura può garantire? E in tutto questo sentiamo Netanyahu affermare impunemente che non ci sarà mai nessuno Stato palestinese, mentre i leader di Hamas si godono agi e ricchezze ben lontani dalla violenza esplosa dopo il massacro del 7 ottobre.

Serve che la comunità internazionale torni in campo senza reticenze per dare una speranza a chi oggi soffre, serve perciò una conferenza di pace, serve un'Europa più unita per fermare la violenza. Non ci sono alternative e bisogna agire adesso per fermare questo massacro.

Abir Al-Sahlani (Renew). – *(The speaker covered her mouth with her right hand and raised her left hand, coloured pink)*

President. – Do you want to use your speaking time? If not, I would kindly ask you to leave the podium so the next speaker can intervene.

Abir Al-Sahlani (Renew). – Mr President, there are no more words to speak about what is going on in Gaza. There are no more laws to break. There are no more appeals that we can do to what's going on. The hypocrisy is obvious. Our collective humane has failed. We said that we won't fail, but we are failing again. Human rights have a skin colour, and the darker you are, the less human rights you have. We have been tried to be silenced. They have tried to make us look like anti-Semites. They have tried to make us look like we don't care about the safety of the Israeli people. All of that still to make it possible to kill more Palestinians, unfortunately.

Kira Marie Peter-Hansen (Verts/ALE). – Hr. formand! I Gaza dør børn af sult. Familier spiser græs, og de heldige, de får dyrefoder. Kvinder får kejsersnit uden bedøvelse, og børn amputeres uden bedøvelse. Vi hører om mødre, der ikke kan amme, fordi de ikke får nok mad, og fordi der ikke er nogen erstatning. Langt over 10 000 børn er allerede blevet dræbt, og mange flere er såret. Hele familier er udslettet, og mange børn efterlades uden mor og far eller søskende. Nogle dør hurtigt, andre kvæles langsomt under murbrokkerne. De overlevende er traumatiserede for livet, og de israelske gidsler er stadig i Hamas' varetægt. Den Internationale Domstol dømte for nylig Israel til at sikre adgang til nødhjælp i Gaza, og udtalte, at folkemord ikke kan udelukkes. Israel har valgt at svare igen med flere bomber og endnu mindre adgang til nødhjælp. I EU skal vi stå på den internationale retsordens side. Vi skal kræve våbenhvile med det samme, og vi skal gå i gang med den nødvendige tostatsløsning. Og alt imens skal ingen civile bøde for terroristernes værk. Både palæstinensere og israelere har ret til at leve i fred og i værdighed.

Bert-Jan Ruissen (ECR). – Voorzitter, collega's, vrijlating van de ruim honderd gijzelaars in Gaza moet de hoogste prioriteit hebben in de lopende onderhandelingen. Vergroten van humanitaire hulp aan de burgers in Gaza is daarnaast ook van groot belang. Een tijdelijke gevechtspauze kan daarbij zeker helpen, maar het is aan Hamas om verantwoordelijkheid te nemen, in het belang van de bevolking in Gaza. Daaraan ontbreekt het echter al tientallen jaren.

Laten we realistisch zijn: zolang Hamas prioriteit blijft geven aan het vernietigen van Israël, kan er geen permanente wapenstilstand zijn. Ook als Hamas verslagen zou worden, leeft de geest van Hamas nog voort. Dat probleem moet bij de wortel worden aangepakt. Daarin heeft de EU ook een verantwoordelijkheid. Zolang Europa Palestijnse schoolboeken vol Jodenhaat blijft cofinancieren en zolang het VN-organen betaalt waar terroristen werken, is een duurzame oplossing helaas niet in zicht.

(De spreker stemt ermee in om te antwoorden op een "blauwe kaart"-vraag)

Sophia in 't Veld (Renew), "blauwe kaart"-vraag. – Collega Ruissen, ik hoor u zeggen dat zelfs als alle Hamasstrijders verslagen zijn, uit het veld geruimd, de geest van Hamas voortleeft. Dat klinkt bijna alsof u zegt dat een soort eindeloos geweld van Israël tegen de mensen in Gaza gelegitimeerd is. Kunt u dat eens toelichten? Waar ligt voor u de grens? Wanneer is geweld niet meer gelegitimeerd? En bent u niet met mij van mening dat die grens allang overschreden is?

Bert-Jan Ruissen (ECR), "blauwe kaart"-antwoord. – Dat kan ik zeker toelichten. Wat bedoel ik hiermee? Ik bedoel hiermee dat er in Gaza en in de Palestijnse gebieden een generatie opgroeit die vol wordt gegoten met haat en met Jodenhaat. Dat is wat we primair moeten doorbreken. Het is ook duidelijk dat zolang Hamas de scepter zwaait, er van een duurzame vrede geen sprake kan zijn. Ik hoop van harte dat er een oplossing gevonden kan worden als het gaat over een deal met Hamas over het vrijlaten van de gijzelaars, in de vorm van hopelijk een tijdelijk staakt-het-vuren, maar ik denk echt dat om tot een blijvende vrede te kunnen komen in deze regio, Hamas toch echt van het toneel zal moeten verdwijnen.

Anders Vistisen (ID). – Hr. formand! Dine skattekroner burde ikke bruges til finansiering af islamisk terrorisme. Så enkelt burde det være. Men så enkelt er det desværre ikke her i EU. I 2023 alene modtog UNRWA, den FN-finansierede flygtningeorganisation i Palæstina, mere end 600 millioner skattekroner. En organisation, vi i dag ved, havde medarbejdere, der ikke bare hyldede Hamas' terrorangreb på Israel, men ligefrem deltog i det. I en bredere forstand, så er det jo sådan, at al den støtte, vi har givet det palæstinensiske samfund, kun har ført til mere radikalisme, mere opbakning til terrororganisationer som Hamas og en mulighed for, at man har kunnet frigøre midler til at forberede, til at planlægge, til at træne det terrorangreb, vi så den 7. oktober, og en række andre aktiviteter, som kun har været med til at medføre ufred og ustabilitet i regionen. Derfor er det på tide, vi siger stop. Stop for, at danske og europæiske skattekroner går til at finansiere den terrormølle, der har skabt ild og brand i Mellemøsten i mere end to menneskealdre. Vi må sige: nok er nok! Skattekroner skal ikke gå til det formål. Derfor skal alt støtte, der på nogen måde kan gå til at finansiere terrorisme, indstilles og stoppes, ikke bare midlertidigt, men for altid.

(Taleren accepterede at besvare et blåt kort-spørgsmål)

Margrete Auken (Verts/ALE), blåt kort-spørgsmål. – Anders Vistisen! Har du nogen sinde været der? Har du set, hvor meget UNRWA klarer af skoler, af nødhjælp, af alt det, som egentlig var Israels opgave, fordi de som besættelsesmagt har forpligtelse til at sørge for det? De har intet gjort. De beviser, der foreligger – for der er brodne kar – men de beviser, der foreligger, er nul og niks værd. For nogle år siden beskyldte Israel UNRWA for at transportere raketter i deres ambulancer. Det viste sig at være borgere. Det siger bare noget om niveauet for, når man fremfører beviser. Men du er åbenbart fuldstændig kynisk og ligeglad med tusind-, millionvis af menneskers liv. Jeg vil gerne have svar på: Har du et bedre forslag end UNRWA?

Anders Vistisen (ID), *sva på blåt-kort-spørgsmål*. – Tusindvis af millioner bor der trods alt ikke i Palæstina, Margrethe. Men beviserne mod UNRWA er jo ikke nye eller heller ikke enkeltstående. Vi har enkeltindivider, der har deltaget i terrorangreb. Vi har terrortunneler under UNRWA's hovedkontor, og vi har en lang tradition for, også i skolebøger, at tilskynde til had, vold og islamisme. Det er ikke en organisation, som jeg syntes er FN værdig. Selvom FN efterhånden er en forbryderforsamling, hvor diktaturstater nedstemmer den vestlige demokratiske verdensorden. Det er ikke noget, jeg bryder mig om, men UNRWA er trods alt noget værre end det, vi ser fra FN's generalforsamling i New York.

Manu Pineda (The Left). – Señor presidente, han pasado veintinueve días —pasado mañana se cumple un mes— desde el dictamen de la Corte Internacional de Justicia. Van más de cuatro mil personas asesinadas desde el día 29 de enero, día en que se emitió ese dictamen. Más de cuatro mil personas asesinadas directamente bajo las bombas, más un número incalculable de personas —de niños, de mujeres, de ancianos— que están muriendo de hambruna, de sed, de epidemias.

No es que no esté entrando la ayuda humanitaria porque pase algo, es que Israel —a quien ustedes defienden— está impidiendo que entre la ayuda humanitaria. ¿Qué ha hecho la Unión Europea para que se cumplan las medidas cautelares impuestas por la Corte Internacional de Justicia y que son de obligado cumplimiento? Nada. ¿Cuál es la única medida que ha tomado? Dar por buenas las acusaciones de una entidad tan poco fiable como es el régimen israelí, diciendo que doce de los más de treinta mil trabajadores y trabajadoras del UNRWA estuvieron implicados en las acciones del 7 de octubre.

En función de esa denuncia —que ya Estados Unidos considera poco creíble— muchos países —la mayoría de los países de la Unión Europea— ya han retirado los fondos del UNRWA.

Aquí hemos escuchado a la extrema derecha pedir que se sustituya el UNRWA por otra agencia. Vemos cómo la Comisión de Control Presupuestario, presidida por una sionista furibunda, ha presentado una enmienda para que se retiren los fondos del UNRWA.

La Unión Europea se está convirtiendo en cómplice de Israel en la aplicación de la solución final contra el pueblo palestino. ¿Eso es lo que queremos? ¿Queremos ser parte de este genocidio? ¿Queremos ser, no cómplices, sino miembros activos de este genocidio? ... (el presidente retira la palabra al orador).

(El orador acepta responder a una pregunta formulada con arreglo al procedimiento de la «tarjeta azul»).

Michaela Šojdrová (PPE), *otázka položená zvednutím modré karty* – Pane kolego, děkuji, že jste přijal otázku položenou zvednutím modré karty. Zdá se mi, že ve svém vystoupení často zaměňujete příčiny a důsledky. Vy říkáte, že my, Evropská unie, jsme neudělali nic pro to, abychom pomohli obětem tohoto násilí. A já se Vás chci zeptat, co udělal Hamás? Co udělal Hamás pro to, aby zastavil násilí? Proč Hamás nepropustil rukojmí? Tím by bylo vše vyřešeno.

Manu Pineda (The Left), *respuesta de «tarjeta azul»*. – Señor presidente, hombre, si estuviéramos en una reunión, en un congreso, en un Parlamento de Hamás, podríamos preguntárselo y nos responderían. Estamos en el Parlamento Europeo y es donde puedo trasladar las preguntas, y se las tengo que trasladar a la Unión Europea.

Hamás sabrá lo que hace. Yo creo que lo que Hamás está pidiendo es un alto el fuego incondicional y ponerse a negociar. Ellos ofrecen liberar a los israelíes que tienen capturados a cambio de que Israel libere a los palestinos que tiene capturados. Y tiene que haber un intercambio, pero eso será después del alto el fuego.

¿Ustedes quieren que haya un alto el fuego y se empiece a negociar? ¿O quieren que se mantenga? Porque yo escucho mucho hablar de antisemitismo aquí. El mayor acto de antisemitismo que ha habido después del final de la Segunda Guerra Mundial es el genocidio que el régimen terrorista de Israel está llevando a cabo contra un pueblo semita como el palestino.

¿Ustedes quieren acabar ya con eso o quieren seguir buscando excusas para que se siga matando a los niños y a los palestinos?

Dino Giarrusso (NI). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, il 19 ottobre sono intervenuto qui in plenaria denunciando pubblicamente e per primo la violenza delle truppe israeliane a Gaza contro i civili. L'ho ribadito a novembre, ricordando che non è degno dei valori europei assistere in silenzio al massacro di bambini innocenti, i bambini palestinesi.

Oggi è il 27 febbraio e i civili morti per mano del governo Netanyahu sono quasi 30.000, con 12.000 bambini e 8.000 donne. E c'è ancora chi osa definire antisemita chi critica questa infame politica voluta da Netanyahu, che viola il diritto internazionale e calpesta i più basilari diritti umani.

Signori, chi è antisemita deve vergognarsi di esserlo e chi supporta Hamas deve vergognarsi di farlo. Io non sono antisemita e condanno il terrorismo di Hamas. Ma chi usa le colpe di Hamas e le persecuzioni subite ingiustamente nei secoli dal popolo ebraico per fingere di non vedere il massacro quotidiano che si consuma a Gaza, a pochi chilometri dalle frontiere europee, deve vergognarsi perché non ha coscienza civile.

L'Europa deve stare con i bambini di Gaza, con l'innocente popolo palestinese, con chi subisce violenza e omicidi in qualunque parte del mondo. E la Striscia di Gaza fa parte del mondo, non è un luogo della fantasia, benché sia stata trasformata nell'inferno: è ancora sulla terra! Fermiamo il massacro!

David Lega (PPE). – Mr President, Commissioner and Mr Borrell, I do hope for your swift recovery and I want to address you online since you're not here – because today I wanted to talk to you about trust. Because without trust, there can be no ceasefire and no lasting peace.

Yesterday in Geneva, I met the mother of a young Israeli man murdered by Hamas on 7 October, a young man whose corpse was then taken hostage to Gaza by an UNRWA employee in an UNRWA car. This isn't just her mother's story. It's all on video. I saw it yesterday, and I will never forget it. When it comes to UNRWA, how could the EU even consider business as usual? You, Mr Borrell, criticised President von der Leyen for visiting Israel after the attacks. You've said you fully trust your own leadership to get to the bottom of alleged UNRWA complicity in Hamas terrorism, and you've said that major donors who have suspended funds to UNRWA, including my own country, Sweden, have fallen prey to emotions. What will it take for you to understand that your trust is frankly irrelevant if UNRWA loses the trust of parties involved, and that whether you like it or not, donor countries are parties involved and so is Israel?

UNRWA's failed to keep the trust of all its partners, and no organisation is irreplaceable. EU aid to Gaza can and must go to more responsible, more neutral, more trusted partners who have shown their capacity by serving millions elsewhere. And honestly, Palestinians in Gaza deserve better.

(The speaker agreed to take a blue-card question)

Malin Björk (The Left), fråga ("blått kort"). – Du säger att UNRWA inte ska få en spänn, men utan UNRWA är det hungersnöd, *hungersnöd*, i Gaza. Det är palestinska barn som svälter. Det är inte dina, det är inte mina, men det är palestinska barn som svälter.

Hur kan du göra skillnad på liv och liv på det här sättet? Varför är inte palestiniers liv vatten värda? Varför ska bomberna falla över de trettio tusen, *trettio tusen*, döda – de flesta kvinnor och barn? Var går gränsen för dig? Var går gränsen när man måste sätta stopp, när vi måste sätta stopp för Netanyahus mördande? Vi måste se till att stå upp för fred och samexistens. Det gör inte den israeliska högerextrema regeringen. Varför stöder du inte progressiva krafter i Israel som vill ha fred?

David Lega (PPE), svar ("blått kort"). – Jag har stött progressiva krafter som vill ha fred under hela den här mandatperioden. Jag har under hela perioden sagt att UNRWA göder hat, göder antisemitism. Vilka skolböcker tror du att terroristerna som attackerade alla i Israel läste innan de gick in och begick de fruktansvärda dåden? Vilka mer kablar under marken, vilka tunnlar? Hur mycket måste göras ihop med UNRWA för att det här ska kunna sluta?

Så jag skulle egentligen kunna ställa samma fråga till dig: Var går din gräns för hur mycket brott UNRWA kan begå utan att du tappar förtroendet för dem?

Isabel Santos (S&D). – Senhor Presidente, decorrido todo este tempo, somos vencidos pelo cansaço e pela falta de palavras para enfrentar esta situação. Já não há um único lugar seguro na Faixa de Gaza e, face à severidade da situação de rutura da ajuda humanitária, a fome, a falta de cuidados médicos e a morte são a única certeza para os palestinianos na Faixa de Gaza, para todos aqueles que conseguem ainda sobreviver aos bombardeamentos de Israel.

A UNRWA é, nesta situação, a única linha de esperança para os palestinianos dentro, mas também fora de Gaza. Não podemos deixá-la sem recursos. Impõe-se que a União proceda às transferências de apoio previstas sem adiamentos nem quebras, incluindo aquelas que estão previstas para esta semana, e que se criem condições para um cessar-fogo incondicional e imediato, porque esta é a única via de salvar vidas na Faixa de Gaza.

Não podemos compactuar com as atrocidades contínuas que estão a ser cometidas neste território, nem com a quebra constante das recomendações feitas pelo Tribunal Internacional de Justiça, por parte de Israel.

Diante disto, resta-nos começar a pensar seriamente na suspensão do Acordo de Associação UE-Israel.

Bernard Guetta (Renew). – Monsieur le Président, mes chers collègues, nous n'avons pas une, mais deux urgences. L'Union européenne ne doit pas seulement armer l'Ukraine et se réarmer, elle doit aussi se faire entendre au Proche-Orient, où elle ne compte politiquement pas, alors qu'elle y est économiquement tout, étant tout à la fois le premier partenaire commercial d'Israël et le premier donneur d'aide à la Palestine. Alors même qu'elle est la plus ardente à défendre la solution à deux États, l'Union en reste – nous en restons – aux mots, sans prendre d'initiatives décisives en faveur de la paix.

Plus grave encore, notre passivité nous fait accuser de nous ranger aux côtés du plus fort, aux côtés d'Israël contre la Palestine. Tout doit conduire l'Union à relever le défi de la seule paix possible, celle de la coexistence de deux États. Sitôt que le brouillard de la guerre sera retombé, nous devons nous saisir des leviers dont nous disposons: nos accords avec Israël et notre aide à l'Autorité palestinienne.

Hannah Neumann (Verts/ALE). – Herr Präsident, liebe Kolleginnen und Kollegen! Was gerade in Israel und in Palästina passiert, ist unfassbares, von Menschen gemachtes Leid – jeder Verlust eines Lebens, jede zerrissene Familie. Deswegen ist der Ruf nach einer sofortigen humanitären Feuerpause richtig, um die bedingungslose Freilassung aller Geiseln und die Bereitstellung der humanitären Hilfe zu ermöglichen. Ich erwarte, dass alle in der Europäischen Union weiter Druck ausüben auf die Akteure, die dem entgegenstehen.

Aber was ist unsere Rolle hier, wo dieser Konflikt auch in unseren Städten, an unseren Schulen stattfindet? Statt so bitter nötige Brücken zu bauen begegnen auch wir uns viel zu oft ohne Empathie, nutzen Bühnen wie diese, um anzustacheln, statt um Verständnis für die jeweils andere Seite zu werben. Nur: Das wird kein einziges Leben retten. Um es mit den Worten von Margot Friedländer zu sagen, die heute 102 Jahre alt ist und den Holocaust überlebt hat: Es gibt kein christliches Blut, es gibt kein muslimisches Blut, es gibt kein jüdisches Blut. Es gibt nur menschliches Blut und menschliches Blut, liebe Kolleginnen und Kollegen, fließt gerade viel zu viel.

(Die Rednerin lehnt eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“ von Özlem Demirel ab.)

Hermann Tertsch (ECR). – Señor presidente, es una pena. Sí. Es una pena que no esté Borrell aquí, porque lo mismo nos habría dicho que hay que desarmar a Israel o que hay que montar un boicot a Israel, como pedían en la Berlinale este domingo, que se ha convertido en una especie de evento como «la noche de los cristales rotos» en miniatura. Eso es lo que estamos viendo en la izquierda: una fobia a Israel y unas manifestaciones que dicen aquello de «desde el río hasta el mar», es decir, que desaparezca Israel. Esas son las manifestaciones que está fomentando la izquierda en toda en toda Europa y especialmente, por supuesto, en España, con miembros del Gobierno.

He lamentado mucho que el Partido Popular Europeo se apuntara a cambiar el título de este debate y que metiera el alto el fuego y quitara el UNRWA. El UNRWA, del que sabemos algunos desde décadas, es cómplice de todos los terroristas que ha habido en los Territorios Palestinos y también, por supuesto, de Hamás, y es una organización que actúa directamente con ellos.

Pero hay una cosa fundamental con lo del alto el fuego. No habrá alto el fuego y no debe haberlo hasta que no se acabe con Hamás, porque Hamás pone todo en peligro y no se puede volver a empezar. Se tiene que acabar Hamás, deben ser liberados todos los rehenes y después hablamos de ese alto el fuego que no debería estar allí y que lo ha puesto el Partido Popular Europeo, por desgracia.

Nikolaj Villumsen (The Left). – Hr. formand! Situationen i Gaza er katastrofal. Børn sulter ihjel. Kvinder får kejsersnit uden bedøvelse. Hospitaler, skoler og civile bombes. Det er kollektiv afstraffelse, og kollektiv afstraffelse er en krigsforbrydelse. Den israelske regering står lige nu anklaget for folkemord. Mere end 30 000 palæstinensiske civile er allerede dræbt. Handler vi ikke nu, så vil historien dømme os. Netanyahu lytter tydeligvis ikke til ord om bekymring. Netanyahu skal tvinges til at respektere international lov gennem handling. Stop eksporten af våben til Israel! Suspendér EU's associeringsaftale med Israel! Boykot bosættervarer! Der er behov for en øjeblikkelig våbenhvile i Gaza og en varig tostatsløsning, så både israelere og palæstinensere kan leve side om side i fred.

Mario Furore (NI). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, Alto Rappresentante Borrell, in Italia gli studenti sono scesi in piazza per chiedere di fermare la guerra a Gaza e sono stati manganellati dalla polizia. Reprimere con forza chi chiede la pace è inaccettabile e ci saremmo aspettati dalla Commissione europea parole di condanna. Perché, lo ricordo, l'Europa è nata per unire nel nome della pace. I manganelli non possono essere la soluzione.

L'Europa oggi è a un bivio e rischia di perdere la propria credibilità se non si fermano tutti gli attacchi. Netanyahu sta ignorando peraltro le direttive della Corte internazionale di giustizia per prevenire eventuali atti di genocidio. Tocca a noi, dunque, farci sentire, mettendo sul tavolo persino lo strumento delle sanzioni, se Israele non fermerà immediatamente ogni ostilità. Il mondo già oggi è testimone del massacro del popolo palestinese, un massacro che è vendetta e nulla ha a che fare, per quanto mi riguarda, con la giustizia.

Hildegard Bentele (PPE). – Herr Präsident! Plenarsitzung um Plenarsitzung diskutieren wir über die Situation in Gaza, doch Masse macht leider keine Klasse. Ich habe den Eindruck, es werden lediglich die bekannten Positionen zur eigenen Befriedigung ausgetauscht, anstatt endlich mal im Sinne einer stärkeren außenpolitischen Rolle der EU zu arbeiten.

Zwei Dinge finde ich hierbei zunehmend unerträglich: Erstens, das Schicksal der Geiseln tritt immer mehr in den Hintergrund. Davor habe ich schon vor Wochen hier gewarnt. Die Familien von rund 130 gefangen genommenen Israelis haben seit Monaten kein Lebenszeichen mehr von ihren Liebsten, von ihren Kindern und ihren Babys. Was tun wir Abgeordnete? Was tun Sie, Herr Borrell, wenn Sie zuhören, persönlich dafür, dass die Geiseln nicht vergessen, nicht zum Kollateralschaden im großen Nahostkonflikt werden? Ausgangspunkt des aktuellen Kriegs waren ein brutaler Massenmord und die Entführung von Zivilisten. Wir dürfen nicht zulassen, dass dieses Mittel erfolgreich ist – von keiner Seite.

Zweitens: die Rolle unseres Hohen Vertreters, Herrn Borrell. Er hat sich ja gestern in einem Generalangriff auf die Kommissionspräsidentin gefallen. Dazu Folgendes: Anders als Herr Borrell kann Ursula von der Leyen Krise. Das hat sie in den letzten fünf Jahren mehrfach bewiesen. Anders als Herr Borrell hat Ursula von der Leyen international enormes Vertrauen aufgebaut. Ursula von der Leyens Entscheidungen basieren auf einem klaren Wertefundament, und sie denkt richtigerweise Europasicherheit über den Tag hinaus.

Wo sind die Erfolge von Herrn Borrell? Glaubt er ernsthaft, dass man in Nahost mit Polemik statt mit Diplomatie etwas erreichen kann? Nein, Herrn Borrells Bilanz ist unzureichend und seine Herangehensweise ungeeignet. Gut, dass wir Ursula von der Leyen haben, die international das Gesicht der EU prägt, und nicht er. Frohen Ruhestand, Herr Borrell!

(Die Rednerin ist damit einverstanden, eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“ zu beantworten.)

Evin Incir (S&D), blue-card question. – Thank you very much, colleagues. You are totally right. We need to talk about the Israeli hostages as we need to talk about all the 30 000 innocent Palestinian children, women, people that have been deprived of their lives.

I have, though, one question to our colleague from the EPP. The EPP and the conservatives and the far right constantly attacks the Palestinian Authority, attacks UNRWA, attacks those actually that in some way are ensuring to do what they can do to demand a two-state solution and peaceful settlement on this conflict.

But where are your evidence when it comes to the accusations toward UNRWA, for example – the 12 UNRWA staff? There are no evidence along with the accusation against the UNRWA staff. Where is the understanding that, for example, the tunnels under the UNRWA headquarters ...

(The President cut off the speaker)

Hildegard Bentele (PPE), blue-card answer. – Ms Incir, I don't know if you listened to my speech. I didn't talk about UNRWA at all. Let's talk about what I've said. The most important thing is that we have a stronger role as the European Union. What I have seen in both regards – with regard to the situation in Gaza, with the civilians, and with regard to the hostages – we are not doing enough, and this is what I'm calling for.

Alex Agius Saliba (S&D). – Illum nixtieq nistaqsi fejn hi l-umanità? Kważi kważi nisthi npoġġi f'dan l-istess Parlament u nisma' kollegi tal-EPP u anke tal-lemin estrem jtkellmu b'dan il-mod quddiem ġenoċidju illi għaddej quddiem għajnejna. Tletin elf persuna, il-maġġoranza nisa u tfal, illi jekk mhux qed jinqatlu bil-bombi, qed jinqatlu mejtin bil-ġuħ. Imbagħad nisimgħu kollegi tagħna, hawnhekk f'dan il-Parlament, u jattakkaw l-UNRWA illi hija l-unika organizzazzjoni illi qed titma' eluf kbarr ta' nies illi ilhom ġimghat shah, xhur shah minghajr ikel, minghajr xorb, minghajr l-aktar provvisti essenzjali. Ġenoċidju illi għaddej quddiem għajnejna, u maġġoranza f'dan il-Parlament Ewropew jahslu idejhom, idejhom bid-demm ta' vittmi innoċenti. Qegħdin naraw quddiem għajnejna tfal ta' kuljum jiġu mbiċċra, qegħdin naraw kampijiet tar-refuġjati jiġu attakkati, qegħdin naraw sptarijiet illi jiġu mfarrka, qegħdin naraw pazjenti fuq stretchers barra fuq il-bankini. X'inhija? Din hija l-umanità illi nemmnu fiha bħala parlamentari, bħala Ewropej? Jiena ma rridx illi dan il-proġett, l-Unjoni Ewropea ċċappas idejha bid-demm tal-gwerer ta' haddiehor, bid-demm ta' min qed jagħmel dan il-ġenoċidju. Tal-misthija.

Barry Andrews (Renew). – Mr President, Commissioner and colleagues, I want to talk today about evidence. There is sadly widespread evidence of starvation in Gaza, and especially in the north and especially among children. There is evidence of deliberate obstacles being put in the way of the delivery of humanitarian aid by the Israeli authorities, described yesterday by the UN rapporteur on the right to food as a war crime.

By contrast, according to Sigrid Kaag, in her presentation to the Foreign Affairs Council, here in the EU, there is no evidence whatsoever to back up the claim by Israel that 12 UNRWA staff took part in the horrors of 7 October. Equally, there is no evidence to support Israel's claim that 10 % of UNRWA's staff have links to Hamas or Palestinian Islamic Jihad.

EU Member States have ignored this paradox and the ECJ has directed that immediate and effective efforts be made to deliver aid. Since that judgement was delivered, aid has fallen by half. So I implore Member States to make decisions not based on punitive political considerations, but on evidence. And I implore the Commission to disperse in full its commitment to support the UN replaceable and heroic work of UNRWA.

Mounir Satouri (Verts/ALE). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, chers collègues, à Gaza, en réalité, les bombardements mènent déjà au désespoir. Vous parlez tous ici, chers collègues, de l'attaque de Rafah comme au futur, mais c'est déjà une réalité. Israël bombarde déjà Rafah et la population civile qu'il avait déplacée. À Gaza, l'aide humanitaire est bloquée par Israël et par l'Égypte, et nous hésitons à soutenir l'entrée de ces aides. Nous encourageons la famine et le désespoir. À Gaza, depuis la décision de la Cour internationale de justice, il y a moins d'aide humanitaire et plus de bombardements sur les civils.

Aujourd'hui, on a une responsabilité particulière. C'est cette semaine que l'Europe doit verser l'aide qu'elle doit à l'UNRWA. La seule question qui vaille c'est: allons-nous le faire ou pas? L'Europe de M. Várhelyi, qui cherche depuis des semaines, des mois, à couper les vivres, n'est pas la mienne. Elle ne devrait pas être la nôtre. M^{me} Ursula von der Leyen doit prendre ses responsabilités. Elle doit cette semaine s'engager fermement à verser l'aide humanitaire, parce qu'en réalité il n'y a pas d'autre solution pour soutenir les enfants, les femmes, les malades, les populations civiles que de verser notre aide. Allons-nous être au rendez-vous de l'histoire? Allons-nous assumer nos responsabilités? Allons-nous prendre enfin les décisions qui valent? Le reste, ce sont des histoires. Le reste, ce sont des discours, le reste ce sont des interventions pour les Instagram de uns et des autres. Monsieur le Commissaire, est ce que vous pouvez vous engager aujourd'hui devant le Parlement à faire en sorte que ce versement ait lieu?

Joachim Stanisław Brudziński (ECR). – Panie Przewodniczący! Nic nie usprawiedliwia cierpienia niewinnej ludności palestyńskiej w Strefie Gazy, szczególnie dzieci, kobiet, osób starszych czy niepełnosprawnych. Cierpienia te dotyczą Palestyńczyków ze strony sił zbrojnych i służb specjalnych Izraela. Wojna ta, o czym była już tu mowa, przybiera skrajnie zbrodniczy charakter, ale warto cały czas podkreślać, że to Izrael został zaatakowany przez Hamas, który poprzez działania równie zbrodnicze, takie jak porywanie cywilnej ludności Izraela i czynienie z nich żywych tarcz, doprowadza do ciągłej eskalacji tego konfliktu.

Ale ja chciałbym zwrócić uwagę na inną sytuację, która gdzieś umyka nam podczas tej dyskusji. Otóż przypominam, że atak Hamasu na Izrael miał miejsce w dniu urodzin innego zbrodniarza, który perfekcyjnie wykorzystuje ten konflikt do własnych celów militarnych, wizerunkowych i politycznych. Zbrodniarza, który rewoltuje dzisiaj młodzież na ulicach naszych miast w całej Europie, który próbuje skłócić Unię Europejską ze Stanami Zjednoczonymi. A tym zbrodniarzem jest nie kto inny jak Putin.

Malin Björk (The Left). – Herr talman! Det pågår formligen en slakt av kvinnor, barn och civila sedan snart fem månader tillbaka. Genom att vi inte gör någonting, eller att vi inte gör tillräckligt, blir de av er som försvarar Israels massmördare nu medskyldiga. Det blir vi genom att vi levererar vapen, att vi inte säger stopp till Netanyahu och hans projekt att fullständigt släcka ut Gaza.

Vi måste agera och vi måste frysa avtalet mellan EU och Israel. Vi måste stoppa vapenförsäljningen till Israel, vi måste se till att humanitär hjälp kommer på plats och vi måste öka finansieringen till UNRWA. Att, som svenska regeringen, istället stoppa finansieringen till UNRWA är oförlåtligt och förvärrar situationen. Vi kommer att se hungersnöd.

Omvärlden kräver att vi agerar. Människor demonstrerar vecka efter vecka efter vecka. De ser att det här är helt ohållbart. Vi kommer fortsätta att kräva att folkrätten följs. Vi kommer fortsätta att kräva ett eldupphör. Dödandet måste få ett slut. Fred och samexistens måste få regera.

Sirpa Pietikäinen (PPE). –Mr President, I am just wondering how history will see us and how history will judge us with this Gaza crisis. The EU is losing very fast its moral grounds and moral leadership in the global scene. So we are just justifying a genocide in front of us. We justify war crimes because even the war has the rules how to act. We justify an Israeli invasion for a long time before this crisis. How could we close our eyes?

And with the UNRWA, as said, there have been claims, but all people and organisations are innocent as long as not proven different. And none of these claims so far has been proven to be right.

Then what about if we would talk about Ukraine and Russia like we talk with the Palestinian-Israeli war and crisis? How would that sound? And, dear colleagues, Commission, how would it sound if we would start talking about the Palestinian crisis like the Ukrainian war?

Matjaž Nemec (S&D). – Gospod predsednik, spoštovani komisar Lenarčič! Današnja razprava o razmerah v Gazi bo trajala dobro uro, medtem bo v Gazi ubitih približno 15 ljudi, med njimi šest otrok. Vsaj 35 ljudi bo v tej uri ranjenih. Na že tako opustošeno ozemlje Gaze bo padlo ca. 40 izraelskih bomb, uničenih bo 12 zgradb.

To je grozljiva podoba današnje Gaze, vsako uro, vsak dan, že 144 dni. Izraelska vlada vsaj toliko dni neprestano krši mednarodno pravo, nadaljuje z morijo, otežuje dostop humanitarne pomoči sestradanim civilistom. Genocidna narava vojaške operacije vedno bolj bode v oči, odločitev sodišča v Haagu, ki Izraelu nalaga krepitev humanitarne pomoči Palestincem in sprejetje ukrepov za takojšnjo preprečitev ubijanja civilistov, pa ostaja zgolj mrtva črka na papirju.

Spoštovani, absolutno ni več časa za sprenevedanje niti za odlašanje. Potrebujemo takojšnjo in trajno končanje vojne ter zadostno dostavo humanitarne pomoči, pa tudi izpustitev talcev in palestinskih zapornikov v Izraelu ter ključno nadaljevanje financiranja UNRWA tudi s strani EU. Zdaj in takoj.

Na tem mestu pozdravljam odločitev moje Republike Slovenije iz prejšnjega tedna, ki je agenciji že namenila sredstva. Pozivam to, da počno tudi vse ostale članice.

María Soraya Rodríguez Ramos (Renew). – Señor presidente, señor comisario, estuve en el paso fronterizo de Rafah. Lo que allí pudimos ver y oír era el olor y el horror de un genocidio. Si no lo fuera, habría que inventar una nueva palabra para describir lo que allí sucede, pero la Corte Internacional de Justicia ha dicho que es plausible que se esté cometiendo un genocidio y las medidas cautelares impuestas a Israel son jurídicamente vinculantes.

¿Me puede decir si la Comisión está valorando alguna medida para hacer cumplir a Israel estas medidas cautelares de la Corte Internacional de Justicia?

También sabemos que las acusaciones falsas al UNRWA son parte de la estrategia del Gobierno de Israel para evitar que entre la ayuda humanitaria y distribuirla. ¿Me puede contestar, señor comisario, si hay alguna prueba de la última acusación de Israel en cuanto a la participación de trabajadores del UNRWA?

¿Y me puede confirmar también, señor comisario, si, sabiendo que el UNRWA es insustituible -no hay agencia que pueda sustituirlo-, la Comisión va a desembolsar antes de finales de febrero los 82 millones de ayuda que corresponden?

Rosa D'Amato (Verts/ALE). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, quello che sta avvenendo nella Striscia di Gaza è senza precedenti: da ottobre a oggi i morti sono quasi 30.000, di cui la stragrande maggioranza civili e soprattutto migliaia di bambini; i feriti sono oltre 70.000 e poi ancora milioni di sfollati; la maggior parte degli ospedali e delle scuole distrutti dalle bombe.

Nessun conflitto recente si è minimamente avvicinato a un massacro del genere. Il cosiddetto diritto alla difesa di Israele è stato oltrepassato da tempo. Ma l'Europa fa fatica ancora a capirlo. Chiamiamolo con il giusto nome: nella Striscia di Gaza è in atto un vero e proprio genocidio. L'attacco pianificato di Tel Aviv a Rafah sarà un ulteriore bagno di sangue.

Questo massacro va fermato subito. Non basta una tregua: serve una pace duratura. Il piano di Netanyahu per il post-conflitto va in direzione opposta. L'idea di far fuori l'UNRWA da Gaza è inaccettabile. L'unica pace possibile è con il riconoscimento dello Stato palestinese. L'Europa si deve impegnare perché questo avvenga. La storia non perdonerà gli indifferenti e noi non staremo tra loro.

Özlem Demirel (The Left). – Herr Präsident! Seit Jahren behauptet man in der EU, man stehe für eine Zweistaatenlösung. Doch nichts hat man für ein souveränes Palästina in den letzten Jahren unternommen. Die meisten Mitgliedstaaten haben Palästina noch nicht einmal anerkannt. Seit vier Monaten tobt nun ein brutaler Krieg gegen Gaza. Auch während dieser Debatte hier nehmen Tod, Leid, Zerstörung und Verwüstung ihren Lauf in Gaza. Seit vier Monaten hört man von der Netanjahu-Regierung inakzeptable Aussagen. Man setzte Palästina mit menschlichen Tieren gleich. Netanjahu selbst sagte, ein souveränes Palästina wird es so bald nicht geben.

Das ist inakzeptabel, liebe Kollegen – die doppelten Standards in Europa übrigens auch. Maoz Inon, ein Israeli, der am 7. Oktober seine Eltern – beide Eltern – verloren hat, appellierte im Februar auf einer Friedenskundgebung in Israel an die USA und an Deutschland und sagte: Schicken Sie uns nicht Waffen, schicken Sie uns Friedenshilfen, denn die Waffen nutzt diese Regierung nicht nur, um die Palästinenser zu entmenslichen, sondern auch, um uns unserer demokratischen Rechte zu berauben. Was antworten wir ihm? Was antwortet Frau von der Leyen ihm, die eben der israelischen ultrarechten Regierung bedingungslose Solidarität zugesichert hat?

Michaela Šojdrová (PPE). – Pane předsedající, je to již téměř pět měsíců od napadení Izraele Hamásem. Pět měsíců násilí a tisíce ztracených životů. Všichni víme, že Izrael má právo na sebeobranu proti teroristickým útokům Hamásu. Výzva k míru je jistě na místě, ale já se ptám, jak na ni odpovídá Hamás? Kdy Hamás propustí rukojmí? Bezpodmínečně, protože byl to on, kdo si tyto rukojmí odvezl, kdo je týrá!

Jak dlouho bude ještě Hamás brát životy Izraelců, ale i životy Palestinců jako své rukojmí? Krize v Gaze je dílem těch, kteří z Gazy udělali pevnost Hamásu. Za krizi v Gaze zodpovídá Hamás. A já se ptám, jak dlouho ještě budou muset trpět palestínské ženy a děti pod vládou Hamásu? Mezinárodní snahy o mír a propuštění rukojmích jsou samozřejmě na místě, ale dohodě brání nenávist Hamásu vůči Izraeli. Můžeme snad čekat, že se Izrael jen tak vzdá své obrany, že nechá na sebe útočit? Izrael reagoval na násilí a na nenávist vůči Izraeli. A pokud se ptáte občanů, pak říkají – a já s nimi souhlasím –, že máme pomoci humanitárně, ale neposílat peníze teroristům. A UNRWA není zdaleka jediná charitativní organizace. Já chci v této chvíli poděkovat Mezinárodnímu výboru Červeného kříže, že pomáhá. Proto, pokud humanitární pomoc, pak jediné díky a prostřednictvím uznávaných mezinárodních organizací.

(Řečnice souhlasila s tím, že odpoví na otázku položenou zvednutím modré karty.)

Ana Miranda (Verts/ALE), *Pergunta segundo o procedimento «cartão azul»*. – Senhor Presidente, a Senhora Deputada afirma aqui que o problema de Gaza é uma série de coisas. E eu lembro os 16 anos da ocupação de Gaza, onde quase não entra ajuda humanitária. Não sou eu que o lembro a esta humilde deputada, é o que diz as Nações Unidas.

A Senhora teria que visitar as escolas da UNRWA. Teria que visitar como dão, neste momento, casa para as pessoas que ficaram sem casa com os bombardeamentos de Israel.

Visite, Senhora, as escolas da UNRWA e não fale, como os seus colegas que estavam aqui a berrar e agora se foram. Não fica nenhum do Partido Popular nem da extrema-direita. Isso mostra o pouco que lhes importam as vidas humanas.

Michaela Šojdrová (PPE), *odpověď na otázku položenou zvednutím modré karty* – Paní kolegyně, Vy jste mi sice nepoložila otázku, ale vyzvala jste mě k návštěvě Gazy. Jmenovala jste řadu problémů, ale já jsem to pojmenovala. Ty problémy jsou proto, že z Gazy vybudovali pevnost, teroristickou pevnost hnutí Hamás, a bohužel je to velmi smutné. Ale potom ženy, děti, které v této pevnosti žijí, jsou ostřelovány těmi, kteří chtějí skončit s tímto teroristickým násilím. Já jsem byla v Izraeli, znám Izrael a vím, že je to demokratická, mírumilovná země. Je nám velmi blízká, a proto má právo se bránit.

Maria Arena (S&D). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, alors que la Cour de justice internationale décide de mesures conservatoires imposées à Israël pour éviter le génocide à Gaza, Israël s'en moque. Israël continue. Il continue les opérations militaires indiscriminées. Il continue à empêcher l'arrivée de l'aide humanitaire pour les populations de Gaza. Israël contrevient aux yeux de tous aux règles internationales, même quand il s'agit du risque de génocide. Et l'Union européenne regarde.

Pire, certains États membres et certains membres de cette assemblée sont prêts à suspendre le financement de la seule organisation à même d'éviter ce génocide par la faim qu'est l'UNRWA. A-t-on vraiment perdu le minimum d'empathie et d'humanité dans cette Europe? Je me le demande. Il n'y a pas ici un débat idéologique. Il y a en face de nous des milliers de personnes, de femmes, d'enfants qui meurent de faim, de froid, opérés sans anesthésie. Est-ce que nous sommes dépourvus d'humanité? Je vous pose la question.

Il est temps d'agir, à la Commission, il est temps d'agir pour financer l'UNRWA, je dirais même pour renforcer l'UNRWA, pour lui donner plus de moyens. Il est temps d'agir pour que ce cessez-le-feu arrive. Il est temps d'agir pour donner un message à Israël par rapport à l'Accord d'association et de dire non, nous ne sommes pas prêts à tout accepter. Il est temps d'agir avant qu'il ne soit trop tard.

Salima Yenbou (Renew). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, après quatre mois, nous passons ici pour dire à peu près la même chose: 1 200 morts, dont 36 enfants en Israël, 138 otages israéliens, près de 30 000 Palestiniens morts, dont 5 350 enfants et 3 250 femmes, des milliers de Gazaouis disparus, plus d'un million de déplacés.

La situation aujourd'hui est dramatique et inhumaine: 300 000 Palestiniens souffrent de malnutrition et une menace de famine de masse plane sur Gaza. Il est impératif de conclure sans délai un accord sur le cessez-le-feu. Je crois qu'on est, dans la grande majorité, d'accord pour acheminer d'urgence l'aide humanitaire et permettre la libération des otages. Nous devons également nous opposer fermement à une offensive terrestre à Rafah, qui entraînerait une catastrophe humanitaire sans précédent.

Les récentes démolitions d'habitations palestiniennes à Jérusalem-Est par les autorités israéliennes constituent des violations du droit international, augmentant le risque d'une escalade régionale. Il est crucial aussi d'éviter l'embrasement régional, en particulier au Liban et en Mer Rouge, au risque de menacer l'Égypte. Je rappelle avec force que la seule solution permettant de répondre aux besoins de sécurité d'Israël et aux aspirations légitimes des Palestiniens est la solution à deux États selon les frontières de 1967. Il est temps de s'y mettre.

Ana Miranda (Verts/ALE). – Señora presidenta, señor comisario, dígame al señor Borrell que precisamos más presión internacional sobre Israel para conseguir el alto al fuego en este genocidio y evitar una catástrofe mayor en Gaza.

Este sábado, estuve con otros eurodiputados en el paso fronterizo de Rafah entre Egipto y Gaza. Allí —entre ambulancias y tanques—, se ve el bloqueo humanitario que está sufriendo Gaza, con más de dos mil camiones que esperan para entrar con ayuda humanitaria, mientras uno de cada seis niños sufre desnutrición en Gaza. Es inmoral que mueran bebés por falta de leche mientras hay camiones bloqueados, comisario. Como estos, *please look for me, Commissioner, the trucks...* (la oradora muestra una fotografía) (la presidenta interrumpe a la oradora).

PŘEDSEDNICTVÍ: DITA CHARANZOVÁ

místopředsedkyně

President. – I'm sorry, you cannot show any signs.

Ana Miranda (Verts/ALE). – Vimos el centro logístico de la Media Luna Roja egipcia y las mercancías que ha rechazado Israel con ayuda humanitaria internacional —medicinas, alimentos, generadores eléctricos o tiendas para el cobijo— procedente de veintiuna agencias internacionales y cuarenta países donantes.

Ya no me quedan palabras después de haber visitado a personas palestinas evacuadas en el hospital de El Arish. Todos los interlocutores con los que hemos hablado dicen que hay un riesgo inminente de colapso por la falta de ayuda humanitaria. Si no los matan por bombas... (la presidenta retira la palabra a la oradora).

Miguel Urbán Crespo (The Left). – Señora presidenta, genocidio, ocupación, limpieza étnica. Israel está realizando una nueva Nakba con la complicidad de los Gobiernos europeos.

Anoche regresé del paso fronterizo de Rafah. A escasos metros se hacinaban más de un millón de personas que —según los organismos internacionales— necesitan recibir seiscientos camiones de ayuda humanitaria al día. ¿Cuántos deja pasar Israel? Cinco, señorías, cinco al día.

Israel está utilizando el hambre como arma de guerra. Basta ya de complicidad. Exigimos acciones contundentes que pongan fin a esta barbarie. Comisario, usted sabe que para acabar con ella hay que declarar un embargo de armas y suspender el Acuerdo de Asociación con Israel. ¿A qué estamos esperando? ¿A que se consuma este genocidio?

Y le quería preguntar, señor comisario: ¿qué hará la Comisión sobre la financiación al UNRWA? ¿Desembolsará lo que corresponde? ¿O contribuirá a su criminalización tal y como quiere Israel? El plazo se agota y la historia nos está mirando.

Радан Кънев (PPE). – Г-жо Председател, всеки нормален човек вижда ужаса в Ивицата Газа и в Източна Украйна и всеки нормален човек иска мир и в Близкия Изток, и в Европа. Исква тази чудовишна касапница да спре. Но истината е, че в рамките на този дебат никой не каза как. И ние трябва да си признаем, че може би нямаме отговор как. Защото веднъж започната, войната има своята жестока логика на болка, на омраза, на естествена ескалация, която виждаме пред очите си. И все пак има очевидна стъпка към мир. Стъпка, която зависи от агресорите, и стъпка, която не е направена.

Тези, които започнаха войната в Украйна – режимът на Путин, през февруари 2022 г., и тези, които започнаха войната в Газа – терористичната организация Хамас, с атаката си на 7 октомври 2023 г., не признават правото на съществуване на своя противник. Путин не признава правото на Украйна на независимост и самоопределение. Хамас не признава дори правото на живот на гражданите на държавата Израел и това се съдържа в лозунга, който малоумници по университетите на Запад повтарят от реката до морето. Това е призив за етническо прочистване. Така че пътят към мира започва с признаването на правото на живот, свобода и самоопределение на гражданите на израелската държава и на гражданите на Украйна.

Nacho Sánchez Amor (S&D). – Señora presidenta, señor comisario, la desproporción de la respuesta militar israelí destruye cualquier atisbo de derecho de autodefensa. Es ya pura impunidad.

Para los que justifican esa respuesta, piensen si es o no proporcionada. Israel ha matado a treinta mil personas, el 70 % de ellas mujeres y niños, para neutralizar —es la palabra que se utiliza— a seis mil terroristas: una proporción de cinco a uno, cinco civiles por cada terrorista.

Es decir, si mañana un terrorista en una ciudad europea secuestra a cinco personas —dos mujeres, dos niños y un adulto—, para muchas personas en esta Cámara la solución es matar a los seis. Esa es la proporción y esa es la lógica que al parecer es éticamente aceptable cuando aquí se ha preguntado cuál es el límite. Pero claro, yo estoy hablando, en mi ejemplo, de mujeres y niños europeos, no de mujeres y niños palestinos. Y esa jerarquía entre víctimas está éticamente podrida.

Sophia in 't Veld (Renew). – Madam President, every person has the right to life, liberty, and the pursuit of happiness – Palestinian people no less than Israelis. That is the principle that we should all defend, including the right, which is now absent.

Europe is an ally of Israel, but that does not mean unconditional support to a far-right government, because what we see today is not self-defence, but vengeance – and for some, even the stated objective of ethnic cleansing.

Removing aid from the Palestinian people at this point is a certain and horrible death. Funds for UNRWA have been withdrawn on the basis of allegations which have not been proven. But even if they were, punishing innocent people cannot possibly be just. Thousands of children killed, maimed, traumatised – how can that be just and proportional? An allegation of atrocities committed by Israeli forces has not led to withdrawal of support to Israel, including the continued arms supply.

Resuming funding for UNRWA, immediate and permanent ceasefire, the return of the hostages, and a two-state solution are the only way out of this horror. The only way.

(The speaker agreed to take a blue-card question)

Karen Melchior (Renew), blue-card question. – Thank you very much, Ms in 't Veld. You mentioned the right-wing Government of Israel, led by Netanyahu, has been in power in Israel for many years. What has the EU failed to do to actually apply pressure to different Israeli governments that have failed to support a two-state solution? What should we be doing now to actually ensure that we find not only a ceasefire, but a permanent peace for both Israel and Palestine?

Sophia in 't Veld (Renew), blue-card answer. – Well, where to start? First of all, we haven't seen much action from the side of the European Union – probably none – in order to, let's say, rein in the extreme actions of the government. I have seen no action, or hardly any action, to aim for a two-state solution. I mean, virtually nothing has been done. And at the moment, there is support for the two-state solution and the Palestinians, but it's all very, very limited. Some Member States have actually withdrawn their support for UNRWA. That's why we're here today. So, the first steps haven't even been taken, so it's about time that we do so.

Seán Kelly (PPE). – *A Uachtarán*, I have emphasised at every juncture that the attacks launched by Hamas against Israel on 7 October were reprehensible. The vast death toll of civilians, many of whom are children, the extensive destruction of property and infrastructure, and the displacement of 2 million people far exceed what could be considered Israel's right to defend itself.

The Irish government, and indeed Irish MEPs, have repeatedly called for a ceasefire. But day by day we see the horrors continue. Where does this all end? Whatever post-conflict Gaza looks like, the EU should be united in calling for Palestinian people to have a voice and a vote in what that looks like through a revitalised Palestinian Authority. Otherwise, extremists will fill the void.

Until now, we have seen no plans for what happens next. But Netanyahu's government has now rejected any internationally-imposed solution, including the prospect of the recognition of a Palestinian state. Plans to build thousands of new settlement homes in the West Bank fly directly in the face of the two-state solution. How can we, as an EU institution that supports the two-state solution, not point out this glaring hypocrisy? Palestinians have the right to life, not just to live, but a life. Let's give it to them.

Elena Yoncheva (S&D). – Madame la Présidente, chers collègues, le conflit dans la bande de Gaza exige une approche qui respecte les droits de toutes les parties impliquées. Les développements récents n'ont fait qu'aggraver les souffrances des civils innocents pris entre deux feux. Il est crucial de reconnaître le droit légitime des Palestiniens et des Israéliens à vivre dans la paix et la sécurité. Et j'applaudis les efforts du vice-président, M. Borrell, pour résoudre cette question complexe. Son engagement souligne l'importance de la coopération internationale pour résoudre ce conflit de longue date.

Mais son engagement seul ne suffit pas. Après tout, nous devons être unis autour d'une vision claire, qui est la solution à deux États. Pour y parvenir, l'Europe doit prendre l'initiative de revitaliser les efforts en faveur de la solution à deux États et nous devons établir une feuille de route et commencer à travailler.

Karen Melchior (Renew). – Madam President, thank you very much, Commissioner Lenarčič, for being here for this important debate.

We've spoken a lot of words about this conflict for years. Now we must stop just speaking and actually show some action. Ahmad al-Ghuferi lost 103 family members in a military attack hitting two of his family's houses. Hind Rajab, a six-year-old girl, was killed when she was trying to shelter in a car being attacked by Israeli military.

We need to stop this conflict. We need a ceasefire right this moment in order to save human lives. This is a humanitarian crisis that is caused by war, which is why the ceasefire is so urgent.

But once we have the ceasefire, we need to apply the necessary pressure to Netanyahu. Netanyahu, I am afraid, will try and continue this conflict in order to stay out of prison, because as long as he's prime minister, he can stay out of prison, and we may not allow this to happen. We must have a two-state solution as soon as possible.

Tomislav Sokol (PPE). – Poštovana predsjedavajuća, povjereniče, kolegice i kolege. U svojoj rezoluciji iz siječnja, Europski parlament zauzeo je jasno stajalište o situaciji u Gazi, pri čemu je zatražio trajni prekid vatre, ali uz uvjet da se hitno i bezuvjetno oslobode svi taoci te da se raspusti teroristička organizacija Hamas. Potpuno je jasno da nema opstanka i sigurnosti Izraela bez potpunog uništenja Hamasa. U temeljnim dokumentima Hamasa i dan danas se poziva na ubijanje Židova gdje god se oni nalaze. Drugim riječima, Hamas naprosto mora nestati, zajedno sa svima onima koji ga podržavaju.

Nažalost, mnogi slijeva i danas ovdje relativiziraju zločine koje je počinio Hamas i pokušavaju izjednačiti krivnju za rat na koji je Izrael prisiljen. Istovremeno, činjenica je da se Hamasovi teroristi perfidno i dalje skrivaju iza žena i djece, koju uporno koriste kao živi štit, suprotno svim pravilima međunarodnog prava i običaja ratovanja. Dame i gospodo, Hamas je odavno prestao biti samo izraelski problem te je postao širi faktor nestabilnosti i nesigurnosti. Pogotovo u Europskoj uniji, gdje njegovi pristaše, redom islamisti, šire govor mržnje u srcima Europskih gradova. Stoga, recimo *dosta* relativizaciji Hamasovih zločina, izjednačavanju krivnje i podržavanju islamizma u Europi.

Carlos Zorrinho (S&D). – Senhora Presidente, dirijo-me a si, felicitando-a pelas posições lúcidas e corajosas que, juntamente com o Alto Representante Josep Borrell, tem assumido sobre a catástrofe política e humanitária em agravamento permanente na Faixa de Gaza.

Como relator permanente do Parlamento Europeu para a ajuda humanitária, condeno os sucessivos atropelos à aplicação dos princípios do Direito Internacional Humanitário praticados no terreno.

O legítimo direito de defesa de Israel não pode obliterar a garantia dos direitos humanos e os princípios democráticos, como estabelecido no artigo 2.º do Acordo de Associação União Europeia-Israel.

Espero que os esforços que estão a ser desenvolvidos neste momento por uma trégua rápida sejam bem-sucedidos e que seja o primeiro passo para o cessar-fogo necessário.

Mas sejamos claros. Um cessar-fogo não resolve a crise humanitária em Gaza, nem cria, por si só, condições para uma transição que respeite os tratados e as relações internacionais. É fundamental que, em paralelo com a investigação de comportamentos inadequados de alguns colaboradores da UNRWA e do reforço do sistema de monitorização, esta continue a ter o financiamento e o apoio adequado para garantir o seu insubstituível trabalho humanitário em Gaza.

Γεώργιος Κύρτσος (Renew). – Κυρία Πρόεδρε, ο Netanyahu δεν ισοπεδώνει μόνο τη Γάζα. Ισοπεδώνει και τα στρατηγικά συμφέροντά μας. Προκαλεί διχασμό στο Δημοκρατικό Κόμμα των Ηνωμένων Πολιτειών, αυξάνοντας τις πιθανότητες επανεκλογής του Trump. Με τον Trump ξανά στον Λευκό Οίκο θα δοκιμαστεί η συνοχή του NATO.

Όσο μεγαλώνει ο αριθμός των θυμάτων στη Γάζα, τόσο διευκολύνεται επικοινωνιακά, πολιτικά και σε ό, τι αφορά τις κατηγορίες για εγκλήματα πολέμου που αντιμετωπίζει, ο Putin. Ισοπεδώνει την Ουκρανία επιδεικνύοντας την ισοπέδωση της Γάζας και την αδιάφορη στάση μας.

Στον Παγκόσμιο Νότο, η απόρριψη της πολιτικής του Netanyahu είναι σχεδόν καθολική. Συμπεριλαμβάνει την ανοχή που του δείχνουν ευρωπαϊκές κυβερνήσεις. Μεγαλώνει έτσι το ρήγμα μεταξύ της Ευρωπαϊκής Ένωσης και του Παγκόσμιου Νότου.

Με την πολιτική του Netanyahu, αυξάνονται οι πιθανότητες η αναμέτρηση να επεκταθεί και να συνεχιστεί σε βάθος χρόνου. Αυτό το σενάριο είναι ιδιαίτερα αρνητικό για εμάς. Πρέπει να αντιδράσουμε στην πολιτική του Netanyahu, όχι μόνο γιατί είναι διεφθαρμένος και ανήθικος, αλλά και γιατί μας βλάπτει σοβαρά.

Maria Walsh (PPE). – Madam President, over 30 000 lives have been lost over the last 143 days. The citizens of our European Union have spoken continuously, sharing their activism on the streets, speaking out on their social media platforms and leading. And they have been looking for you and I, their political leaders, particularly in the Commission and Council, in the European Union, to lead them. And what are we doing?

The consistent and brutal violation of fundamental rights needs to end, and it's obvious to us all that the violence will not end without USA, EU and UK intervention.

In the name of the Palestinian women and children killed, we demand a permanent ceasefire in the name of the Palestinian women and children killed, we demand immediate humanitarian assistance, in particular food and medical supplies. In the name of the Palestinian women and children, I re-echo the Irish Government's call to immediately review – may I add, end – the EU-Israel Association Agreement?

We are witnessing a genocide. We must lead with our hearts, our humanity...

(The President cut off the speaker)

Javi López (S&D). – Señora presidenta, señor comisario, en el transcurso de los últimos cuatro meses, en la Franja de Gaza ha habido más asesinatos de periodistas, personal médico y personal de Naciones Unidas que en ningún conflicto hasta la fecha.

La devastación de toda la infraestructura en la Franja es absoluta: veinticinco mil fallecidos —el 1 % de la población total— y se ha cortado el acceso a los servicios básicos de toda la población civil. Y no solo eso, sino que ahora se está utilizando el hambre como arma de guerra. Medio millón de gazatíes viven en una situación de falta grave de nutrición.

Ante esta situación, no solo insoportable y espeluznante, sino también contraria de forma flagrante al Derecho internacional, reclamamos un alto el fuego inmediato, la liberación de los rehenes y el cumplimiento de las medidas cautelares impuestas por la Corte Penal Internacional —que obviamente tienen que afectar a la exportación de armas a Israel—, el uso del Acuerdo de Asociación como forma para presionar a Israel y la imposición real de una solución política de dos Estados, que va a ser la única solución viable en la región.

Klemen Grošelj (Renew). – Gospa predsednica, spoštovane kolegice in kolegi! Tragedija, ki smo ji priča v Gazi, po mesecih spopadov nima vojaške rešitve in skrajna stališča, tako pogosto zagovarjana v preteklosti, tudi danes ne prinašajo rešitve ne za Palestince ne za Izraelce.

Ob vsem trpljenju, kateremu smo priča, je prišel čas za diplomatsko rešitev. Doseči moramo takojšnjo prekinitev spopadov, izpustitev vseh talcev, zagotoviti dostop humanitarne pomoči v Gazo. Vzporedno s tem moramo zagnati politično diplomatski proces, začeti v Oslu, ki naj vodi do rešitve bližnjevzhodnega vprašanja skladno z načelom dveh držav glede na meje iz leta 1967, ki sobivata v miru in ne ogrožata ena druge. To od obeh strani zahteva, da spremenita svojo politiko.

Izrael mora prekiniti politiko segregacije in gradnje naselbin, Hamas pa mora brezpogojno priznati Izraelu pravico do obstoja in se odreči vsem oblikam terorja in nasilja, odreči se mora tujim pokroviteljem, kot je Iran, ki ne prinaša ničesar dobrega ne Palestincem in ne regiji. In tak se lahko aktivno in v dobri veri vključi v politično-diplomatski proces pomiritve in vzpostavitve dveh držav.

Alessandra Moretti (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, sono state uccise più di 30.000 persone nella Striscia di Gaza da ottobre ad oggi. Abbiamo più volte ribadito che il diritto di Israele di difendersi non può essere vendetta, assedio, massacro di civili innocenti in spregio al diritto internazionale umanitario. La reazione di Israele non può trasformarsi in genocidio, perché anche la guerra ha le sue regole e il governo Netanyahu le ha calpestate tutte.

Dobbiamo continuare a chiedere il cessate il fuoco immediato e incondizionato, che permetta ai civili di ricevere assistenza umanitaria e la liberazione dei 130 ostaggi ancora nelle mani di Hamas. Scendiamo nelle piazze con il coraggio di quei giovani italiani che hanno gridato il loro dolore per la guerra e che, in risposta, hanno subito le manganellate delle forze dell'ordine.

Violenza e manganelli rappresentano il fallimento della politica, dello Stato di diritto, dei governi di destra che, come quello di Netanyahu, anziché lavorare per il dialogo e la pace, hanno sempre seminato odio, intolleranza e violenza.

L'Europa continui a restare il modello di democrazia e libertà capace di proteggere i suoi valori e di portarli nel mondo come segno di civiltà e giustizia.

Leszek Miller (S&D). – Pani Przewodnicząca! Panie Komisarzu! Nie możemy się spodziewać, że Izraelczycy i Palestyńczycy spotkają się w najbliższym czasie na dwustronnych negocjacjach pokojowych bez silnego zaangażowania i pośrednictwa instytucji międzynarodowych. Stąd też odpowiedzialność, która spoczywa na podmiotach zewnętrznych, takich jak nasza Unia Europejska.

Jest to o tyle uzasadnione, że Międzynarodowy Trybunał Sprawiedliwości orzekł w styczniu tego roku, że Izrael musi podjąć wszelkie niezbędne środki, by zapobiec aktom ludobójstwa w Strefie Gazy. Trybunał przesądził tym samym, że mamy do czynienia z ludobójstwem. Stąd też poważne wyzwanie dla unijnej dyplomacji. Mam na myśli zatrzymanie rozlewu krwi i pomoc dla obu stron w sprawie odbudowy zaufania do siebie i budowy dwu państw w pokoju. Uważam też, że wstrzymanie finansowania UNRWA jest niedopuszczalne.

César Luena (S&D). – Señora presidenta, yo creo que este debate nos ayuda a sacar algunas conclusiones claras. Creo que debemos centrarnos en exigir la liberación de los rehenes, garantizar la ayuda humanitaria y la presencia del UNRWA —ojo, que Netanyahu está detrás, como sabemos, de retirar esa ayuda— e impedir el alto el fuego inmediato. Esas son las tres conclusiones que creo que podemos sacar, comisario, de este debate.

Pero hay otras tres ideas de fondo que creo que son muy importantes. Primero, revisar de verdad el acuerdo de asociación con Israel y, si procede su suspensión, incluso adoptar sanciones. Es decir, le pido que haga caso a la carta que le han mandado los Gobiernos de España y de Irlanda.

En segundo lugar, es necesario imponer sanciones a la actitud radical de los colonos.

Y, por último, ¿cuál es el problema de fondo? El problema de fondo es la ocupación ilegal de los territorios palestinos. Si de verdad decimos cuál es el fondo de la cuestión es ese y lo que se deriva, que es el verdadero *apartheid* que se le está haciendo a Palestina desde hace muchos años.

Por tanto, creo que buscar desde la Unión Europea la solución a fondo, de verdad, de los dos Estados es la única solución que tenemos en este momento.

Carina Ohlsson (S&D). – Fru talman! Den humanitära situationen i Gaza är djupt ovärdig. Människor svälter och tvingas äta djurfoder och ogräs för att överleva. Fler än 30 000 palestinier har dödats: 12 300 barn och 8 400 kvinnor. Över 70 000 personer har skadats och 7 000 personer är fortsatt saknade. Antalet civila offer i Gaza, med mycket hög andel barn, är oacceptabelt.

Hamas fruktansvärda terrorattack den 7 oktober inledde Israels oproportionerliga militära svar, och landet utreds nu för det grövsta folkrättsbrottet: folkmord. Respekt för internationell humanitär rätt är absolut ett måste och inte förhandlingsbart. Detta är ett budskap som EU konsekvent har förmedlat till Israel, och Hamas måste ovillkorligen släppa gisslan.

Nu behövs det en omedelbar och permanent vapenvila. Den israeliska ockupationen måste upphöra, och en tvåstatslösning är oundviklig för långsiktig fred i regionen.

Catch-the-eye procedure

Milan Zver (PPE). – Spoštovana gospa predsedujoča! Tudi jaz bi se pridružil kolegom, ki sprašujejo, kje je danes gospod Borrell, visoki predstavnik za evropsko varnostno in zunanjo politiko.

Večkrat sem že omenil in obsodil napad Hamasa na izraelsko državo, danes to ponavljam. Jaz mislim, da moramo tudi poudariti pravico Izraela do samoobrambe. Ampak tukaj gre za še en problem, in to je UNRWA, katere osebe je sodelovalo v terorističnih napadih na Izrael. Jaz sem eden tistih, ki meni, da ne smemo financirati te organizacije, te agencije Združenih narodov, dokler ni preiskava zaključena. Mi moramo to agencijo osvoboditi Hamasa, jo narediti neodvisno in šele takrat financirati. Mislim, da je tudi slovenska vlada naredila napako, ko je prehitro že za letos izdatno financirala agencijo Združenih narodov.

Skratka, najprej bo potrebno razčistiti stvari znotraj agencije in šele potem lahko ponovno financiramo – ali pa prevzame kakšna druga agencija – to nalogo.

Milan Brglez (S&D). – Gospa predsednica, spoštovani komisar, kolegice in kolegi! Pred natanko mesecem dni je Meddržavno sodišče v primeru Južne Afrike proti Izraelu med drugim odločilo, da naj Izrael sprejme takojšnje in učinkovite ukrepe za zagotovitev nujno potrebne humanitarne pomoči civilnemu prebivalstvu v Gazi ter da naj prepreči in kaznuje vsa ravnanja lastnih sil, ki bi lahko vodila v genocid nad Palestinci.

Navkljub temu Izrael očitno še naprej izvaja kolektivno kaznovanje nad palestinskimi civilisti, otroki in ženskami ter je pripravljen izvesti ofenzivo na Rafo, kar lahko zaradi nesorazmernosti razumemo kot izvajanje vojnih zločinov, zločinov proti človečnosti in genocida. Mnoge države, ki mu pri tem pomagajo in ga podpirajo, so soodgovorne za izraelske zločine. Soodgovorne so in bodo tudi številne vlade, ki so ustavile finančno podporo Agenciji Združenih narodov za pomoč palestinskim beguncem in s tem ohromile njeno humanitarno delovanje.

Zato smo danes na točki preloma. Evropske unije kot projekta miru ni in ne bo več brez polnega spoštovanja mednarodnega prava ter humanitarne pomoči Palestincem.

Billy Kelleher (Renew). – Madam President, there's calls in this house for funding to be suspended from UNRWA, and there is proof that maybe up to five people were some way complicit with the attacks on 7 October. Yet, the Israeli Defence Forces and its government are in Gaza at the moment, pillaging and plundering and murdering people, according to the International Court of Justice, according to international law and according to humanitarian law and just a basic human decency. And yet we have people in this House calling for funding to be cut from UNRWA, which is supporting and maintaining the lives of ordinary citizens in Gaza. And at the same time, we have a trade association with Israel with favourable conditions and nobody – nobody – is questioning whether or not we should maintain that link.

It is shameful that this House cannot even condemn what is happening! And then we go along and with spite call for the withdrawal of funding from UNRWA. We sincerely owe an awful lot more to the people of Gaza. And I hope that everybody in this Chamber will support the reintroduction of funding to UNRWA, so that children and those that are most vulnerable in Gaza at the moment have their basic access to humanitarian aid.

Marc Botenga (The Left). – Madame la Présidente, au téléphone avec les secours, la petite Hind, fille palestinienne de six ans, est terrifiée: «J'ai tellement peur. S'il vous plaît, venez, venez me chercher. Vous allez venir me chercher?» En voiture avec sa famille, ils fuient les bombes israéliennes. Ils ont croisé un char israélien. Son oncle s'est mis de côté, mais les soldats israéliens ont quand même tiré et Hind se retrouve alors coincée dans la voiture, au milieu des corps de sa famille tuée. Puis l'appel est interrompu. Son corps sera récupéré quelques jours plus tard. Je n'oublierai jamais la voix au téléphone de Hind.

Sa mort illustre à elle seule le caractère génocidaire de la guerre qu'Israël est en train de mener. Et je n'oublierai pas non plus que cette maison, cette Union européenne, n'a pas appelé à cesser les exportations d'armes vers Israël. Quelle complicité, quelle honte inhumaine!

Margrete Auken (Verts/ALE). – Fru formand! Jeg vil sige, at det har været en rigtig god debat i dag, hvor så mange har givet støtte til, at massakren i Gaza skal stoppe nu, og at vi skal i gang med en tostatsløsning. Men én ting har været skræmmende, og det er, hvor få der har talt om, at der kom så klar en dom fra Den Internationale Domstol for en måned siden – meget klar – med et krav om, at bombardementerne skulle stoppe – hvis man altså kunne læse – med et krav om, at der straks skulle meget mere hjælp ind i Gaza. Og det var tydeligt, at det her, det var jo nærmest en enstemmig dom. Og så at opleve, at det er som om, at man tager det som et bidrag i debatten, at der er kommet sådan en dom fra Den Internationale Domstol – vores allervigtigste instrument i folkeretten. Altså, det er en trussel, som er nok så alvorlig imod os alle sammen, hvis man ignorerer Den Internationale Domstol. Og det er jo med til at bidrage til, at vi i det globale syd i øst bliver set som nogle hyklere, der reelt ikke selv tager folkeretten alvorligt. Jeg håber, at der straks sker noget fra EU's side og fra vores medlemslandes. Mit eget er ikke bedre.

Δευτέρης Νικολάου-Αλαβάνος (NI). – Κυρία Πρόεδρε, 30 000 νεκροί, μεταξύ τους 13 000 παιδιά, 70 000 σακατεμένοι· 30 μέρες χωρίς ανθρωπιστική βοήθεια, σύμφωνα με την UNRWA: ο τραγικός απολογισμός της ισραηλινής θηριωδίας στη Γάζα. Οι κατοχικές δυνάμεις έχουν περικυκλώσει τη Ράφα, καταφύγιο πάνω του ενός εκατομμυρίου αμάχων, και ετοιμάζονται να χτυπήσουν. Βομβαρδίζουν πλέον και στον ανατολικό Λίβανο, επεκτείνοντας τη δίνη του πολέμου.

Για πάνω από 140 μέρες που διαρκεί η γενοκτονία, η Ευρωπαϊκή Ένωση, κυβερνήσεις και το Ευρωπαϊκό Κοινοβούλιο στηρίζουν ξεδιάντροπα το κράτος-δολοφόνο του Ισραήλ. Αρνούνται οποιαδήποτε αναφορά σε άμεση, άνευ όρων κατάπαυση του πυρός. Μαζί με τις Ηνωμένες Πολιτείες, τη Βρετανία και το NATO προετοιμάζουν στρατιωτική επιχείρηση στην Ερυθρά Θάλασσα, εγκυμονώντας νέους κινδύνους για γενικότερη ανάφλεξη, με την Ελλάδα συντονιστή, κατά κοινή απαίτηση της Νέας Δημοκρατίας, του ΣΥΡΙΖΑ και του ΠΑΣΟΚ.

Οι λαοί της Ευρώπης με την αλληλεγγύη τους δίνουν δύναμη στον παλαιστινιακό αγώνα για τη μόνη πραγματική διέξοδο: τον τερματισμό της σφαγής και της ισραηλινής κατοχής, ένα ανεξάρτητο παλαιστινιακό κράτος με πρωτεύουσα την ανατολική Ιερουσαλήμ στα σύνορα του 1967.

Mick Wallace (The Left). – Madam President, over 12 000 Gazan children murdered in a few months. UNICEF warns that the Gaza Strip is about to see an explosion in preventable child deaths that will compound the already unbearable level of child deaths in Gaza. We have been warning for weeks that the Gaza Strip is on the brink of a nutrition crisis. Food deliveries are drastically inadequate.

UN experts said last week that Palestinian women and girls continue to be raped, tortured and executed by the Israeli military in the occupied West Bank and the Gaza Strip. Women and children are being arbitrarily executed by the IDF. The Israelis are brazenly ignoring the binding ICJ court orders to halt the threat of genocide against the people of Gaza. Israel is failing to comply with its obligations under the Genocide Convention and yesterday the EPP won a vote to take the reference to the ICJ ruling off the agenda.

The European Parliament is engaging in genocidal denial. We are watching the total destruction of place, designed to obliterate past, present and future for Palestinians. This is pure evil and a genocide.

Clare Daly (The Left). – Madam President, on 26 January, the International Court of Justice ruled that there's a plausible risk of genocide in Gaza. It ordered Israel to stop killing civilians. Israel continued.

The legal obligations on EU Member States are very clear. The genocide conventions require states to avoid complicity, the EU common position on arms exports bans exporting arms where there's a clear risk they'll be used to violate international law, and the UN has warned that such transfers must cease. Yet, France dissembles, hiding behind secrecy and Israeli assurances, while Germany has increased its exports tenfold last year, 90% since 7 October. Ireland doesn't even ask Butcher Biden what's coming through Shannon Airport from the US on the way to the Middle East. What sort of people are ye?

In 1982, arch-conservative, pro-Israelis Margaret Thatcher and Ronald Reagan stopped arms to Israel during a war. But in 2024, European Greens, Social Democrats and Liberals are arming a genocide. Shame on ye! International law and humanity requires lethal arms to Israel must stop now.

João Pimenta Lopes (The Left). – Senhora Presidente, as Instituições da UE continuam impávidas, intervindo retoricamente enquanto assistimos à barbárie em Gaza. Cumplicidade, hipocrisia, cinismo.

Tal é a gravidade da agressão, que a África do Sul apresentou uma queixa contra Israel no Tribunal Internacional de Justiça por risco de genocídio. Mais de 100 000 vítimas, na sua maioria mulheres e crianças, a destruição de todas as infraestruturas essenciais, a imposição de um criminoso bloqueio que impede a ajuda humanitária, que priva de bens essenciais a população palestina na Faixa de Gaza, impondo a mais de 2 milhões de deslocados a inanição, a doença, o sofrimento, a morte.

Valorizamos os 108 deputados que apelaram às Instituições da UE o reforço do apoio à UNRWA, cuja ação é tão mais urgente e importante. Os que lhe cortam apoios são cúmplices da atrocidade contra o povo palestino.

O Senhor Comissário referiu a previsão de mais de 65 000 mortos, enquanto centenas de camiões humanitários se acumulam às portas de Rafah. De que estão, então, à espera para reforçar os apoios à UNRWA? Para exigirem um cessar-fogo imediato permanente e a garantia de ajuda humanitária? Para reconhecer o Estado da Palestina?

(End of catch-the-eye procedure)

Janez Lenarčič, Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Madam President, honourable Members, thank you for this important debate. A few comments and some facts from my side. After the ICJ – International Court of Justice – issued its orders back on 26 January, the European Commission and the High Representative issued immediately a joint statement, stating that – I quote – ‘Orders of the ICJ are binding on the parties and they must comply with them and the EU expects their full, immediate and effective implementation’. I think it cannot get any clearer than that.

Now let's look at those orders – but let's say one of them, just for illustration. There was this order that was already mentioned by some of the Members: ‘Order to Israel to take immediate and effective measures’ – immediate and effective measures – ‘to enable the provision of urgently needed basic services and humanitarian assistance to address the adverse conditions of life faced by Palestinians in the Gaza Strip’. End of quote.

Well, if anything, now, today, one month later, these adverse conditions of life are even more adverse than they were at the time of these orders. Pockets of famine have appeared in Gaza. Hunger is so prevalent, and people are so desperate, that orderly distribution of humanitarian aid in northern Gaza, for instance, is no longer possible. And some of our partners already stopped the provision of food to northern Gaza.

Attacks on United Nations and on humanitarian workers in general continue. There have been so far 161 UN staff killed since 7 October. There have been 378 attacks on healthcare, including 98 attacks on ambulances. These are quite unprecedented numbers.

We also note the extensive denials of access for humanitarian missions into Gaza. We also note the increasing difficulties that UN humanitarian workers face in obtaining visas and other permits. Access to Gaza definitely is worse this month, February, than it was in December or January. Much fewer trucks have been getting through this month.

So yes, there is an urgent need for the end to fighting, and this is what 26 Member States have called for, because this would allow for a massive surge of humanitarian aid into Gaza and throughout it. Let me recall that the last and, so far, the only humanitarian pause, was agreed back in November last year.

The EU is not sitting on its hands. It is doing all it can. The EU has allocated more than EUR 200 million for humanitarian aid since 7 October, and we are now in the process of rolling out our EUR 125 million heavy humanitarian funding for this year, for Gaza and occupied Palestinian territories in general. We also continue our in-kind support. By now we have organised 40 flights of EU Humanitarian Air Bridge, bringing 1 700 tonnes of in-kind assistance for the Palestinians in Gaza.

We have been all along in touch with our Israeli counterparts advocating the respect for international humanitarian law, calling for protection of civilians, calling for respect of some of the fundamental principles of international humanitarian law, like the principle of 'proportionality' and 'distinction' – distinction between combatants and civilians. We have been calling for opening of additional crossing points and so on, and so on.

My next point is about UNRWA. No, we have not received any evidence supporting the allegations by Israel that UNRWA's staff were involved in the terrible events on 7 October, and to our knowledge, none of the donors – other donors – have received any evidence. But at any rate, at any rate, as I said in my introduction, there has to be, at the end of the day, individual accountability for any violation of the principle of neutrality of UNRWA. And there must not be collective punishment. This is not the answer.

Yes, UNRWA is irreplaceable. Who's saying that? Let me tell you who is saying that. All other UN agencies, active and present in the Gaza Strip are saying that to us. The International Committee of the Red Cross is saying that to us, the entire International Red Cross and Red Crescent family is saying that to us, and so do the international non-governmental organisations who are present in the Gaza Strip in these very difficult circumstances. All of them are telling us, 'No, we cannot possibly take over the role of UNRWA'. All of them.

Now, how to go ahead? Certainly, we support the investigation that has been launched by the UN Office for Internal Oversight Services. We support the launch of the Independent Review Group, led by former French Foreign Minister Catherine Colonna. We will follow very closely, we will expect full transparency on the part of UNRWA, and we will act accordingly. But let me recall again our statement – the Commission statement of the 29 January – in which we stated very clearly: the EU humanitarian aid will continue unabated.

Finally, in closing, I wish to repeat that we need to define credible prospects for peace in the Middle East. We must relaunch a political process for a two-state solution, and that is the only solution that can bring sustainable peace and security to the region. As I said in my introduction, a military solution does not exist.

We have developed ideas to advance the objective of this two-state solution, based on the Peace Day Effort, and on the support by the EU and others for holding an international peace conference soon. Because of the work we did prior to 7 October, we are now in a good central place to take this work further.

We are in close contact with our partners, including Arab states, to work together to that end, and even when one or more of the parties are not yet ready, we have to prepare. We have to prepare the substance of a peace deal. We have to elaborate not only how we would support peace, but also what could be a concrete, time-bound framework for the peace between Israel and Palestine.

President. – The debate is closed.

Written statements (Rule 171)

Alfred Sant (S&D), in writing. – The Hamas attack on Israeli communities on 7 October 2023 was an atrocity that must be condemned without reservation. Israel could only regard it as an act of war and take action accordingly.

How Israel has done this, however, should be condemned. War has been conducted by the Israeli Government in a totally disproportionate manner against the Palestinian people living in Gaza, whom it has controlled in an authoritarian manner for the last decades.

In breach of the rules of war, there has been a total disregard for civilian casualties, which have reached disastrous levels, with most being women and children. Israeli claims that civilian deaths are inevitable collateral damage or due to Hamas using civilians as buffers are not tenable. Indeed, they give credence to counter-claims that the Israeli strategy is defined by revenge and carries a genocidal intent, within the context of Israel having degenerated into an apartheid state.

The attempt by Israel to blank UNRWA out of the situation heightens the credence of such statements. To be coherent with its proclaimed values, the EU should give concrete expression to a condemnation of Israeli actions by immediately suspending the Israeli-EU association agreement and advising Member States against the supply of war material to that country.

13. Retificação (artigo 241.º do Regimento) (seguimento dado)

President. – I have a short announcement before we continue with the debates. Pursuant to Rule 241(4) of the Rules of Procedure, I would like to inform you that there was no request to put to the vote the corrigendum from the ITRE Committee, announced in plenary yesterday at the opening of the sitting. The corrigendum is therefore deemed to have been approved.

14. Os direitos humanos e a democracia no mundo e a política da União Europeia nesta matéria – relatório anual de 2023 (debate)

President. – The next item is the debate on the report by Nacho Sánchez Amor, on behalf of the Committee on Foreign Affairs, on Human rights and democracy in the world and the European Union's policy on the matter – annual report 2023 (2023/2118(INI)) (A9-0424/2023).

Nacho Sánchez Amor, ponente. – Señora presidenta, como era previsible —por desgracias—, el Informe sobre los derechos humanos y la democracia en el mundo y la política de la Unión Europea al respecto de este año refleja la desastrosa realidad de la situación de los derechos humanos en el mundo, y —quizá por ello— es útil hacer una reflexión de tipo político sobre cuál es el marco, cuáles son las corrientes de fondo que alimentan esta situación.

El hecho de que una persona, por el simple hecho de serlo, tenga un conjunto de derechos inherentes, inalienables, individuales, indivisibles, es una conquista de la civilización. Han hecho falta seguramente treinta siglos de historia para que llegáramos a esa convicción.

Sin embargo, ese marco, que por lo general no ha sido cuestionado —no se cuestionaba públicamente la existencia de derechos inherentes al hecho de ser una persona— ahora está empezando a encontrar un modelo antagónico, claramente. Así, regímenes autoritarios y liberales están poniendo en cuestión la universalidad de los derechos con muchos relatos, pero que vienen a coincidir en la idea de que esto de los derechos universales es una nueva estrategia de hegemonía cultural de Occidente o una estrategia neocolonial para seguir influyendo sobre otras partes del mundo con esta aproximación ideológica.

Esa tensión se extiende a todas las esferas de las relaciones internacionales. Por lo tanto, es —si me permiten decirlo— una suerte de guerra cultural, porque hay dos modelos completamente opuestos: el de las democracias y el de los sistemas autoritarios. Es una pelea ideológica en la que a veces yo creo que hemos echado de menos una actitud más desafiante, más abierta, más retadora de las democracias que reafirmara el compromiso con los derechos humanos.

Esos son los desafíos que dan lugar a este Informe. Tenemos que trabajar con la sociedad civil, tenemos que defender a los defensores de los derechos humanos —especialmente en muchos más entornos hostiles en los que tienen que moverse—, tenemos que trabajar con la cooperación internacional y abordar juntos violaciones de derechos humanos y tenemos que permanecer anclados plenamente en la política de derechos humanos en la política exterior y diplomacia de la Unión Europea.

La promoción de los derechos humanos y la democracia en el mundo no es una opción, no es una política, es una obligación jurídica derivada de los Tratados y, por tanto, eso afecta a todas las instituciones. Cuando digo todas las instituciones me refiero a las que estamos de esta parte de la calle Belliard y de la parte de allá de la calle Belliard, porque a veces parece que en la parte de allá de la calle Belliard la lógica es la *Realpolitik* pura y dura; y en la parte de acá de la calle Belliard del Parlamento todo es una aproximación de valores.

Tenemos que ponernos de acuerdo en cuál es el tono que adoptamos en el mundo para dirigirnos a nuestros interlocutores en la arena internacional sobre el tema de los derechos humanos. Y lo mismo en el Parlamento: la agenda de derechos humanos en este Parlamento ha sufrido mucho últimamente con las políticas conservadoras que han puesto en cuestión algunos de los trabajos de la Subcomisión de Derechos Humanos y la necesidad de hacer urgencias de derechos humanos, que han tratado de sepultar las urgencias al final de la tarde de los miércoles, que han incluso —algunos grupos— no participado en la redacción y negociación de las urgencias de derechos humanos.

Otro elemento es una promoción exagerada del papel institucional de la Subcomisión de Seguridad y Defensa en detrimento de la Subcomisión de Derechos Humanos. Otro, los ataques y las dificultades de las ONG de derechos humanos —con la excusa del escándalo del *Qatargate*— para trabajar en esta casa y la falta de protección de un elemento esencial para nuestra política de derechos humanos. Incluso —me permitirán decirlo— otro elemento es el hecho de que este Informe sobre los derechos humanos y la democracia en el mundo y la política de la Unión Europea al respecto, siendo uno de los tres informes que hace la Comisión de Asuntos Exteriores, se trate hoy aquí y, mañana se tratan en otro formato en esta casa los temas relativos a la seguridad y la política exterior.

Quiero agradecer a mis compañeros ponentes alternativos —algunos de ellos están aquí— el trabajo realizado. Ha sido un trabajo muy gratificante, pero la descripción que hacemos de la situación de derechos humanos es lamentablemente terrible.

Janez Lenarčič, *Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission/High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy*. – Madam President, honourable Members, I wish to thank the rapporteur, Sánchez Amor, and also other Members who have contributed to this report on human rights and democracy.

As it states in this report, the human rights situation is worsening across the world. We all have received the news of the death of Alexei Navalny in Russia with consternation. And today, the EU continues working to address many other human rights abuses and humanitarian law violations in countries worldwide. Your report includes a long list of countries and cases from China to Belarus, from Afghanistan to Nicaragua, and so on.

We just spoke, under the previous item, on the Israel-Gaza war. What is clear is that all cases deserve our full attention and there should be no hierarchy of victims. At the same time, democratic backsliding continues from the military coup in the Sahel region to the unsuccessful attempts to thwart the democratic transition of power in Guatemala. Alternative narratives try to change universally agreed human rights law and challenge the international order.

The UN and its Secretary-General have the full support of the European Union. We are leading the necessary reforms, building alliances with partners across continents, and in particular, we are ensuring a better involvement of the Global South.

Honourable Members, the European Union cannot impose radical changes on third countries. What we can do is keep all possible channels of communication open with the different parties and continue to develop our toolbox and instruments in support of human rights and democracy.

The EU action plan on human rights and democracy has been reinforced financially through the Global Europe Human Rights and Democracy programme, with EUR 1.5 billion for 2021 to 2027. Last December, the 25th EU-NGO forum gathered 250 human rights defenders worldwide on youth as actors of change for human rights. It also commemorated the 75th anniversary of the Universal Declaration of Human Rights and reaffirmed the EU's commitment to uphold and advance human rights.

At the very first Council of Foreign Affairs, in the mandate of the High Representative, he proposed the creation of an EU human rights sanctions regime to hold those responsible for gross violations of human rights accountable. With the political support from this Parliament, it was swiftly approved.

Since 2020, the EU has used this sanctions regime to impose restrictive measures against perpetrators around the world, including in China, in Russia, in Libya, South Sudan and Eritrea and also against the Wagner Group. And last week, the EU adopted a 13th package of sanctions against Russia, against its political leadership and authorities and we decided to rename the global human rights sanctions regime after Alexei Navalny.

Fighting impunity remains one of our priorities. Last December, we signed a four-year EUR 20 million project: the global initiative to fight against impunity for international crimes. This will complement our ongoing support to the International Criminal Court.

Honourable Members, we could not succeed in any of this without human rights defenders. Since 2015, the EU human rights defenders protection mechanism has supported 66 000 human rights defenders and their families. And you can rest assured that we will continue doing so wherever defenders are in urgent need.

Electoral observers also deserve a particular mention as human rights defenders, and also in the name of the High Representative, I wish to thank each and every Member of this Parliament who participated in the EU election observation missions and carried the EU flag across the world in defence of democracy.

In 2023, the EU continued its efforts to help improve electoral processes throughout the world through our electoral observation missions. Although these have to operate in increasingly challenging contexts, they continue to be a bulwark against democratic backsliding, as demonstrated, for instance, by our mission to Guatemala. This mission played an important role to preserve the results of the elections and allow for an orderly transfer of power to the newly elected president. For their efforts and professionalism, the EU mission to Guatemala received the Wilson Centre Award. The EU and this Parliament should be proud of this.

Dear Members, the case of Guatemala indeed is worth a particular mention. Last week we had the honour and pleasure to receive the newly elected President of Guatemala, Bernardo Arévalo. He acknowledged the decisive role played by the EU in upholding a democratic electoral process and in ensuring respect for the electoral results.

At the same time, the European Union has imposed sanctions on those individuals who attempted to undermine the peaceful transition of power in Guatemala, holding them accountable. This is one more clear example of what we can achieve as the European Union when we act together with one voice and combine our different EU foreign policy tools in a principled and coherent manner.

There is much more work to do. Your report includes a long list of countries and challenges to address. Time does not allow me to go through them all, but you can rest assured that we will take very good note of your report as well as of your suggestions.

Leopoldo López Gil, *en nombre del Grupo PPE*. – Señora presidenta, la violación de los derechos humanos en el mundo es alarmante. El índice de democracia de 2023 elaborado por *The Economist* destaca su retroceso desde 2006. Este informe resalta que solo el 8 % de la población mundial vive en democracias plenas. Cincuenta y nueve países con casi el 40 % de la población del planeta viven bajo autocracias que coartan libertades y derechos humanos.

El declive del respeto de los derechos humanos acompaña al aumento de los conflictos globales e internos. Señalamos el conflicto entre Israel y Palestina o la agresión injustificada de Rusia a Ucrania. Ambos tienen en común el impacto sobre la población civil, en especial sobre mujeres, ancianos y niños. Particularmente sobre estos últimos, que ven su futuro completamente destruido y sin oportunidades en estas traumáticas circunstancias.

Termino refiriéndome a una región con una importancia destacada para mí: América Latina. Esta región ha visto dramáticamente menoscabados sus índices democráticos en los últimos treinta años con un aumento de las autocracias reflejado en la destrucción de las garantías constitucionales de los ciudadanos, la desaparición del Estado de Derecho y la extinción de la independencia de los poderes judiciales. Esta situación social ha llevado a estos a esta región, que anteriormente era una de las más prósperas del mundo, a niveles desorbitados de pobreza, hambre y migración de sus poblaciones.

Desde el Parlamento Europeo, seguiremos haciendo seguimiento de estas situaciones con los informes anuales de derechos humanos y democracia en el mundo solo para dar respuesta a estos acontecimientos con políticas que estén a la altura de estos retos. Ojalá lo podamos lograr.

Isabel Santos, *em nome do Grupo S&D*. – Senhora Presidente, 2023 foi, exatamente, o ano da passagem do 75.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e, por coincidência, a nossa coerência com os valores e princípios aí inscritos viu-se posta em causa como nunca.

A guerra na Ucrânia e o recrudescer do conflito no Médio Oriente têm sido produtores de dramáticas violações a esta declaração, que têm sido verdadeiros testes de fogo a muito do que fomos capazes de construir ao longo de décadas.

O avançar de autocracias e ditaduras, um pouco por todo o mundo, tem colocado em causa a universalidade e a indivisibilidade dos princípios e direitos inscritos nesta declaração.

Também por isso este relatório, e quero aqui felicitar o meu colega Ignacio Sánchez Amor pelo trabalho desenvolvido, reveste-se de particular importância.

Chegados aqui, importa, talvez mais do que nunca, perguntarmos o que fazer e levarmos a sério o que concluirmos. Importa que, de uma vez por todas, demos plena efetividade aos instrumentos que temos ao nosso dispor.

Exige-se uma maior transparência no que diz respeito às disposições em matérias de direitos humanos nos acordos de financiamento no âmbito do Instrumento Europeu de Vizinhança, e que as cláusulas de direitos humanos sejam aplicadas de forma efetiva e coerente em todos os acordos com países terceiros.

Diante de violações graves e persistentes dos direitos humanos por países parceiros da União Europeia, esta deve agir de forma rápida e decidida, e não como tem reagido em relação a Israel. Caso não sejamos capazes de proceder assim, abrimos caminho para a nossa irrelevância e parece-me que essa não é a saída.

Salima Yenbou, *au nom du groupe Renew*. – Madame la Présidente, Monsieur le Commissaire, aujourd'hui, je vous invite à embrasser l'essence même de notre humanité, à défendre les droits fondamentaux qui nous définissent en tant que société. Le rapport annuel 2023 sur les droits de l'homme et la démocratie dans le monde est bien plus qu'une compilation de faits et de chiffres. C'est un appel à l'action, un signal d'alarme face à la montée croissante de l'autoritarisme et des extrémismes qui menacent notre monde.

Ce rapport met en avant notre engagement inébranlable envers les valeurs qui nous unissent en tant qu'Européens. Nous voulons renforcer le rôle des organisations de la société civile. Observons autour de nous, sans détourner le regard, avec la même volonté de garantir les droits humains pour chaque citoyen du monde, pour rester crédibles et légitimes.

La guerre russo-ukrainienne, les conflits au Moyen-Orient, les crimes contre les Ouïghours, les massacres dans l'est du Congo sont autant d'événements qui exigent de nous une réponse forte et juste. Des déplacements forcés, des crimes de guerre, des prises d'otages, l'oppression, le travail forcé, la persécution, ces réalités sombres nous appellent à agir. Unissons-nous pour un monde où les droits de l'homme et la démocratie ne sont pas simplement des idéaux, mais des réalités tangibles!

Heidi Hautala, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Madam President, Commissioner, colleagues, the EU is a safe haven for human rights defenders, one of the few in the world which is becoming more and more authoritarian and more and more dangerous for those who defend human rights. But even we should do more.

And I would like to recall the demand by this Parliament to establish a category of humanitarian visas in the context of the report of our colleague Hannah Neumann on human rights defenders. And I think it's time that we now make this happen, because so many people who come from Russia, from Belarus, from Afghanistan, from Iran, really need temporary protection. It is not necessarily at all about asylum, but people need to get away from the countries that are dangerous for their work for human rights.

I also wanted to say a word about another dimension of human rights and their defence. You know, colleagues, tomorrow, the famous Directive on corporate sustainability due diligence might be voted in the Council and it is not at all guaranteed that there will be the required majority.

Why I want to tell you this today is that no state alone can solve the challenges of human rights. We need the corporations on board and that is why we need to take this very seriously. Otherwise, also our attempts as the European Union and its Member States and states in general are not going to be realised. We need the cooperation on board. So please, tomorrow, the message has to be that the Council has to adopt this important directive.

Ryszard Czarnecki, w imieniu grupy ECR. – Pani Przewodnicząca! Panie Komisarzy! Szanowni Państwo! Przejdę do rzeczy od razu. Czego było zdecydowanie za mało w tym sprawozdaniu? Ze względów – i to nie politycznych – za mało było o Kubie, za mało było o Wenezueli, za mało było o Nikaragui. Dobrze, i są plusy, że była mowa o Ukrainie. Dobrze, że była mowa o potrzebie egzekwowania klauzuli praw człowieka w umowach międzynarodowych. To jest zwłaszcza istotne w relacjach między Unią Europejską, UE27, a krajami Afryki i jakiejś części Ameryki Łacińskiej i Azji.

Myślę, że potraktowanie spraw migrantów, uchodźców było bardzo ideologiczne. I z tym moja grupa się nie zgadza. Podobnie jak z próbą uczynienia sytuacji, w której w każdej polityce Unii Europejskiej prawa człowieka muszą być obecne. Myślę, że lepiej o nich mówmy mocno, ale nie przy każdej okazji, bo nastąpi pewna inflacja, a ważne sprawy inflacji nie lubią.

Bernhard Zimniok, im Namen der ID-Fraktion. – Frau Präsidentin! Dieser Bericht zeigt wieder einmal die widerwärtige Doppelmoral, die offensichtlich hier im Haus zum guten Ton gehört. Der Name Nawalny findet sich darin natürlich, Julian Assange fehlt aber. Was man Russland vorwirft, hält man selbst nicht ansatzweise ein. Lieber geriert man sich weiter als Vasall der USA, statt das einzig Richtige zu tun: endlich die Freilassung von Julian Assange zu fordern.

In Deutschland forciert die Bundesregierung ganz offen ihren Kampf gegen die Meinungsfreiheit. Jeder, der den Staat verhöhne, solle verfolgt werden, so Innenministerin Faeser. Familienministerin Paus will sogar Äußerungen unter der Strafbarkeitsgrenze verfolgen lassen. Dafür soll ein sogenanntes Demokratieförderungsgesetz sorgen, mit dem man linksradikalen NGOs hunderte Millionen Euro zuschieben will, damit die dann die Opposition bekämpfen. Die Lügenkampagne von Correctiv lässt grüßen.

Die Demokratie wird sukzessive abgeschafft und die EU bleibt still. Warum das so ist? Weil die Demokratie der EU selbst ein Dorn im Auge ist. Das zeigt sich nicht nur im Zensurgesetz *Digital Services Act*, sondern auch in dem fortwährenden Angriff auf das Einstimmigkeitsprinzip im Rat, wodurch man die nationale Souveränität von Ländern wie Ungarn untergraben möchte, die sich der aufgezwungenen Transformation in ein Multi-Kulti-Land widersetzen. Man muss daher konstatieren: EU und die Bundesregierung sind die größte Gefahr für die Demokratie.

Miguel Urbán Crespo, en nombre del Grupo The Left. – Señora presidenta, desde nuestro punto de vista es inconcebible que un informe sobre la situación de los derechos humanos a nivel mundial ignore el genocidio de Gaza. Es hipócrita que el informe haga condenas generales contra países autoritarios que atacan al sistema de Naciones Unidas y que no mencione ni una vez a Israel, responsable del asesinato de al menos 158 funcionarios del UNRWA y de la violación constante del Derecho internacional humanitario. Si esto pasara en cualquier otro país del mundo, ya sabemos lo que estaría diciendo esta Cámara. Israel se siente totalmente impune porque algunos se lo permiten, señorías.

Señor comisario, dejen de pedir a Israel y tomen medidas, porque pueden tomar medidas para parar este genocidio. Y eso no es pedir: es hacer un embargo de armas, suspender inmediatamente el Acuerdo de Asociación comercial, que se puede hacer, y romper las relaciones diplomáticas con un Estado que está cometiendo un genocidio. Porque no actuar contra un genocidio, señorías, señor comisario, es ser cómplice de genocidio.

Sunčana Glavak (PPE). – Poštovana predsjedavajuća, poštovani povjereniče, kolegice i kolege. Ove godine obilježavamo značajne obljetnice u području ljudskih prava. 75 godina od Opće deklaracije o ljudskim pravima, 30 godina od Bečke deklaracije o ljudskim pravima i 25 godina od Deklaracije Ujedinjenih naroda. Zašto ovo govorim? Upravo ove prekretnice podsjećaju nas na našu zajedničku predanost univerzalnoj, nedjeljivoj i međuvosnoj prirodi ljudskih prava. Razvoj demokracije i ljudskih prava i njihovo jačanje zapravo su i odraz naših civilizacijskih i demokratskih dosega. Međutim, svijet je sve okrutnije mjesto.

Nije li pravo na slobodu, na život, ona nulta pozicija? Ako se okrenemo i pogledamo oko sebe, shvatit ćemo da smo u mnogim zemljama upravo na toj, nultoj, poziciji. Naše djelovanje temelji se na načelu da demokracija i ljudska prava nisu samo vrijednosti Europske unije, već i globalne norme koje zahtijevaju našu podršku. U 2023. svjedočili smo porastu autoritarnosti, pri čemu više od pola svjetske populacije živi pod autoritarnom vladavinom. Smatram da je ovo alarm, koji naglašava hitnost naše misije jačanja demokracije i zaštite ljudskih prava.

Vanjsko djelovanje Europske unije, kao što je navedeno u našim izvješću, posvećeno je jačanju i podupiranju demokracije i ljudskih prava. Posebno želim osuditi zlouporabu multilateralnih institucija od strane totalitarnih i autoritarnih režima koji pokušavaju potkopati mehanizme ljudskih prava.

Evin Incir (S&D). – Fru talman! Kollegor! Vi lever i en orolig tid med despoter och förtryckarreger som nedmonterar demokratin och kränker mänskliga rättigheter där de har makten.

På ena sidan av vår kontinent står Ryssland och Putins aggressionskrig mot Ukraina sedan två år tillbaka som ett hot mot ukrainska folket, men också ett hot mot oss alla. Om vi lyssnar uppmärksam kan vi höra ryska soldaters stövel-tramp.

Samtidigt, på andra sidan av vår kontinent, över Atlanten, i USA finns det risk att Trump gör comeback mot slutet av året. Vissa kan kalla honom galen, men det är han inte. Han är medveten om exakt vad han gör, precis så som Putin är medveten.

Dessutom är dessa auktoritära personers vänner på frammarsch även här i EU. Viktor Orbán, som går Putins ärenden genom att konsekvent vara ett hinder för snabbt stöd till Ukraina, eller svenska högerextrema Sverigedemokraterna, som länge har haft nära band till Trump och är Kremles nyttiga idioter genom att kräva att se över EU-medlemskapet. Vad de egentligen syftar på, men inte vill säga, är ju givetvis utträde.

Och avslutningsvis, kollegor, i en orolig tid när vi behöver ett starkt EU...

(Talmannen tog ifrån talaren ordet)

Michael Kauch (Renew). – Madam President, ladies and gentlemen, LGBT rights are under increasing pressure in large parts of Africa, the Arab world, Iran and Russia. They are facing imprisonment, suppression of free speech and even the death penalty.

What is the answer of the European Parliament in this human rights report? We are concerned, we deplore, we call for improvement, but we do not call for consequences. The 'more for more' principle in the common foreign policy should fully apply to LGBTI rights. We should intensify our relations with countries who share our values, and we should reconsider our development cooperation with countries increasing criminalisation of LGBTI.

Let me also criticise the paternalistic idea in this report that surrogacy as such is a human rights violation. This is an attack on reproductive rights and on the self-determination of women – their body, their choice. Let women choose and provide a protective framework for their choice.

Hannah Neumann (Verts/ALE). – Frau Präsidentin, liebe Kolleginnen und Kollegen! An allen Ecken und Enden merken wir gerade die Angriffe auf Freiheit und Demokratie. Manchmal brutal und für alle sichtbar, wie in der Ukraine, wo Putin seinen barbarischen Krieg führt, manchmal heimlich, still und leise wie bei Desinformationskampagnen des iranischen Regimes, die Angst und Zwietracht säen sollen. Die Feinde von Demokratie und Freiheit schließen sich über alle ideologischen Grenzen hinweg zusammen, und wir verharren viel zu oft im kleinteiligen Zwist und setzen dem zu wenig entgegen.

Auch deshalb, weil Menschenrechtsverletzungen für uns immer noch etwas sind, das anderswo passiert. Aber das ist lange vorbei – wenn unsere Lieferketten weiter auf Kinderarbeit bauen, wenn iranische Frauenrechtsaktivistinnen hier verfolgt werden, wenn die Hassbotschaften von Putins Trollen unsere Handys fluten, wenn afghanische Geflüchtete hier keine NGOs anmelden können, um ihre Online-Schulen weiterführen zu können, weil unsere Regeln so schlecht sind.

Es ist Zeit, liebe Kolleginnen und Kollegen, dass wir diese künstliche Trennung überwinden und Menschenrechte endlich in der Kommission und in diesem Parlament ganzheitlich angehen. Das ist unser Auftrag für die nächsten fünf Jahre.

Margarita de la Pisa Carrión (ECR). – Señora presidente, comisarios, diputados, este informe muestra la enorme contradicción en la que navega este Parlamento. La vida debe ser siempre protegida y apreciada. No es un derecho disponible dependiendo de las circunstancias. La mujer embarazada y la vida de la persona en su vientre deben ser amparadas, acogidas.

La práctica del aborto que plantea este informe como un derecho humano se vende como un signo de libertad para la mujer. Pero, realmente, es una presión en contra nuestra. Es un menosprecio a la feminidad, a la maternidad y a la infancia. En España batimos récords de mínimos de natalidad. ¿Podemos seguir siendo así referencia internacional?

Dar la espalda a los más vulnerables nos muestra el grado de deshumanización de la sociedad. No se puede utilizar el pretexto de la supuesta defensa de los derechos humanos para cancelar a quien no piensa como ustedes, como somos los defensores de la vida. Esto supone ir en contra del sentido de los derechos humanos cuando, además, por ejemplo se ignora la persecución de los cristianos en el mundo.

Silvia Sardone (ID). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, la relazione sui diritti umani e la democrazia nel mondo e sulla politica dell'Unione europea contiene alcuni passaggi che ci lasciano, francamente, perplessi.

Esaltate il ruolo delle ONG, che secondo voi sono minacciate dalle leggi che riguardano la sicurezza nazionale e il terrorismo. Nessun accenno al fatto che, con la loro attività favoriscano l'immigrazione clandestina, che voi non contrastate ma piuttosto promuovete.

Parlate inoltre della difesa dei diritti umani e della libertà delle donne: ma censurate totalmente il problema delle tante donne di fede musulmana oppresse per motivi religiosi o perché osano non mettersi il velo islamico anche in Europa. Colgo l'occasione per ribadire che il velo islamico non è simbolo di libertà, ma di sottomissione.

Parlate poi di violazioni alla libertà di religione nel mondo. Ma questo Parlamento ha fatto poco o nulla per contrastare la persecuzione dei cristiani. Infine, rappresentate gli attivisti *green* come personaggi di fondamentale importanza, addirittura vittime di persecuzione. Parlate inoltre di «ecicidio» come crimine internazionale.

Insomma, siamo stufo di documenti pieni di inaccettabili passaggi ideologici e di estrema sinistra. Pensate alle cose importanti.

Deirdre Clune (PPE). – Madam President, Commissioner, this report underlines our unwavering commitment to fundamental values amidst the worsening human rights situation across the world.

We must acknowledge and honour all those who courageously defend democracy and human rights. Particularly at this time, we think of the brave people of Ukraine, the people in the face of war crimes, serious violations of international humanitarian law, sexual violence, the deportation of their children, and the torture and killing of their neighbours who fight every day for human rights and a European future.

We must remember the citizens of Gaza and their suffering today. They are being denied essential items such as food, water, fuel and medicine, and confined in an intolerable situation. And their situation is a violation of Israel's obligations under international humanitarian law.

We must continue to be vocal in defending human rights, particularly as we witness the prevalence of authoritarian regimes across our world and the repression of civil society. Regrettably, we can pinpoint to the erosion of women's rights and the rights of minorities under such regimes. Globally, the number of democracies is shrinking and as a result, we are seeing more and more conflicts breaking out with devastating humanitarian consequences.

In the face of these challenges, we must continue to systematically condemn human rights violations in all their forms and apply sanctions against offenders. And importantly, we must support those human rights defenders who continue to highlight and to support those who are victims of human rights violations in our world.

Carlos Zorrinho (S&D). – Senhora Presidente, Senhor Comissário, o compromisso com os direitos humanos, a democracia e a justiça social é o mais forte pilar geopolítico da União Europeia. O exemplo da nossa parceria multilateral de diálogo e de paz serviu para projetar um *soft power* que se tornou uma referência global. Mas agora? Agora já não basta.

Como o relatório em apreciação demonstra, os últimos anos têm sido marcados por profundos retrocessos em todos estes domínios. Os autoritarismos, a corrupção dos direitos, as desigualdades galopantes, a multiplicação de Estados falhados, propagaram a violência, o sofrimento e a pobreza em muitas zonas do globo.

O mundo precisa de mais Europa dos direitos humanos, de mais Europa de justiça, de mais Europa da sustentabilidade. Temos que afirmar as nossas parcerias pelo desenvolvimento humano e pelo desenvolvimento sustentável, continuando a baseá-las no direito de soberania dos povos, mas tornando-se veículos de fortalecimento das sociedades civis, da liberdade de expressão, da dignidade e dos valores que partilhamos.

Finalmente, como relator do Parlamento Europeu para a ajuda humanitária, alerto para que a aplicação das sanções propostas tenha em conta as exceções humanitárias previstas na Resolução 2664, adotada em 2022 pelas Nações Unidas.

IN THE CHAIR: MARC ANGEL

Vice-President

Beata Kempa (ECR). – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! To bardzo ważne sprawozdanie, ale trzeba w nim zawrzeć to, co dzisiaj już słusznie wybrzmiało, dlatego że narasta prześladowanie chrześcijan na świecie. Około 365 milionów osób jest poddawanych różnego rodzaju atakom, szykanom tylko ze względu na wiarę w Jezusa Chrystusa. Z roku na rok ta sytuacja się pogarsza, a tymczasem my po prostu nie reagujemy. To sprawozdanie jest najlepszym tego przykładem. 16 razy wymienione są środowiska LGBT i nie wolno dyskryminować, zgadzam się, ale – uwaga – zero wzmianek o prześladowaniu chrześcijan na świecie. Ukrywa się ich w punkcie *Religia*. Więcej: sprawozdanie zrównuje prześladowania chrześcijan z prawem do niewyznawania żadnej religii. Zatem pokażcie statystyki prześladowania na świecie osób za to, że są ateistami.

Cały czas w mojej ocenie brakuje klauzul warunkujących wykonanie unijnych porozumień handlowych od przestrzegania praw człowieka, w tym prawa do swobody wyznania.

Trzeba dzisiaj również podnieść sprawę w Pakistanie. Dzisiaj młody chrześcijanin został skazany na dożywocie tylko dlatego, że dał swój komentarz na Facebooku. Musimy na to reagować również w umowach handlowych z Pakistanem.

Anders Vistisen (ID). – Hr. formand! Hvor vover I. At I ikke skammer jer bare en lille smule! At sidde her og belære hele verden om demokrati og menneskerettigheder, mens man ikke på noget tidspunkt tør at se indad. Indad mod et EU, der bid for bid æder det nationale demokrati, den nationale selvbestemmelse, med en Kommission, som ingen europæer har stemt på, der sammen med jer, konspirerer for at tage fundamentale rettigheder – ikke til europæerne – men fra europæerne. Når I taler med internationale tech-giganter om at begrænse europæernes ytringsfrihed, om at forbyde ytringer, I ikke bryder jer om, så er man jo ikke meget bedre end de autokratier, som I fordømmer her i dag. Når man åbenlyst taler om at ville forbyde partier, der står til op mod hver femte stemme i medlemsstaterne, så er man ude af synk med virkeligheden. Og når vi hver eneste dag, hver eneste time, hver eneste minut, kæmper for at holde de stemmer ude – uden for parlamentarisk indflydelse – som I er uenige med, så kan man ikke tale om et egentligt demokrati. Så kan man kun tale om en flok forskræmte bureaukrater i Bruxelles, der ikke tør se befolkningens dom i øjnene. Men jeg kan berolige jer med, at når valgdagen kommer den niende juni, så skal vælgerne nok gøre det for jer og retlede jeres manglende forståelse af, hvad demokrati og hvad menneskerettigheder i virkeligheden er.

Sirpa Pietikäinen (PPE). – Mr President, there is no peace without human rights. There is no rule of law without human rights. And there is no justice and justice system without human rights. There is not economic prosperity, development or well-being of the people.

So this is the reason why we need to be worried about the fact how the situation of human rights have lately deteriorated all over the world and yes, indeed, here in the European Union as well.

So this is the time when we need to unite and responsibly act on law-based solutions to enforce human rights. What they can be – just to pick up a couple of examples as wishes for the Commission – one is the humanitarian visas, what Heidi Hautala was mentioning. Another one is due diligence regulations for companies. And the third one is – that I hope that the Commission will start exploring – when ecocide constitutes a genocide and is a crime against humanity and how this is breaching human right for the clean environment and by that matter, environmental rights are part of human rights.

Carina Ohlsson (S&D). – Herr talman! Förra året firade vi 75-årsdagen av den allmänna förklaringen om mänskliga rättigheter. Det var den första globala texten som slog fast alla människors värdighet och jämlikhet, oberoende av hudfärg, tro eller ursprung.

Jag vill särskilt lyfta fram det faktum att kvinnors och flickors mänskliga rättigheter fortsätter att kränkas i hela världen. Inget land har uppnått jämställdhet mellan könen, vare sig ekonomiskt, politiskt eller socialt. Det är oacceptabelt att kvinnor än i dag inte får bestämma över sina egna kroppar, att kvinnor förvägras tillgång till laglig och säker abort, att kvinnlig könsstympning, barnäktenskap och tvångsäktenskap fortfarande förekommer och att våldtäkt mot kvinnor används både i hemmet och som vapen i krig, något som just nu sker i Ukraina där ryska soldater våldtar kvinnor.

Det är viktigt att komma ihåg att även om alla kvinnor är strukturellt förtryckta, så finns det också skillnader kvinnor emellan. Alla kvinnor har inte samma förutsättningar och möjligheter. Vi behöver starkare lagstiftning både nationellt och på EU-nivå.

Charlie Weimers (ECR). – Herr talman! Förra året samlade Sverigedemokraterna en majoritet för att EU ska sluta finansiera kampanjer med budskap som "Friheten ligger i hijab". Tyvärr lyssnade inte kommissionen och några timmar senare hade Ylva Johanssons generaldirektorat lagt ut nästa hijab-normaliserande video om fotboll och flickor i hijab.

Hijab är tvång och förtryck. Hijab är hederskultur och hedersvåld. Hijab är mullors och moralpolisers vapen. Hijab är ojämställdhet och religiös extremism. Hijab signalerar att kvinnor är egendom.

Årsrapporten om mänskliga rättigheter och demokrati nämner inte islamism en enda gång, utan istället hävdar man att islamofobi, som det kallas, är ett stort globalt problem. Istället för att göda det islamistiska offerskapsnarrativet måste Europaparlamentet återigen kräva att kommissionen slutar finansiera och legitimera islamism. Rösta för Sverigedemokraternas yrkande.

Peter Pollák (PPE). – Pán predsedajúci, demokraciu na celom svete dnes ohrozuje aj nenávisť, porušovanie ľudských práv, ale aj korupcia. Korupcia je rakovinou spoločnosti. Napriek tomu, že proti nej otvorene mnohí vystupujeme a bojujeme, tak stále sa šíri vo viacerých častiach sveta.

Dôvera ľudí v demokraciu a právny štát sa stráca v mnohých častiach Európy, ale aj sveta. V spoločnosti sa šíri nenávisť, šíria ju dokonca aj samotní politici. Medzi ľuďmi sa šíri nenávisť ako vírus, a to najmä kvôli sociálnym platformám. Nenávisť, povedzme si na rovinu, že nenávisť v online priestore nemáme absolútne pod kontrolou tak v Európskej únii, ale aj v iných častiach sveta.

Nenávisťné prejavy sa stali bežným štandardom, dokonca aj politikov. A vojna na Blízkom východe dnes završila anti-semitizmus a nenávisť voči moslimom. Extrémizmus a neofašizmus naberajú na sile.

Na jednej strane, dámy a páni, obraz humanity. Prijímame rezolúcie voči krajinám za porušovanie práv žien, LGBT či novinárskej slobody. Na druhej strane v mnohých krajinách sveta tolerujeme vyčleňovanie, odsudzovanie, segregáciu, dokonca aj detí. Napríklad rómskych detí za ich farbu pleti, za ich etnicitu či za ich chudobu. Chudoba, nenávisť, diskriminácia, ale aj korupcia sú zlo, s ktorým sa musia vysporiadať všetci. Tak my tu v Európskej únii, ako aj mnohé krajiny sveta.

Brando Benifei (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, undici giorni fa la notizia terribile – ma prevedibile – dell'omicidio di Aleksej Naval'nyj, l'ennesimo crimine sulla coscienza di Putin: un delitto gravissimo che tutta la comunità internazionale deve condannare con fermezza.

Non si può non parlarne parlando dello stato dei diritti umani nel mondo. Come Unione non possiamo permettere che accadano altri casi come questo. Per questa ragione il 6 marzo, Giornata europea dei Giusti, istituita anche grazie all'impegno dell'associazione Gariwo, impegnata per i Giardini dei Giusti, chiederemo con ancora più forza la liberazione di Jurij Dmitriev e Narges Mohammadi, veri combattenti per la libertà, la giustizia e la verità, tutt'ora imprigionati dai regimi russo e iraniano.

L'Europa deve dare l'esempio: nel 2019 David Sassoli disse che non eravamo un incidente della storia. Ebbene, oggi mi permetto di prendere in prestito quelle parole. La morte di Naval'nyj non può e non deve essere un incidente della storia, ma deve essere una forza al nostro sostegno per chi si batte contro le violazioni dei diritti umani e delle libertà ovunque nel mondo.

Łukasz Kohut (S&D). – Panie Przewodniczący! To sprawozdanie, o którym dzisiaj dyskutujemy, zawiera ważny postulat włączenia ochrony praw mniejszości do głównego nurtu polityki. Większość czynników wywołujących konflikty na całym świecie wiąże się z nierównościami, wykluczeniem i dyskryminacją mniejszości.

My na Górnym Śląsku dobrze wiemy, czym jest niszczenie tożsamości. Przez dziesiątki lat kultura i język setek tysięcy ludzi były ignorowane, pomijane i wyszydzane. Byliśmy poddawani wymuszonej asymilacji i kolonizacji. I dalej walczymy o nasze prawa, o uznanie języka śląskiego i o uznanie Ślązaków za mniejszość etniczną. *(Mówca wypowiedział się w języku, który nie jest językiem oficjalnym UE)*

Dlatego chciałem stąd zaapelować: Panie Prezydencie Duda, nie lękaj się Ślązaków i języka śląskiego. A ty, Europo, przyglądaj się temu procesowi.

Catch-the-eye procedure

Milan Zver (PPE). – Spoštovani gospod predsedujoči! Prav je, da se Evropska unija zavzema za spoštovanje človekovih pravic in pa za krepitev demokracije po vsem svetu.

Vidimo, da je demokracija v recesiji, tudi varovanje človekovih pravic. Ni več novih valov demokracije, ki bi se širila po svetu, in smiselno je, da je to tudi sestavni del zunanje politike Evropske unije, vključno s širitveno politiko.

Toda žal pa se zdi, da pričujoče poročilo tretjim državam vsiljuje ideologije, ki nimajo niti večinske podpore v sami Evropski uniji. Menim zlasti pretirano promocijo LGBTIQ vsebin in pa teorije spola, ki se ji celo strokovnjaki počasi odrekajo. Zato mislim, da nimamo pravice vsiljevati tretjim državam tovrstnih stvari.

Pa še to, vsako leto se ponavlja ista zgodba. Poročevalec daje velik poudarek tretjim, četrtim generacijam človekovih pravic in svoboščin, zanemara pa temeljne, fundamentalne, univerzalne človekove pravice in svoboščine. Tudi tokrat je tako.

Ana Miranda (Verts/ALE). – Señor presidente, si hablamos de derechos humanos, tenemos que decir que lo contrario de los derechos humanos es la impunidad. Impunidad como la que se está produciendo en estos momentos con Israel.

El genocidio es, sin duda, el máximo ataque a los derechos humanos para un pueblo. En el caso de Palestina, la ocupación y el *apartheid* de Israel figuran —o deberían figurar— en todos los informes de derechos humanos.

No se habla en este informe de la situación en Gaza en 2023, y este año será uno de los años en los que el mundo pasará a la historia por mantener la impunidad sobre Israel.

He estado en Rafah estos días, en la frontera egipcia con Gaza. No hacen falta palabras, presidente, para decir lo que se necesita: el cese del fuego inmediato y que se protejan las vidas, que entre la ayuda humanitaria, que no se queden parados esos camiones, porque, si no se mata por bombas, se mata por sed, por inanición o por enfermedades. Hace un mes, la Corte Internacional de Justicia le ordenó a Israel que proporcionase medidas inmediatas y efectivas para *(el presidente retira la palabra a la oradora)*.

Clare Daly (The Left). – Mr President, human rights are universal. That means everyone enjoys them equally. But the EU doesn't believe in that anymore. In 2020, Ursula von der Leyen announced the EU's new geopolitical agenda on human rights and democracy. These days, the EU is all about the rules-based international order, all about geopolitics.

So when the European Council President Charles Michel congratulated vicious, old-school Azerbaijani dictator and ethnic cleanser of Nagorno-Karabakh Ilham Aliyev earlier this month on his 're-election', that's the EU's geopolitical agenda on human rights and democracy in action.

If your human rights are geopolitical rather than universal, then there's no contradiction at all between, say, supporting a genocide in Gaza or congratulating a war criminal on his rigging of an election and then turning around a minute later and screaming at human rights abuses in Iran and Russia. In this agenda, human rights are only a stick to beat the people you don't like with. Simple as that, easy peasy, might is right, and if you don't like it, this is the new 19th century, same as the old.

Ljudmila Novak (PPE). – Gospod predsednik! Spoštovani gospod komisar, drage kolegice in kolegi! Največ, kar ima človek, je golo življenje. Kdo ima pravico, da vzame drugemu življenje samo zato, ker misli drugače, ker je drugačne vere ali ker je drugačne rase? Ne jaz, ne ti, ne papež in ne Putin, ki je ubil Navalnega. Njegovi materi celo odreja pravico, da pokoplje svojega sina, kot bi ga želela. Žalostno, nezaslišano!

Avtokrati se povezujejo med seboj toliko časa, kot jim to koristi v boju proti demokraciji, potem pa se pogosto udarijo med seboj. Pod krinko nacionalnih interesov se žal tudi v Evropski uniji skrivajo avtokraci, korupcija, samovolja, izsiljevanje za doseg svojih interesov.

Evropska unija mora ostati varuh človekovih pravic in zgled, ki nagovarja in privlači tudi druge.

Mick Wallace (The Left). – Mr President, are we really going to pretend that the EU is concerned about human rights after four months of complicity with the murderous Israeli regime?

Citizens across Europe are sick and tired of the empty words and the expressions of concern for the terrible things happening in Gaza. We say the EU must uphold international human rights and humanitarian law. We say that we're concerned about sexual violence, gender-based violence and the torture and killing of civilians and prisoners of war. But this only applies to countries that we amount to our geopolitical opponents.

When the crimes are committed by our likeminded partners, like Israel or the US, we fall silent. We say it's 'complicated', granting the likes of Israel impunity. Even with the weight of 30 000 dead Palestinians on our conscience, we still haven't found it in ourselves to call for a ceasefire and an end to the European military support for Israel. So much for European values.

(End of catch-the-eye procedure)

Janez Lenarčič, Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Mr President, honourable Members, it's quite evident from this debate that we all care deeply about human rights and democracy in the world, even though we may sometimes differ in the approach we favour. For instance, should we prioritise private diplomacy or public pressure? Should we re-evaluate an agreement? Should we impose sanctions? Should we even cut relations? I believe each case demands an individual assessment, and this is how we work in the European Union.

What is clear is that our efforts need to be result-oriented, as you highlight in this report. We need to be coherent in our actions. Our dialogues with our international partners represent one of the most important tools to focus on human rights and to call for them to be respected. But these dialogues are not a standalone tool. The EU continues to use all its instruments to reinforce our action wherever necessary, and this Parliament is a crucial ally in this endeavour and continues to inspire our work. And I continue to count on your support.

Nacho Sánchez Amor, ponente. – Señor presidente, una advertencia metodológica sobre el informe: tradicionalmente, el informe siempre lo hemos hecho sin referencias geográficas o personales. Ese ha sido siempre el ámbito del informe. Incluimos hace dos años Ucrania y este año vamos a incluir Gaza. Hay un acuerdo generalizado de que es un asunto que merece la pena pero no hay una referencia a Navalni, no hay una referencia a Assange, no hay referencia a casos personales. Del mismo modo que si defendemos el derecho de las personas LGTBI, no promovemos ningún tipo de preferencia sexual. Defendemos la libertad de creación y no obligamos a nadie a escribir una novela. Lo que estamos defendiendo es un derecho.

Quiero entrar en una cuestión como es la inevitable tensión entre una aproximación geopolítica de nuestra política exterior y una aproximación basada en valor. Pero yo creo que también las personas que trabajamos en el ámbito de derechos humanos tenemos que renovar un poco nuestra narrativa y comenzar a decir algo que se dice poco. El señor Borrell, la Comisión geopolítica, el lenguaje del poder... nosotros no somos un mundo aparte, angelical en el que no nos damos cuenta de lo que pasa en el mundo.

Creo que tenemos que encontrar un encaje y el que yo propondría sería el siguiente: una política de derechos humanos y de promoción de la democracia en el mundo es muy importante desde el punto de vista de la seguridad. Las democracias somos previsibles. Hay prensa crítica, hay libertad de prensa, hay pensamiento y una opinión pública libres. Y eso hace que las democracias seamos previsibles. Los que son imprevisibles son los autócratas, en los que la avaricia, la úlcera de estómago o el temor a su futuro les lleva a hacer cosas que ponen patas arriba toda el área en la que trabajan.

Por tanto, digámosle a la gente que un mundo de democracias es un mundo más seguro. No es solo un mundo más justo, es también un mundo más seguro. Y estaremos aproximando esas dos lógicas: la geopolítica y la de los valores que a veces —hay que reconocerlo— no son fáciles de coordinar o de ponerlas en conjunto.

President. – The debate is closed. The vote will be held tomorrow.

Written statements (Rule 171)

Karol Karski (ECR), na piśmie. – Jak co roku pochylamy się nad sytuacją na świecie w zakresie przestrzegania praw człowieka – a ta niestety staje się coraz trudniejsza. W obliczu rosyjskiej agresji na Ukrainę i konfliktu, jakiego Europa nie widziała od zakończenia drugiej wojny światowej, trudno, aby było inaczej. Skala zniszczeń oraz cierpień spowodowanych przez Moskwę jest ogromna, jednakże w sprawozdaniu poświęcono temu zagadnieniu zaledwie dwa punkty. Niestety w całym sprawozdaniu niepokojący jest rozkład akcentów oraz priorytetów, gdyż na przykład zagadnieniu praw i zdrowia reprodukcyjnego poświęcono dużo więcej miejsca – co najmniej cztery akapity. Z drugiej strony ani razu nie jest wymieniona sytuacja chrześcijan, obecnie najbardziej dotkniętej prześladowaniami grupy wyznaniowej na świecie – nad czym ubolewam jako autor sprawozdania na temat wolności wyznania na świecie. Co więcej, sprawozdanie wykracza poza mandat Podkomisji Praw Człowieka, która co do zasady powinna zajmować się sytuacją w państwach poza Unią Europejską. Tymczasem dwukrotnie atakowana jest Polska lub Węgry, i to w kwestiach sumienia, a więc tematach, które również nie są uregulowane przez traktaty i należą do wyłącznych kompetencji państw członkowskich. Jest to tym bardziej niepokojące, że w tym samym dokumencie w ogóle na przykład nie mówi się o sytuacji w Rosji, Korei, Iranie, na Białorusi lub w wielu innych państwach.

15. Composição do Parlamento

President. – Before we come to the next item, I have to make a little announcement. I would like to inform you that the competent authorities of the Netherlands have notified the President of the election of Henk Jan Ormel to the European Parliament replacing Esther De Lange with effect from 27 February 2024.

I wish to welcome our new colleague and recall that he takes his seat in Parliament and its bodies in full enjoyment of his rights pending the verification of his credentials.

16. Laços mais estreitos entre a UE e a Arménia e a necessidade de um acordo de paz entre o Azerbaijão e a Arménia (debate)

President. – The next item is the debate on the Statement by the Vice-President of the Commission/High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy on Closer ties between the EU and Armenia and the need for a peace agreement between Azerbaijan and Armenia (2024/2580(RSP)).

Jutta Urpilainen, *Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy.* – Mr President, honourable Members, we are at a historic moment in the EU-Armenia relations. They have never been stronger than today. This was confirmed two weeks ago at the fifth EU-Armenia Partnership Council. Back in October, in this plenary, Prime Minister Pashinyan delivered a very clear message: Armenia is ready to move closer to the European Union. In response, the European Council tasked the High Representative and the Commission to explore ways to strengthen EU-Armenia relations in all their dimensions. Over the past months, we have been working to deliver.

The road ahead may at times be challenging. Armenia's past decisions, which have resulted in political, economic and security dependencies cannot be overcome overnight, but the clear political will on both sides will allow us to advance in deepening and broadening our partnership. We already have a good basis, a solid framework – our EU-Armenia Comprehensive and Enhanced Partnership Agreement. And together with Armenia, we have launched the preparation of an ambitious new EU-Armenia partnership agenda.

Honourable Members, we have proposed that this new partnership agenda, based on our common values, should be composed of three building blocks. First, we will work to strengthen Armenia's resilience and diversify its economy through increased cooperation in trade, energy, connectivity and aviation safety. For enhanced people-to-people contacts, we are discussing options to start a visa liberalisation dialogue. Armenia has expressed its strong interest in this, and we encourage its leadership to step up work on the relevant reforms. The launching of the visa liberalisation dialogue would send an important political signal to Armenian citizens, and it would provide leverage for further reforms.

Secondly, security is an increasingly important element of our relations. We are celebrating the first anniversary of the EU mission in Armenia and look forward to its reinforcement, and are considering a possible European peace facility measure. We are scaling up our dialogue on foreign and security policy, also looking into participation in EU-led missions and operations.

Thirdly, stepping up investments will be key for closer economic cooperation. We are committed to supporting Armenia's participation in the Black Sea electricity cable and other regional connectivity projects. Creating closer links between the countries of the region has a strong potential to serve as dividends for peace.

The EU also continues to support Karabakh Armenians. We provided EUR 12.2 million to address urgent humanitarian needs, and we have set aside an additional EUR 5.5 million. For socioeconomic needs, we provided EUR 50 million in budget support.

Our strong commitment to the Armenia-Azerbaijan normalisation process remains unchanged. We stand ready to support a sustainable and lasting peace based on the principles of recognition of sovereignty, inviolability of borders and territorial integrity of both countries. We reject any use of force or the threat to use force, and continue to support peaceful conflict resolution.

Rasa Juknevičienė, *on behalf of the PPE Group.* – Mr President, Armenia, one of the first countries in Europe to officially recognise Christianity, is turning back to its roots. A nation that has suffered genocide and lost many of its territories and people. Now wants a peaceful life and says Europe is their home.

Today I heard the Kremlin's disinformation channels aggressively attacking Prime Minister Pashinyan and referring to Armenian territory as Russia's, I quote, '*podbrjuše*' – its 'underbelly'. They're words that only a colonial empire could think to use. That is why the Armenians want to become closer to a European Union family, where nations are respected as equals.

We, the EU, must accept Armenia's outstretched hand and build strong bridges for cooperation. This is not only a chance for Armenia, it is also an opportunity for us, the EU.

I congratulate the French leadership. I hope that support for Armenia's EU path will be lasting. I call on the leaders of Azerbaijan to assume their share of responsibility for the security of the region. Azerbaijan has a chance to go down in history as having managed to establish peace, not wars, in the region. Do not miss it.

Marina Kaljurand, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, Commissioner, colleagues, Armenian Prime Minister Pashinyan was very clear when he spoke in this Hemicycle in October: Armenia has turned to Europe and looks for closer cooperation with the EU. This is not only a choice of economic convenience, but also a choice based on the country's commitment to the key European values and the difficult security situation.

I strongly welcome the role of the EU Monitoring Mission and the inclusion of Armenia into the European Peace Facility programme. I also think that it is the right time to start visa liberalisation dialogue and better engage Armenia with regional connectivity and other projects.

At the same time, Armenia has to do its homework. I am referring to CSTO, Eurasian Economic Union, Armenia's high dependency on Russia, also the Russian military base in Armenia.

Finally, after more than 30 years of insecurity and suffering, Armenian and Azerbaijani people deserve to live in peace and security. Therefore, I call the Azerbaijani leadership to commit to peace and sign a comprehensive peace agreement based on recognition of sovereignty, territorial integrity and non-use of force.

Nathalie Loiseau, *au nom du groupe Renew*. – Monsieur le Président, je reviens d'Arménie. J'y ai vu un peuple qui n'aspire qu'à vivre en paix avec ses voisins et des dirigeants qui savent leur pays menacé. L'appétit de l'Azerbaïdjan n'a pas été assouvi par sa prise brutale du Haut-Karabakh. Son armée occupe des parcelles de territoire arménien et Bakou revendique plus, toujours plus.

L'abandon de l'Arménie par la Russie ne fait plus de doute pour personne, pas plus que l'envie de Moscou de s'en prendre à un gouvernement qui a commis l'impensable aux yeux de Vladimir Poutine, à savoir démocratiser le pays, le réformer, soutenir la Cour pénale internationale et geler sa participation à l'organisation de sécurité dominée par la Russie et qui ne lui a rien apporté.

Je reviens d'Arménie fière de ce que mon pays, la France, a décidé de faire pour rassurer Erevan et l'aider à se défendre. Formations, conseils et livraisons d'équipements militaires, voilà ce que la France a choisi d'apporter à l'Arménie pour prévenir toute nouvelle tentative d'agression et rétablir un rapport de force. Ce que la France a fait, d'autres Européens doivent le faire, et vite! Pour ramener la paix dans le Caucase du Sud, il ne faut pas seulement des négociations — elles sont en cours et elles s'éternisent —, il faut convaincre Bakou et Moscou de respecter enfin la démocratie et le peuple arménien. Ils comptent sur nous, ne les décevons pas!

Viola von Cramon-Taubadel, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, dear Commissioner, dear colleagues, Article 49 of the Treaty on European Union says that any European state which respects our values may become a member of the Union. And Armenia is European through and through, with its values, its culture and, I'm sure, with its future.

Wedge between brutal autocracy, Armenia is a beacon of democracy that we must cherish and protect. Unfortunately, in the region where bloodshed is the norm, Armenia's survival is not guaranteed. As expected, Russia backstabbed Armenia when greenlighting the ethnic cleansing of Armenians in Nagorno-Karabakh. That is why we, the European Union, must offer Armenia a path to a European future that guarantees security and prosperity. This will be a manifestation of historical justice – Armenia rejoining its and our European family after so many centuries.

This is not an easy path, but we can start with the first firm steps. Visa-free travel for Armenians, followed by deeper economic integration and fostering personal and social connections that will ensure the next generation of Armenians already reaps European benefits. Most importantly, we must make clear to the President of Azerbaijan that any violation of Armenia's territory will have the harshest consequences. We will not allow another violent attack to rejoin the borders in Europe.

Anna Fotyga, w imieniu grupy ECR. – Panie Przewodniczący! Witamy nową dynamikę relacji między Unią Europejską i Armenią. Z wielką nadzieją przyglądamy się ostrożnym krokom podejmowanym przez premiera Nikola Pasziniana, udowodnionym również podczas wystąpienia tu, w Parlamencie Europejskim, które, miejmy nadzieję, doprowadzą również do rozluźnienia relacji między Armenią a Federacją Rosyjską, zwłaszcza w okresie jej agresywnej wojny.

Do tego jednak potrzebne jest z całą pewnością porozumienie między zwaśnionymi krajami i narodami, Armenią i Azerbejdżanem. Przyglądamy się z wielką nadzieją wszelkim znakom porozumienia, takim jak wymiana jeńców, poparcie COP 29. Ale niestety, kiedy już ta nasza nadzieja staje się coraz bardziej istotna, następuje coś, co znowu wzbudza nasze obawy. Potrzebne jest większe zaangażowanie, żeby w ostateczności doprowadzić do porozumienia pokojowego, sprawiedliwego pokoju między Armenią i Azerbejdżanem.

Anna Bonfrisco, a nome del gruppo ID. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, una nuova agenda di partenariato tra Unione europea e Armenia, che stabilisce priorità comuni più ambiziose per una cooperazione che abbracci tutte le dimensioni è il riconoscimento dello sforzo compiuto da Erevan nell'intraprendere la strada di una democrazia compiuta, dell'affermazione dello Stato di diritto e l'allontanamento dall'influenza della Russia di Putin.

Tuttavia, questo lenisce solo in parte le sofferenze armene di questi anni. Inoltre, le minacce militari dell'Azerbaigian, al confine con l'Armenia, e il tremendo squilibrio di potere tra i due Paesi mantengono alto il rischio di una possibile invasione.

In nome dell'indipendenza e dell'integrità territoriale, dobbiamo fornire ogni aiuto attraverso lo Strumento europeo per la pace: equipaggiamento militare e sostegno al processo di sicurezza di quel paese. Solo così garantiremo la pace e non commetteremmo lo stesso errore fatto nel Nagorno-Karabakh.

Dobbiamo avviare il processo di allargamento con serietà, trasparenza e celerità. Difendiamo un baluardo di democrazia tra la moltitudine delle autocrazie. Difendiamo le nostre radici, dove qualcuno le vorrebbe recidere. Difendiamo l'Armenia e affermeremo l'Europa.

Andrey Kovatchev (PPE). – Mr President, Commissioner, dear colleagues, we have always strongly supported the Armenian reforms towards establishing a stable, well-functioning democracy, while also advocating for peace in the region and the end of the hostilities with Azerbaijan.

From one side, it is important to note the cynical behaviour of Russia. Armenia relied on its commitment and was heavily deceived. This logically led to the brave step of Prime Minister Pashinyan to suspend Armenia's membership of the Moscow-controlled Collective Security Treaty Organisation. Russia has never been a true friend and ally of Armenia, and has always followed its own imperialistic agenda in the region and in the world.

On the other side, the EU has a strong interest in a politically stable and economically prosperous Southern Caucasus. In this regard, deepening EU-Armenia relations is vital. The EU is the largest developing cooperation donor in Armenia and its second trading partner. EU-Armenia relations have never been stronger, and a comprehensive and enhanced partnership agreement has been used by Armenia as a blueprint for a domestic reform agenda.

At the same time, Armenia's relations with Azerbaijan remain a major obstacle for Armenia's socio-economic development and stability in the region. I support the efforts of Prime Minister Pashinyan to continue bilateral and multilateral discussions with Azerbaijan in order to reach a peaceful agreement between the two neighbours, which must uphold the three principles established in the Helsinki Final Act: non-use of force; territorial integrity; and equal rights of self-determination of peoples.

What we are currently doing for, and together with, Armenia is only the start. We need to deepen our work in the field of economy, finance, social affairs, security and defence. Armenia is not alone. We should also lift the visa for Armenian citizens as soon as possible. EU is with Armenia and with the brave people of Armenia.

(The speaker concluded in a non-EU language)

Nacho Sánchez Amor (S&D). – Señor presidente, Azerbaiyán recuperó lo que había perdido por la fuerza. El problema es que la guerra no terminó ahí, que esta es una posguerra que se parece a cualquier cosa menos una posguerra. Con lo que ha pasado en Nagorno Karabaj, con el incumplimiento de muchas de las cláusulas de esa declaración —que no es un tratado de paz—, con esa petición completamente extraordinaria de crear una especie de corredor extraterritorial, violando completamente la soberanía de Azerbaiyán, al que Nathalie Loiseau se refería como un plan de Bakú, Moscú y Ankara, porque eso permitiría una salida de Turquía al Caspio.

Yo creo que hay que trabajar para que haya un tratado de paz que no sea humillante, que sea justo y que no hipoteque el futuro de Armenia. Y luego ya podremos entrar en esa otra agenda ambiciosa, de la que hablaba Viola von Cramon-Taubadel, profundizando en la relación de la Unión Europea —quizá con una perspectiva futura— de un mayor acercamiento en todos los aspectos.

Fabio Massimo Castaldo (Renew). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, solo pochi mesi fa abbiamo ospitato il Primo ministro armeno, Nikol Pashinyan, in quest’Aula. Abbiamo ascoltato le sue parole chiare e forti, le sue legittime richieste, la sua volontà di perseguire un cammino europeo e gli abbiamo promesso tutto il nostro sostegno. Eppure, sembra che nulla sia veramente cambiato.

Dobbiamo essere chiari: il via libera alla partecipazione dell’Armenia allo Strumento europeo per la pace è importante ma non può essere abbastanza, se vogliamo dare le garanzie che servono per essere mediatori credibili al tavolo della pace. Chi trarrebbe maggiore profitto da un negoziato bilaterale? Una potenza militare come l’Azerbaijan, con alleati spregiudicati disposti a tutto per aiutarlo? O un Paese come l’Armenia che sta coraggiosamente entrando pienamente nel campo delle democrazie occidentali?

Non possiamo lasciare che sia ancora una volta la forza delle armi a prevalere; non possiamo permettere che l’Armenia debba ancora una volta piegarsi. Il popolo armeno ha già sofferto troppo e la nostra Unione ha già mancato troppi appuntamenti con la storia in questo conflitto.

Baku deve sapere che noi non tolleremo alcuna forma di violazione della sovranità armena, che reagiremo duramente qualora tenti ancora di metterla a repentaglio. Erevan, invece, deve sapere che siamo pronti a garantirla con tutte le nostre forze, perché il suo futuro è qui, nella casa della democrazia europea, dentro l’Unione europea.

Markéta Gregorová (Verts/ALE). – Mr President, colleagues, in 2022, the Azerbaijani gas imports to Europe rose to barely 3 %. The contract, on the other hand, earned Baku EUR 15.6 billion last year. Azerbaijan also imports 65 % of its oil to European countries. But within our energetic mix, they are just under the category of ‘others’. Do you see it? We are not, by any stretch, dependent on Aliyev imports. The only one who benefits from all of this is Aliyev himself.

Now compare: as a result of ethnic cleansing, more than 140 000 Armenians of Nagorno-Karabakh were forced to flee their homes and were starved for months during the Lachin corridor blockade. This is not even the classic dilemma between our own stability and prosperity and between human rights. So I am asking you to relay a message to Mr Borrell, who is absent again: what will you do to help Armenia? And will you persuade your Commission colleagues to cut us off the measly gas and oil imports from Azerbaijan to free our hands?

Ангел Джамбазки (ECR). – Г-н Председател, уважаеми представители на Комисията, уважаеми колеги, хубаво е да се говори за мир. Това са важни неща, полезни, но преди това Азербайджан трябва да бъде осъден за етническото прочистване, Азербайджан трябва да престане с провокациите и насилието върху арменска територия и този Европейски парламент трябва да каже нещата такива, каквито са: Азербайджан извършва етническо прочистване в огромни мащаби, непознати от Втората световна война насам. Не може да си харесаме една война и да negliжираме останалата война. Всички агресори трябва да бъдат осъждани еднакво и всички агресори трябва да бъдат порицавани еднакво. Да не ви говоря, вие всички прекрасно знаете всъщност чий съюзник е Алиев и с кого си продава газа и къде си продава газа. Всички го знаем, нали така? Затова бъдете така добри да не налагате двойни стандарти и да не се съобразявате с това колко струва азербайджанският, всъщност руски газ, защото той е такъв, и да осъдите етническото прочистване и насилието на азербайджанците върху арменците.

И това, което знаете всички: Азербайджан в момента се стреми и ще се опита да разсече суверенна арменска територия. Не Нагорни Карабах, не Арцах, а суверенната арменска територия, за да стигне сухопътно до своя ексclave, наречен Нахичеван. Това е известно и това се знае. Това трябва да бъде порицано и трябва да бъде спряно тук, в този Парламент.

Jean-Lin Lacapelle (ID). – Monsieur le Président, chers collègues, lorsqu'on évoque dans cet hémicycle le long martyre du peuple arménien, certains devraient baisser la tête, à commencer par M^{me} von der Leyen. En concluant, en juillet-2022, un accord gazier avec l'Azerbaïdjan, c'est bien elle qui a donné à l'autocrate azéri Ilham Aliev et à ses protecteurs turcs un permis de tuer et d'épurer à grande échelle dans le Haut-Karabakh.

Si certains se posent des questions sur l'identité du Haut-Karabakh, elle est depuis toujours une terre arménienne jusqu'à être véritablement le berceau de sa civilisation éminemment chrétienne. L'épuration ethnique du Haut-Karabakh est une honte qui rejaillit aujourd'hui sur certains donneurs de leçons qui sont assis sur nos bancs. Une hypocrisie doublée d'un aveuglement, car vous devez savoir qu'on se trouve, dans cette région du monde, en face d'un projet de constitution d'un territoire hégémonique au seul profit des peuples d'origine turque, dont la prochaine étape sera la mise au pas de l'Arménie, de gré ou de force, le tout pendant que nous permettrons à la Turquie d'Erdogan de menacer nos nations européennes par ses armées, par ses migrants, par ses diasporas, sans lui infliger aucune sanction et sans mettre fin à l'absurde processus d'adhésion de la Turquie à l'Union européenne, dont il est clair que ni les peuples européens, ni d'ailleurs les Turcs, ne veulent.

Dans le cadre de l'Azerbaïdjan comme de la Turquie, le but est le même: effacer la civilisation européenne et chrétienne et étendre la civilisation turque et islamique. Alors affirmons avant tout notre solidarité avec ce peuple si proche que sont les Arméniens, et soutenons enfin un peuple européen, un vrai peuple européen.

Le Président. – Monsieur Lacapelle, il y a une question «carton bleu» de la part de M^{me} Loiseau. Vous ne désirez pas répondre? Si? Ah, pardon, j'avais mal compris. Vous pouvez rester ici trente secondes pour chacun des deux.

Jean-Lin Lacapelle (ID). – Quel bonheur!

Nathalie Loiseau (Renew), question «carton bleu». – Je ne sais pas si le bonheur sera complet, Monsieur le député Lacapelle, mais je vous ai entendu défendre l'Arménie avec des accents vibrants. Je vous ai entendu critiquer l'Azerbaïdjan. Alors je me demande comment se passent les réunions de délégations du Rassemblement national et s'il vous arrive d'échanger avec Thierry Mariani, qui s'est en permanence et encore récemment illustré par son soutien sans faille au régime de Bakou, ses nombreux voyages, l'intérêt très particulier qu'il porte au régime de Bakou, à l'économie azerbaïdjanaise, le fait qu'en déplacement avec une délégation du Parlement européen, il a embarrassé le Parlement européen en critiquant l'Arménie et en saluant le régime de M. Aliev. Tout cela pour dire que je me demande comment se passent les réunions de délégation du Rassemblement national.

Jean-Lin Lacapelle (ID), réponse «carton bleu». – Je vais vous rassurer, Madame Loiseau, elles se passent extrêmement bien. Nous sommes d'une grande cohérence. Nous ne sommes pas à Paris pour dire blanc et à Bruxelles pour voter noir, comme vous le faites souvent. Et la crise agricole en ce moment nous en a donné tellement d'illustrations! Donc nous sommes très cohérents. Nous sommes toujours du côté du peuple arménien. Toute la ligne politique, toutes nos positions, toutes nos déclarations, qu'elles soient de Marine Le Pen ou de Jordan Bardella, qui sont pour l'une, présidente du groupe RN à l'Assemblée nationale et, pour l'autre, président du premier parti politique français, elles sont cohérentes. Nous sommes du côté du peuple arménien, du côté de leurs racines chrétiennes, et nous n'avons jamais été du côté des Azéris, croyez-moi, dans leurs attaques et dans leurs tentatives d'extermination du peuple dans le Haut-Karabakh. Donc, il n'y a aucun problème, Madame Loiseau, et si cela peut vous rassurer et vous faire passer une bonne soirée, je suis content d'y avoir contribué.

(L'orateur refuse une question «carton bleu» de Karen Melchior)

Andrius Kubilius (PPE). – Mr President, dear colleagues, we can see that under the leadership of Prime Minister Nikol Pashinyan, Armenia is showing a clear political will to diminish its security dependency on the Russian Federation. Also, we remember that on 17 October last year, in his address to this House, Mr Pashinyan underlined that the Republic of Armenia is ready to be closer to the European Union as much as the European Union considers it possible. We need to congratulate the bravery of Prime Minister Nikol Pashinyan's statements and steps, which are bringing Armenia closer to the European Union.

The European Parliament should respond politically and propose an ambitious agenda for the future of EU relations with Armenia. Our political responsibility is to address Armenia's European aspirations, shared by the Armenian people, and our wish is to have Armenia as part of the European family, enjoying the full benefits of European integration. The EU needs to develop a new step-by-step roadmap to prepare Armenia for rapprochement with the EU, including its candidate status.

It is obvious, from another side, that Russia will angrily react to such a brave behaviour of Armenia, and there will be security and economic challenges to Armenia. That is why Armenia needs strong security guarantees from the EU and Western democracies, and the EU needs to be ready to mitigate the Armenian economic challenges created by Russia. A European perspective for Armenia is the only way that sustainable peace around Armenia can be established. It will be beneficial also for Azerbaijan.

Isabel Santos (S&D). – Senhor Presidente, no atual contexto geopolítico, o Cáucaso e as relações com a Arménia, neste contexto, assumem uma importância cada vez maior e mais relevante. E, por isso, o caminho percorrido pela Arménia neste sentido de estreitamento das relações e na garantia de uma perspetiva europeia para o país é de relevar e tem que ter uma resposta correspondente por parte da União Europeia.

No entanto, não podemos esquecer o conflito que existe, o conflito prolongado no Nagorno-Karabakh e os desenvolvimentos que têm ocorrido nos últimos tempos, nomeadamente naquilo que tem a ver com o Corredor de Lachin e com a estratégia do regime autocrático do Sr. Aliyev e da sua família.

E, por isso, não podemos ser complacentes, nem muitas vezes ter aqui uma atitude menos coerente, como temos tido muitas vezes no diálogo com o Azerbaijão, temos que ser mais assertivos e mais claros nesse diálogo, e, ao mesmo tempo que fortalecemos as relações com a Arménia, temos, por outro lado, que aproveitar este momento para impulsionar os dois países no sentido de um diálogo que possa trazer uma paz duradoura e uma resolução para este conflito prolongado porque, como sabemos, os conflitos prolongados são sempre uma ameaça à estabilidade.

Karen Melchior (Renew). – Mr President, Commissioner, dear colleagues, these days we celebrate that both Finland and Sweden have joined NATO. This is a celebration because they have joined a security collaboration within Europe.

Azerbaijan's recent aggression poses a threat not to just the territorial integrity of Armenia, but also challenges the very existence of Armenia. Armenia's decision last week to freeze its participation in the Collective Security Treaty Organisation brings to light a reality that I've long emphasised – that Russia is not a reliable ally of Armenia.

Russia is not a friend of Armenia; Europe is a friend of Armenia. We must prove that we are a strong friend of Armenia and support Armenia and the Armenian population, and also Armenian minorities in other countries. By doing that, we need to support them with security promises and continuous allyship and cooperation.

(The speaker agreed to take a blue-card question)

Jean-Lin Lacapelle (ID), question «carton bleu». – Écoutez, Madame la députée, je vais vous poser une double question, parce que j'entends votre discours et je peux y adhérer. Mais expliquez-moi pourquoi vous soutenez M^{me} von der Leyen, qui va signer en Azerbaïdjan un contrat commercial d'importation de gaz, qui provient d'ailleurs de la Russie, quelle hypocrisie! Et deuxièmement, pourquoi soutenez-vous encore le processus d'adhésion de la Turquie au sein de l'Union européenne, puisque vous êtes en permanence en train de soutenir le peuple arménien? Soit c'est hypocrite, soit c'est politique. Je ne sais pas, expliquez-moi!

Karen Melchior (Renew), *réponse «carton bleu»*. – Monsieur Lacapelle, vous avez tellement insisté sur les cultures chrétiennes de l'Europe, et je le regrette parce que la diversité culturelle en Europe va bien au-delà de la culture chrétienne. Mais un partenariat de l'Union européenne ne doit pas seulement se baser sur le gaz ou les intérêts migratoires, mais aussi sur les valeurs et les droits humains. C'est un partenariat dans lequel on formule des exigences. Donc, la Turquie, qui va dans le mauvais sens sur le plan de la démocratie et du soutien des minorités, ne va pas pouvoir devenir membre de l'Union européenne dans l'état actuel du gouvernement. Et si un pays ne soutient pas la démocratie, la liberté de la presse et l'état de droit en Europe, cela posera aussi des problèmes pour les pays européens. Donc, j'espère que vous allez soutenir la démocratie en France pour les prochaines élections.

Marie Toussaint (Verts/ALE). – Monsieur le Président, l'Azerbaïdjan menace l'Arménie. Oui, nous devons nous mobiliser pour la paix, parce que oui, la paix est en danger. Avec son opération d'épuration ethnique dans le Haut-Karabakh, Ilham Aliev, l'autocrate de Bakou, a fait mine de jouer l'apaisement. Ne soyons pas dupes! Il lorgne maintenant sur l'Arménie. L'Europe était aux abonnés absents quand les troupes azéries sont entrées dans le Haut-Karabakh. Ferons-nous de nouveau la sourde oreille alors qu'Aliev multiplie les provocations et menace de rouvrir la plaie du génocide arménien?

Car derrière les grandes déclarations et les condamnations de principe, rien! Aucune action, aucune sanction. En juillet 2022, M^{me} von der Leyen se rendait même à Bakou pour acheter du gaz azéri, l'autre nom du gaz russe. Je le dis clairement, nous devons cesser les importations de gaz, sanctionner les responsables politiques et militaires à l'origine de cette agression, apporter un soutien inconditionnel aux 100 000 réfugiés qui ont dû quitter le Haut-Karabakh et se trouvent aujourd'hui largement sans foyer, sans nourriture, sans travail. Nous exigeons la libération immédiate de la cinquantaine de prisonniers politiques du Haut-Karabakh, militaires comme civils, qui sont encore détenus illégalement à Bakou, au mépris des droits humains. Soyons à la hauteur!

Lars Patrick Berg (ECR). – Herr Präsident! Waren der EU-Kommission Gaslieferungen aus Aserbaidschan wichtiger als das Leben unschuldiger Menschen in Bergkarabach? Es besteht kein Zweifel daran, dass die internationale Gemeinschaft, allen voran Russland, Armenien im Stich gelassen hat, weil dem Kreml wirtschaftspolitische Verflechtungen mit Aserbaidschan wichtiger erschienen als die brutale Vertreibung von über einhunderttausend ethnischen Armeniern aus Bergkarabach.

Die Gefahr ist keineswegs vorüber. Das aserbaidshanische Regime rüstet weiter auf, zuletzt mit chinesischen Kampfflugzeugen. Ich befürworte daher ausdrücklich, dass die französische Regierung Luftabwehrsysteme und gepanzerte Mannschaftstransportwagen an Armenien geliefert hat und versucht, die durch den russischen Rückzug aus Armenien entstandene Lücke zu schließen.

In Arzach mussten wir ein Verbrechen an der Menschlichkeit beobachten, das sich nicht wiederholen darf. Die Kommission sollte dem Beispiel Frankreichs folgen, um die Sicherheit im Kaukasus dauerhaft garantieren zu können. Ein Ausbau der sehr guten Arbeit der EU-Beobachtungsmission unter Dr. Markus Ritter und konkrete Verhandlungen über Visaerleichterungen stellen weitere wichtige Meilensteine dar.

Arnaud Danjean (PPE). – Monsieur le Président, le Caucase, dans l'ombre portée par ses grands voisins russes, turcs et iraniens, concentre des enjeux stratégiques que l'Union européenne ne peut ni ignorer, ni traiter de façon simpliste ou opportuniste. Le Haut-Karabakh, en particulier, est l'un de ces territoires où l'histoire, le droit international, la démographie et les religions ne concordent pas et sont hélas, une source inépuisable de conflits. Cette complexité ne peut être niée, mais elle ne peut non plus justifier l'injustifiable, à savoir le recours à la force et le nettoyage ethnique et culturel tels que Bakou les a mis en œuvre ces dernières années.

Aujourd'hui, ce n'est plus ce territoire contesté qui est au centre d'une rhétorique extrêmement dangereuse, mais bien le respect même de l'intégrité territoriale de l'Arménie, le droit à exister librement et souverainement de la nation arménienne. Face à ces menaces existentielles, l'Arménie a choisi une réponse en tous points conforme aux principes et valeurs qui fondent la communauté des démocraties européennes. La diplomatie face aux contentieux territoriaux, la retenue face aux provocations incessantes, le pluralisme et l'état de droit face aux tentations autoritaires si répandues dans la région.

L'Union européenne et ses États membres doivent soutenir sans réserve cette attitude responsable, digne et courageuse des autorités arméniennes. L'Arménie ne menace personne. Elle doit donc pouvoir bénéficier rapidement et pleinement de tous les instruments dont nous disposons collectivement, y compris, et vous l'avez mentionné, la Facilité européenne pour la paix. Il en va de la survie d'un état libre et d'une démocratie qui nous est proche et ne demande qu'à l'être plus encore.

Raphaël Glucksmann (S&D). – Monsieur le Président, chers collègues, l'épuration ethnique du Karabakh ne suffisait pas. C'est maintenant toute l'Arménie, sa liberté et sa souveraineté qui sont menacées. Le régime d'Aliev refuse de reconnaître l'intégrité territoriale arménienne et menace d'attaquer. Alors que celui de Poutine, lui, attise le chaos en essayant de monter la population contre son gouvernement démocratique. Pourquoi? Parce que le gouvernement arménien, et tout d'abord son Premier ministre, M. Pachinian, et les aspirations européennes du peuple arménien, représentent une menace pour l'ensemble des dictateurs de la région.

À Bakou, à Moscou, à Ankara, les autocrates cherchent à déstabiliser le pays, et face à ces attaques, la France et l'Union européenne doivent être du côté de la démocratie et du côté de l'Arménie, avec force et constance, sans les ambiguïtés du passé. La France multiplie son aide à Erevan. L'UE doit suivre et augmenter son soutien. Nous devons encourager et accompagner la perspective européenne du peuple arménien, découpler le soutien humanitaire, libéraliser les visas, aider l'armée arménienne à défendre son territoire, et surtout ne plus nous lier à Bakou par un partenariat énergétique qui ressemble à des menottes. Il ne doit plus y avoir le moindre doute. Nous sommes du côté du peuple arménien.

Klemen Grošelj (Renew). – Gospod predsednik, spoštovane kolegice in kolegi! Po tragediji v Gorskem Karabahu, ko je več kot 100.000 Armencev bilo prisiljenih zapustiti svoje domove, v Južnem Kavkazu ponovno vre.

Azerbajdžan, namesto da bi iskreno pristopil k iskanju trajnega mirovnega sporazuma z Armenijo, grozi in že ogroža ozemeljsko celovitost in suverenost ter njeno nedotakljivost meja. V luči ukrajinske tragedije mora EU poslati Azerbajdžanu, četudi je naš pomembni trgovinski partner, jasno sporočilo, da je ta politika za EU popolnoma nesprejemljiva in ogroža sodelovanje med EU in Azerbajdžanom. V interesu EU in držav Južnega Kavkaza je trajen in pravičen mir v regiji.

Zato pozdravljam okrepljen angažma Evropske unije in držav članic, predvsem Francije, v regiji in krepitev sodelovanja med EU in Armenijo. Prav je, da podpremo ambicije Armenije, da tesneje sodeluje z EU in s tem prispeva ne samo k stabilnosti regije, ampak tudi k blagostanju lastnih državljanov. Armenija v luči destruktivne politike Rusije, ki s svojimi dejanji namenoma destabilizira regijo, potrebuje našo podporo.

Mir in stabilnost Južnega Kavkaza je pomembna tako za EU kot celotno soseščino, vključno s Srednjo Azijo.

François Alfonsi (Verts/ALE). – Monsieur le Président, la situation de l'Arménie est alarmante. En 2020, la guerre contre l'Artzak a tué des milliers d'Arméniens et démontré la supériorité militaire écrasante de l'Azerbaïdjan et de son allié turc. Nous avons alerté sans relâche. L'agression azérie n'en était qu'à son commencement et le nettoyage ethnique du Haut-Karabakh inéluctable. Le blocus du corridor de Latchine en a été le prélude, et ce crime contre l'humanité a été perpétré au vu et au su de la communauté internationale sans qu'elle ne réagisse.

Où en est-on aujourd'hui? Une partie du territoire arménien est d'ores et déjà occupée par l'armée azérie, qui menace désormais ouvertement d'envahir le sud du pays. À notre insistance, l'Union européenne a dépêché sur place une mission d'observation dont le rôle est essentiel. Dans ces déclarations, la Commission nous propose de renforcer les liens entre l'Union et l'Arménie et de soutenir un accord de paix avec l'Azerbaïdjan. C'est bien sûr nécessaire, mais cela ne peut suffire. La paix ne sera consolidée qu'à condition de rééquilibrer les rapports de force entre Erevan et Bakou.

Aussi, il faut donner à l'Arménie l'accès aux mêmes fonds que ceux qui ont été alloués à l'Ukraine pour résister à l'invasion russe: pour le soutien aux réfugiés, notamment ceux venus par dizaines de milliers du Haut-Karabakh, pour le soutien à son économie et bien sûr, pour apporter un soutien militaire et des armements suffisants pour dissuader une nouvelle agression, comme a commencé à le faire la diplomatie française.

Kosma Złotowski (ECR). – Panie Przewodniczący! Szanowni Państwo! Wojna to zawsze dowód na klęskę dyplomacji, za którą najwyższą cenę płać cywile. Nawet niewielki konflikt zbrojny o ograniczonym zasięgu terytorialnym ma swoje konsekwencje dla całego świata. Dzisiaj, gdy u wrót Europy stoi prawdziwy agresor, który chce doprowadzić do chaosu i zniszczenia, który doprowadza do chaosu i zniszczenia, powinniśmy pokazywać, że nawet najtrudniejsze spory można rozwiązywać w drodze dialogu.

Nie chcemy narzucać konkretnych rozwiązań naszym partnerom w Armenii i w Azerbejdżanie, ale zachęcić ich do szukania porozumienia. Jeśli możemy pomóc, pomożemy. Jeśli możemy doradzić, doradzimy. Nie mamy jednak prawa wydawać wyroków i wskazywać, kto jest winny, bo Europa sama ma zbyt wiele na sumieniu, by być wiarygodnym arbitrem w jakimkolwiek sporze. Rosja karmi się konfliktami w swoim sąsiedztwie, podsyca je, rozgrywa i wykorzystuje do własnych celów. Nie dawajmy jej do tego okazji.

Željana Zovko (PPE). – Mr President, as a standing rapporteur for Azerbaijan, I welcome continued engagement between Armenia and Azerbaijan to reach an agreement on the landmark peace treaty that would end decade-long conflict and bring peace and stability to the South Caucasus.

The recent agreement on the exchange of prisoners, bilateral meetings held in Munich, and the upcoming peace talks in Berlin are steps in the right direction to normalise relations. But the key to a peace agreement lies in negotiations under the auspices of multilateral bodies that can help, and with our help and help from our transatlantic partners, act as an honest broker in this process. Now, it is important that we insist that both sides respect each other's sovereignty and territorial integrity, and are deterred from aggressive rhetoric and provocation that could destabilise the region.

The agreement on the delimitation of borders is an important aim to achieve during this process in order to put these issues behind us. We call on Azerbaijan to refrain from any unilateral actions and allow the presence of international European monitoring missions from its side of the border. The EU monitoring mission to Armenia today plays a strong role in that regard and I welcome the recent increase in the number of EU observers in the country.

I also welcome the conclusions of the EU-Armenia Partnership Council that show that our relations are developing on a positive track. Armenia has our continued support and we respect its strategic choices about its future.

Εμμανουήλ Φράγκος (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η Ευρώπη αποτελεί μια ένωση αξιών: το μεγάλο ψέμα. Αν ήταν μια ένωση αξιών, η αντίδραση που υπήρχε για την Ουκρανία θα υπήρχε και για την Αρμενία, αλλά και για την Κύπρο μας. Θα είχαμε την ίδια αντίδραση στην Κριμαία, στο Ναγκόρνο Καραμπάχ και στο Κόσοβο. Ο Πρόεδρος Pashinyan άκουσε τις ευρωνατοϊκές σειρήνες και στην αρχή χάθηκαν τα δύο τρίτα του Αρτσάχ, στη συνέχεια το υπόλοιπο ένα τρίτο, και τώρα καταλαμβάνονται καθημερινά εκτάσεις της Αρμενίας μέχρι να σχηματιστεί ο διάδρομος Ζαγκεζούρ που θα ενώσει τον λεγόμενο «τουρκικό κόσμο».

Με τις ενεργειακές συμφωνίες μεταξύ της Ευρώπης και του Αζερμπαϊτζάν και τις συνεχιζόμενες στρατιωτικές επιθέσεις Τουρκοαζέρων, έχουμε τρία δεδομένα: πρώτον, η Ευρώπη δεν αποτελεί μια ένωση αξιών, αλλά μια ένωση για business· δεύτερον, τα αδικημένα κράτη υποχωρούν για χάρη της ειρήνης· και τρίτον, οι ηγέτες τους λαμβάνουν προσωπικές υποσχέσεις για μελλοντική εξασφάλιση.

Miriam Lexmann (PPE). – Pán predsedajúci, vítam túto rozpravu, pretože je načase, aby sme si povedali niekoľko tvrdých pravd.

Faktom je, že politiku EÚ voči Južnému Kaukazu možno najlepšie charakterizovať ako politiku diplomatického zanedbávania a strategického zlyhávania. Keď Azerbajdžan v roku 2020 zaútočil na Náhorný Karabach, členské štáty Európskej únie vrátane Slovenskej republiky a predsedu vlády Roberta Fica napriek embargu predávali Azerbajdžanu zbrane. Keď Azerbajdžan vyhladoval arménske obyvateľstvo Náhorného Karabachu, podpísali sme s Alijevovým režimom dohodu o strategickom partnerstve. Ignorovali sme dokonca dôkazy o tom, že plyn, ktorý nám Alijev predáva, je pravdepodobne ruský. Keď Alijevov režim pred fingovanými prezidentskými voľbami uväznil obhajcov ľudských práv, Charles Michel zablahoželal Alijevovi k víťazstvu. A čo robíme teraz, keď Alijev a predstavitelia režimu spochybňujú samotnú územnú celistvosť Arménska?

Kolegovia, toto sú vážne morálne a diplomatické a strategické zlyhania. Rovnaké zlyhania pri dodržiavaní našich vlastných zásad využil Vladimir Putin. Naše hodnoty a zásady nie sú našou slabosťou, ale sú našou silou.

Preto teraz potrebujemo konečne preukázat jasný postoj voči Alijevovmu režimu, a to aj prostredníctvom sankcií tak, aby sme odkázali a odrádzali od agresie, a nie ju umožňovali. Zároveň potrebujeme prehľbovať vzťahy s Arménskom najmä v oblasti obchodu, bezpečnosti a obrany a podporovať demokratické reformy.

Nicolas Bay (ECR). – Monsieur le Président, il y a quelques jours, lors de la conférence de Munich, le dictateur Aliiev a affirmé qu'il considérait que la frontière entre son pays et l'Arménie était conditionnelle. En clair, il prépare ses prochaines offensives militaires et ses prochaines invasions. Il y a, on le sait, une velléité hégémonique de la Turquie islamiste et de son vassal azerbaïdjanais, avec clairement deux objectifs, annexer le territoire arménien et anéantir le peuple arménien.

Face à ces violations permanentes répétées du droit international, que fait l'Union européenne? Que fait madame von der Leyen, toujours prompte à donner des leçons de droits de l'homme au monde entier, des leçons d'état de droit à tous les États membres? Eh bien, les institutions européennes se couvrent de honte en renforçant les liens politiques, économiques et commerciaux avec l'Azerbaïdjan, qualifié par M^{me} von der Leyen elle-même de partenaire fiable. Bruxelles se couvre aussi de ridicule en prétendant s'affranchir de la dépendance au gaz russe pour finalement acheter du gaz qui transite par l'Azerbaïdjan, mais provient pour l'essentiel de Russie.

L'honneur de l'Europe et des nations européennes sera évidemment de mener une authentique diplomatie civilisationnelle et de déployer tous les moyens, y compris militaires, si c'est nécessaire, pour soutenir nos frères chrétiens d'Arménie et tenir enfin en respect Erdogan et ses affidés.

Anja Haga (PPE). – Voorzitter, geld en gas in plaats van mensenrechten: dat is waar de EU tot nu toe voor kiest. Ze heeft namelijk het gas van Poetin ingeruild voor het gas van Aliyev. En Aliyev is de dictator van Azerbeidzjan, de dictator die de Armeniërs genadeloos uit Nagorno-Karabach heeft verdreven. Hoe kan de EU zakendoen met zo'n type?

Vandaag hebben we het over nauwere banden tussen de EU en Armenië. Nauwere banden met Armenië kunnen niet samengaan met nauwe banden met Azerbeidzjan. We moeten als EU laten zien dat we zij aan zij staan met Armenië, zeker in de strijd en in het verzet tegen de Azerbeidzjaanse agressie. Daarom moet de EU stoppen met de gasdeal. De EU moet opkomen voor mensenrechtenactivisten die ten onrechte in de cel zitten in Azerbeidzjan, zoals dokter Ibadoglu. Die heeft dringend medische hulp nodig. Ze moet ervoor zorgen dat hij vrijkomt en hulp krijgt. En we moeten als EU Armenië helpen bij de toetreding tot de EU.

Binnenkort ga ik op bezoek naar Armenië. Ik hoop dat dat lukt. En dan ga ik met de mensen daar in gesprek over de samenwerking tussen Armenië en de EU, want ik vind het essentieel dat we als EU laten zien dat we zij aan zij staan met Armenië in de strijd tegen Azerbeidzjan.

François-Xavier Bellamy (PPE). – Monsieur le Président, hier, le 26 février, l'ambassadeur d'Azerbaïdjan auprès de l'Union européenne, Vaqif Sadiqov, a écrit: «Depuis 1992, l'Arménie est gouvernée par des fascistes assoiffés de sang. Ils resteront fascistes jusqu'à finir à Erablur». Erablur, c'est le cimetière militaire arménien auquel la violence azérie a condamné des milliers de jeunes de 20 ans ces dernières années. Ils ne demandaient rien d'autre que de vivre en paix sur la terre de leur peuple.

Aujourd'hui, l'Azerbaïdjan menace, après le Haut-Karabakh, le territoire de la République d'Arménie. Erablur nous regarde aussi. Si Aliiev se sent tout permis, c'est qu'après avoir assiégé une population civile, après un déplacement et un nettoyage ethnique, après l'agression, les bombes à sous munitions, la Commission européenne l'a déclaré un partenaire fiable et lui a acheté plus de gaz. Pourquoi ne se sentirait-il pas tout permis?

Chers collègues, il est temps d'agir enfin et de comprendre que l'Europe n'a plus le droit au silence. Il est temps de dire à M. Sadiqov que l'Europe n'est pas à Bakou, qu'elle est du côté de la démocratie et de la liberté, du côté de la civilisation que nous partageons avec l'Arménie, qu'elle est dans ce lieu où je suis allé et dont je ne suis pas revenu le même. L'Europe est à Erablur.

Tomislav Sokol (PPE). – Poštovani predsjedavajući, kršćani su najprogonjenija vjerska zajednica na svijetu. To je, dame i gospodo, istina, koliko god to možda nije politički korektno danas za reći. Armenija je najstarija zemlja koja je primila kršćanstvo i očuvala ga u izuzetno nepovoljnim okolnostima kroz gotovo dva tisućljeća. Još 2020., nakon obnove sukoba u Gorskom Karabahu, zabilježena su golema oštećenja na armenskoj povijesnoj i kulturnoj baštini, a nakon nedavne vojne intervencije Azerbajdžana postalo je jasno da je uništavanje vjerskih spomenika dio sustavne politike eliminacije armenskog identiteta.

Zato se Europa, čiji su temelji kršćanski, koliko god to neki negirali, mora puno ozbiljnije angažirati u zaštiti kršćanske baštine na Kavkazu nego što je to bilo do sada. Posljedica nedavnog azerbajdžanskog vojnog djelovanja je masovni egzodus armenskog stanovništva iz Gorskog Karabaha. Procjenjuje se da je preko 140 000 izbjeglica bilo prisiljeno pronaći sigurnost u Armeniji, a većina njih se vjerojatno nikada neće vratiti svojim domovima. Armenija je danas okružena uglavnom neprijateljskim susjedima te joj moramo pružiti snažnu gospodarsku, ali i svaku drugu pomoć. Bez fige u džepu. U suprotnom, ovoj drevnoj civilizaciji prijeti nestanak.

Liudas Mažylis (PPE). – Pirmininke, Komisijos nare, kolegos. Ilgus dešimtmečius užtrukusi Azerbaidžano ir Armėnijos priešprieša – Rusijos kryptingos veiksenos produktas. Kalnų Karabacho geopolitinė bomba užprogramuota dar Stalino. 2022-aisiais mes pripažinome Rusiją agresore ir terorizmą skatinančia valstybe, o Pietų Kaukaze pagal nutylėjimą jai priskyrimė neva taikdario vaidmenį. Ir tik kai Azerbaidžanas užvaldė Karabachą, pasipylė pabėgėlių srautas bei kilo humanitarinė krizė, pagaliau atsipeikėjame. Siekiant, jog Azerbaidžanas ir Armėnija normalizuotų santykius, kurie labai trapūs, Europos Sąjunga privalo priimti daug aktyvesnį tarpininkavimo vaidmenį, jo nepaliekant Rusijos ar kieno nors kito įtakai. 2023 m. gruodį įvykęs apsikeitimas karo belaisviais rodo tam tikrus politinės valios pokyčius. Tarpininkavimas, įvairūs paramos instrumentai to regiono valstybėms privalo padidinti Europos Sąjungos kaip geopolitinio žaidėjo vaidmenį tame regione.

Jutta Urpilainen, Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Mr President, honourable Members, I think the debate today illustrates your wide support for strengthening EU-Armenia relations, as well as the understanding of the challenges this implies.

Our priority is now to strengthen Armenians' resilience to ensure that Armenia is able to pursue its foreign policy choice independently, and this is why we are strengthening our sectoral cooperation. We are further developing our cooperation on security and defence, and we are boosting economic investments.

A sustainable and lasting peace and stability in the South Caucasus is highly important, and this is why we recently reinforced the EU Mission in Armenia. We also call on the parties to engage in good faith and we stand ready to continue to facilitate exchanges.

President. – The debate is closed. The vote will be held at the next part-session.

17. Recomendação ao Conselho, à Comissão e ao SEAE sobre a situação na Síria (debate)

President. – The next item is the debate on the report by Nathalie Loiseau, on behalf of the Committee on Foreign Affairs, on the Recommendation to the Council, the Commission and the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy on the situation in Syria (2023/2052(INI)) (A9-0041/2024).

Nathalie Loiseau, rapporteure. – Monsieur le Président, treize ans de bain de sang, un demi-million de morts, 14 millions de civils déplacés ou réfugiés, un pays entier en urgence humanitaire. Cette tragédie a un nom: la Syrie, et elle a un coupable: Bachar el-Assad. Elle a des complices, la Russie et l'Iran. Elle a des conséquences, le chaos syrien a rendu possible la montée du terrorisme de Daech, un terrorisme qui a aussi frappé l'Europe.

Ce même chaos a transformé la Syrie en narco-État qui inonde ses voisins du Captagon qu'il produit en masse. Aujourd'hui encore, Bachar Al-Assad ne contrôle pas grand-chose dans son pays, si ce n'est les trafics les plus lucratifs et les prisons les plus effroyables. Il aurait pu être un chef d'État, il a choisi d'être un chef de gang et un boucher.

Face à cette tragédie, où sont les bonnes consciences, les défenseurs acharnés des droits humains, les chantres de la liberté des peuples? Pour dénoncer les horreurs du régime de Damas, la complicité de celui de Téhéran et de celui de Moscou dans ses souffrances interminables, l'usage des armes chimiques, de la torture, des assassinats, des détentions arbitraires, où sont les manifestations, les pétitions, les demandes d'action immédiate de la communauté internationale? Quand la Syrie menace Israël, qu'elle laisse transiter par son territoire les armes à destination du Hamas et du Hezbollah, quand la Turquie occupe une partie du territoire et bombarde les Kurdes, qui s'en soucie? Qui tente de mettre fin à cette litanie d'horreurs? Pas grand monde en vérité!

Pire, il y en a ici et là, dans le monde arabe, et même en Europe, et même dans cet hémicycle, chers collègues, qui plaident pour la normalisation avec un régime bourreau de son peuple. Mais de quelle normalisation s'agirait-il, de quel renoncement à tout ce à quoi nous croyons – la dignité humaine, le respect des valeurs fondamentales — et quels bénéfices espérer? Que le trafic des stupéfiants s'arrête? Les pays arabes qui en ont fait le pari n'ont rien vu de tel. Que le terrorisme soit mieux combattu qu'il ne l'est aujourd'hui? Bachar Al-Assad est le premier à avoir vidé ses prisons des terroristes qu'elles renfermaient quand il a cru son pouvoir menacé. Que les réfugiés syriens rentrent chez eux, alors qu'il n'existe pas un endroit en Syrie où ils seraient aujourd'hui en sécurité, à l'abri de la répression du régime ou des violences des groupes armés? Ceux qui, en Europe, prétendent qu'il existe en Syrie des zones sûres n'ont pas dû s'intéresser beaucoup à ce sujet. Personne ne retient les populations syriennes réfugiées à l'étranger de rentrer chez elles, hormis la peur, une peur immense et légitime que leur inspire le régime de Bachar Al-Assad, coupable à la fois de ses excès et de ses insuffisances.

Pire, il y a en Europe, il y a dans cette salle des gens qui se sont rendus en Syrie à l'invitation du régime et qui en ont chanté les louanges. Ils sont connus, on sait où ils siègent: à l'extrême-droite et à l'extrême-gauche de cet hémicycle, pour la plupart. Ils affirment aujourd'hui leur soutien à Israël, à l'extrême-droite dans sa guerre contre le Hamas, mais ils se couchent devant l'un des pires ennemis d'Israël, qui ne reconnaît même pas le droit à l'existence de l'État hébreu.

Chers collègues, après treize ans de bain de sang, la recommandation que je vous présente aujourd'hui est simple et claire. Elle nous propose de ne pas normaliser nos relations avec le régime syrien tant qu'il ne respecte pas les résolutions du Conseil de sécurité et plus largement, tant qu'il ne respecte pas son peuple. Elle nous propose de continuer à progresser, comme l'ont fait plusieurs États européens dans la lutte contre l'impunité dont bénéficient les responsables de la tragédie syrienne. Elle nous enjoint d'œuvrer pour que l'aide humanitaire que nous envoyons puisse accéder à tous et ne pas être prise en main et contrôlée par le régime. Elle nous appelle à nos devoirs pour rapatrier les enfants perdus de fous de Dieu qui croupissent encore à Al-Hol, avant qu'ils ne deviennent les lionceaux d'un nouveau califat.

Cette recommandation n'a pas de solution miracle à la tragédie syrienne. Elle demande seulement à l'Europe de faire ce qui est en son pouvoir et ce qui relève de son devoir. Je remercie mes corapporteurs qui ont bien voulu travailler avec moi sur ce drame oublié à nos portes, et je dis au groupe politique qui ne s'est pas associé à nos travaux et qui a montré son indifférence et sa complicité avec le régime de Damas, avec l'Iran et avec la Russie, qu'il est né avant la honte.

Jutta Urpilainen, *Member of the Commission*. – Mr President, honourable Members of the European Parliament, let me start by thanking, also on behalf of the HR / VP, the rapporteur MEP Loiseau and the shadow rapporteurs for this report with recommendations on the situation in Syria. I have to say that we value your efforts to keep Syria high on the political agenda, and take good note of your recommendations, broadly in line with the EU policy on Syria.

On 15 March, we will mark the 13th anniversary since peaceful protests began throughout Syria and were brutally repressed by the Assad regime. Since then, the EU continues to call for a real political process as the only response to the Syrian conflict, and to support the efforts of UN special Envoy Pedersen to advance on all aspects of UN Security Council Resolution 2254. We encourage him to reconvene the Constitutional Committee. The reality is that the Assad regime has shown no intention to engage in any political process, even after its readmission to the League of Arab States last year. As a result, the overall situation in Syria continues to re-deteriorate.

The EU position on Syria has not changed and will not change. This means no normalisation with Damascus, no lifting of sanctions and no support for reconstruction in the absence of a credible, sustainable and inclusive political process in line with UN Security Council Resolution 2254. Support to the Syrian people continues to be a fundamental priority of EU action. The EU and its Member States remains the largest donor, having mobilised over EUR 30 billion since 2011.

Against this backdrop, the EU is organising this spring the eighth Brussels conference on Syria, which remains an essential occasion to reaffirm our unity and commitment to a political transition in line with UN Security Council Resolution 2254, and a key opportunity to engage with Syrian civil society. The conference remains key to generate pledges for assistance to Syrians and their host communities. Several major donors have announced significant cuts in funding, and we are facing a funding gap. It will be important that the EU continues to be seen as a strong supporter of the Syrian people. The Day of Dialogue will take place on 30 April and the ministerial on 27 May. The Day of Dialogue is an essential platform to engage with Syrian civil society, and parliamentarians are also invited to attend it.

Lukas Mandl, *on behalf of the PPE Group*. – Mr President, Commissioner, dear colleagues, I want to explicitly thank Nathalie Loiseau for her excellent work as a rapporteur on this Syria report, which is crucial and important for the security also of the Europeans, the security of the world and, of course, the future of the people of Syria.

I have visited Damascus and the greater Damascus region two years ago. Immediately after that, I have talked to Nathalie Loiseau in order to implement especially the recommendations of international organisations active on the ground in Syria, especially United Nations organisations such as FAO or the Red Cross and others.

I had the privilege to talk to – on site – those who had a clear impression on how humanitarian aid works and how it would not work. It works locally, it works regionally, it works when it addresses small and middle-sized enterprises and entities. It works when it addresses civil society and especially the education sector. This is also something we have implemented into this very report of the European Parliament on Syria.

Secondly, I want to emphasise that the vast majority of refugees around the world are today Syrian refugees and the vast majority of them – around 80%, as experts tell us – want to go home. They would wish to go home and to have proper dwelling in their very home country, Syria, again, but they are reluctant to do so because they are afraid of violence due to the various tensions within society.

Of course, on top of these threats is the Assad regime itself. It's a threat to the world, it's a threat to the region, it's aligning with the ones who are threatening Europe such as Russia and others. This is also what the report obviously addresses, including, among final remarks of the report, also, the Aramaic language, which is a minority language – it's about to disappear on this planet. We want to preserve the Aramaic language, and we want to have a proper, stable Syria for the future.

Isabel Santos, *em nome do Grupo S&D*. – Senhor Presidente, estamos a pouco tempo de entrar no 13.º ano de guerra na Síria sem que se vislumbre uma solução de paz.

A cupidez de Assad e dos seus aliados, da Rússia e do Irão, têm condenado incessantemente a população síria à miséria, à morte e à destruição, provocadas pela guerra, mas também pela corrupção e pelo tráfico de drogas e de armas, elevados a uma das principais fontes de receita deste país e a que agora se juntam também os impactos e danos colaterais do conflito no Médio Oriente.

É imperioso acabar com a impunidade e isolar o regime perpetrador dos mais hediondos crimes contra o seu povo, mas só seremos eficientes se formos capazes de o fazer protegendo os 90 % da população síria a viver na pobreza, os 12,9 milhões em insegurança alimentar e os 16,7 milhões a necessitar urgentemente de ajuda humanitária. Para esses, é imperioso que não haja quebras no apoio à ação humanitária e que se mantenham abertos não só os corredores de Bab Al-Hawa, mas que também que o acesso por Bab Al-Salam e Al-Ra'ee sejam renovados. Sem isso, não há ajuda, não há esperança.

Puhetta johti HEIDI HAUTALA*varapuhemies*

Katrin Langensiepen, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Frau Präsidentin, Frau Kommissarin! Syrien steht auf der Agenda, und es ist sehr, sehr wichtig. Wir haben multiple Krisen und Kriege und wir müssen über Syrien sprechen, einen der größten Staaten in der Region im Nahen Osten.

Es herrscht immer noch Krieg. Die Menschen sind für Demokratie, für Freiheit, für Pressefreiheit auf die Straße gegangen. Was bekamen sie? Bomben! Sie bekamen Flucht, Vertreibung, noch mehr Folter, noch mehr Restriktionen seitens des Assad-Regimes. Wäre das nicht schon schlimm genug gewesen? Dann kam auch noch der IS. Man kann sich das Elend also aussuchen.

Baschar al-Assad sitzt immer noch fest im Sattel und es wird gefoltert, es wird vertrieben, es wird verschleppt. Frauen und Männer sitzen in den Gefängnissen auf Nimmerwiedersehen. Die Angehörigen werden erpresst. Da klingelt die Polizei an der Tür und sagt: Wenn du willst, dass es deinen Angehörigen gut geht, dann zahlst du. Und dann zahlen die, jeden Tag.

Wenn wir über Unterstützung sprechen für Syrien, für die Menschen in Syrien, muss uns als Europa, als Kommission, als Parlament klar sein: Wohin geht das Geld? Da steht nämlich nicht immer „Rotes Kreuz“ drauf, weil am Ende des Tages geht es auch durch die Tür von Baschar al-Assad und seiner Familie. Es ist nicht nur Baschar al-Assad, es ist auch der *Social Fund* seiner lieben Frau. Hier müssen wir als Kommission, als Parlament sehr genau hingucken: Wohin geht das Geld? Es wird keinen Frieden geben mit Assad. Es gibt keine Demokratie mit Assad und seiner Familie. Das muss uns klar sein. Keine Verhandlungen, kein Frieden, keine Akzeptanz, keine Normalisierung mit dem Baschar-al-Assad-Regime!

Anna Fotyga, *on behalf of the ECR Group*. – Madam President, I congratulate Nathalie Loiseau on this very significant report.

Let me raise one issue: the West counted on the positive contribution of Russia to anti-ISIS coalition. Instead, they sent General Aleksandr Dvornikov to command the Russian troops alongside Bashar al-Assad. He earned the title of 'the butcher of Syria', later confirmed in Ukraine in a crackdown over Mariupol and rocket attacks on Kramatorsk railway station.

Let us learn this lesson and never engage criminals in solving important problems.

Thierry Mariani (ID), *au nom du groupe ID*. – Madame la Présidente, treize ans! Treize ans que l'Union européenne et les gouvernements français successifs s'obstinent à se tromper sur la Syrie. Je me souviens du temps où Laurent Fabius expliquait qu'il ne fallait pas mettre Jabhat al-Nosra sur la liste des organisations terroristes. Je me souviens de l'époque où Bruxelles, comme Paris, tressait les louanges d'une opposition syrienne qui était soit fantasmée, soit déjà puissamment islamiste. Depuis, nous aurions pu apprendre un peu de nos erreurs. Mais en lisant le rapport de M^{me} Loiseau, je me dis que finalement, si les terroristes ont majoritairement perdu sur le terrain, ils ont gagné dans les esprits.

Ils ont gagné, car nous préférons notre confort moral à la vie concrète de millions de Syriens qui ne demandent qu'à reconstruire leur maison, retrouver un travail, bref, retrouver une vie normale. Ils ont gagné car les amis d'Ursula von der Leyen et d'Emmanuel Macron sont les artisans, en ce moment, de l'implosion du Liban, écrasé sous le poids d'un million et demi de réfugiés syriens et dont les capitales occidentales refusent le retour. L'Union européenne continue à appliquer à la Syrie des mécanismes de sanctions qui asphyxient une population qui vit déjà à plus de 90 % sous le seuil de pauvreté.

Contre l'avis des voisins de la Syrie, nous refusons de suivre la voie de la négociation initiée par la Ligue arabe, qui a réintégré Damas l'été dernier. Madame Loiseau, il restera un fait qui vous exaspère. Cela fait treize ans que vous promettez la révolution aux Syriens et que cette révolution ne profite qu'aux islamistes, aux marchands d'armes et aux Américains qui pillent le pétrole de la Syrie. Levons les sanctions et reprenons le dialogue diplomatique! Il est déjà très tard...

Evin Incir (S&D). – Fru talman! Jag vill börja med att tacka föredraganden Nathalie Loiseau och skuggföredragandena för detta viktiga betänkande.

Tretton år har gått sedan revolutionen i Syrien startade, men demonstrationer och krav om demokrati och jämlikhet slogs ner kallblodigt av diktatorn al-Assad.

Diktatorn al-Assad fortsätter att hålla ett järngrepp om Syrien och fortsätter att förtrycka folket i landet. Med både militärt och ekonomiskt stöd av despoterna i Iran och Ryssland stärker al-Assad sitt grepp ytterligare. Med iranska, turkiska och ryska baser och miliser sätts skräck i folket i landet ytterligare, och al-Assad utgör ett hot mot alla: Syrien, Mellanöstern, Europa och internationell rätt.

Det är viktigt att stödja de demokratiska krafterna i Syrien och särskilt det kurdiskledda styret i Rojava-regionen. De kämpar mot terroristorganisationen Isis och agerar som en motkraft mot al-Assads förtryckarregim i Damaskus. Dessa modiga personer offrar sina liv för även vår frihet här i Europa.

Saskia Bricmont (Verts/ALE). – Madame la Présidente, chers collègues, il y a cinq ans, ce Parlement a demandé le rapatriement de tous les enfants européens détenus dans les camps dans le nord-est de la Syrie. Des retours ont eu lieu entre-temps et je salue le travail des services de l'enfance, de la justice et des services de sécurité qui ont accompagné ces retours.

Aujourd'hui, les experts sont unanimes et positifs quant à la réintégration des enfants, mais aussi au processus de réhabilitation de la plupart des femmes revenues. Collectivement, nos sociétés arrivent à dépasser le traumatisme de la violence aveugle et mortifère des attentats pour comprendre sans justifier, pour panser les plaies et faire justice. Aujourd'hui, plusieurs centaines d'enfants et leurs mères sont toujours en Syrie. Des dizaines de ressortissants européens sont toujours en détention, sans perspective de procès. Nous devons poursuivre le rapatriement des enfants, en un mot, les sauver.

Bring them back.

Charlie Weimers (ECR). – Fru talman! Europas flyktingpolitik har havererat. Denna resolution om Syrien visar att orsaken är ideologisk. Sverige har tagit emot 160 000 syriska flyktingar, vilket förvärrat våra problem med segregation och islamism, och vi ser liknande problem i andra länder.

De som kom hit från Syrien skulle få tillfälligt skydd. Experterna på både EU:s asylbyrå och det svenska Migrationsverket har slagit fast att Damaskus- och Tartusregionerna är säkra och att flyktingar kan återvända dit. Men här i Europaparlamentet vill liberaler och socialdemokrater slå fast, i strid med experterna, att Syrien varken helt eller delvis kan anses vara ett säkert land att återvända till.

Det kan inte bli tydligare. När liberalvänstern får bestämma omvandlas flyktingpolitiken till bosättningspolitik, och vanligt folk får betala priset. Det är helt ohållbart.

Bernhard Zimniok (ID). – Frau Präsidentin! Der Bericht zur Lage in Syrien ist leider ein Musterbeispiel für die Fehleinschätzung in der Außenpolitik in der EU. Fakt ist, dass sich Assad im Gegensatz zu europäischen Politikern frei und ungeschützt im Volk bewegen kann, weiter an der Macht ist. Das ist Fakt, auch wenn Sie lachen.

Angesichts der Entwicklung in Libyen muss man das sehr positiv bewerten. Dieser Realität gilt es Rechnung zu tragen, statt den Wiederaufbau Syriens durch Sanktionen zu verhindern und das Land in bitterer Armut zu halten. Frau Loiseau, warum werden die tragende Rolle der USA und ihrer Verbündeten in diesem Krieg, ihre Finanzierung von Terrororganisationen, von islamistischen Terrororganisationen und die völkerrechtswidrige Besetzung von Ölfeldern in Ihrem Bericht komplett ignoriert? Warum?

Erst durch den gescheiterten Versuch eines *regime change* wurde das durchaus westlich orientierte Syrien, dessen multiethnische System vor Kriegsbeginn noch in deutschen Universitäten als – ich zitiere – „Modell friedlicher Koexistenz von Muslimen, von Juden und Christen“ gelobt wurde, weiter in die Arme Russlands und Irans getrieben. Das hat nicht nur fatale Folgen für die Sicherheit und Stabilität im Nahen Osten, sondern auch für ganz Europa. Die Empfehlungen müssten daher lauten: Sanktionen endlich beenden, die Realität Assad anerkennen und diplomatische Beziehungen wieder einführen. Damit hätten Millionen Syrer aus Europa und den umliegenden Ländern die Chance, wieder in ihre längst überwiegend befriedete Heimat zurückzukehren.

Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot

Mick Wallace (The Left). – Madam President, Syria has been strangled by Western unilateral sanctions. Malnutrition is at critical levels. Electricity, water, irrigation and sanitation infrastructure is crippled. Hyperinflation is rampant. The US occupation steals oil, burns wheat crops, and, along with the Israelis, continuously bombs Syria. Syria doesn't bomb Israel. Turkey occupies the northwest and Israel illegally occupies and plunders the Golan Heights.

But still, the report lays all responsibility at the feet of the Syrian Government. No mention of the brutal proxy war bankrolled by the US, EU, Turkey and the Gulf States, far right extremist forces armed and trained by the US and Turkey and Jordan. As Jake Sullivan said back in 2012, al-Qaeda is on our side in Syria. No mention of French industrial giant Lafarge, convicted for providing material aid to ISIS and its complicity in crimes against humanity.

If we want to normalise relations with Syria, as this report claims to, we must own up to our destruction and strangulation of Syria today. And it should be noted that the author of this report was in the French cabinet that decided to illegally bomb Syria in 2018 – it was a war crime.

Clare Daly (The Left). – Madam President, Syria, 'the land of a forgotten conflict', says the explanatory statement on this report. And the report itself is certainly more than a little bit forgetful about how the dire situation as accurately described in Syria has come about. No mention of Israel, Saudi Arabia, the Gulf, the West, sudden onset selective amnesia. It's as if we had nothing to do with this war. It just happened. As if the policy for a decade in Western capitals wasn't regime change, as if thousands of men were not trained in CIA bases in Jordan in Operation Timber Sycamore, as if the US Senate's allies didn't facilitate USD 1 billion in weapons transfers to this war to that end.

It didn't work, and look at where it got you: half a million dead, food insecurity, arms proliferation, instability throughout the region. If you want to help Syria lift the sanctions, tell the US, Turkey and Israel to get out of Syria, let them run the country for their own ends.

(Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot päättyvät)

Jutta Urpilainen, Member of the Commission. – Madam President, honourable Members, the debate today illustrates the importance we all attach to the Syrian conflict. We all want the same thing for the Syrian people, for Syria, for the region: an end to the conflict; a lasting peace for the Syrian people; the possibility of a voluntary, safe and dignified return of refugees; and stability for the region as a whole.

This goal can only be achieved through a real political process, as set out by UN Security Council Resolution 2254. The dire regional situation is a stark reminder that unsolved conflict can easily degenerate, and that we all have a strong interest in supporting the aspirations of the Syrian people.

Let me also emphasise again that Syria and the Syrian people remain a priority for the EU and will continue to do so, and the EU will continue to raise its voice for the only path to sustainable peace for Syria: a political solution in line with UN Security Council Resolution 2254.

We will remain firm in our position on Syria. There will be no lifting of sanctions and no reconstruction in the absence of a serious and credible engagement from the Syrian regime in the political process.

Puhemies. – Keskustelu on päättynyt.

Äänestys toimitetaan huomenna, keskiviikkona 28.2.2024.

Kirjalliset lausumat (171 artikla)

György Hölvényi (PPE), írásban. – Szíria több, mint tizenkét éve jelent megoldatlan humanitárius és biztonsági válságot az unió szomszédságában. A tavalyi földrengést követően a szíriai konfliktusról az európai közvélemény már szinte megfeledezett. Az évtizedes változatlan jelzi: szankciós politikánk nem éri el célját, nem kényszeríti ki az Aszad-rezsim meghátrálását. Milyen szíriai vezetés megtalálja a túlélés módjait, a bankrendszer sújtó uniós intézkedések a segítségnyújtást nehezítik. Ugyan a szankciók alól mentességet élvez a humanitárius tevékenység, de az életmentő gyógyászati felszerelést, segítségnyújtáshoz szükséges eszközöket gyártó európai vállalatok működése bizonytalan.

Tanulmányok és helyi nem-kormányzati szereplők egyaránt igazolják, hogy a banki utalások ellehetetlenítése és a félévente megújított humanitárius kivételek megoldást nem, csak bizonytalanságot teremtenek. Ez mindaddig így is marad, amíg az ENSZ határozatainak megfelelő módon az uniós szankciós rendelkezések alól nem kap a humanitárius szektor időkorlát nélküli mentességet. Ez nem a rezsimnek tett engedmény, hanem a segítségnyújtás lehetővé tétele. Jelenlegi politikánk ugyanis az európai vállalatok, humanitárius szervezetek tevékenységét nehezíti. Emellett pedig éppen a leginkább szükségét szenvedőket sodorja még nehezebb helyzetbe. Közülük is a keresztény közösségek helyzete a legkiszolgáltatottabb. Ők hiába várnak tőlünk támogatást. A közöny által a legősbíbb keresztény kultúrát hagyjuk eltűnni.

Tisztelt Kollégák, a mi és a Tanács felelőssége, hogy a szankciós intézkedések közelgő felülvizsgálatánál megoldás és ne látszatintézkedés szülessen!

18. Situação crítica em Cuba (debate)

Puhemies. – Esityslistalla on seuraavana komission varapuheenjohtajan / unionin ulkoasioiden ja turvallisuuspolitiikan korkean edustajan julkilausuma – Kuuban kriittinen tilanne (2024/2584(RSP)).

Jutta Urpilainen, *Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy.* – Madam President, honourable Members, I would like to thank you for your interest in debating on the situation in Cuba, also on behalf of HR/VP Borrell.

EU-Cuba relations are based on the political and cooperation agreement approved by this Parliament and agreed with EU Member States. Our relations are based on a critical but constructive approach.

In the current context of the crisis in Cuba and global geopolitical instability, the objectives of our agreement remain absolutely relevant – to strengthen our bilateral relations, to encourage reforms and accompany the process of economic and social modernisation of the island, and to promote our values and to safeguard our interests. As our Joint Council showed, the agreement provides the space to have open and frank discussions at the highest level, to identify the areas of our shared interest and try to overcome our differences.

Our approach with Cuba is the same as with many other countries, based on the EU's values and interests. With the occasion of the EU-Cuba Joint Council, the HR/VP and the Special Representative for Human Rights met with the Cuban authorities, as well as with critical voices of Cuban society, who shared their worries and hopes.

The EU reiterates its concerns about the human rights situation in Cuba. We conveyed this message to the Cuban authorities and expect concrete results. At the same time, the economic and social situation in Cuba continues to deteriorate. We shared with the Cuban authorities the urgent need to undertake bold reforms. We stand ready to support these reforms through our cooperation, including Global Gateway, to help improving the living conditions of Cuban citizens.

We are supporting the Cuban emerging private sector. Since 2021, more than 10 000 small and medium-sized companies have been created. This entrepreneurship is necessary for economic growth, an important step towards more ambitious reforms.

Other factors have aggravated the situation in the country. These include the US embargo and inclusion of the country on the list of State Sponsors of Terrorism. The EU rejects these measures, as we expressed once again on the 2 November 2023 at the United Nations.

There are many other objectives that the EU and Cuba defend at international level, starting by the need to reinforce the multilateral system and to promote the strategic partnership between the EU and CELAC. Clearly, EU-Cuba relations must also be framed in the current geopolitical context.

Regarding the Russian aggression against Ukraine, the EU spares no opportunity to state its position: Russia is the aggressor. Ukraine is the victim. Despite its own analysis and historical closeness to Moscow, Cuba has already abstained in four different votes at the UN on Russia's war against Ukraine. We certainly expect more, and we will continue conveying our message to Cuba in future exchanges in the framework of our agreement.

Gabriel Mato, *en nombre del Grupo PPE*. – Señora presidenta, señora comisaria, Nicaragua, Venezuela y hoy de nuevo Cuba. ¿Hasta cuándo vamos a seguir mirando hacia otro lado mientras sobrevive la dictadura más longeva de América Latina? ¿Hasta cuándo vamos a permitir que los criminales que gobiernan la isla sigan oprimiendo a los cubanos?

La situación es insostenible: este año el número de detenidos por razones políticas se ha incrementado hasta los 1 066 presos de conciencia. Además, se han detectado más de 11 000 detenciones sin juicio, las llamadas detenciones por peligrosidad predelictiva, totalmente arbitrarias y que acaban con períodos de cárcel que duran de media dos años y diez meses. Ante esto, ¿qué hace la Unión Europea? Nada, nada de nada. El régimen incumple flagrantemente el Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación de 2017. Y, sin embargo, no pasa nada.

El régimen cubano impide a las delegaciones de esta Cámara entrar en el país, mientras que aquí les recibimos con los brazos abiertos y no pasa nada. Negar la represión en Cuba es negar la realidad, una realidad que ha empujado a medio millón de personas a abandonar sus hogares; una realidad que mantiene a miles de encarcelados sin haber cometido delito alguno; una realidad que no podemos seguir ignorando.

Es inadmisibles que los responsables de esas atrocidades no estén sancionados por la Unión Europea y tampoco que se suspenda el Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación. ¿Por qué? ¿Por qué no se suspende? Yo le digo a la Comisión, en ausencia hoy del señor Borrell, que qué esperan para actuar. ¿A qué esperan? ¿Por qué no lo hacen ya?

Maria-Manuel Leitão-Marques, *em nome do Grupo S&D*. – Senhora Presidente, Senhora Comissária, quero começar por deixar bem claro que a recusa de entrada de uma delegação do Parlamento Europeu por parte das autoridades cubanas é condenável e que é inaceitável que um qualquer país, seja Cuba ou outro qualquer, como já aconteceu, dite a composição das nossas delegações.

Embora este incidente seja preocupante, transformá-lo numa crise diplomática não é prudente. Sem diálogo, perdemos os meios para pressionar as autoridades cubanas a dar prioridade ao respeito pelos direitos humanos fundamentais e a libertar os presos políticos.

Pese embora o que muitos vão dizer aqui e escrever na resolução, precisamos de manter uma abordagem equilibrada e não comprometer a nossa relação para podermos dar resposta às preocupações de muitos cubanos, como a Senhora Comissária realçou.

O nosso envolvimento deve, por isso, manter-se construtivo como, de resto, tem acontecido na nossa relação com outros países no mundo onde ocorrem problemas semelhantes.

Tilly Metz, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Madam President, dear colleagues, dear Commissioner I really wonder what is really the reason for this debate tonight. Although it is true that the human rights situation remains concerning, can we really compare the situation on the island to other topics we are debating tonight?

I welcome the efforts by Josep Borrell and Eamon Gilmore to engage in a constructive but critical dialogue with Cuba. Many challenges still exist, and we are particularly concerned about the situation of political prisoners and call for their release. But we are also concerned about the very difficult humanitarian situation, on the island because of the United States blockade.

It will take time, but we should continue to engage in dialogue. Through parliamentary diplomacy, we have engaged in constructive talks with Cuba about an official visit of the European Parliament. I deeply regret it has not yet been possible to reach an agreement about the visit, and I hope that we, as Parliament, will be able to find a decent solution to this so as not to break the channels that we have opened until now.

Hermann Tertsch, *en nombre del Grupo ECR*. – Señora presidenta, volvemos a ver aquí la cumbre de la hipocresía respecto a Cuba, diciendo que sí lamentamos los presos comunes, pero hay que hablar mucho del bloqueo. No hay bloqueo. No hay ningún bloqueo. Hay un embargo que no impide que sean los Estados Unidos los que están alimentando a Cuba.

Cuba es una vergüenza para el mundo occidental y muy especialmente para la Unión Europea, donde tiene muchísimos cómplices, que son los que mantienen esa dictadura criminal, una dictadura asesina que no solo aplasta desde hace sesenta y cinco años a toda su población de una forma brutal, sino que extiende el veneno del narcoterrorismo por todo el continente y ha logrado también crear esas situaciones sangrientas de tragedia y dictadura en otros países. No ha hecho más que exportar miseria, hambre, dolor, terrorismo y sangre. Eso es lo que ha hecho Cuba.

Esto está lleno de protectores y el primer protector que debería estar aquí se llama Borrell. Por eso es un escándalo Cuba y hace falta que acabemos con ese Acuerdo indigno que, además, financia esa dictadura asesina.

Manu Pineda, *en nombre del Grupo The Left*. – Señora presidenta, qué ingenuo de mí que pensé que los que proponían o impulsaban esta Resolución estaban preocupados por la situación de los derechos humanos en Cuba. ¡Qué ingenuo soy!

Una vez más, vienen aquí a hablar de la situación de los derechos humanos en Cuba para, al final, hablar de otras cosas que no tienen nada que ver con eso, sin nombrar un bloqueo que es el culpable. Claro que el pueblo cubano está sufriendo. Claro que el pueblo cubano pasa necesidades. Después de sesenta y dos años de bloqueo criminal de Estados Unidos, con la intención clara, manifiesta y pública de generarles sufrimiento para generar también desafección al Gobierno cubano. Claro que tienen necesidades, pero si ustedes estuvieran preocupados realmente por eso, estarían pidiendo el levantamiento del bloqueo. Si ustedes estuvieran realmente preocupados por eso, estarían pidiendo que Cuba salga de esa infame lista de gobiernos patrocinadores del terrorismo en la que la incluyó Estados Unidos. Ese país que está detrás de todas las guerras que ha habido en el planeta desde el final de la Segunda Guerra Mundial.

Pero eso no les interesa a ustedes, porque a ustedes no les preocupa la situación del pueblo cubano. Si ustedes estuvieran preocupados por las necesidades que está pasando el pueblo cubano, estarían apostando por la cooperación, y las medidas que están proponiendo van en el sentido contrario. Van en el sentido de generarle más sufrimiento y más necesidades. El pueblo cubano está sufriendo, pero sabe perfectamente quién es responsable y es Estados Unidos.

Sabrina Pignedoli (NI). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, a Cuba è difficilissimo spostarsi per scarsità di carburante; la produzione di sigari e zucchero è ferma per la mancanza di energia; il sistema scolastico sta collassando e le persone hanno fame.

Sono stata recentemente a Cuba: la situazione nel paese continua a peggiorare a causa del blocco economico e dell'inclusione nella lista degli Stati che appoggiano il terrorismo. Si tratta di forme di ritorsione che ricadono soprattutto sui cittadini e questo non può avere alcuna giustificazione. Non possiamo pensare che, senza un'azione politica mirata e un sostegno economico, la situazione migliori.

L'Unione europea deve continuare a sostenere l'accordo di dialogo politico e cooperazione, chiedendo il rispetto dei diritti umani, su cui Cuba dichiara di impegnarsi. Questo Parlamento deve difendere l'esistenza di Cuba e del popolo cubano e lavorare affinché il blocco economico venga eliminato. L'Unione europea deve far sentire la sua voce per dare una svolta politica all'attuale situazione che condanna i cittadini cubani alla fame. È importante che il Parlamento europeo si pronunci al più presto contro il blocco.

Leopoldo López Gil (PPE). – Señora presidenta, ante la pasividad del Servicio Europeo de Acción Exterior, constatamos que, a pesar del tiempo transcurrido desde la entrada en vigor del Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación, la situación en términos de democracia, libertades y derechos humanos en Cuba ha empeorado.

En virtud del acuerdo se debería vigilar el respeto de los derechos humanos, pero el régimen cubano ha hecho caso omiso de esta obligación. No se deben ignorar las violaciones sistémicas contra los disidentes perpetradas por el régimen.

Denunciamos la exclusión de la sociedad civil independiente cubana en los encuentros bilaterales en el marco del Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación, así como las organizaciones de la sociedad civil europea que han sido privadas de la participación en estos encuentros por voluntad del régimen. Instamos al régimen cubano a permitir el acceso a las delegaciones europeas y organizaciones de derechos humanos para monitorear los juicios contra disidentes y visitar sus prisiones.

Hace medio siglo, el líder de la Revolución exigía que los cubanos no preguntasen qué podía hacer Cuba por ellos, sino qué podían hacer ellos por Cuba. Hoy recuerdo estas palabras que parecen olvidadas por los jerarcas del régimen. Europa no puede hacer por Cuba lo que los cubanos no pueden hacer por ellos, pero debemos acompañar a los que luchan por hacerlo.

Izaskun Bilbao Barandica (Renew). – Señora presidenta, señora comisaria, el deterioro de las libertades en Cuba persiste. La degradación de un sistema que constitucionalmente se declara inmutable alcanza macabros récords en materia de respeto de los derechos y libertades más fundamentales. La pobreza alcanza el 80 % de la población. Los disidentes son perseguidos, detenidos y encarcelados. La isla bate récords en población reclusa y el régimen gobernante, lejos de aprovechar las oportunidades que ofrece el Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación con la Unión Europea, creo que incumple sus cláusulas más elementales.

Siempre he sido partidaria de mantener ese Acuerdo contra viento y marea. Sigo pensando que es una oportunidad, pero creo que ha llegado el momento de aplicar las sanciones previstas en la legislación europea a personas como Miguel Díaz-Canel, máximo responsable del aparato represivo que persigue la disidencia.

Considero inaceptable y lamentable el veto que impidió a una delegación de este Parlamento hablar sobre el terreno con gobernantes y oposición y creo que solo la transparencia y un diálogo abierto, sincero y sin exclusiones puede restaurar la confianza que necesita el Acuerdo para sobrevivir. Lamentablemente, la actitud del Gobierno cubano no alienta ninguna esperanza.

Carlo Fidanza (ECR). – Signora Presidente, signora Commissaria, onorevoli colleghi, quest'Aula ha approvato numerose risoluzioni su Cuba, l'ultima lo scorso luglio, in occasione dei due anni dalla grande manifestazione anti-castrista dell'11 luglio 2021 e dalla pesante repressione che ne seguì.

Un fiume di parole di condanna a cui però non è seguita alcuna azione concreta della nostra diplomazia e tanto meno da parte del vicepresidente Borrell. Anzi, la posizione così debole e imbarazzata del nostro Alto rappresentante, preoccupato – come sempre – di non infastidire la parte sinistra di quest'Aula, quella che scambia ancora una brutale dittatura per l'esotico sogno rivoluzionario della loro gioventù, consente al regime comunista di continuare con gli arresti arbitrari, le torture, la repressione del dissenso a Cuba e all'estero. Intanto il virus castrista e bolivariano, col favore di Russia e Cina, continua ad infiltrarsi con successo in altri Paesi dell'America latina.

Ma le elezioni di giugno si avvicinano e in quei giorni i cittadini europei avranno finalmente la possibilità di scegliere una nuova Europa, capace di difendere libertà e democrazia a testa alta e senza tentennamenti.

Lefteris Nikolaou-Alavanos (NI). – Señora presidenta, Cuba ha sufrido el criminal bloqueo norteamericano durante sesenta y dos años, lo que ha causado miles de millones de dólares en daños y priva a su pueblo de alimentos, medicinas, combustible e impide su crecimiento económico.

Con la vergonzosa y falsa inclusión de Cuba en la lista de patrocinadores del terrorismo se golpea aún más su economía, las transacciones bancarias, el turismo. Es evidente: el prolongado bloqueo imperialista expresa hostilidad hacia la lucha de los pueblos y hacia el ejemplo de Cuba. Pretende derribar las conquistas de la Revolución cubana, la salud y la educación gratuitas, la seguridad social, los derechos laborales, que gozan de amplio apoyo popular e internacional.

La Unión Europea intenta aprovecharse del bloqueo, elabora sus propios planes, que se presentan como Resoluciones por conocidos grupos de presión del Parlamento Europeo, pidiendo sanciones y chantajes adicionales.

Nosotros afirmamos que quienes realmente se preocupan por el pueblo cubano exigen el levantamiento inmediato del bloqueo, de todas las sanciones, la retirada de Cuba de la inaceptable lista, y reconocen el derecho inalienable del pueblo cubano a seguir el camino trazado por su Revolución sin injerencias ni intervenciones extranjeras.

Francisco José Millán Mon (PPE). – Señora presidenta, seguramente este sea el último debate sobre Cuba en la presente legislatura. Mirando atrás, podemos preguntarnos si se ha producido de verdad algún avance en los últimos años.

El Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación con Cuba supuso un cambio en las relaciones jurídico-institucionales con la Unión, pero no ha conseguido mejorar la situación en la isla. Existe un deterioro muy grave de la situación económica y social. Cerca de un 88 % de las familias estaría en situación de pobreza extrema y la represión política no hace más que aumentar, como me confirmaron recientemente representantes del Observatorio Cubano de Derechos Humanos. Son ya más de mil los presos políticos en el país y el nuevo Código Penal cubano —del año pasado— tampoco ha mejorado las cosas.

El señor Borrell viajó a Cuba en mayo. El señor Gilmore lo hizo en noviembre. Sin embargo, no tenemos constancia de que se haya liberado ningún preso político desde entonces.

Hace unas semanas, eurodiputados de diferentes grupos le dirigimos al alto representante una carta, sumándonos a las iniciativas de los familiares que piden la liberación de todos los presos políticos y pasos concretos hacia el cambio democrático en el país.

La legislatura se acaba, pero la situación en Cuba no ha mejorado en los últimos seis años. No creo positivo el balance del Acuerdo. Debemos incrementar nuestra presión sobre el régimen, incluso estudiar la imposición de sanciones a los responsables de las persistentes violaciones de derechos humanos de los presos políticos.

Me habría gustado que el señor Borrell nos hubiese acompañado hoy. Lamento su indisposición. Me sorprende, por otra parte, que hasta ahora no haya tomado la palabra ningún socialista español. Creo que la preocupante situación en Cuba merece la atención de todos los españoles.

President. – I have to say that the High Representative is ill. So that's the reason why he's not here. And he's kindly represented by Commissioner Urpilainen.

José Ramón Bauzá Díaz (Renew). – Señora presidenta, dos años después de la infame invasión rusa sobre Ucrania, también tenemos que poner el foco en los aliados del Kremlin, en este caso en Cuba.

Díaz-Canel sigue los pasos de Castro y llama a jóvenes e inocentes cubanos a filas para combatir en el ejército ruso, para combatir en suelo europeo. Así que a quienes no puede matar de hambre dentro, los mata en la guerra fuera. Pero la similitud entre Rusia y Cuba es sólida. Hace una semana fue Navalni, pero, hace doce años, los Castro asesinaron a Oswaldo Payá y a Harold Cepero.

¿Cuántos defensores de la libertad tienen que ser asesinados para darnos cuenta? ¿Quién va a ser el próximo de los 1 066 presos políticos del régimen cubano? ¿Mi buen amigo José Daniel Ferrer? Es una pena que el señor Borrell no esté aquí, pues es el único que puede entrar en la isla y llevar el mensaje de este Parlamento, al que el régimen ha vetado la entrada. No puede haber acuerdo con criminales. No puede haber acuerdo con dictadores. Pongamos fin al acuerdo político.

El Parlamento Europeo está con los cubanos, con los que orgullosamente defienden la causa de la libertad y la democracia. Es con estos cubanos con quienes está y, sobre todo, con quienes realmente siempre debe estar este Parlamento.

Dita Charanzová, en nombre del Grupo Renew. – Señora presidenta, señora comisaria, más de mil presos políticos, violencia social, un 88 % de las familias viviendo en la extrema pobreza, miles de médicos y profesionales cubanos trabajando forzosamente en el exterior, la violación sistemática e impune de los derechos humanos: eso es la Cuba de hoy.

Seis años después de la entrada en vigor del Acuerdo entre la Unión Europea y Cuba, cuyo punto clave era la mejora de los derechos humanos en la isla, Europa no puede seguir con los ojos cerrados. Tenemos que actuar: suspender el actual Acuerdo y empezar una nueva política hacia la isla basada en el apoyo a la sociedad civil y el respeto a los derechos humanos.

Quiero enviar mi mensaje de apoyo a los cubanos que luchan por mejorar el futuro de su país. No estáis solos. Os vamos a apoyar hasta que Cuba sea un país democrático.

Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot

Mónica Silvana González (S&D). – Señora presidenta, debemos aprovechar esta Resolución para presionar a la Comisión a fin de que materialice los compromisos asumidos por el señor Borrell el pasado año —y, anteriormente, por la señora Mogherini— con más cooperación técnica para acelerar el proceso de recuperación económica en la isla, corregir distorsiones e incentivar la producción mediante la creación de pequeñas y medianas empresas, cuyo desarrollo será uno de los elementos dinamizadores para la economía cubana.

La estrategia Global Gateway está muy bien, pero necesita solucionar la pasarela de pago para poder desarrollarse, porque el bloqueo en Cuba no permite hacer inversiones a las empresas. Exploremos nuevas vías para extender esta cooperación a ámbitos como la resiliencia, las catástrofes naturales o los insumos en biotecnología para la lucha contra futuras pandemias.

El Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación es la expresión de nuestra política con Cuba, basado en un diálogo crítico pero constructivo. Ha sido clave en esta construcción de un clima favorable en estos seis años, dejando atrás una posición común y el alineamiento con los Estados Unidos.

Utilicemos este Parlamento para aportar vías de soluciones de estricto cumplimiento... *(la presidenta retira la palabra a la oradora).*

Ana Miranda (Verts/ALE). – Señora presidenta, como dijo José Martí: «La libertad de un pueblo nace de su capacidad para forjar su propio destino». ¿Cómo se puede afirmar aquí que en Cuba no hay bloqueo? Solo hay que ver la Resolución de las Naciones Unidas de noviembre de 2023, con 187 votos a favor.

Es decir, algunas personas de este Parlamento vienen tranquilamente aquí a plantear su debate, pero por detrás están fomentando otro tipo de intereses, que son intereses financieros y comerciales, y también atacando a países soberanos. A algunos de los eurodiputados que hablan de eso: ¿no se dan cuenta de que hay 187 países que han votado a favor de esa Resolución contra el bloqueo y solo dos en contra? ¿Y saben ustedes cuáles son? ¡Estados Unidos e Israel! ¡Qué casualidad! En estos momentos en que tenemos todo un problema en Gaza y todo lo que está pasando en Oriente Próximo, son ellos justamente los que están en contra del bloqueo.

¿Saben qué hacen los médicos cubanos? Se tienen que ir, pero ¿saben por qué? Por culpa del bloqueo. Por cierto, son los mejores del mundo.

Por supuesto, todo el apoyo al Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación entre la Unión Europea y Cuba, porque Cuba es muy cuestionada por los sucesores de Aznar, por los que fomentan el Foro de... *(la presidenta retira la palabra a la oradora).*

Sandra Pereira (The Left). – Senhora Presidente, não vamos falar sobre o conteúdo desta vergonhosa iniciativa, instigada por forças e deputados que promovem a mais descarada ingerência contra Cuba, desrespeitando e atacando a soberania e os direitos do povo cubano.

Como afirma, Cuba está desde sempre disposta a encetar um diálogo franco e aberto com este Parlamento e com outras Instituições da União Europeia, sempre e quando este diálogo se baseie no respeito pelas autoridades nacionais cubanas e a soberania do povo cubano, nada que um qualquer país que integre a União Europeia não exija igualmente.

Queremos falar sobre o exemplo de resistência, de dignidade, de coragem do povo cubano, que enfrenta uma situação exigente e complexa, inseparável de seis décadas de imposição de um cruel, criminoso e ilegal bloqueio económico, financeiro e comercial por parte dos Estados Unidos da América, com uma dimensão extraterritorial a que se soma a inclusão de Cuba na ilegítima e hipócrita lista dos Estados Unidos da América de países patrocinadores do terrorismo.

Daqui reiteramos a nossa solidariedade com o povo cubano e exigimos o respeito pela soberania e independência de Cuba, pelo direito do seu povo a decidir soberanamente o seu caminho livre de ingerências externas.

Mick Wallace (The Left). – Madam President, the US and their allies imposed unilateral sanctions to punish the people for supporting their government, to strangle the country until the people see no other option but to abandon their belief that independence is possible, so that they come to the realisation that, in a world dominated by financial capital, democracy means one thing: the exposure of your country, its people and its resources to the exploitation of the predatory global capitalist regime.

These totalitarian coercive measures decimate development and undermine the basic human rights of entire populations. The right-wing forces besieging the country then blame the results on the government under attack. For 62 years, this has been the formula for Cuba.

US sanctions amount to crimes against humanity: whether it's genocide in Gaza , killing hundreds of thousands of the weakest in societies through regime change or sanctions in Venezuela, Iran, Syria, North Korea, Zimbabwe, Yemen or Cuba, the totalitarian US regime and their puppets spread terror and call it democracy promotion.

Clare Daly (The Left). – Madam President, of course, the situation in Cuba is critical. The economic, commercial and financial blockade imposed on Cuba by the United State for over 60 years violates the rights of all Cubans.

An estimated 500 000 people emigrated in 2022 and 2023. The important tourism sector hasn't recovered. The serious shortage of fuel has disturbed the distribution of food and caused hunger. The energy crisis has led to daily periods of mandatory power cuts, all orchestrated by US actions. It is a real bloodletting and the extraterritorial sanctions imposed by the US on European companies and citizens dealing with Cuba are being implemented in complete illegality.

If the EU cares about rule of law, you should be demanding a lifting of the blockade, not trying to interfere with Cuba's sovereign decision making in terms of matters of foreign affairs. Cuba has withstood an assault for 60 years. It holds the solidarity of people all over the world and they will prevail.

(Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot päättyvät)

Jutta Urpilainen, *Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy.* – Madam President, honourable Members, thank you for this – I would say – enriching discussion where we have heard very differing, even opposing views. And I have to say that we take note of your various positions and also concerns.

Allow me to reiterate that in the current context of a dire economic and social crisis in Cuba and amid the global geopolitical instability, the EU's constructive but critical engagement with Cuba remains the best option to promote our values and to achieve our objectives.

Under the Political Dialogue and Cooperation Agreement, and based on the EU's values, we have the opportunity and must continue to deepen our open and frank discussions with Cuba to address human rights issues, support economic and social and political reforms, closer cooperation on global issues and better prospects for all. So, I thank you for this very interesting discussion.

Puhemies. – Olen vastaanottanut keskustelun päätteeksi neljä päätöslauselmaesitystä.

Keskustelu on päättynyt.

Äänestys toimitetaan torstaina 29.2.2024.

19. A situação atual no Leste da República Democrática do Congo (debate)

Puhemies. – Esityslistalla on seuraavana komission varapuheenjohtajan / unionin ulkoasioiden ja turvallisuuspolitiikan korkean edustajan julkilausuma – Kongon demokraattisen tasavallan itäosan tämänhetkinen tilanne (2024/2585(RSP)).

Jutta Urpilainen, *Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy.* – Madam President, honourable Members of the European Parliament, the EU is appalled by the increased military build-up and spike of violence in the eastern provinces of the Democratic Republic of the Congo and the tragic consequences the population is once again forced to endure.

This intensification of violence has created new waves of mass displacement and has further deteriorated the already worrying humanitarian situation. Serious violations of human rights and international humanitarian law multiply within a context of complete impunity.

The European Union has stepped up its humanitarian response, has made EUR 100 million available for 2023. But many of the most vulnerable still do not receive the support they need due to the gravity of the crisis and overwhelming needs.

I was in Angola last week and discussed with the Vice-President and several ministers the latest tensions between DRC and Rwanda. I have firmly reiterated our support to the Luanda and Nairobi processes. Following the signature of the Critical Raw Materials MOU with Rwanda last week and my discussions in Luanda, I will engage with the President of DRC later this week in Brussels.

We associate ourselves with the statement of the African Union Commission Chairperson of 21 February. There is no military solution to this crisis. Only an inclusive political dialogue that can address the root causes of insecurity and instability, the comprehensive implementation of the decisions taken within the frame of the Luanda and Nairobi processes and the respect of the sovereignty, unity and territorial integrity of all the countries in the region, can break the cycle of violence and impunity once and for all.

The EU reaffirms its strong support to the Luanda and Nairobi processes and calls for their quick relaunch. Existing roadmaps must be implemented. Existing verification mechanisms must be reactivated. The EU reiterates its condemnation of the actions by all armed groups that operate in eastern DRC. Those groups must cease hostilities, withdraw from the areas they occupy, lay down their weapons and be integrated in a disarmament, demobilisation and reintegration process.

All states in the region must cease any support, direct or indirect, to those armed groups. Rwanda must immediately withdraw its troops from DRC, cease all support to M23 and use all the means at its disposal to pressure this group to stop, withdraw and disarm.

Similarly, the DRC must cease any support and cooperation with the Democratic Forces for the Liberation of Rwanda and other armed groups, and ensure its population is protected from harm. DRC authorities must ensure that the instructions it issued to its armed forces last November with regard to the FDLR be fast implemented.

A final word to reiterate once again and in absolute terms our condemnation of hate speech and xenophobia, as well as ethnic-based narratives and politics. According to some experts, the level of hate speech and ethnic violence reminds the worst pages of history in this region, where we are about to commemorate the 30th anniversary of the genocide against the Tutsi. More than ever, we urge all political and civil society actors, including at the highest level, to refrain from such narratives and to intensify efforts against this.

Jiří Pospíšil, *za skupinu PPE.* – Paní předsedající, děkuji paní komisařce za prohlášení Komise, které zde bylo učiněno k situaci v Demokratické republice Kongo. Lze s tím jen souhlasit. Myslím si, že pozice Evropské unie musí být jasná a musí být silná a ta pozice zde byla jasně vyjádřena.

Tato část Afriky, která trpí velkou politickou nestabilitou a hrozí tam velmi často možný konflikt, ať už na úrovni občanské války v některé ze zemí tohoto regionu nebo mezi zeměmi. My musíme tlačit na klíčové hráče této oblasti, aby se spory řešily dialogem. O tom celá ta debata je a já chci poděkovat Komisi, že Komise a její členové aktivně jednají s klíčovými politickými představiteli tohoto regionu a k tomuto je nabádají.

Je dobře, že poskytujeme humanitární pomoc těm nejzranitelnějším. Bavíme se tady o humanitární pomoci poskytnuté obyvatelům Demokratické republiky Kongo. Je to jednoznačně důležité a potřebné, ale vedle toho musíme vyvíjet mimořádný politický tlak na klíčové hráče, aby napětí, které v regionu je, nepřerostlo v další válečný konflikt. Je třeba tlačit na Rwandu, aby její jednotky opustily Demokratickou republiku Kongo. Je třeba si připomínat, jaká tragédie, genocida před několika lety postihla Tutsie ve Rwandě. Je třeba upozorňovat na to, že k etnickému násilí má bohužel tento region velmi blízko.

Takže děkuji za tuto zprávu a prosím Komisi, aby ve své činnosti pokračovala, aby pokračoval inkluzivní dialog, který jediný může vést k tomu, že se nám snad podaří zlepšit životní podmínky zranitelných civilistů. My jako jednoznačná autorita, která poskytuje velkou humanitární pomoc, máme morální integritu a nárok po našich partnerech toto vyžadovat.

Hannes Heide, *im Namen der S&D-Fraktion*. – Frau Präsidentin, Frau Kommissarin! Kein Frieden im Osten der Demokratischen Republik Kongo: 150 000 Menschen wurden alleine in den vergangenen zwei Wochen vertrieben, bereits vorher hat die Provinzhauptstadt Goma eine halbe Million Binnenflüchtlinge aus den Kampfgebieten um Sake aufgenommen. Die Versorgungslage ist katastrophal, die Geflüchteten leben unter unmenschlichen Bedingungen ohne ausreichende Nahrung und medizinische Versorgung.

Das bedrohliche Machtvakuum durch den Rücktritt von Premierminister Lukonde spielt den M23-Rebellen in die Hände, die bereits bis kurz vor Goma vorgerückt sind. Ruanda bestreitet Finanzierung, Ausbildung und Ausrüstung der Miliz. Diese Vorwürfe, die die UNO erhebt, sind allerdings nicht von der Hand zu weisen. Der Großteil des Goldes, das als wichtigste Devisenquelle Ruandas dient, kommt aus dem Ostkongo. Die Vereinbarung zu kritischen Rohstoffen mit Ruanda ist die erste Vereinbarung dieser Art zwischen der EIB als der weltweit größten supranationalen Bank und einem afrikanischen Partner. Zuvor hatte die Europäische Kommission bereits eine Vereinbarung mit der Demokratischen Republik Kongo geschlossen. Das alles ist aber kein Freibrief für Menschenrechtsverletzungen, die aufgeklärt und gegebenenfalls sanktioniert werden müssen.

Hilde Vautmans, *au nom du groupe Renew*. – Madame la Présidente, chers collègues, nous tenons à dénoncer une fois de plus cette guerre barbare qui affecte la population de l'Est de la RDC. Effectivement, depuis 1996 plusieurs guerres ont causé près de 10 millions de morts, plus de 7 millions de déplacés, sans parler des femmes et des enfants violés. Il est évident que des voix commencent à se lever. Ainsi, la Belgique, la France et les États-Unis ont demandé au Rwanda de retirer son armée du Congo et de cesser tout soutien aux rebelles.

Mais que fait l'Europe? L'Europe vient de signer un protocole sur des matières premières stratégiques avec le Rwanda qui est le receleur dont l'armée tue et pille chez son voisin, sans parler des violations des droits de l'homme, sans préconiser l'arrêt de la violence. Chers collègues, combien de victimes et de douleur faut-il encore pour réveiller l'Europe face à cette brutalité? Nous devons appuyer les processus de paix, au lieu de jeter de l'huile sur le feu. Il est encore temps de mettre l'Europe du bon côté de l'histoire!

Pierrette Herzberger-Fofana, *au nom du groupe Verts/ALE*. – Madame la Présidente, le regain de violence dans l'est de la République démocratique du Congo risque de déstabiliser toute la région des Grands Lacs, mais aussi celle des pays de la SADC. Malgré les efforts de médiation, le dialogue entre la RDC et le Rwanda visant à relancer le processus de paix piétine. Les belligérants restent sur leur position et s'obstinent à refuser de négocier. Ils semblent ne pas vouloir se conformer au droit international humanitaire et aux droits humains. Les hostilités se poursuivent entre les armées congolaises et les membres rebelles du M23. Elles ont provoqué la fuite de centaines de civils et aggravé la situation des populations vulnérables.

Les conflits et l'insécurité ont des conséquences désastreuses. Les discours de haine et de xénophobie nous remettent en mémoire les tragédies qui ont eu lieu dans cette région. Une diplomatie humanitaire est essentielle pour garantir la protection des civils et leur accès aux services vitaux. Nous n'avons pas le droit de fermer les yeux face à un tel drame. L'Union européenne ne doit pas oublier cette crise, qui risque d'enflammer toute une région et d'allumer un nouveau front de conflit.

Ryszard Czarnecki, *w imieniu grupy ECR*. – Pani Przewodnicząca, Pani Komisarz! Przewodnicząca z Finlandii, komisarz z Finlandii! Przepraszam, nie jestem z Finlandii, ale na końcu powiem „kiitos”. Myślę, że to ważna debata, ponieważ mówimy o państwie, które jest na drugim, trzecim miejscu, gdy chodzi o terytorium, gdy chodzi o ludność w Afryce. To państwo kluczowe dla tego kontynentu i jednocześnie państwo, które – trzeba powiedzieć – jest państwem, które ma bardzo trudną drogę do demokracji, państwem skonfliktowanym z niektórymi ze swoich sąsiadów. Ostatnio pani komisarz była w Angoli, ja również, na Zgromadzeniu Parlamentarnym Unia Europejska – AKP. No i akurat prezydent Angoli jest tym politykiem, który jest wiarygodny w negocjacjach między, właśnie, Rwandą i Kongiem. Myślę, że drogą negocjacji trzeba pójść.

Thierry Mariani, *au nom du groupe ID*. – Madame la Présidente, l'écœurement est le sentiment qui domine en République démocratique du Congo et dans de nombreux pays africains devant la politique «deux poids, deux mesures» de l'Union européenne. S'il faut se réjouir que nous débattions enfin de la situation à l'Est de la RDC, je ne peux pas oublier que nous le faisons après que la Commission européenne a annoncé il y a quelques jours la signature d'un partenariat honteux avec le Rwanda sur les matières premières.

En effet, d'où viennent les matières premières qui transitent par le Rwanda? De l'est du Congo, où ces ressources sont pillées, livrées à des mafias toutes plus sanguinaires les unes que les autres. Quand il s'agit de s'acoquiner avec Kagame, tous les grands principes de l'Union européenne cèdent. Kagame viole militairement la souveraineté de la RDC sans aucune sanction européenne. Alors que la milice M23 a perturbé les élections congolaises, c'est le gouvernement de Kinshasa qui recevait principalement les critiques de l'Union européenne.

Pire, au même moment, alors que le peuple congolais se battait pour que les élections se déroulent, que faisait M^{me} von der Leyen? Elle inaugurait une usine de vaccins BioNtech au Rwanda le 18 décembre, soit deux jours avant le scrutin en RDC. La Commission européenne était donc bras dessus, bras dessous avec le président rwandais dont l'ONU dénonce le soutien à sa milice et à sa milice criminelle. Cela a été évidemment ressenti comme une provocation méprisante par nos amis congolais. Alors qu'attendons-nous pour condamner le vrai responsable? Qu'attendons-nous pour condamner le Rwanda? Qu'attendons-nous pour sanctionner Paul Kagame?

Marc Botenga, *au nom du groupe The Left*. – Madame la Commissaire, les masques tombent! À l'est de la République démocratique du Congo, nous parlons d'années de guerre, de millions de morts, d'innombrables réfugiés et de crimes de guerre indicibles. Et les Nations unies et vous-même avez pointé la responsabilité du gouvernement rwandais et de l'armée rwandaise qui soutient les rebelles du M23 et qui intervient directement avec des missiles en République démocratique du Congo.

Mais dans ce contexte d'agression contre un pays souverain, que fait l'Europe? Est-ce qu'elle va défendre bec et ongles, cœur et âme, la souveraineté congolaise, comme elle le fait pour l'Ukraine? Eh bien non! Deux poids, deux mesures. D'abord, elle a offert l'année passée, rappelez-vous, 20 millions d'euros aux forces rwandaises. Récemment, la Pologne a été promettre tout le soutien et toute l'aide militaire possible au Rwanda. Et maintenant, vous, vous signez un accord avec le Rwanda sur les matières premières, sur les ressources congolaises. Parce que oui, il s'agit de cela: ici, on est en train, en fait, de remercier et de récompenser le Rwanda pour son agression.

Comment est-ce possible? Est-ce que le but de l'Europe n'était pas de défendre la paix, les droits humains? Non, clairement pas au Congo. Là, apparemment, vous voulez les ressources. Le Congo détient entre 60 et 80 % du coltan, essentiel pour les technologies modernes, et cette guerre permet de piller facilement ces ressources. Un rapport d'une ONG indique que jusqu'à 90 % des minerais stratégiques exportés par le Rwanda trouvaient leur origine en République démocratique du Congo. Madame la Commissaire, les Congolais n'en peuvent plus de votre approche néocoloniale au service des multinationales européennes. Alors, s'il vous plaît, écoutez-les et déchirez cet accord!

Hervé Juvin (NI). – Madame la Présidente, Monsieur le Commissaire, chers collègues, ne nous racontons pas d'histoire. Le pillage des ressources naturelles du Congo RDC représente probablement dix fois l'aide internationale et humanitaire à ce pays déchiré. Ne nous racontons pas d'histoire: pas plus qu'aucun groupe terroriste, aucun groupe armé, ne peut subsister longtemps si un État ne lui fournit pas du ravitaillement, des lieux d'entraînement et des lieux pour se réarmer.

Il est facile de dénoncer des responsables, mais très clairement, les multinationales et les entreprises occidentales qui se fournissent à bas prix, sans tenir aucun compte des conditions de travail et des conditions inhumaines de captation des ressources naturelles au Congo, doivent être privées de leur source d'alimentation. Nous le savons bien, certains pays voisins du Congo qui ne disposent pas de ces ressources sur leur territoire sont parmi les premiers exportateurs mondiaux. Ne nous trompons pas de cible! Les multinationales occidentales qui pillent le Congo doivent être les premières responsables d'une situation qu'elles entretiennent.

Laura Ballarín Cereza (S&D). – Señora presidenta, en primer lugar, como jefa de Delegación de la Misión de Observación Electoral de este Parlamento en la República Democrática del Congo, lamento que no se dieran las circunstancias para llevarla a cabo el pasado diciembre. Una oportunidad perdida para recuperar la frágil confianza de los congoleños en sus instituciones.

La República Democrática del Congo tiene más de dos millones y medio de personas desplazadas y millares han sido asesinadas por el conflicto entre el grupo rebelde M23 y las fuerzas del Estado en el este del país, una zona rica en recursos naturales que lleva décadas sufriendo violencia intensa. Ante esta situación, la Unión Europea debe adoptar un papel positivo y coherente en tres aspectos. Uno, reforzar la gobernanza regional y de seguridad humana y apoyar plenamente los procesos de Luanda y Nairobi. Dos, desarrollar una agenda positiva de comercio e inversión. Nuestras cadenas de valor han de ser limpias y justas y nuestros acuerdos para obtener materias primas críticas, como es el caso del acuerdo con Ruanda, no pueden alimentar su desestabilización. Tres, impulsar la cooperación transfronteriza entre los cuatro Estados de los Grandes Lagos para estimular el desarrollo económico y proteger el medio ambiente.

President. – I need to say that that was an excellent speech, but you speak very fast.

Max Orville (Renew). – Madame la Présidente, Madame la Commissaire, le conflit au Nord-Kivu au Congo est particulièrement préoccupant. Cette situation heurte nos idéaux européens et nous avons le devoir de proposer une médiation. Cependant, nous sommes considérés par l'un des belligérants comme partisan. En conséquence, je suggère que l'Union européenne, l'Union africaine et la Communauté économique d'Afrique centrale unissent leurs efforts pour ramener autour de la table toutes les parties prenantes.

Ensemble, nous devons initier une conférence pour la paix et la réconciliation qui se réunirait dans un pays africain, l'objectif étant de trouver les chemins de la paix. L'Assemblée parlementaire Union européenne-Afrique, qui s'est tenue la semaine dernière à Luanda, en Ouganda, nous a montré la voie. Nous pouvons, je le crois, par le dialogue, la transparence et la confiance, trouver des solutions pour une paix durable dans la région.

François Thiollet (Verts/ALE). – Madame la Présidente, Madame la Commissaire, toutes les nuits, c'est la psychose. On ne sait pas si on va se réveiller dans les mains du M23. Les rebelles sont à 27 kilomètres de Goma, les bombes explosent à dix kilomètres. C'est le témoignage que j'ai reçu hier en direct d'une résidente de Goma, capitale du Nord-Kivu, qui craint pour sa sécurité et celle des siens dans l'est de la RDC. Plus de 135 000 réfugiés ont fui les massacres, les viols perpétrés par les groupes armés dans les villages du Kivu, et ils s'entassent à la périphérie de la ville. Le mouvement M23 est soutenu par le Rwanda. Le Rwanda est soutenu financièrement par l'Union européenne, qui lui a versé 20 millions d'euros via le mécanisme de Facilité européenne pour la paix en 2022. Ce conflit pour les ressources dure depuis 30 ans. Il a fait près de 6 millions de morts et au moins autant de déplacés.

Pourtant, en pleine connaissance de la situation catastrophique, vous signez au nom de l'Union un protocole d'accord avec le Rwanda sur les matières premières, notamment du coltan, que le Rwanda exporte au-delà de ses capacités de production, du coltan qui vient du Kivu. M. Borrell affirmait la semaine dernière que l'Union ne prenait pas parti. C'est faux! L'Union prend le parti de ses intérêts. L'Union prend le parti de l'aveuglement. Nous demandons à ce que le protocole d'accord avec le Rwanda soit immédiatement suspendu. Nous demandons à l'Union de prendre le parti de la paix.

Anna Bonfrisco (ID). – Signora Presidente, signora Commissaria, onorevoli colleghi, il dibattito sul Congo di oggi avviene a pochi giorni dal terzo anniversario dell'agguato mortale all'ambasciatore italiano, Luca Attanasio, del carabiniere scelto, Vittorio Iacovacci, e dell'autista del Programma alimentare mondiale, Mustafa Milambo, uccisi in un agguato in Congo il 22 febbraio del 2021.

In quelle terre ricche di biodiversità e di materie prime come poche al mondo, anche decine di milioni di congolesi, sfollati e ridotti alla fame, stavano svolgendo un compito semplice e difficile allo stesso tempo: alleviare le sofferenze e portare aiuto, speranza di sopravvivere alla guerra, alle violenze per un domani migliore.

Da qui discende il nostro dovere di perseguire verità e giustizia per Attanasio, Iacovacci e Milambo e tutti coloro che si sono battuti in quel Paese per i loro diritti umani. A maggior ragione dobbiamo chiedere e garantire più sicurezza alle organizzazioni internazionali e per i servitori dello Stato caduti nell'adempimento della propria missione.

Firmare un accordo col Ruanda che alimenta quelle tensioni e alimenta quelle violenze è come se l'ambasciatore Attanasio morisse due volte: l'Unione europea ci ripensi e stia dalla parte dei diritti umani.

Maxette Pirbakas (NI). – Monsieur le Commissaire, Madame la Présidente, chers collègues, l'est de la République démocratique du Congo est en guerre sans discontinuer depuis 1998: de 1998 à 2003, contre des puissances étatiques et depuis 2004, contre des groupes armés qui font office d'intermédiaires (*proxies*). Le bilan de ces 25 années de conflit est terrible: 10 à 12 millions de morts, 7 millions de déplacés, mais aucune couverture médiatique et encore moins d'indignation morale de la communauté internationale.

Tout le monde s'en fout! Le monde regarde ailleurs. La République démocratique du Congo est abandonnée à son sort. Pourtant, nous savons qui est l'agresseur. C'est le Rwanda qui soutient activement, voire encourage des groupes armés. Nous savons aussi pourquoi. Il s'agit de s'appropriier les richesses minières du Congo, qui sont ensuite commercialisées et se retrouvent dans nos appareils électroniques, comme les portables.

Mes chers collègues, dans la mesure où les responsabilités des uns et des autres sont bien établies, pourquoi n'agissons-nous pas? Pourquoi n'agissons-nous pas à l'égard du Rwanda depuis 2014 comme nous le faisons à l'égard de la Russie? Pourquoi n'adoptons-nous pas à minima un train de sanctions vis-à-vis des responsables de cette guerre? Notre lâcheté doit cesser. Je vous remercie et je compte sur vous, Monsieur le Commissaire, Madame la Présidente et chers collègues.

Carlos Zorrinho (S&D). – Senhora Presidente, Senhora Comissária, a situação no Leste da República Democrática do Congo configura um quadro de conflito múltiplo de enorme complexidade inter-regional, agravado pela ocorrência de chuvas excessivas e inundações.

Mais de 6 milhões de pessoas estão deslocadas no país, 80 % das quais se viram forçadas ao deslocamento pela guerra e pela insegurança. Na região Leste a situação agrava-se, milhões de vidas estão em risco, em particular de mulheres, raparigas e crianças.

A abundância de recursos naturais, em vez de proporcionar riqueza e desenvolvimento sustentável, tem atraído poderosos interesses locais, regionais e globais que se digladiam pela captura e controlo desses recursos.

Com a retirada em curso da missão das Nações Unidas em Monusco, e com as dificuldades que tem enfrentado a missão da Comunidade de Países da África Austral – eu sei bem, Senhora Comissária, o trabalho que fez para que Angola reforce esta missão –, e designadamente pela presença no terreno de grupos e movimentos armados, em particular do M23, é fundamental que as autoridades nacionais e a comunidade internacional se articulem de forma a travar as múltiplas ingerências que alimentam o conflito.

No imediato, como relator permanente do Parlamento Europeu para a Ajuda Humanitária, apelo ao reforço dos corredores humanitários e o apoio às organizações que, no terreno, procuram responder à enorme catástrofe humanitária que assola a região.

Salima Yenbou (Renew). – Madame la Présidente, Madame la Commissaire, silence, on tuel! Dans un silence médiatique consternant, la région des Grands Lacs à l'est du Congo a déjà subi l'une des plus grandes tragédies de notre monde moderne avec 10 millions de morts et plus de 7 millions de déplacés. Aujourd'hui, le mouvement du 23 mars use des pires armes de guerre: famine, viols, destruction des systèmes de santé et discours de haine. Le M23 intensifie ses attaques en février avec la prise de Shasha, laissant 6,7 millions de personnes prises au piège dans des conditions de vie inhumaines. C'est désormais autour de Goma d'être menacée.

Nous devons accorder un soutien massif aux initiatives diplomatiques via les processus de Luanda et de Nairobi, pour qu'enfin, le M23 cesse les combats et se retire de toutes les zones qu'il occupe, pour que le Rwanda cesse son soutien au M23 et se retire du territoire congolais, pour que les forces armées de la RDC cessent toute collaboration avec les FDLR. L'Europe doit agir rapidement, avec force et détermination, pour faire revenir la paix et la sécurité en RDC. Nous le devons au peuple congolais!

Miroslav Radačovský (NI). – Pani predsedajúca, Európska únia horí protestmi poľnohospodárov proti nezmyselným opatreniam Európskej komisie a my sa toho týždňa v Štrasburgu bavíme o problémoch v Kongu, v Sýrii, na Kube, Ukrajine, Rusku, v pásme Gazy, Arménsku, Azerbajdžansku, Čile, a možno že ešte budeme aj riešiť problémy tučniakov na Madagaskare.

So všetkou úctou k ľudu Konga, situácia v Kongu je výsledkom politiky Spojených štátov amerických a Belgicka. Belgicko kolonizovalo Kongo, drancovalo ho. Leopold II vyvraždil milión Konžanov a v Bruseli a v Ostende si stavali paláce. Prvý demokraticky zvolený premiér Patrice Lumumba bol zavraždený pomocou CIA a bol tam dosadený Mobutu, ktorý si dal šialené meno: Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu wa za Banga. To nevymyslí normálny človek. Problém Konga je problém parlamentu Belgicka a Kongresu Spojených štátov amerických. Východná Európa a Slovensko s tým nemá nič spoločné.

Venujme sa problémom, ktoré máme v Európskej únii, a potom sa zaujímajme o celý svet.

Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot

Maria Arena (S&D). – Madame la Présidente, pour expliquer la crise qui, malheureusement, perdure en République démocratique du Congo, et particulièrement à l'est, il faut parler de deux éléments importants. Le premier, et on l'a dit, c'est le fait que cette région regorge de métaux dits «stratégiques», nécessaires à la fabrication de tous nos appareils connectés. Un deuxième élément qu'on n'a pas beaucoup mentionné, c'est le déficit de gouvernance de la République démocratique du Congo. Ce déficit, par ailleurs, explique aussi en grande partie le soutien du Rwanda au M23, qui voit la possibilité d'occuper le terrain en République démocratique du Congo.

Dans ce contexte, la signature entre l'Union européenne et le Rwanda du protocole d'accord est vraiment problématique. Demander au Rwanda de garantir l'approvisionnement durable des ressources alors qu'il organise lui-même le pillage en RDC en soutenant un groupe qui est à l'origine des plus grosses violations des droits humains dans la région est totalement inacceptable. Alors que faut-il faire? Premièrement, je pense qu'il est important de mobiliser une aide humanitaire urgente pour les populations aujourd'hui qui souffrent. Mais il est aussi important de construire un partenariat avec le Rwanda et la RDC basé sur la stabilité et le développement de la région. Enfin, les accords que nous faisons avec ces pays doivent mettre au cœur de nos accords et de nos engagements la question des droits humains.

Malte Gallée (Verts/ALE). – Madam President, it is quite exactly ten years ago that I was travelling through Tanzania, through Uganda and through Rwanda and I really wanted to go and see eastern Congo because I was always so interested – where are all our resources coming from that we are using on a daily basis in all our technical devices? But I was unable to cross the border to eastern Congo because the M23 just emerged.

And over the years, so many people always ask, 'Yeah, but why should we care from Europe what is happening in eastern Congo?' And we have the historical duty to care about these people over there and we have to make sure that the geopolitical interests are solved – right now.

It cannot be that coltan is transported from the DRC to Rwanda and then exported to the European Union. We need clear supply chain transparency and make sure that each and every one in DRC, Congo, is profiting from the richness of the country.

SĒDI VADA: ROBERTS ZĪLE

Priekšsēdētājas vietnieks

Mick Wallace (The Left). – Mr President, resources are a source of wealth and trouble. Amnesty International has published a damning report denouncing shocking human rights abuses in Congo arising from the industrial mining of cobalt and copper for rechargeable batteries. These include the forced eviction of entire communities, as well as sexual assault, arson and beatings.

Decarbonising the global economy should not come at the expense of the Global South. The transition towards renewable energy cannot be based on the same practices of dispossession and exploitation that currently prevail.

In Western Sahara, Morocco's renewable energy projects are also used to greenwash human rights abuses. This infrastructure serves to further entrench Morocco in occupation with the obvious complication of foreign capital, complicity of foreign capital and the shameful approval of the EU.

The EU allocates millions of euros in subsidies and aid to Morocco and to a multitude of European companies that invest in Western Sahara. This makes the EU a financier and accomplice to an illegal occupation. The EU is blatantly ignoring international law in Western Sahara.

Clare Daly (The Left). – Mr President, a humanitarian disaster is underway in the Democratic Republic of Congo, with the worsening security situation and a military build-up all away from the media spotlight – it's barbarism. How many tragedies do we need to ignore?

The International Committee of the Red Cross says the DRC has one of the highest numbers of forcibly displaced people in the world. The UN says that the DRC set a new record for the number of children killed, mutilated, abducted and raped last year for the third year running.

Insecurity is fuelled by a web of geopolitics and rivalries, but critically, the struggle for the country's abundant natural resources – a struggle, we know, which is led and enabled and bolstered by the EU support for Rwanda.

We know that their grubby paws are devouring the DRC spoils, all to bolster the coffers of European multinationals. It's about time the EU started shedding its old colonial mantle, demanding the upholding of international law and leave Africa for the Africans.

(End of catch-the-eye procedure)

Jutta Urpilainen, Member of the Commission, on behalf of the Vice-President of the Commission/High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Mr President, honourable Members, I think the debate today actually illustrates the complexity of the conflict in eastern DRC and the situation in the broader Great Lakes. It equally illustrates the importance of addressing the root causes of this conflict, such as the trafficking of natural resources, which indeed feeds more governance and the armed groups themselves.

So regarding this MOU on critical raw materials with Rwanda, one of the main objectives of the MOU on critical raw materials is to support the sustainable and responsible sourcing, production and processing of raw materials and the goal is to increase traceability and transparency and to reinforce the fight against illegal trafficking of minerals. And it's good to remember that this follows the partnership on Critical Raw Materials with DRC in October. So we have signed the MOU both with DRC and with Rwanda on critical raw materials.

So these efforts, which we sustain also with our support to the International Conference on the Great Lakes Region and our own provision on conflict minerals and due diligence, among others, are in the interest of all the countries and populations in the region.

In line with its renewed strategy for the Great Lakes region, the EU will continue to contribute to help end the conflict and promote peace, democracy and sustainable development by contributing to the transformation of the key root causes of insecurity and instability into shared opportunities for unlocking the region's full potential.

I thank you for the discussion and very much looking forward to working very closely with Parliament in order to end this horrible conflict.

Sēdes vadītājs. – Debates ir slēgtas.

20. Aumento das desigualdades no mundo (debate)

Sēdes vadītājs. – Nākamais darba kārtības punkts ir debates par Komisijas paziņojumu par pasaulē augošo nevienlīdzību (2024/2583(RSP)).

Jutta Urpilainen, Member of the Commission. – Mr President, honourable Members, global inequality is rising. According to Oxfam's latest report, since 2020 the world's five richest men have doubled their wealth. At the same time, nearly 5 billion people have become poorer. Just 10% of countries are on track to meet SDG 10 on tackling inequalities, and no country met SDG 5 on gender equality.

From the pandemic to conflicts to climate change, multiple crises have reversed the hard-won progress of the last decade. As the Commissioner for International Partnerships reducing global inequalities is my top goal. It is an issue impacting every aspect of sustainable development. Therefore, the EU has embarked on a multidimensional response.

First, we launched the Global Gateway investment strategy. Global Gateway is the EU's EUR 300 billion contribution to achieving the 2030 agenda and reducing inequalities – and as the first SDG Voluntary Review on external action demonstrated, we are delivering. Team Europe is implementing equality flagships around the globe, from social cohesion to decent work, from just transition to human-centred digitalisation.

Second, we launched ambitious external policies and programmes to support equality globally. The EU works both bilaterally and multilaterally to implement fair tax systems. When everyone pays their fair share countries have more capital to invest in education, public health systems and stronger social protection. And the EU is at the forefront of the reform of the multilateral development banks so access to sustainable finance is facilitated for vulnerable countries.

We pay special attention to those most at risk of inequalities. Through our Gender Action Plan III we work to ensure that all women and girls can exercise full, equal, and meaningful participation in public and private life. Through the Global Health Strategy, the EU works to put SDG 3 back on track and, with our first ever Youth Action Plan, we put young people in the driving seat of the global recovery by engaging, empowering and connecting them.

Finally, last year, DG INTPA introduced the Inequality Marker or I-Marker. It is an innovative tool that tracks and benchmarks the EU's impact across all sectors on inequalities. It forces us to ask ourselves, does our intervention target the bottom poorest 40%? How does it benefit those groups that are the most disadvantaged? We will receive the first I-Marker results by spring, and we will use them to design targeted external actions that drive progress. We will also work with the Brazilian presidency of the G20, who has inequality as the top priority to present the I-Marker as a possible tool for our partners.

So, honourable Members, global inequalities are rising but they do not have to and we can do more. We have the financial resources. We have the expertise to change the trend. We only need to match them with political will. I very much look forward to the discussion.

Sirpa Pietikäinen, *on behalf of the PPE Group*. – Mr President, first of all, I would like to thank you and congratulate the Commission for this excellent activity.

Poverty is, of course, exclusion from adequate financial resources, but it is much, much more. It is exclusion from education, it is exclusion from proper work, it is exclusion from necessary healthy diets, from health care, and it is exclusion from our societies and decision making.

Combating poverty is extremely important, because poverty – understood in the larger context – is a violation against human rights. So yes, we do have a moral duty to work to implement the SDGs and to fight against poverty. But we do have a self-interest to do that also, because we cannot sustain civilised civilisation with increasing poverty and separation between different groups of people. We cannot solve environmental problems and we cannot implement Green Deal. We cannot build our societies with all the full intellectual capacity and the work capacity, what the people would have.

Just to put it very boldly: we cannot build our human world and we cannot solve any of our problems without tackling poverty.

And as you, Commissioner, said, yes, we do have the money, we hopefully do have the will and we do have the means and equal proportional taxation global wide and combating tax evasion is an important part of that.

Let me conclude by saying, as it states in the UN building, 'We do have the resources for everybody's needs, but not even for single person's greed'.

Carlos Zorrinho, *em nome do Grupo S&D*. – Senhor Presidente, Senhora Comissária, o aumento das desigualdades são a consequência e, ao mesmo tempo, a raiz de uma desordem global que serve os mais poderosos e asfixia a dignidade do direito dos povos.

Ao mesmo tempo que crescem as tensões nacionalistas radicais que abrem portas aos autoritarismos e aos isolacionismos, sabemos, pela evidência empírica e pelo conhecimento científico, que os grandes problemas globais como as alterações climáticas, a pobreza endémica, a desinformação manipuladora ou a insegurança alimentar só se podem resolver com políticas articuladas e aplicadas à escala do globo.

E, por isso, temos que construir uma nova carta ética de sobrevivência. E como? Em torno dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável aplicados de forma transversal.

E a União Europeia, como disse, tem que dar o exemplo nesse caminho, quer nas suas escolhas e opções internas, quer nos processos de cooperação ou relançamento económico e político à escala internacional.

Em particular, temos que apostar na concretização do objetivo 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles, e monitorar e comunicar a aplicação das medidas que visam atingir as metas definidas no quadro desse objetivo.

Max Orville, *au nom du groupe Renew*. – Monsieur le Président, Madame la Commissaire, l'Afrique concentre le plus grand nombre d'inégalités. Premièrement, il y a les inégalités sociales, qui empêchent l'émergence d'une classe moyenne. Pour lutter contre cela, il nous faut accompagner le désendettement des pays africains. Ensuite, nous avons les inégalités régionales et les aléas climatiques, qui entraînent des migrations. Migrer n'est pas un choix. Nul ne quitte sa région au péril de sa vie sans raison! Grâce au programme «Global Gateway», l'Union européenne investit massivement dans le développement durable et les infrastructures afin d'offrir aux populations les conditions de leur épanouissement. On a, enfin, les inégalités d'accès à l'éducation, qui laissent des générations à la merci de la violence, fragilisent l'émergence des démocraties et condamnent fortement l'autonomisation des femmes. Grâce à l'élaboration de stratégies éducatives par les pays africains, l'Union européenne peut les accompagner dans la formation et l'évaluation pour renforcer l'égalité des chances. Madame la Commissaire, l'Union européenne en a les moyens et la volonté, faisons-le!

Francisco Guerreiro, *em nome do Grupo Verts/ALE*. – Senhor Presidente, Cara Comissária, como diz um pensador português e um querido amigo meu, Joaquim Granja, «a desigualdade é a mãe de todos os problemas» e temos que repensar o modo como combatemos as desigualdades na União Europeia.

Existem já experiências bastante interessantes que nos indicam que nós, se calhar, temos é que repensar a solução. Dar dinheiro às pessoas é efetivamente um desses modos que é bastante simples. Portanto, implementar projetos ou experiências-piloto de Rendimento Básico Incondicional, conhecido como *Universal Basic Income*, é efetivamente uma dessas medidas que é fácil, é diretamente às pessoas, e os projetos-piloto mostram algo bastante positivo.

As pessoas não deixam de trabalhar, têm rendimentos para pagar as suas despesas mais básicas, têm a capacidade de projetar a sua vida durante os próximos anos, têm a capacidade de livrar-se do trabalho escravo e, portanto, esta transferência de dinheiro é também uma transferência de poder para os cidadãos.

Portanto, é urgente pensarmos, implementarmos um projeto de Rendimento Básico Incondicional na União Europeia.

Younous Omarjee, *au nom du groupe The Left*. – Monsieur le Président, les inégalités tuent. Elles conduisent à la mort d'une personne toutes les quatre secondes. Tel est notre monde où les inégalités d'aujourd'hui sont les plus importantes de toute l'histoire des sociétés humaines. Ce monde indigne, indécent, où les inégalités ne surgissent pas du néant, mais sont méthodiquement organisées au profit de la prédation de quelques-uns contre le plus grand nombre. 1 % de la population mondiale possède le double des richesses de 90 % de toute la population du monde.

Un tel système, mes chers collègues, est malade, corrompu, gangréné par ce monstre économique qui se nourrit de la sueur et du sang de ceux qui produisent des richesses qui sont ensuite accaparées. La question des inégalités est devenue de loin le principal marqueur de notre civilisation. Monsieur le Président, faisons de l'égalité une idée neuve pour l'Europe et pour le monde!

Mercedes Bresso (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, i dati sulle disuguaglianze nel mondo sono preoccupanti e descrivono una ricchezza sempre più concentrata, mentre milioni di persone vivono quotidianamente in condizioni di disagio e fame. Come ha ricordato la Commissaria, 5 miliardi di persone sono diventate più povere negli ultimi tre anni.

Gli obiettivi di sviluppo sostenibile, il faro delle nostre politiche di sviluppo, sembrano sempre più difficili da raggiungere. Dobbiamo quindi porci due domande. La prima riguarda la destinazione dei nostri fondi e la capacità di assicurarci che questi contribuiscano effettivamente a ridurre i divari, invece di rimanere impigliati magari in burocrazie già ricche. La seconda riguarda i nostri investimenti: sono compatibili con gli obiettivi di riduzione delle disuguaglianze?

Se, infatti, sono positive le potenzialità economiche del Global Gateway, evidenti sono anche i rischi che il settore privato non sia completamente coinvolto negli stessi obiettivi. Su questo abbiamo il dovere, signora Commissaria, di dare delle garanzie di coerenza.

Атидже Алиева-Вели (Renew). – Г-н Председател, г-жо Комисар, колеги, живеем в тежки времена, в които основните ценности на демократичния свят – мир, права, свободи, равенство, са подложени на огромно изпитание. Свидетели сме на две кръвопролитни войни с редица негативни последици. Ясно е, че първа ще се определят тенденциите на бъдещето и в света, и в Европа. Можем ли да говорим за равенство, докато все още съществуват неравенства между половете, дискриминация, неравен достъп до здравеопазване, образование, социални услуги, хранителна несигурност? Можем ли да говорим за равни възможности, когато продължава да съществува феноменът на работещите бедни?

За да бъде равна и да успее да утвърди своето място на водеща сила, Европа трябва да действа решително. Ще постигнем равенство само с политиките, в центъра на които са хората и които решават техните проблеми.

Malte Gallée (Verts/ALE). – Mr President, dear Commissioner, you said it at the beginning: the five richest men, they doubled their wealth in the last years and the 5 billion people got poorer. I think we really fail to deliver on the human rights core values that we pretend to defend.

I always think that we in the European Union, we have to defend a cosmopolitan understanding of justice, which means that each and every individual on this planet has the same rights. If I think, like all of us, we have such huge privileges that no one else on this planet has. We can travel wherever we want, and most of the people in this world, they can't. They are locked in their unproductive states, no access to education, no access to health systems.

This must be our common goal to fight for a world with open borders, where each and every one can move freely, to choose the place where they want to live. When I die, I want to live in a world where I can travel from Berlin to Cape Town without passport control. I hope on your support on this.

Alex Agius Saliba (S&D). – Sur President! Fl-2015, il-komunità internazzjonali weghditna li ser tibdel id-dinja għall-ahjar, u qbilna fuq sbatax-il għan ta' żvilupp sabiex sal-2030 id-dinja tilhaq stat ta' prosperità, protezzjoni u dinjità għal kulhadd sabiex b'hekk hadd ma jithalla jaqa' lura. Ma kienx b'kumbinazzjoni li l-għan numru għaxra huwa dak illi jitnaqqsu l-inugwaljanzi soċjali.

Għaxar snin wara ghadna ngħixu f'dinja ta' inugwaljanzi vasti fejn il-ġid estrem jeżisti flimkien ma' faqar estrem, fejn jeżistu inugwaljanzi u disparitajiet bejn in-nies iżda anke bejn il-pajjiżi li qed ikomplu jikbru aktar minhabba d-diversi xokkijiet illi soffrejna minhabba l-pandemija, it-tibdil fil-klima, il-kunflitti, il-gwerer u ż-żieda fl-gholi tal-hajja. Illum, l-aktar 10% tan-nies sinjuri fid-dinja għandhom 76% tal-ġid totali, filwaqt li l-ifqar 50% tal-popolazzjoni globali għandhom biss 8% tal-ġid totali. Iż-żieda fl-inugwaljanzi saret il-kwistjoni ta' żminijietna, illi tagħti spinta lill-iskuntentizza soċjali madwar id-dinja, iddgħajef il-fiduċja fl-istituzzjonijiet pubbliċi, iddgħajef il-governanza demokratika, u żżid il-polarizzazzjoni politika u n-nazzjonalizmu populistu.

Irena Joveva (Renew). – Gospod predsednik! Od vseh kriz, ki so zaznamovale ta mandat, bo najdolgotrnejši učinek gotovo imela tista, ki se širi tiho in ki – meni nerazumljivo – niti ni prepoznana kot kriza. Naraščajoča neenakost.

O njej se v tej hiši pogovarjamo bistveno premalo, pa nam v resnici razkriva še marsikaj drugega. Neenakost v svetu, recimo, je ključni vzrok za temo, ki jo določeni izrabljajo za poceni politične točke brez rešitev: migracije.

A neenakost seveda ni problem samo izven Unije, eksponentno narašča tudi pri nas. Na eni strani visoke cene in nizki prihodki ljudi, na drugi nenormalno bogatenje bogatih in še bolj nenormalno večanje revščine.

Kolegice in kolegi, neenakost je politična izbira, odvisna je od naših politik. In vse to govorim zato, ker zadnje čase stalno poslušamo o vzponu populistične desnice, mi pa samo opozarjamo na grožnjo njihove prevlade, namesto da bi kritiko usmerili tudi vase in si iskreno rekli, da stanje ni dobro. Vse se začne pri neenakosti, končati pa bi se moralo pri učinkovitih ukrepih in njihovih uresničevanjih.

Sara Cerdas (S&D). – Senhor Presidente, Senhora Comissária, Colegas, se os cinco homens mais ricos do mundo, apenas os cinco, gastassem 1 milhão de dólares todos os dias, levariam cerca de 500 anos para chegar à falência. É ou não esta acumulação de riqueza moralmente indefensável?

Todos os dias, em todos os setores, sofremos as consequências desta inequidade. Ao mesmo tempo que o custo de vida aumenta, também temos cada vez piores condições de habitabilidade, alimentos cada vez mais caros e a qualidade de vida e a saúde mental em declínio.

Mas nos países da OCDE, a tributação arrecadada das grandes empresas baixou para metade nos últimos 40 anos. E porquê? Porque as grandes empresas encontram lacunas na lei e é nosso dever, enquanto legisladores, combater as desigualdades e eliminar estas mesmas lacunas e taxar as super riquezas.

E a questão é: até quando vamos perpetuar esta realidade? É altura de usarmos estes lucros excessivos em prol de toda a sociedade e não apenas para benefício de alguns.

Monica Semedo (Renew). – Mr President, do inequalities exist in the richest country in the EU, in Luxembourg? Yes, they do, unfortunately. It has a poverty rate of 17.4% and although my country has the highest minimum wage in the EU, 13% of the population earning that minimum wage are living at the risk of poverty.

Most inequalities start with what is not your choice: the family you are born in, whether it has a migrant background, your socio-economic situation, or the education level of your parent or parents. Yes, these are factors that still, unfortunately, lead to prejudices and prejudices lead to discriminatory and unequal treatment.

And this is why we need equal access to quality education, which will lead to better access to the job market and this will facilitate access to housing, which is a big issue everywhere. We must break the gap between the wealth gap between the privileged and the less privileged by guaranteeing equal chances to everyone in Luxembourg, in Europe and in the world.

Hannes Heide (S&D). – Herr Präsident, Frau Kommissarin! Hunger beenden, Armut bekämpfen, Bildungschancen für alle Kinder, Frauenrechte stärken, Zugang zu medizinischer Versorgung, gesunden Lebensmitteln und sauberem Trinkwasser: 17 konkrete Ziele haben sich die Vereinten Nationen mit der Agenda 2030 gesetzt, um die weltweite Ungleichheit zu bekämpfen. Was ist davon bislang geschehen? Die vom UN-Generalsekretär im letzten Jahr vorgelegte Halbzeitbilanz der Agenda 2030 ist ernüchternd. Bei mehr als 30 Prozent der Ziele stagnierte bzw. verschlechterte sich die Situation im Vergleich zu 2015, in Bezug auf den weltweiten Hunger sind wir auf das Niveau von 2005 zurückgefallen.

Die erschreckende Realität mit Verweisen auf COVID, Kriege oder Naturkatastrophen zu erklären greift zu kurz. Vielmehr spielen ein ungerechtes globales Finanzsystem und systematische, politische Korruption eine Hauptrolle. Der zu Jahresbeginn veröffentlichte „Oxfam Inequality Report“ untermauert dies mit beängstigenden Zahlen: Das reichste Prozent Afrikas besitzt fast die Hälfte des Finanzvermögens des gesamten Kontinents, die sieben reichsten Männer Afrikas besitzen mehr als die ärmste Hälfte der Bevölkerung. Wertvolle Ressourcen sind in den Händen weniger Superreicher.

Jede Debatte über Bekämpfung von Fluchtursachen in diesem Haus ist Heuchelei, solange wir nicht Sorge tragen, dass die Menschen in ihren Heimatländern in Würde leben können.

Mónica Silvana González (S&D). – Señor presidente, luchar contra el aumento de las desigualdades y promover un mundo más sostenible e igualitario entre hombres y mujeres son nuestros valores fundamentales y deben acompañar a nuestra financiación. Como los mayores donantes de cooperación del mundo, no puede dejarnos indiferentes el aumento de la desigualdad a raíz de la pandemia —estrechamente vinculada al género y al cambio climático—.

Gracias a la experiencia europea, sabemos que la cooperación técnica crea gobernanza e instituciones fuertes que atajan la desigualdad. Por ello, no nos oponemos, comisaria, a reforzar las infraestructuras físicas a través de las inversiones de Global Gateway, pero creemos que es imprescindible crear las estructuras sociales, y mantenerlas.

Tenemos la oportunidad ahora, con la revisión intermedia del Instrumento de Vecindad, Cooperación al Desarrollo y Cooperación Internacional (IVDCI), de mantener y crear temas como sociedades más inclusivas, acceso a la educación, a la sanidad y reforzar los programas de cooperación en América Latina. Alcemos la voz para que se aumenten los fondos no viables según el CAD, aquellos que nos permiten seguir trabajando con países de renta media.

Latinoamérica sigue siendo el continente más desigual del mundo junto a África subsahariana. En Colombia, quien nace pobre, muere pobre y son necesarias ocho generaciones para superar la pobreza.

Cyrus Engerer (S&D). – Mr President, this is a world of rising inequalities, and you mentioned political will, Commissioner. Where do I even start?

Eleven-year-old Razan, from Gaza, lost the majority of her family, like more than 17 000 children in Gaza are separated from their families at the moment. Where is the political will for a ceasefire, Commissioner?

Twenty-two-year-old Yemenis gay man Hassan, chucked out of his home by his family, raped every day for food by a restaurateur while living in a cave for years. Where is the political will, Commissioner, for one European Member State to at least offer him protection?

Kusi Dismark, thirty-seven years old, from Ghana. Living and paying taxes in Malta for thirteen years, owning his own business. Deported last week because thirteen years ago he didn't qualify for asylum. Where is the political will?

Kim Borg committed suicide in prison at the age of twenty-nine, locked up rather than given help for her addiction.

Political will, Commissioner? I think this is more political convenience for those who are in power.

Evin Incir (S&D). – Herr talman! Fru kommissionär! De rika blir just nu rikare. Fem miljarder människor har blivit fattigare sedan 2020. Och de fem rikaste männen i världen har fördubblat sina förmögenheter.

Ojämligheten i samhället och mellan samhällen hindrar människor från att förverkliga sina drömmar, bryter ner sanna hållningen i samhället och fungerar som en grogrund för extremism. Ibland verkar det som om denna församling glömmer att ekonomiska och sociala rättigheter är lika mycket mänskliga rättigheter som medborgerliga rättigheter.

Min politiska övertygelse grundar sig just i denna kamp. Det är därför jag är socialdemokrat. Att se ojämlikheten växa allt starkare i våra länder, i vår union och runt om i världen är hjärtskärande. Det är inget naturfenomen.

Vi måste intensifiera kampen mot ojämlikheten särskilt i dessa tider när Rysslands folkrättsvidriga aggression slänger tillbaka den globala utvecklingen flera decennier. Ett av de viktigaste verktygen är ju givetvis de globala hållbarhetsmålen i Agenda 2030.

Catch-the-eye procedure

Seán Kelly (PPE). – Mr President, as has been said, there are inequalities everywhere, but there's no doubt about it: there are more inequalities in non-democratic countries than democratic countries.

Countries run by tyrants, autocrats, dictators, military juntas, where even to criticise the regime, you could be thrown into jail and possibly murdered. Then we have the inequalities as a result of global warming, especially in Africa, South America, Caribbean, etc. And then you have the horrible inequalities in places like Iran and Afghanistan, even in Afghanistan, where girls aren't allowed to go to school. This is just horrible.

Thankfully, we in the European Union take a global view. We do our best through development aid to help the situation and I think also we probably need to do more in relation to the climate Adaptation Fund and possibly use whatever influence we have to put pressure on the regimes where inequalities are absolutely vile.

Juan Fernando López Aguilar (S&D). – Señor presidente, señora comisaria Urpilainen, cuando estamos hablando en este Parlamento Europeo de desigualdades crecientes en el mundo estamos hablando de las causas últimas y, de fondo, del hecho migratorio, para cuya respuesta política y legislativa hemos trabajado en este Parlamento Europeo denodadamente durante esta legislatura.

En un mundo globalizado hay, en estos momentos, 75 millones de personas en movimiento respecto del lugar donde nacieron, espoleadas por la desigualdad; solo un porcentaje muy pequeño, cerca del 3 %, apunta a la Unión Europea. Pero hay, sin embargo, también desigualdad en la Unión Europea, que es la que explica que haya plataformas políticas profundamente antieuropeas. Estas sí son la crisis de los valores europeos, y no el hecho migratorio, y están explotando precisamente el miedo a los migrantes que padecen los que se sienten perjudicados por la globalización en su desigualdad. Es una respuesta radicalmente equivocada.

Por tanto, es absolutamente urgente que construyamos una respuesta política y legislativa ante el hecho migratorio, que sea solidaria no solamente entre Estados miembros, sino también para los migrantes que huyen de la desigualdad en busca de oportunidades.

Clare Daly (The Left). – Mr President, I think it's slightly ironic that we're having this discussion today, just over a week out from a referendum in Ireland that's supposed to address inequality and discrimination, but that will actually just entrench both of them.

The plan is to remove a discriminatory clause in our Constitution about women in the home to make women constitutional equals, but unfortunately it just replaces one discriminatory clause with one that's just as discriminatory, one that will entrench inequalities just as much.

Instead of misogynist language, we'll have ableist language. We'll get a constitutional provision that says care is the family's problem, not society's. The care amendment is useless and dangerous if what we want to do is to address inequality.

Some of the most vulnerable people in Irish society, people who face the most entrenched inequalities, are asking us to say no. I think we should respect that.

Sandra Pereira (The Left). – Senhor Presidente, desde 2020, os cinco homens mais ricos do mundo duplicaram as suas fortunas. Neste período, estas cinco pessoas fizeram uma média de 14 milhões de euros por hora. Ao mesmo tempo, quase 5 mil milhões de pessoas em todo o mundo ficaram mais pobres.

Em 2023, o risco de pobreza em Portugal encontrava-se acima dos 20 %, depois de contabilizadas as transferências sociais. Enquanto isso, as grandes empresas lucram 25 milhões por dia em cima da exploração e do empobrecimento dos trabalhadores. Para além de uma cada vez mais injusta distribuição da riqueza, as políticas de destruição dos serviços públicos, de desregulação do trabalho, de compressão dos salários acentuam as desigualdades.

Senhora Comissária, está na hora de ter vontade política de mudar de política e, efetivamente, fazer frente às causas das desigualdades, combater o desemprego e promover o emprego com direitos, aumentar os salários e as pensões, regular e reduzir o horário laboral, assegurar serviços públicos universais de qualidade e gratuitos, garantir o direito à educação e tributar os lucros dos grandes grupos económicos.

Estas são apenas algumas das medidas que defendemos para uma vida ... *(O Presidente retira a palavra à oradora)*

Mick Wallace (The Left). – Mr President, we are living in a world of rampant inequality between North and South, between rich and poor, between the classes that labour and those that profit. This inequality is produced by various forces of global capitalism that divide, exclude and polarise the world.

The emergence of neoliberalism has certainly exasperated the problem. Neoliberalism is a project of the ruling class to increase its power and profits on a global scale. Too often, the better off blame the poor for being poor, but the truth lies elsewhere. The developed North imposes conditions of exclusion on the Global South. We are rich because they are poor; 4.6 billion people in the world today are living on less than USD 5 a day. If they were better off, we wouldn't have quite as much wealth.

We are still robbing the Global South blind. Colonialism hasn't stopped. Today it's called financial imperialism and the developed North is playing a huge role in continuing the poverty of the Global South.

(End of catch-the-eye procedure)

Jutta Urpilainen, Member of the Commission. – Mr President, honourable Members, thank you for this interesting exchange. I can tell you that I have listened very carefully to your recommendations, and I welcome the overwhelming support to tackle inequalities as a priority.

All my political engagement as Commissioner for International Partnership, including last week in Angola for the Joint Parliamentary Assembly, show that fighting inequalities is a central concern to us and our partner countries. It also shows that inequality needs to be better embedded in policy dialogues and strategies, pursuing a 360-degree approach, just like the Global Gateway does, and that it needs to be more systematically followed, also at the operational level. I personally believe that this Inequality Marker, I-Marker tool, I mentioned earlier will help us in this work.

But, indeed, we must also continue to tackle the issue by promoting a fair global economy, investing in people and the planet, and promoting inclusive democracy. The upcoming United Nations Summit of the Future will place global inequalities front and centre on the international agenda.

But above all, we must accelerate our efforts. It will take strong leadership and courage to get us over the line, but I believe that together we can definitely make the difference.

We have to invest more in young generations, and this is what we are doing through our global Youth Action Plan, as well as investing in education. You remember I decided to increase our funding to education from 7% to 13%, so we are now investing in education globally with over EUR 6 billion, and the aim is: leave no one behind – so that where you are born does not determine who you will become. This is the goal of our international partnerships.

Sēdes vadītājs. – Debates ir slēgtas.

Rakstiski paziņojumi (171. pants)

Livia Járóka (NI), írásban. – Az utóbbi évek válságainak sorozatában a szegénység és a társadalmi kirekesztés elmélyülése a kiszolgáltatott helyzetben lévő csoportok és a lakosság többi része között egyre nagyobb a szakadék kialakulásához vezetett a lakáspiacon, az oktatásban és a foglalkoztatásban egyaránt. Ez a tendencia nem csak Európában, hanem világszerte megfigyelhető. Az elmúlt 10 évben csak uniós szinten rengeteg forrást fordítottunk felzárkóztatásra és az egyenlőtlenségek csökkentésére, összességében csekély eredményekkel.

Átlátható, ellenőrizhető finanszírozási rendszerre van szükségünk a kisebbségi, kiszolgáltatott helyzetben lévő csoportokkal, illetve a fejlődő országokkal partnerként együttműködve. Nem a nagy nyugati megmentőre van szükségünk, hanem egy olyan együttműködés kiépítésére, ahol egyenrangú félként kezeljük egymást és kiemeljük az elnyomottak hangját. Nem kell messze mennünk, hogy lássuk a probléma gyökerét, a legfrissebb adatok szerint az európai romák 80%-a szegénység által veszélyeztetett, és 52%-uk él elégtelen lakáskörülmények között. Azonban az őket érintő szakpolitikák, megoldások előkészítésében, a döntéshozatali, végrehajtási és ellenőrzési folyamatokban a romák kritikusan alulreprezentáltak. Kiemelkedően fontos ezért az is, hogy minél több roma képviselőjelöltet indítsanak a pártok az uniós választásokon is!

Kialakítottunk egy uniós felzárkóztatási keretstratégiát és a tagállamok elfogadták a nemzeti romaintegrációs stratégiákat, itt az ideje ezek hatékony, eredményes végrehajtásának, melyben partnerként nem pedig áldozatként és megmentőként tekintünk egymásra!

21. Recentes revelações de espionagem de deputados ao Parlamento Europeu e falta de seguimento dado às recomendações da Comissão PEGA (debate)

Sēdes vadītājs. – Nākamais darba kārtības punkts ir debates par Padomes un Komisijas paziņojumiem par nesen atklātajiem Eiropas Parlamenta deputātu izspiegošanas gadījumiem un turpmāku pasākumu trūkumu saistībā ar PEGA komitejas ieteikumiem (2024/2600(RSP)).

Vēlos informēt deputātus, ka ir paredzēta tikai viena politisko grupu pārstāvju uzstāšanās kārtā. Tāpēc nebūs brīvā mikrofona procedūras un netiks pieņemti zilās kartītes jautājumi.

Jutta Urpilainen, Member of the Commission. – Mr President, honourable Members, the Commission strongly condemns any illegal access to interpersonal communications or other data stored on users' devices.

We consider that any attempt to illegally access the data of citizens, including Members of this House and staff of EU institutions, if confirmed, is unacceptable. The Commission has taken note of recent revelations alleging that Members and staff of this House were targeted by mobile phone surveillance software, and this is especially worrying as we are approaching the elections for Parliament.

As the Commission recently affirmed in its December recommendation on elections, surveillance and spyware tools must not be used to interfere with the democratic debate. The use of spyware can, under certain conditions, be a matter of national security. Such tools can be important weapons against crime, for instance when combating terrorism or high-level criminal networks.

But using spyware has to be duly justified. Spyware is a particularly intrusive technology, and its use requires the highest standard of scrutiny. We have sought to address this issue in several recent legislative proposals. There are strong specific safeguards for journalists and media professionals in Article 4 of the recently agreed European Media Freedom Act. The ePrivacy Directive prohibits the interception of communications and the storage of and access to information in terminal equipment without the prior consent of the users concerned.

Where the Directive is not applicable, Member States are bound by the guarantees laid down in the European Convention on Human Rights and by their national law. In its 2023 Rule of Law report, the Commission underlines that even where the use of spyware is linked to national security, there is a need for national checks and balances to ensure that safeguards are in place.

Our other recently agreed instrument, the Cyber Resilience Act, aims to establish cybersecurity requirements for the market access in the EU of hardware and software, and sets out corresponding obligations for the manufacturers of these products. It will further contribute to reducing the attack surface of hardware and software that spyware is trying to exploit.

We are continuing our efforts to strengthen export controls on cybersurveillance items from the EU to third countries under the term of the modernised Dual Use Regulation of 2021. As announced in this House, the Commission will bring forward a text clarifying the boundaries of and the interplay between EU law, in particular the data protection and national security, and this has been explained in the Commission official reply to the Parliament resolution on the issue.

We believe that EU data protection law is fully applicable when fundamental freedoms come into play through the processing of personal data by private entities, and when law enforcement authorities process personal data for law enforcement and criminal justice purposes.

Where data protection law does not apply, Member States are bound by the guarantees laid down in the European Convention of Human Rights and in their national law.

Finally, we welcome efforts across the institutions to provide more robust defences and checks to ensure that any attempts to spy on democratic processes are quickly identified and addressed. Thank you very much for your attention, and I am looking forward to our debate.

Krzysztof Brejza, w imieniu grupy PPE. – Panie Przewodniczący! W ostatnich dniach ujawniono infiltrację oprogramowaniem szpiegowskim telefonów dwóch członków naszej podkomisji ds. bezpieczeństwa i obrony. W odpowiedzi Parlament Europejski szybko podjął działania. Wszyscy członkowie komisji zostali wezwani do przekazania swoich telefonów do gruntownej analizy przez służby Parlamentu z uwzględnieniem wrażliwego charakteru pracy podkomisji. To naruszenie podkreśla pilną potrzebę wdrożenia skutecznych środków cyberbezpieczeństwa, zwłaszcza w obliczu rosnących napięć geopolitycznych.

Przypomnę, że taka cyberbroń jak Pegasus nie powinna nigdy być używana przeciwko oponentom politycznym, dziennikarzom czy przeciwko sędziom i prokuratorom, adwokatom. Mam osobiste doświadczenia w tej sprawie. Padłem ofiarą Pegasus, gdy w 2019 roku byłem szefem sztabu Koalicji Obywatelskiej, demokratycznej opozycji w wyborach do polskiego Sejmu, i służby specjalne podległe partii PiS wielokrotnie włamywały się do mojego telefonu. Sprawa ta opisywana była szeroko w sprawozdaniu komisji śledczej Parlamentu Europejskiego. Jest to afera większa niż Watergate, bo w polskim Watergate nie tylko podsłuchiowano, inwigilowano za pomocą cyberbroni przez cały okres kampanii wyborczej, ale wgrano mi do telefonu 1 gigabajt danych, a następnie wykorzystano dane uzyskane w wyniku nielegalnej inwigilacji do kampanii oczerniającej w mediach rządowych. Co więcej, podsyłano mi fałszywe analizy wyborcze w trakcie kampanii wyborczej.

Od wielu lat toczę w tej sprawie liczne procesy sądowe związane z atakami Pegasusem i wygrałem dotąd 8 spraw. Nie przegrałem żadnej. Niedawno wygrałem sprawę o publikację zafałszowanej korespondencji wykradzonej Pegasusem przez telewizję podległą partii PiS.

Afera Pegasus od niedawna jest przedmiotem badań sejmowej komisji śledczej w Polsce. Komisja ta wyświetli wszystkie aspekty tej nielegalnej inwigilacji działaczy opozycji za rządów populistycznej partii PiS. Ustalenia tej komisji przedstawimy również przed Parlamentem Europejskim, ponieważ zakusy władzy na inwigilowanie opozycji politycznej to ogromne ryzyko i pokusa dla wielu rządów, które mogą skreślać w autorytarną stronę.

Hannes Heide, *im Namen der S&D-Fraktion*. – Herr Präsident, Frau Kommissarin! Wieder wurden EU-Abgeordnete mit Spähsoftware angegriffen und wieder gibt es Telefonspionage im Europäischen Parlament. Und wieder debattieren wir heute, was passieren muss, damit die Europäische Kommission endlich ins Handeln kommt! Mehrfach forderten wir hier die Kommission auf, konkrete Maßnahmen und Empfehlungen des PEGA-Ausschusses aufzugreifen und Rechtsakte zum Schutz der Bürgerinnen und Bürger umzusetzen.

Bislang bekamen wir jedes Mal zur Antwort, der geltende Rechtsrahmen sei völlig ausreichend, die Kompetenz liege ausschließlich bei den Mitgliedstaaten. Aber: Die Wahrung der Rechtsstaatlichkeit in Europa ist Kernaufgabe der Europäischen Kommission.

Mit Nathalie Loiseau und Elena Yoncheva sind zwei Mitglieder des Unterausschusses für Sicherheit und Verteidigung betroffen, und das wenige Wochen vor den Wahlen. Das kann kein Fall nationaler Sicherheit gewesen sein. Die Kommission muss jetzt handeln, und sie muss konkrete Schritte setzen zum Schutz von Parlamentarierinnen und Parlamentariern und zum Schutz aller europäischen Bürgerinnen und Bürger.

Sophia in 't Veld, *on behalf of the Renew Group*. – Mr President, I have to confess I feel a little bit like in the twilight zone.

In my fairly outdated idea of democracy, it would be a scandal if Members of Parliament are being hacked and spied upon. Yet, in contrast to Qatargate, when third countries were trying to take influence on the decisions of this House, we're having a late-night debate. The Commissioner, sorry to say so, is not in charge, the Council is gloriously absent and a handful of Members are here.

Members of Parliament... I wasn't talking to you. Members of Parliament... can I, please? Can you have a minimum of respect, maybe? Members of Parliament being spied upon is a scandal and it is not the first time. This time it's members of the Defence Committee. But also the President of this House has been the target, the President of the Fisheries Committee, our colleagues Andrulakis and Kyrtos, our Catalan colleagues have been targeted. So who is next?

It means that none of us can do their job knowing that they're completely safe. I'm sorry to say, Madam Commissioner, that you've just been given a note to read out and it was all rubbish, sorry. The Commission has done absolutely nothing. You know why? Because the Commission was reluctant to take the toys away from the national governments who are using spyware to spy on political opponents, journalists, NGOs, lawyers and what have you.

I don't know what to say anymore. The Commission has done nothing. The Council is not even here. Members of Parliament are being spied upon. I mean, what can I say? The responsible Commissioner isn't even here. What kind of debate is this?

Colleagues, I think we're having a big problem here in the European Union, a problem of democracy. I hope that this situation will finally drive the message home that something will need to be done, we need to regulate the use.

It is not enough to stand here, Commissioner, and say, 'oh, you know, it's very unpleasant if people spy on politicians'. You have to act.

Diana Riba i Giner, *en nombre del Grupo Verts/ALE*. – Señor presidente, debo empezar mi intervención diciendo que me sorprende mucho la poca atención que ha recibido esta noticia en el Parlamento Europeo.

Señorías, estamos hablando de espionaje: de espionaje contra miembros de esta Cámara que gozamos de inmunidad parlamentaria. Da la sensación de que hay carta blanca para espiar porque nadie —ni la presidenta de esta Cámara, ni la Comisión, ni el Consejo— toma cartas en el asunto.

Presidenta Metsola, exigimos que se investigue quién está detrás del ataque, con qué *software* se ha atacado, que se tomen medidas legales y diplomáticas adecuadas para esclarecer el asunto y exigir responsabilidades.

Señoras y señores representantes del Consejo y de la Comisión, la Comisión de Investigación de esta Cámara puso sobre la mesa diversas propuestas encaminadas a instaurar un marco regulador adecuado para limitar el uso de estas tecnologías y hacerlo de la forma más respetuosa con los derechos humanos y me atrevería a decir que, hasta la fecha, no se ha tenido en cuenta ninguno.

Cada día que pasa sin propuestas concretas por su parte, solo se incrementa el clima de desamparo de las víctimas y de impunidad para los perpetradores.

Dominik Tarczyński, *on behalf of the ECR Group*. – Mr President, another debate about Pegasus, about spyware and – let me help you, Mr President, and Mr Commissioner – let's count the present in here: one, two, three, four, five – well done to you! Five. Six! There you go. Six MEPs here during the debate which is used to attack conservative governments.

We spend taxpayers' money on the debates when nobody cares, apart from the left. Only leftists using these debates to attack conservative governments.

So, first of all, before you will decide about the debates, think about it. Is it worth it? Spend taxpayers' money on this?

No one's here – it's empty – and obviously no one wants to talk about the spyware in general, that Germany was the one to produce FinFisher and sell it to Morocco and use it against French President. Nobody wants to talk about this problem of spyware around Europe, but wants to talk about Pegasus attacking conservative governments.

So, please, stop this show. Stop wasting taxpayers' money. If you want to get rid of spyware, start with the Germany.

But you, Madam in 't Veld, you didn't want me to go to Germany during the PEGA Committee works. You didn't want to go to Germany as a mission and ask them why they produce even more stronger and more aggressive spyware and sell it outside the EU.

So, do not be a hypocrite. Please do not waste taxpayers' money.

Mathilde Androuët, *au nom du groupe ID*. – Monsieur le Président, arme diplomatique en plus d'être une cyberarme aux effets dévastateurs, le logiciel Pegasus continue de sévir en espionnant les appareils de certains de nos collègues ici présents. Au-delà de l'entorse évidente faite au respect de la vie privée, cela doit nous amener à nous interroger sur la passivité avec laquelle l'Union européenne aborde le sujet de la cybersécurité et plus largement celui du numérique.

Oui, l'Union européenne est très forte quand il s'agit de réglementer à outrance le champ numérique ou encore de restreindre la liberté d'expression sur internet. La mise en place il y a quelques mois du Règlement sur les services numériques (*Digital Service Act*) est là pour nous le prouver. Mais pendant qu'elle musèle ses citoyens, l'Union européenne semble démunie face à l'action belliqueuse de l'entreprise israélienne NSO, à l'origine du logiciel espion.

Ce deux poids, deux mesures reflète toute l'hypocrisie des instances de Bruxelles. En matière de protection des données personnelles, en initiant à juste titre une commission sur les méfaits du logiciel Pegasus, on laisse filer dans le même temps presque toutes nos données outre-Atlantique. En faisant le choix de recourir à des sociétés américaines comme Microsoft, Amazon ou Oracle, dans de nombreux domaines, on crée le risque de voir les États-Unis accaparer nos données et les utiliser comme bon leur semble à cause de l'extraterritorialité que leur confère leur droit. Avec la loi FISA ou les dispositions du *Cloud Act*, les données gérées par ces sociétés peuvent en effet finir dans les mains des États-Unis sur simple demande des agences de sécurité nationale du pays.

Cette ingérence est certes plus subtile, mais elle n'en est pas moins intrusive que celle des logiciels espions retrouvés dans les portables de nos collègues. Face aux cybermenaces, il devient alors urgent pour l'Europe d'assurer en toute indépendance sa sécurité numérique afin de préserver ses intérêts vitaux et stratégiques.

Γιώργος Γεωργίου, εξ ονόματος της ομάδας *The Left*. – Κύριε Πρόεδρε, κυρία Επιτροπε, ξανά παρακολουθούνται βουλευτές του Ευρωπαϊκού Κοινοβουλίου με παράνομα λογισμικά. Αυτό το παραμύθι επιτέλους πρέπει να τελειώσει. Η επιτροπή PEGA εργάστηκε πολύ σκληρά και σας έδωσε τα πάντα: γεγονότα, τις «αμαρτωλές» εταιρείες, ονόματα και διευθύνσεις, τα ένοχα κράτη. Κάναμε και συστάσεις. Τι δεν καταλαβαίνετε; Δεν βαρεθήκατε να κρύβεστε πίσω από ανέξοδες ρητορείες; Και εδώ το κάνετε, λεκτικά καταδικάζετε. Λόγια, λόγια, λόγια.

Έως και οι Αμερικάνοι επέβαλαν κυρώσεις στην NSO και στην Intellexa. Η αντίδραση της δικής σας Επιτροπής είναι αξιοθρήνητη. Χαϊδεύετε τους Ισραηλινούς —τόση αγάπη πια με αυτούς—, συγκαλύπτετε τις παρανομίες ευρωπαϊκών κυβερνήσεων, υποσκάπτετε τη δημοκρατία, παραβιάζετε τα ανθρώπινά μας δικαιώματα. Τώρα πλέον, είμαι βέβαιος. Το κάνετε συνειδητά. Ξέρετε, όμως, πως η ανοχή σε ένα έγκλημα θεωρείται συνενοχή. Απαγορεύστε επιτέλους αυτά τα διαβολικά παράνομα λογισμικά. Ή μήπως ζητάω πολλά;

President. – Before I give the floor to the Commissioner I would like to inform you that the Council was invited but preferred not to participate in this debate.

Jutta Urpilainen, *Member of the Commission*. – Mr President, honourable Members, thank you for this debate. As I said, any attempts to illegally access data of citizens, including politicians, members of this House or staff of EU institutions, if confirmed, is unacceptable.

So the Commission, as well as other institutions, remain vigilant vis-à-vis any third parties' attempts to illicitly collect sensitive information about our staff, our decision-making processes and our information. We will continue to work hand in hand on this issue with other institutions and Member States' partner services.

And I'll be passing all the messages which were raised in this discussion to my fellow colleagues who are responsible for this file. Thank you for the debate.

President. – Thank you, Commissioner. The debate is closed.

22. Declarações de voto

President. – The next item is the explanations of vote.

22.1. Quadro financeiro plurianual para o período de 2021 a 2027 (A9-0051/2024 - Jan Olbrycht, Margarida Marques)

Mutiski balsojumu skaidrojumi

Ivan Vilibor Sinčić (NI). – Poštovani predsjedavajući, glasao sam protiv ovoga izvješća. Zašto? Zato što se događa ono što sam upozorio da će se dogoditi. Naime, u stavku 10. stoji, citiram: „Stoga se očekuje da će troškovi financiranja na teret proračuna Unije, koji proizlaze iz zaduživanja, zaduživanja za instrument Europske unije za oporavak Next Generation EU, premašiti procjene koje su prvotno programirane”. Naime, hrvatski premijer i vlada i brojni drugi diljem Europe, kad je uveden Next Generation EU, hvalili su se da je to nekakav ekstra novac iz fondova. Ne, dame i gospodo, to je dug i mi se sad ovdje nalazimo u situaciji da taj dug više ne možemo servisirati. Zato smo radili ovdje promjenu proračuna i morat će doći do preraspodjela onog što je inače u fondovima. Dakle, klasični fondovi su jedan kolosijek Next Generation EU je drugi kolosijek, to je dug i on sad prijeti da pojede ove klasične fondove. I vrijeme je da osvijestimo situaciju i kažemo našim građanima da vrijeme debelih krava prolazi i dolazi vrijeme mršavih krava.

22.2. Criação do Mecanismo para a Ucrânia (A9-0286/2023 - Michael Gahler, Eider Gardiazabal Rubial)

Mutiski balsojumu skaidrojumi

Seán Kelly (PPE). – *A Uachtarán*, security agreement from all states and the allocation of the EUR 50 billion fund for Ukraine was a success that depended on the timely approval of this Ukraine Facility, so that we can ensure structured and coordinated support for Ukraine.

This package epitomises the strength of the Union, showing our collective support and commitment to democracy in the face of tyranny and transnational aggression. It is the moment for this to show leadership from Europe. The Ukraine Facility is a comprehensive instrument which crucially considers short- and long-term recovery and reconstruction. It ensures predictability, transparency and accountability of the funds, ultimately putting Ukraine on the road to accession.

For these reasons, I voted in favour and I am delighted to have done so, and I hope it will encourage and give moral support as well to the people of Ukraine.

22.3. Criação da Plataforma de Tecnologias Estratégicas para a Europa («STEP») (A9-0290/2023 - José Manuel Fernandes, Christian Ehler)

Mutiski balsojumu skaidrojumi

Seán Kelly (PPE). – *A Uachtarán*, tacaím go hiomlán leis an moladh seo chun Ardán um Theicneolaíochtaí Straitéiseacha don Eoraip nó “STEP” a bhunú. Déanfaidh an t-ardán nua seo infheistíocht a dhíriú ar réimsí na teicneolaíochta digití agus doimhne, na teicneolaíochtaí glana agus na bith-theicneolaíochtaí, agus é mar aidhm aige an tionscadal tábhachtach seo a chaomhnú, a fhás agus a fhorbairt ar fud na hEorpa. Trí mheascán de spreagthaí agus de bhearta airgeadais chun cistiú tionscadal a éascú, déanfaidh sé cistiú a úsáid chun tacú le teicneolaíochtaí criticiúla faoi chlár agus cistí an Aontais atá ann cheana. Cabhróidh an méid seo go mór le ceannasacht agus iomaíochas fadtéarmach an Aontais san earnáil seo a neartú, rud atá fiorthábhachtach sa lá atá inniu ann.

22.4. Transparência e direcionamento da propaganda política (A9-0009/2023 - Sandro Gozi)

Mutiski balsojumu skaidrojumi

Seán Kelly (PPE). – *A Uachtarán*, vótáil mé i bhfabhar an mholta seo chomh maith maidir le trédhearcacht agus spriocdhíriú na fograíochta polaitiúla. Is é an aidhm don mholadh seo ná go mbeadh saoránaigh na hEorpa in ann fógraí polaitiúla a aithint go héasca, a thuiscint cé atá taobh thiar díobh, agus fios a bheith acu an fógra spriocdhírthe é an fógra atá faighte acu ionas go mbeadh siad níos fearr ar an eolas le roghanna tomhaiste a dhéanamh. Cabhróidh sé le díospóireacht pholaitiúil oscailte agus chothrom sna Ballstáit a chaomhnú. Tabharfaidh sé cosaint chomh maith do chearta bunúsacha na saoránach, go háirithe an ceart chun príobháideachais. Tá áthas orm chomh maith nach dtéann an moladh seo thar fóir agus go bhfuil gnáthfhógraíocht pholaitiúil fós indéanta agus praiticiúil faoi na rialacha nua.

Sēdes vadītājs. – Līdz ar to šā darba kārtības punkta izskatīšana ir pabeigta.

23. Ordem do dia da próxima sessão

Sēdes vadītājs. – Nākamā sēde sāksies rītdien, proti, trešdien, 2024. gada 28. februārī, plkst. 9.00.

Darba kārtība ir publicēta un ir pieejama Eiropas Parlamenta tīmekļa vietnē.

24. Aprovação da ata da presente sessão

Sēdes vadītājs. – Šis sēdes protokols tiks iesniegts Parlamentam apstiprināšanai rītdien pēc balsošanas.

25. Encerramento da sessão

(Sēde tika slēgta plkst. 22.12.)

Legenda dos símbolos utilizados

*	Processo de consulta
***	Processo de aprovação
***I	Processo legislativo ordinário (primeira leitura)
***II	Processo legislativo ordinário (segunda leitura)
***III	Processo legislativo ordinário (terceira leitura)

(A base jurídica proposta no projeto de ato determina o processo a adotar.)

Significado das siglas das Comissões

AFET	Comissão dos Assuntos Externos
DEVE	Comissão do Desenvolvimento
INTA	Comissão do Comércio Internacional
BUDG	Comissão dos Orçamentos
CONT	Comissão do Controlo Orçamental
ECON	Comissão dos Assuntos Económicos e Monetários
EMPL	Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais
ENVI	Comissão do Ambiente, da Saúde Pública e da Segurança Alimentar
ITRE	Comissão da Indústria, da Investigação e da Energia
IMCO	Comissão do Mercado Interno e da Proteção dos Consumidores
TRAN	Comissão dos Transportes e do Turismo
REGI	Comissão do Desenvolvimento Regional
AGRI	Comissão da Agricultura e do Desenvolvimento Rural
PECH	Comissão das Pescas
CULT	Comissão da Cultura e da Educação
JURI	Comissão dos Assuntos Jurídicos
LIBE	Comissão das Liberdades Cívicas, da Justiça e dos Assuntos Internos
AFCO	Comissão dos Assuntos Constitucionais
FEMM	Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade dos Géneros
PETI	Comissão das Petições
DROI	Subcomissão dos Direitos do Homem
SEDE	Subcomissão da Segurança e da Defesa
FISC	Subcomissão dos Assuntos Fiscais
SANT	Subcomissão da Saúde Pública

Significado das siglas dos Grupos Políticos

PPE	Grupo do Partido Popular Europeu (Democratas-Cristãos)
S&D	Grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu
Renew	Grupo Renew Europe
Verts/ALE	Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia
ECR	Grupo dos Conservadores e Reformistas Europeus
ID	Grupo Identidade e Democracia
The Left	Grupo da Esquerda no Parlamento Europeu - GUE/NGL
NI	Não Inscritos